

POR TRÁS
DAQUELES

Otheros

C. M. CARPI



Para Aline Miguel, um anjo que surgiu em minha vida. Obrigada por se apaixonar por meus personagens e por acreditar neles. Todos os dias!



Carpi. C. M.,
1ª Edição
Abril – 2018
Jaguariúna – São Paulo
Preparação de Originais: Maitê Martins
Foto da Capa: istock by Getty Images
Arte da Capa: Ruby Lace
Diagramação: Ruby Lace
Revisão Final: Maitê Martins

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.
Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

Copyright 2018 © C. M. Carpi
Todos os direitos reservados

Sumário

Primeira Parte

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21...

Segunda Parte

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

PRIMEIRA PARTE

Prólogo

Carolina do Norte, Abril de 2014

ELENA

NO MOMENTO em que as portas se abrem e a música — que eu não me lembro de ter escolhido — começa a tocar, sei que a minha vida mudará para sempre. A partir de agora devo abrir mão de todos os meus sonhos, de tudo o que acredito ser importante e passar a viver os sonhos de outra pessoa. Os sonhos de Adam.

Não tem que ser assim!

Penso enquanto dezenas de olhares curiosos me encaram.

Você ainda pode fugir, Elena!

Ainda há tempo!

Uma voz grita dentro da minha cabeça há dias, mas hoje, ela está particularmente insistente.

Merda!

Adam está com as mãos cruzadas na frente do corpo, olhando-me ansioso. Um lindo sorriso surge em seus lábios assim que me vê e me sinto tentada a sorrir de volta. Mas meus lábios não se movem. Minhas pernas travam e tenho quase certeza de que meu coração vai sair pela boca.

Eu não acredito que vou fazer isso!

Respiro fundo e dou de ombros tentando me desculpar. Ele percebe o que estou prestes a fazer. Sei disso porque seu sorriso desaparece e uma expressão de pânico toma conta de seu rosto quando ele leva a mão direita à nuca. Murmuro um 'sinto muito', levanto a barra do meu vestido, dou meia volta e corro.

Corro, atravessando a pequena praça onde fica a igreja restaurada há apenas um mês. Deixo meus sapatos para trás e avanço pelas ruas sem saber para onde estou indo. Continuo correndo até não ouvir mais nada. Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto e eu não sei se são de tristeza ou alívio.

Corro até a enorme casa branca de janelas azuis e atravesso o gramado onde passei a maior parte da minha infância. O mar está calmo e sem ondas. É um lindo fim de tarde, o céu está pintado de laranja e um pôr do sol incrível acontece nesse momento. *'Um dia perfeito para se casar'*, penso, enquanto entro em casa ainda sem acreditar na loucura que acabei de fazer.

Deus do céu! O que foi que eu fiz?

A porta da frente se abre em um rompante e quase tenho um ataque do coração.

— Você podia ter tido a delicadeza de me avisar o que pretendia fazer! — Minha avó fala enquanto avança pela sala de estar. Sua voz está calma e baixa. A minha está tão estridente que nem eu sou capaz de reconhecê-la.

— Eu não sei o que aconteceu!

— Essa cidade vai falar disso por muito tempo.

— A senhora está brava comigo?

— Brava? — pergunta enquanto vai até o bar e se serve de uma generosa dose de uísque e a bebe em um único gole — É claro que eu estou brava. Você sabe como eu odeio salões de beleza e eu passei a tarde toda lá por causa de um casamento que não aconteceu.

Ela não está brava.

Minha avó prefere sujar as unhas de terra em seu jardim a passar horas no salão ouvindo futilidades. Com setenta anos, nunca pintou os cabelos, mas eles estão sempre bem cortados graças ao seu cabeleireiro, que deixa seu salão a cada vinte dias para cortar os cabelos dela em casa. Ela havia passado por tanta coisa, mas nunca perdeu seu espírito aventureiro e é sem dúvida a mulher mais forte, a mais carinhosa e a mais inteligente que eu já conheci.

— Desculpe, vovó.

— Não é para mim que você precisa pedir desculpas, querida.

— Eu sei. — olho para o chão, envergonhada e sinto que meu coração se parte ao meio. *Como eu vou encará-lo depois disso?*

— E depois, você sabe que eu nunca concordei com esse casamento.

— Por quê?

— Por quê? Outra vez, Elena? Quantas vezes eu preciso repetir que você é jovem demais para se casar?

— É, mas...

— Você só deveria ter dado um jeito nisso antes.

— Eu tentei, eu juro que tentei, mas ele não me ouvia.

Será que eu não tentei o suficiente?

Solto o ar pesadamente e sinto o peso do vestido sobre o meu corpo. Preciso me livrar dele. O tecido é pesado demais e machuca além da minha pele.

— Elena! — Jess entra na sala descabelada, descalça e ofegante. — Você já me provou várias vezes que falta um parafuso nessa sua cabecinha, mas isso? Fugir de um casamento? Superou tudo! — ela não consegue parar de rir enquanto fala. Ou tenta falar porque está visivelmente sem ar. — Deixa que eu te ajudo com isso. — rapidamente, sinto o zíper sendo puxado para baixo e um alívio enorme toma conta de mim quando um emaranhado de tecido branco cai aos meus pés.

—Você sabe que ele vai vir atrás de você, não sabe? — Jess me segura pelos ombros e me faz encará-la. Aquiesço e solto o ar outra vez. — Nós vamos dar um jeito nisso.

— Uhum. — é só o que consigo murmurar porque, se eu abrir a boca, começarei a chorar. E quando isso acontecer tenho a impressão de que não vou mais parar. Jess sabe disso. Ela sempre sabe de tudo o que se passa dentro da

minha cabeça. Ela é a minha melhor amiga desde o jardim de infância e muitas vezes, parece até mesmo sentir o que eu estou sentindo.

— Por que você fugiu? — pergunta vovó.

Abro a boca para responder, mas não consigo encontrar a minha voz. Ela vem até mim e me entrega uma dose de uísque. Tento negar, mas ela insiste, empurrando o copo na minha direção.

— Você vai precisar, Elena — fala Jess e em seguida sobe as escadas levando o vestido com ela. — Vou pegar uma roupa para você! — grita do segundo andar.

Bebo tudo em um único gole. O líquido queima a minha garganta e sinto meu rosto corar.

— Eu não sei o que aconteceu. — começo a falar de repente. — Eu acho que entrei em pânico.

— Tudo bem, agora o estrago já está feito. Vamos apenas esfriar a cabeça e...

Não! Não, não! Eu só posso ter ficado louca!

O que foi que eu fiz?

Sento-me no sofá e afundo o rosto nas mãos e deixo que as lágrimas caiam de meus olhos. Acho que até agora eu não havia me dado conta do que realmente tinha acontecido.

— Vovó? — levanto o rosto e ela me encara com um sorriso terno no rosto. — Elena, você precisa se acalmar e...

— Eu preciso consertar isso. — fico em pé novamente e começo a andar de um lado para o outro, esfregando a testa com a palma da mão. — Eu preciso voltar lá e dizer a ele que eu sinto muito. Será que...?

— Pegue. — vovó me entrega mais uma dose de uísque. Inclino o pescoço para trás e deixo que o líquido âmbar desça pela minha garganta e, dessa vez, parece que estou bebendo água. — Agora você precisa se acalmar, querida.

— Eu não consigo! Eu vou voltar lá e... Eu preciso do meu vestido. Onde está o vestido? Jess! — já estou caminhando para a escada quando suas mãos seguram meus ombros.

— Você vai se acalmar e... — ela para de falar quando a porta da frente começa a ser esmurrada. Tão forte que a antiga e pesada madeira parece mais um pedaço de papel. Engulo em seco porque eu sei quem está do outro lado e eu sei por que ele está aqui. Engulo em seco porque de onde estou, consigo sentir a

dor que causei a ele meia hora atrás.

Puxo o ar pelo nariz e solto pela boca, mas a adrenalina correndo em minhas veias é tão forte que até mesmo respirar parece algo impossível.

— Vá vestir uma roupa.

— Mas eu...

— Vá!

Assinto para ela e ameaço correr, mas um grito desesperado me faz parar.

— ELENA! ABRA ESSA MALDITA PORTA! AGORA!

Ameaço ir até a porta, mas percebo que estou vestindo apenas calcinha e sutiã.

Droga!

Corro para o meu quarto no mesmo instante em que minha avó abre a porta, mas me detenho para ouvir o que eles dizem. Jess se junta a mim e acho que nunca a vi tão assustada.

— Onde ela está? — a voz de Adam está muito alterada, mas ao mesmo tempo está triste e isso fez meu coração se partir ao meio. Outra vez — Onde ela está?

Eu preciso falar com ele, tentar explicar o que eu havia feito, se é que isso tem explicação. Ele não merece isso.

— Ela não está aqui, Adam.

— Por favor, Grace, eu preciso falar com ela.

— Acalme-se um pouco e beba isso. Você vai se sentir e...

— Cadê. A. Elena? — ele rosna e um copo se espatifa na parede. Ou no chão... Em algum lugar.

Eu tenho que ir até lá.

— Eu preciso descer, Jess, preciso falar com ele.

— Você está louca? — ela está sussurrando, com medo de que ele possa nos ouvir — Do jeito que ele está nervoso é capaz de te matar.

— Ele jamais faria isso.

— Você acabou de partir o coração dele. É claro que ele faria.

Nego sentindo o peso da culpa em minhas costas.

Visto rapidamente o jeans e a camisa branca que Jess segura nas mãos e

desço as escadas lentamente. Paro no meio do caminho, respiro fundo algumas vezes e tento buscar coragem em algum lugar dentro de mim antes de chamar por ele.

— Adam? — chamo hesitante quando chego ao último degrau. Ele olha para mim com os olhos marejados e sinto que meu coração para de bater. — Posso falar com você? — peço baixinho, quase sussurrando. Espero que ele grite comigo. Espero que ele venha até mim furioso. Espero que ele me segure e me chacoalhe até que meus ossos se quebrem ou saiam do lugar.

Espero pela fúria.

Espero que ele faça qualquer coisa que possa me machucar, do mesmo jeito que eu o machuquei. Acho que assim será mais fácil. No entanto, ele apenas assente, abaixa a cabeça e me acompanha até o jardim.

Nova York, Julho de 2014.

DANIEL

— Eu já agendei a sua passagem e o hotel. Na segunda-feira, você vai para Milão e fecha esse negócio.

— Por que eu tenho que ir para a Itália?

— Porque você é o único que fala italiano fluente.

— A reunião pode muito bem ser conduzida em inglês e você sabe disso!
— respondo com meu mau humor habitual.

Meu irmão apenas balança a cabeça e pega outro documento sobre a mesa.

— Owen, eu gostaria muito que você ou o Thomas fossem no meu lugar, por favor. — pela primeira vez, desde que entrei em sua sala, ele levanta a cabeça e me encara.

— Eu não posso sair daqui agora, quanto ao Thomas, ele é um excelente gerente, faz um ótimo trabalho, mas essa empresa é nossa — fala calmamente enquanto coça o queixo. Lá vem a conversa fiada sobre a empresa ter sido fundada pela nossa família há mais de trinta anos quando chegamos no Brasil e *blábláblá*, porém ele não continua.

— O Thomas é casado com Lucy, nossa prima, metade dessa empresa já é dele. — tento soar o mais irônico possível, contudo ele não se abala. Na verdade, nada abala Owen, exceto Sophie, nossa irmã caçula.

— Daniel, você passou um ano em Milão trabalhando com eles... — ele

começa, mas eu logo o interrompo.

— Há sete anos! — estou começando a perder a paciência. Será que ele não entende? Será que ninguém entende que eu não posso sair daqui agora?

— Enrico é seu amigo desde a época da faculdade e, caso você não se lembre, da última vez ele disse que queria conversar com você. Apenas com você.

— Merda! — solto o ar com força e sinto um bolo se formando em meu estômago.

— E agora eu estou ocupado demais para discutir isso com você outra vez. A sua passagem de primeira classe, como você prefere, já foi comprada.

Owen acha que viajar de primeira classe é um desperdício de dinheiro, uma vez que você vai chegar ao seu destino do mesmo jeito. Não concordo com ele. Não suporto a ideia de viajar naquelas poltronas apertadas da classe econômica, com crianças chorando e pessoas passando pelo corredor estreito a todo instante.

— A reunião está agendada para o dia 12 de agosto — ele consulta a data no pequeno calendário sobre a mesa. —,isso te dá quinze dias para se preparar e fazer o que você bem entender.

— Se essa empresa é nossa, por que você se acha no direito de me dar ordens? Eu acho que eu deveria ser capaz de opinar sobre o que é melhor para a empresa e para mim também.

Owen pousa a caneta sobre a pilha de documentos que está analisando — ou fingindo analisar para não ter que falar comigo — e cruza as mãos sobre a mesa e, quando começa a falar sua voz é calma como sempre, o que me deixa ainda mais nervoso.

— Eu não estou te dando ordens, Daniel. Estou te dando a chance de sair daqui.

— Eu não posso sair daqui agora! A Anna está... — é a sua vez de me interromper.

— A Anna está com os pais dela e o casamento foi cancelado. Você não tem nada para fazer aqui.

— Ela precisa de mim! — grito exasperado sentindo que todo o ar foi sugado dessa sala. É impossível pensar em seguir em frente quando ela está tão vulnerável e tão depressiva. É impossível seguir em frente quando eu sou o culpado de tudo. Puxo o ar com força e tento me recompor. Owen fica em pé e caminha até estar de frente para mim

— Ela precisa de cuidados. Você por perto só vai piorar o estado dela. — no fundo, eu sei que ele tem razão, entretanto, não posso aceitar isso. Ela é minha responsabilidade. Eu sempre soube que as coisas seriam difíceis entre nós, mas eu estava disposto a tentar, ainda estou. Eu devo isso a ela. — Deixe as coisas se acalmarem um pouco

— As coisas nunca vão se acalmar e você sabe disso.

Ele aperta os lábios e assente.

— Enquanto você seguir por esse caminho, Anna vai sofrer. E você também.

— Do que você está... — mas não preciso continuar. Eu já sei qual é a resposta. Aquiesço para o nada e saio de sua sala batendo a porta. Eu preciso pensar em qualquer coisa, fazer qualquer coisa para não viajar. Posso fazer o que sempre faço: Estragar tudo. Isso é o que eu faço de melhor e não será novidade para ninguém.

Mas no dia 28 de julho embarco em um avião para Milão.

Daniël

A CIDADE de Verona ainda é a mesma de quinze anos atrás. As ruas continuam lotadas de turistas de todas as partes do mundo, andando em bandos, todos com seus respectivos guias segurando bandeirinhas para se localizarem. Tirando fotos de tudo, falando alto, visitando os mesmos lugares e comendo nos mesmos restaurantes. Estudantes usando bermudas caqui e coturnos, carregando enormes mochilas nas costas, descem dos trens na estação *Porta Nuova* vindos de toda parte da Itália. A única diferença é que hoje, a maioria deles carrega um celular que faz de tudo ao invés de enormes câmeras penduradas em seus pescoços.

Enquanto caminho pelas ruas à procura de um hotel, sou acometido por lembranças de uma época em que tudo parecia mais fácil, mais alegre. Uma época em que eu era feliz de verdade.

Que merda eu estou fazendo aqui?

Até agora, estou tentando entender por que eu entrei em um trem para Verona ao invés de pegar um táxi para o hotel cinco estrelas que meu irmão havia reservado em Milão.

Amanhã eu vou embora, penso, enquanto procuro um lugar decente para passar a noite. Deveria ter feito isso pelo celular enquanto estava no trem, mas meu celular ficou sem bateria e descobri, enquanto buscava pelo meu carregador dentro da mochila, que ele não veio comigo, ou talvez, ele esteja dentro da mala. Vou torcer para ser isso.

Um antigo hotel na pequena rua ao lado da Arena de Verona atrai a minha atenção. Suas paredes de cor terracota estão desbotadas pelo tempo e parcialmente cobertas por trepadeiras. As janelas são verdes ornamentadas por flores brancas. Parece mais uma antiga casa da Toscana. A placa na frente diz: “temos vagas”. Não é bem o que eu procuro, mas por uma noite servirá e, depois, eu já estou cansado de andar arrastando essa mala. O que me faz pensar em por que não peguei um táxi?

Faço o *check-in* rapidamente e vou para o segundo andar. O quarto é bem simples. O papel de parede com estampa floral em tons de verde claro e algumas flores parece velho demais. A cama de madeira que fica no meio do quarto deve ter mais de cem anos. O criado mudo parece frágil demais para sustentar o pequeno abajur que, aparentemente, não funciona. O guarda-roupa fica no outro canto da parede. Tudo velho demais. Não consigo conter meu desagrado e penso seriamente em dar meia volta e procurar por um hotel de verdade.

Mas a vista me faz mudar de ideia.

Através da janela, posso ver a *Piazza Brà* ganhando vida com o cair da noite. Por um pequeno instante, esqueço de tudo e fico apenas observando o sol dando a lugar as estrelas. Quando as lembranças ficam vivas demais, fecho a janela — que por sinal range muito — e vou tomar um banho.

O banheiro é bem pequeno, mas limpo. Essa é a minha única exigência: banheiro privativo. Não consigo me imaginar usando o mesmo banheiro que pessoas vindas, sei lá de onde, também usam. *Meu Deus!* Eu estou ficando muito chato. Preciso concordar com a minha irmã. Eu não ligava para isso quando tinha dezoito anos e passei quase um ano viajando. Cheguei a ficar dois dias sem tomar banho porque acabou a água do albergue em que estávamos hospedados e não havia mais vagas em lugar nenhum. Onde foi isso mesmo? Não consigo me lembrar direito, acho que foi em Paris ou Berlim.

Depois de um banho rápido decido sair para dar uma volta. Estou morrendo de fome e o hotel só oferece café da manhã. Mas tenho certeza de que não vou comer nada nesse lugar.

Enquanto caminho pelo pequeno corredor, penso em tudo o que aconteceu em minha vida desde a última vez em que estive nessa cidade. Em como tudo dentro de mim havia mudado e... E então acontece.

Alguém bate em meu peito bruscamente e cai de costas no chão no momento em que viro no corredor seguindo para a recepção. No mesmo instante, sinto um líquido escuro e gelado na minha camisa branca. Não é só uma camisa branca, é uma *John Varvatos* nova, que provavelmente eu terei que jogar fora.

Ótimo! É tudo o que eu preciso agora.

— Desculpa. — sinto um nó se formar em minha garganta quando ouço a sua voz. *A sua voz...* — Eu estava distraída olhando para o...

— Celular? — aponto para o aparelho caído do outro lado do corredor e volto a olhar para a minha camisa encharcada.

— Não. — ela nega veemente, mas não me encara. — Eu não estava olhando para lugar nenhum, estava só... . Eu sou um pouco desajeitada, às vezes.

— Eu percebi. — puxo o ar e levo uma mão ao cabelo quando minha voz se altera. — Desculpa, eu só... — e então ela levanta o rosto e seus olhos encontram os meus. Olhos verdes, brilhantes e perturbadores. Sua face está corada e isso faz a minha pele pinicar de um jeito estranho. Muito estranho. Deve ser por causa da viagem. Estou sem comer há mais de vinte horas e ainda tem o uísque no avião. Some isso ao meu stress e ao *jetlag*. — Eu só estou um pouco cansado.

— Eu percebi. — seus lábios começam a se curvar para cima e sinto que os meus fazem o mesmo. Ela apoia as mãos no chão e ameaça se levantar. Imediatamente, estendo minha mão para ela e nem sei por que faço isso.

— Deixa eu te ajudar. — ela hesita, apenas por alguns instantes e, quando as pontas dos seus dedos tocam a palma da minha mão, sinto que a minha pele está queimando. A sensação é tão intensa que meu corpo inteiro responde. Até o meu coração acelera.

Que porra é essa?

— Eu acho que estraguei a sua camisa.

— Não tem problema.

— Sério? Porque você ficou tão irritado quando aconteceu. — ela está sorrindo. E acho que nunca vi um sorriso tão perfeito quanto o seu.

Agora chega, Daniel! O que está acontecendo com você?

— Se você quiser posso lavar para você.

— Você faria isso? — não consigo me segurar, principalmente depois que ela gagueja.

— *Éééé...* — sua voz falha miseravelmente.

— Não precisa. — e quando digo isso, ela solta o ar com força, aliviada.

— Graças a Deus, porque eu não tenho a mínima ideia de como se faz isso.

Abro a boca para dizer... O quê? Não consigo fazer com que as palavras saiam da minha boca. Não consigo pensar em nada, somente em: *Que garota é essa?* Ela pega o celular, guarda-o no bolso de trás da calça jeans, pega o enorme copo de chá, agora vazio, que arruinara a minha camisa, ajeita a bolsa de couro marrom no ombro direito e, com a outra mão, segura a alça da sua mala vermelha de rodinhas.

— Você quer que eu te ajude a levar suas coisas para o quarto?

— Não precisa se preocupar. — ela olha para mim mais uma vez antes de começar a andar pelo estreito corredor que leva até a escada.

O jeans escuro e apertado que ela usa revela pernas longas e torneadas. Uma camisa branca e sem mangas, faz um contraste perfeito com sua pele levemente bronzeada. Seu cabelo castanho está preso em um coque bagunçado no alto de sua cabeça, revelando uma pele macia e um pescoço longilíneo.

— Desculpa outra vez. — ela se vira para mim de repente e me flagra olhando para ela. Para as suas costas ou... — Talvez *a gente* se encontre por aí.

E antes que eu tenha tempo de responder, ela desaparece pelas escadas.

— É. Talvez.

Talvez ficar aqui mais um ou dois dias não será tão difícil.

Elena

O DIA está lindo. O céu está completamente azul e de um jeito que eu nunca vi antes. *Tão parecido com o azul dos olhos dele...*

De alguma forma, consigo espantar aquele rosto perfeito dos meus pensamentos e volto a prestar atenção na paisagem à minha frente. O céu contrasta com as pedras avermelhadas da Ponte *Scaligero*, que por sua vez contrasta com as águas do rio Ádige... E ainda tem o Castelvechio ao fundo. Como eu fui esquecer a minha câmera no hotel? Já havia me chutado internamente umas mil vezes desde que descobri que ela não estava na minha bolsa, mas cada vez que vejo uma paisagem como essa, acabo fazendo outra vez.

De volta às movimentadas ruas de Verona, paro na entrada da casa de Julieta e fico encantada com a quantidade de mensagens deixadas nas paredes,

de todos os tipos, em vários idiomas e cores de caneta. Há quem diga que isso é vandalismo, pichação. Eu vejo como uma grande obra de arte e diferentes formas de mostrar qualquer forma de amor.

Ao meu lado, uma garota escreve na parede, buscando um pequeno espaço entre tantas outras que se espremem para conseguir escrever também, ela está chorando em silêncio e, de vez em quando, fecha os olhos como se estivesse fazendo uma prece.

Outros turistas tiram fotos junto à estátua de Julieta, segurando seu seio direito que, segundo a lenda, traz sorte. Entro na fila e espero a minha vez. Sorte nunca é demais. Atrás da estátua, milhares de cadeados estão presos em uma grade e fitas coloridas dançam discretamente quando uma leve brisa passa por elas.

Sento-me em um pequeno degrau e, quando dou por mim, estou de olhos fechados, fazendo uma pequena oração silenciosa. Não estou pedindo para encontrar um príncipe encantado, ou estou? Ah, é claro que estou! Eu sempre desejei encontrar um tipo de amor que me fizesse suspirar por que agora seria diferente? Por que eu mentiria bem na cara de Julieta? E então, enquanto fecho o meu cadeado, me pego outra vez pensando naquele par de olhos azuis. A doce sensação que seu toque me causou, continua tão viva na minha pele, que tenho a impressão de que acabou de acontecer. Será que ele ainda está no hotel? Eu poderia perguntar para o recepcionista como quem não quer nada. Porque eu não quero nada, só olhá-lo mais uma vez. Não é isso o que eu quero? Encaro Julieta por alguns segundos e depois de me achar louca o suficiente por estar esperando por uma resposta, vou embora sem olhar para trás.

Escolho me sentar em um pequeno café na *Piazza delle Erbe*, apenas para apreciar um croissant de Nutella, que é divino, e um café. Isso se transformou em uma rotina desde que cheguei à Itália.

— Esperando alguém? — o ar é arrancado dos meus pulmões quando ouço a sua voz. Mordo o lábio inferior, tentando conter o sorriso bobo que ameaça se formar e olho para cima.

Ah, Julieta, você é rápida mesmo!

Bloqueio o sol com as mãos para o olhar. Ele está incrivelmente bonito hoje, vestindo um jeans preto e uma camisa de linho branca com as mangas dobradas até os cotovelos. Nos pés, um *all star* branco. Seu cabelo preto está úmido e todo bagunçado, como se ele houvesse apenas passado as mãos após sair do banho, e faz um contraste perfeito com a sua pele clara.

— Sim, o príncipe encantado.

Ah, Meu Deus! Eu realmente disse isso em voz alta?

Ele sorri, e meus ossos perdem um pouco da consistência. Só consigo fazer que sim com a cabeça e apontar para a cadeira vazia à minha frente.

— Você se importa se eu te fizer companhia até ele chegar? — ele faz sinal para um garçom enquanto fala comigo. Nego, sentindo as bochechas corar. *Qual é o seu problema, Elena?*

Talvez seja ele e esse rosto perfeito. Ou talvez seja a boca perfeitamente desenhada ou... Eu deveria mesmo deixar uma pessoa que mal conheço sentar na mesma mesa que eu? Em um lugar onde eu não conheço que ninguém? Mas quando ele tira os óculos aviador e olha dentro dos meus olhos percebo que, mesmo querendo, eu não seria capaz de dizer não para ele.

Seus olhos parecem ainda mais azuis do que ontem. É tão claro que chego a pensar como ele consegue ficar de olhos abertos nessa claridade. Os longos cílios negros e suas grossas sobrancelhas deixam seu olhar ainda mais penetrante. Esses olhos parecem estar sorrindo para mim.

— Prazer, Daniel Marshall. — ele estende a mão para mim por cima da mesa.

— Elena Collins — respondo enquanto pego a sua mão. Mais uma vez, seu toque queima a minha pele.

— Viajando sozinha, Elena? — a maneira como ele diz meu nome me aquece por dentro. Fico me perguntando se meu rosto demonstra isso, uma vez que seus lábios parecem se curvar para cima em um sorriso enviesado e sedutor. Muito sedutor.

— Sim, há quase três meses. — consigo dizer depois de limpar a garganta.

O que está acontecendo comigo?

— E você é de onde? — ele está sentado com a perna cruzada sobre o joelho e uma das mãos sobre a mesa, os olhos fixos nos meus.

— Carolina do Norte.

— Que lugar?

— Beaufort. — inclino a cabeça estreito o olhar. — Você conhece?

— Não.

— Seria estranho se você dissesse que sim.

— Por quê?

— Ninguém conhece Beaufort. — ele apenas sorri. Eu fico sem ar. — E você é de onde?

— Nova York. Você conhece?

— Já ouvi falar. — o que não deixa de ser verdade. Ele continua sorrindo, mas agora parece que seus olhos fazem o mesmo. — Eu nunca estive lá.

Apesar de a minha família possuir alguns imóveis em Nova York, além da Carolina do Norte, eu só conheço a Flórida. Foi a única vez que meu pai tirou férias em família e me levou para a Disney. Eu tinha dez anos. Minha mãe detestou a viagem, dizendo o tempo todo que a Europa era muito melhor. Ela fazia questão de viajar com meu pai uma vez por ano, só os dois. Ele detestava isso, principalmente porque sempre tinha que me deixar e porque achava as viagens que mamãe planejava longas e chatas demais, mas sempre cedia aos seus caprichos.

— Você deveria ir para lá. Todo mundo deveria passar um tempo em Nova York.— seus longos dedos tamborilam na mesa.

— Eu vou anotar isso.

— Você esteve onde até agora?

— Rússia, Alemanha, Holanda, Inglaterra, Irlanda e agora Itália.

— Sozinha?

— Parece que sim — respondo achando graça da sua pergunta.

— São lugares incríveis, mas perigosos também.

— Eu sei, por isso sempre deixo rastros. Nunca durmo em albergues e minha melhor amiga sempre sabe onde eu estou. Caso eu não volte para o hotel, sabe?

— Sei. — ele não desvia o olhar e meu coração perde o compasso. — Você gostou do que viu até agora?

— Sim, muito.

— E Verona é a sua primeira cidade na Itália?

— Não, cheguei de Roma ontem.

— E depois? Para onde você vai?

— Não sei ainda, mas acho que depois da Itália vou para Paris. Aquela cidade deve ser maravilhosa, você já esteve lá?

— Sim, Paris é realmente muito bonita. Mas acho que no inverno ela se

supera.— um sorriso torto surge em seus lábios enquanto ele fala. — Você deveria ir para lá em dezembro.

Concordo com um gesto de cabeça porque, mais uma vez, não sou capaz de falar. Talvez eu deva parar de olhar para a sua boca. Ou para seus olhos. Talvez eu deva parar de olhar para o seu rosto.

— E você? Viajando sozinho?

— Sim, mas na verdade, é uma viagem de trabalho.

— Você não se parece com alguém que está trabalhando — falo com um sorriso travesso, provocando-o e ele sorri de volta. — Você trabalha com o quê?

— Minha família tem uma empresa de comércio exterior.

O garçom chega trazendo meu trazendo e um *croissant* de Nutella pergunta se ele gostaria de fazer o seu pedido. Ele responde com um italiano tão perfeito que tenho quase certeza de que ele é italiano e não americano.

— Você fala italiano tão bem.

— Eu morei na Itália alguns anos atrás. — mudando rapidamente de assunto, pergunta: — A sua família ainda está na Carolina do Norte?

— Só a minha avó — respondo desviando o olhar, enrolando e desenrolando o guardanapo sobre a mesa, mas ainda sinto o seu olhar em mim. Por que ele me olha desse jeito? E por que, mesmo o conhecendo há apenas alguns minutos, sinto-me tão tranquila perto dele?

— Você já conheceu a arena de Verona? — ele pousa a sua xícara sobre o pires e pendura os óculos no bolso da camisa. Nego com a cabeça enquanto mastigo o meu último pedaço de *croissant*. — Então vamos. — ele se levanta rapidamente deixando algumas notas sobre a mesa. — A vista de lá é incrível.

Não há muitos turistas nessa hora, então não precisamos enfrentar fila para entrar. O interior da arena também está praticamente vazio, o único barulho que se ouve é de algumas marteladas de operários que desmontam uma enorme estrutura de madeira, que deve ter sido palco de algum show.

— Você sabe como a arena foi construída? — nego e então ele continua, visivelmente empolgado.

— Diz a lenda que o Diabo se encantou por uma jovem de Verona. Ele era um homem muito bonito e atraente e ela se apaixonou por ele imediatamente. A família da jovem achava que tinha alguma coisa errada com ele, mas a princípio ela não ouviu ninguém. Até que um dia ela viu os seus pés. E não eram pés humanos. A jovem resolveu pedir ajuda a um padre, que a aconselhou pedir para

o namorado construir uma enorme arena para ela da noite para o dia. Se antes do galo cantar a arena estivesse pronta, ela se casaria com ele. Caso isso não acontecesse, ele deveria ir embora e deixá-la para trás. — deixo uma risada escapar e ele para de falar. — Você está rindo, Elena? — pergunta tão sério que sinto meu rosto queimando.

— Não... É... Não, não estou — falo, constrangida e ele ri do meu constrangimento.

— Naquela noite o Diabo e seus ajudantes começaram a levantar a arena rapidamente. Trabalhando arduamente para terminá-la antes de o galo cantar anunciando a chegada de um novo dia. Ela ficou apavorada quando viu que ele conseguiria finalizar a construção. Então, para impedir que eles concluíssem a arena, ela jogou água no galo para que ele cantasse antes do amanhecer.

— É por isso que falta uma parte? — pergunto apontando para o local onde não há pedras completando a estrutura.

— Exatamente. — ele responde, acompanhando meu olhar.

— Onde você ouviu essa história?

— Minha avó contava quando eu era criança.

— Por que nunca falaram sobre isso no *Discovery*? — pergunto tentando conter uma risada. Ele apenas dá de ombros, sorrindo. E eu estou começando a me perder nesse sorriso.

Quando o sol começa a se pôr e as luzes dos postes se acendem, a cidade ganha um brilho romântico e todo especial.

— Nossa! A vista daqui é realmente incrível!

— É, sim.— ele está olhando para a rua quando responde. Por alguns segundos, tenho a impressão de ver várias emoções passando por seu rosto, mas seu olhar logo encontra o meu e um sorriso surge em seus lábios. E isso faz a minha pele arrepiar. — Você está com fome?

— Morrendo.

— Tem um ótimo restaurante aqui na rua ao lado, muito famoso e a comida é ótima. A melhor pasta que você vai comer na sua vida. Eu trabalhei como garçom lá na época em que morei aqui.

— Você morou aqui? Em Verona? — pergunto surpresa.

— Três meses.

— Eu adoraria passar um tempo aqui.

— Você não iria se arrepender.

— Você trabalhou como garçom mesmo? — ele faz que sim. — Você não tem cara de garçom.

— Ei! Eu era um ótimo garçom. — ele responde dando uma cotovelada de leve em meu braço. Quando chegamos à calçada, ele pega o meu cotovelo para me direcionar. — Por aqui.— mas não me solta quando entramos na pequena rua que leva ao restaurante.

O calor da sua mão em minha pele me causa arrepios. E acho que nunca senti nada parecido antes. Eu acabei de conhecer esse homem e ele já me causa isso! Em alguns momentos durante o dia, tive a impressão que já o conhecia a vida toda. Será que isso é possível?



O restaurante é bem simples e rústico, mas muito aconchegante. As mesas de madeira estão cobertas por toalhas xadrez verdes e brancas, e outras vermelhas e brancas. Tipicamente italiano. Há muitas garrafas de vinho penduradas no teto e fotos espalhadas pelas paredes, imagens antigas de várias cidades italianas.

Uma mulher alta e muito elegante, com cabelos brancos muito bem cortados na altura dos ombros, sai de trás do balcão e vem ao nosso encontro.

— Daniel, querido! — ela o abraça, carinhosamente. — Não acredito que você está aqui!

— Que saudade, Julianna. — Daniel retribui o abraço e ficam assim por alguns segundos até que ela olha para mim.

— E está bela garota, quem é? — ela pergunta ao mesmo tempo em que me puxa para um abraço apertado.

— Eu sou Elena.

— É um lindo nome.

— Obrigada.

— Vocês estão juntos? — pelo canto do olho tenho a impressão de que Daniel está sorrindo, mas não tenho coragem de encará-lo e confirmar. Abro a boca para responder, mas Daniel faz isso por mim.

— Nós somos amigos. — ele dá um passo a frente e coloca as mãos nos

bolsos da calça. — Para falar a verdade, acabamos de nos conhecer.

Ela arqueia as duas sobrancelhas e encara a nós dois com um sorriso travesso.

— É assim que as coisas começam, não é? — assinto para ela, mesmo sem ter muita certeza de que deveria fazer isso. Ela me lança uma piscadela e se volta para Daniel. — Estava pensando em você ontem.

— Sêrio?

— Encontrei algumas fotos que estavam esquecidas no fundo do meu guarda-roupa. Tem uma que eu gostaria de te entregar.

— Pode ficar com ela. — tenho a impressão de que ele está tentando se esquivar ou mudar de assunto, porque a sua voz muda e seu maxilar parece tenso. Tenso demais.

— Matt está tão radiante. Não parava de sorrir enquanto... — e então sua voz desaparece. Julianna inspira fundo e balança a cabeça, negando alguma coisa. — Eu não deveria ter falado de... Desculpe, querido.

— Está tudo bem. — e mesmo sem saber quem é Matt ou o que aconteceu, consigo perceber a tensão pairando sobre nós. Consigo saber que nada está bem. A voz dele não é a mesma e os olhos parecem perdidos em algum lugar. — Isabella está aqui? — pergunta após limpar a garganta, mudando de assunto.

— É claro que estou. — uma loira alta e linda surge na porta do restaurante. — Como vai, Daniel? — ela também o abraça. Seus olhos azuis e seu sorriso são tão encantadores quanto o de Julianna.

— Oi, amor.

Amor? Ele falou isso mesmo? Será que eles...? Estão juntos? Caso contrário, por que ele a chamaria de 'amor'? E por que eu estou tão interessada em saber?

— Tudo bem. E a sua filha?

— A Camila está com quinze anos, você acredita? Estamos ficando velhos, Daniel.

— Parece que sim.

— Ela iria adorar ver você outra vez, mas está em Londres de férias com o pai.

— Diga a ela que deixei um beijo. — ela assente olhando para mim e Daniel segue seu olhar.

— Elena, essa é Isabella, filha da Julianna.

— Prazer. — ameaço estender a mão para cumprimentá-la, mas ela me abraça. Parece que essa família adora distribuir abraços.

— Muito prazer, Elena. — e olhando para Daniel sussurra: — Ela é linda.

Daniel concorda com ela, mas seus olhos estão em mim. Sinto um leve formigamento na nuca e tenho a nítida impressão de que acabo de descobrir o que é sentir borboletas batendo asas dentro da barriga.

— Por favor, escolham uma mesa enquanto o restaurante não enche — diz Julianna. — Eu vou preparar o melhor prato da casa para vocês.

— Fiquem à vontade — diz Isabella. — Assim que as coisas ficarem mais calmas por aqui, voltamos a conversar.

— Obrigado — Daniel responde enquanto pega meu braço outra vez e me leva para uma mesa do lado de fora do restaurante. Um garçom traz vinho, água e *brusquetas*.

— Então... — começo depois de beber mais da metade da minha taça. — Você e Isabella...? Já... É... Vocês já...? — por que eu estou gaguejando desse jeito?

— Namoramos?

— Isso. — concordo com a cabeça e ele aperta os lábios para não rir.

— Namorar não é a palavra certa, mas ficamos juntos enquanto eu estive aqui, nada sério.— responde despreocupado, com um leve dar de ombros.

— Três meses não é nada sério?

— Nós éramos muito jovens, ela já tinha uma filha e era tudo muito complicado.

— Você era apaixonado por ela? — será que o vinho está me fazendo perguntar essas coisas? — Desculpa, eu não devia ter perguntado. — melhor parar de beber, penso enquanto empurro a taça para longe do meu alcance, discretamente.

— Tudo bem. — ele olha para a mesa e começa a mexer nos talheres antes de olhar para mim outra vez e responder. — Não, eu não era apaixonado por ela. Na verdade, acho que nunca me apaixonei por ninguém.

— Nunca? — pergunto com a voz um pouco mais baixa.

— Nunca.

— Sabe o que eu acho?

— O que você acha, Elena? — ele apoia os antebraços na mesa e me

encara, sorrindo e esperando pela minha resposta.

— Eu acho que você nunca encontrou alguém que valesse à pena.— sustento o seu olhar e ele franze a testa, parece ligeiramente desconfortável, mas logo se recompõe.

— Você já tem planos para amanhã? — muda de assunto, voltando a se recostar na cadeira.

— Sem planos, esse é o plano. — pego minha taça outra vez e beberico um pouco do vinho.

— Então — tenho a impressão de que ele quer muito dizer alguma coisa, mas por algum motivo, as palavras não saem. Volto a colocar minha taça sobre a mesa. Daniel coça o queixo e estreita os olhos. Há uma ruga profunda entre suas sobrancelhas quando ele leva a mão aos cabelos e os bagunça um pouco mais. —, você não conhece Veneza, certo? — ele está me encarando outra vez e um brilho novo atravessa seus olhos.

— Ainda não.

— Se você quiser, podemos ir para lá amanhã.

— Eu e você? — aponto para mim, para ele e para mim outra vez. Ele sorri, mas esse sorriso é diferente. Parece ansioso.

— Eu e você.

— Mas nós acabamos de nos conhecer, não posso ir até Veneza com você.— eu não deveria fazer isso, viajar com alguém que acabei de conhecer. *Ou deveria? Não! Não deveria!*

— Você está jantando com alguém que acabou de conhecer.

— E se você for um psicopata que ataca garotas indefesas que viajam sozinhas? — ele está rindo e então, levantando o dedo indicador, começa a falar.

— Primeiro, eu não sou um psicopata — responde enquanto dá uma piscadela para mim. — Segundo, você não me parece nada indefesa. E terceiro, eu quero muito que você vá comigo.

Ele sorri, exibindo dentes brancos e perfeitos.

— Por quê? — minha voz está falhando, terrivelmente e meu coração... Meu coração está prestes a pular para fora do peito.

— Eu sei que parece estranho porque nós acabamos de nos conhecer, mas eu... — ele dá de ombros e solta o ar pela boca. — Eu não sei. Apenas quero passar mais tempo com você. — meu coração para de bater e isso é estranho

porque até dois segundos atrás ele estava quase saindo pela minha boca.

Estou prestes a dizer que eu adoraria fazer essa viagem com ele, quando a voz da minha avó começa a gritar dentro da minha cabeça. *Tenha cuidado com psicopatas. Eles nunca são o que realmente aparentam. E sempre são bonitos, muito bonitos. E atraentes, então, tenha muito cuidado.*

Essa foi a última coisa que ela me disse antes de eu embarcar em um avião para a Rússia. E, como se fosse capaz de ler meus pensamentos, ele acrescenta:

— Nós vamos de trem, Elena e vamos andar por ruas lotadas de turistas o dia todo.

— Eu sei, é que eu... — começo a torcer o guardanapo sobre a mesa, visivelmente nervosa. Olho para ele e fico atordoada com seu olhar ansioso enquanto espera a minha resposta. — Eu acho que... Não vou me sentir confortável. — o que é uma grande mentira, pois estou muito confortável agora.

— Tudo bem. — ele parece desapontado.

Julianna chega trazendo nossos pratos, nhoque à bolonhesa. Fico aliviada pela conversa ter terminado, mas meu coração não.

— Esse é o prato mais famoso do restaurante, espero que você goste.

— Com certeza vou gostar — respondo pegando os talheres. O cheiro está delicioso e eu estou realmente faminta.

Essa foi, sem dúvida, o melhor nhoque que eu já comi em toda a minha vida.

— Eu não consigo comer mais nada — falo quando o garçom coloca dois pedaços de torta de chocolate sobre a mesa.

— Você não vai resistir. — Daniel pega um pedaço e o coloca na boca.

E ele está certo mais uma vez, a torta é divina.



— Obrigada pela visita, Daniel. — Julianna o abraça e depois faz o mesmo comigo. — Você também, querida. Foi um enorme prazer te conhecer.

— Eu digo o mesmo. E muito obrigada pelo jantar, estava delicioso.

Isabella também nos abraça e nos faz prometer que voltaremos para visitá-la. Penso em dizer que não, mas como não faço plano algum, prefiro deixar tudo por conta do destino. Não! Não gosto que o destino decida as coisas. Melhor que

seja pelas coincidências da vida.

Já passa da meia-noite quando chegamos ao hotel. Assim que paramos diante da porta do meu quarto dou um passo à frente e fico na ponta dos meus pés para dar um beijo em seu rosto. Eu não sei por que faço isso, mas nesse momento me parece certo e depois, talvez eu não o veja mais. E só de pensar nisso meu coração perde uma batida. Duas batidas. Ele quase para de bater outra vez. Daniel fecha os olhos por um momento e percebo que está prendendo a respiração, sinto sua mão na minha cintura e o ar sendo sugado para fora dos meus pulmões. *O que é tudo isso que estou sentindo?* Quando me afasto e encontro seus olhos presos em meu rosto, sei exatamente o que estou sentindo e, principalmente, o que devo fazer.

— Você pode me encontrar no café da manhã? — ele me olha com o cenho franzido. — Eu não tenho nada melhor para fazer amanhã e já que você diz não ser um psicopata... — seus olhos e sua boca estão sorrindo para mim. — Eu vou com você para Veneza.

— Que bom.

— Mas saiba que a minha avó e a minha melhor amiga saberão onde me procurar caso eu desapareça. Por falar nisso... — pego meu celular dentro da bolsa e tiro uma foto do seu rosto.

— O que é isso? — ele pergunta achando graça.

— Isso é para elas saberem com quem eu estou.

Ele ri, jogando a cabeça para trás. Quando suas risadas cessam, ele segura meus ombros e olha dentro dos meus olhos.

— Eu não sou um psicopata.

— Você nunca vai dizer que é.

— Não, não vou — diz mais uma vez, sorrindo. — Mas não estou mentindo.

— Eu sei. — e estou sendo sincera. Até mesmo comigo.

— Você tem certeza? — abro a boca para retrucar, mas acabo desistindo quando o canto direito da sua boca se curva para cima. — Leve uma mala pequena, nós podemos passar a noite lá.

— Passar a n-noite? Por quê?

— As noites em Veneza são lindas, você precisa conhecer. — apenas balanço a cabeça concordando. — E nós podemos dormir em quartos separados, se você quiser, é claro. — ele está se divertindo. — Boa noite, Elena.

— Boa noite, Daniel.

Ele assente, sorri uma última vez e me dá as costas. É a minha vez de encará-lo enquanto ele caminha para a escada.

Quando eu decidi viajar, não tinha a intenção de conhecer ninguém. Eu queria apenas conhecer lugares diferentes, pessoas diferentes e aproveitar cada momento. Eu não queria me apaixonar, mas estou com uma leve impressão de que isso será impossível.

Daniel

DESÇO PARA o restaurante do hotel pouco antes das nove. Elena ainda não está aqui. Sirvo-me de uma generosa xícara de café preto e me sento em uma mesa próxima à janela. Ainda estou tentando entender por que eu tive a brilhante ideia de convidá-la para ir até Veneza comigo. Ainda estou tentando entender por que estou tão ansioso por essa viagem. Por que não consigo esquecer seus olhos e... Os cantos da minha boca sobem quando a vejo entrando. E como se fosse possível, ela está ainda mais linda do que ontem. O vestido branco e curto que ela usa deixa à mostra pernas bem torneadas, mesmo que esteja calçando um horrível tênis marrom de cano alto. Ela está *sexy pra caramba*, principalmente porque sua trança bagunçada está caída na lateral do seu pescoço.

— Bom dia. — ela olha para mim, sorrindo, e sinto alguma coisa

desmoronar dentro do meu estômago.

— Bom dia, Elena.

— Você já comeu?

— Não, estava esperando você.

— Então vamos comer porque eu estou morrendo de fome. — ela me dá as costas e, decidida, começa a encher o prato com pães, frutas e alguns queijos. — Eu estava pensando... — diz e me olha com uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— O quê?

— Eu gostaria de conhecer o Lago di Garda, Florença, Siena e outros lugares que aparecerem pelo caminho. Pensei que poderíamos alugar um carro, o que você acha? — ela se senta e eu faço o mesmo

— Eu acho que para quem não queria conhecer nem Veneza comigo, você está parecendo bem entusiasmada. — ela abre um sorriso e dá de ombros ao mesmo tempo. — Mas eu acho uma boa ideia — *acho?* Fecho os olhos por um segundo. *Não!* Eu não acho uma boa ideia. Uma noite em Veneza com ela é uma boa ideia, talvez dentro de um quarto, mas isso? Uma viagem

— Jura? — por que ela precisa sorrir desse jeito? Por que, mesmo sem querer, estou concordando com tudo o que ela está dizendo? — Mas eu não quero atrapalhar, você disse que está viajando a trabalho e...

Essa é a minha deixa.

— Eu preciso estar em Milão dia 12. Tenho uma reunião importante.

— Então eu devo acrescentar Milão à minha lista?

— Você quer ir para Milão comigo? — não consigo conter a surpresa na minha voz. E não sei se é uma surpresa boa.

— Parece que sim. — sorrindo, outra vez, ela me lança uma piscadela.

Que merda está acontecendo comigo?

Ontem, quando a abordei naquele café, a única coisa que eu queria era levá-la para a cama, tirar sua roupa, beijar sua pele e transar com ela. Isso é o que eu sei fazer de melhor. De onde veio a brilhante ideia de convidá-la para ir à Veneza comigo? E agora, ela está planejando fazer um *tour* de carro pela Itália, e o pior! Eu estou concordando!

— Daniel?

— O quê?

— Você está bem?

— Uhum.

— Tem certeza?

— Tenho. — *não! Na verdade, não tenho mais certeza de nada.*

— Você já conhece esses lugares?

— Que lugares?

— Florença, Veneza... — ela para de falar, inclina a cabeça para o lado e me encara achando graça.

— Conheço — respondo rapidamente quando me dou conta do que estávamos falando.

— E não vai ser chato ver tudo outra vez?

— Não, e eu adoraria mostrar para você. — *porra!* Por que eu estou falando essas coisas?

— Então eu vou pegar as minhas coisas e te espero no saguão. — ela se levanta e sai caminhando graciosamente pelo restaurante e eu não consigo desviar os olhos.

Bebo mais uma xícara de café antes de ir para o meu quarto e juntar todas as minhas coisas.

Daniel Marshall, você está bem ferrado!



Já passa da uma da tarde quando descemos do trem na estação Santa Lucia. Durante todo o percurso até aqui, tentei pensar em qualquer outra coisa que não fosse beijá-la, mas falhei miseravelmente. Não conseguia parar de olhar para a sua boca, principalmente quando ela adormeceu ao meu lado.

— Vamos fazer o *check-in* e deixar as malas no hotel. — como ela havia sugerido passar por várias cidades, acabamos trazendo toda a bagagem. Estou surpreso por ela ter apenas uma mala. Minha irmã teria no mínimo três. Isso para uma viagem de três semanas. Elena já está viajando há quase três meses.

— Você reservou um hotel?

— Ontem à noite, depois que você aceitou meu convite.

— Você é tão certinho. — ela não está me olhando, mas sorri enquanto atravessamos a Ponte dos Descalços.

— Você não reserva hotéis antes?

— Às vezes, sim. — ela dá de ombros e tropeça, perdendo o equilíbrio. Seu sorriso fica ainda maior e acho que estou me acostumando a olhar para ele. — Às vezes, gosto de ser surpreendida pelo lugar.

— Talvez você goste de saber que eu reservei um quarto no *Carlton On*.

— *Carlton On*? Sério? — ela para de andar, solta a mala e coloca as duas mãos na cintura. — Por quê?

— Porque é um bom hotel.

— É caríssimo e depois, nós só vamos tomar banho e dormir. Qual o sentido de ficar em um hotel tão caro quando passamos a maior parte do tempo na rua?

— Eu não sei. — dou de ombros, confuso. — A vista de lá é incrível. — ela revira os olhos e começa a andar outra vez e vou atrás dela, mas para abruptamente e se volta para mim.

— Você disse que reservou um quarto?

— Não, eu reservei dois. — inclino meu pescoço na sua direção e sussurro: — Mas se você quiser, eu posso cancelar um e...

— Ah! Fique quieto antes que eu mude de ideia e volte para Verona sem você. — ela está rindo quando me dá as costas e volta a caminhar.

A verdade é que fiquei muito tentado a reservar apenas um quarto com a justificativa de que não havia mais opções. Ela recusaria, mas eu daria um jeito de convencê-la, eu sou bom nisso. Então, eu a levaria para a cama e tudo voltaria ao normal, sexo e pronto. Mas mudo de ideia rapidamente. Apesar de ainda querer levá-la para a cama, sei que Elena é muito melhor do que isso.

Elena não é garota de uma noite só.



Depois do *check-in*, subimos apenas para deixar as malas nos quartos. Quando fecho a porta do meu, encontro Elena sorrindo no corredor.

— O que foi? — pergunto quando ela se aproxima.

— Acho que meu quarto é maior do que a minha casa.

— Não exagera. — ela pisca para mim e, para a minha surpresa, passa seu braço pelo meu.

— Aonde nós vamos?

— *Piazza San Marco* — respondo em Italiano e ela sorri.

E ela mantém o sorriso no rosto o tempo todo enquanto exploramos as ruelas de Veneza. Seus olhos brilham observando cada detalhe. Sempre tem uma pergunta ou algum comentário para fazer. Mas quando ela tira a sua câmera da bolsa, tudo muda. E preciso dizer que não é uma câmera qualquer, é uma câmera profissional e ela se comporta como uma fotógrafa experiente, ajustando o foco e abaixando-se para obter uma imagem melhor. Completamente concentrada.

— Vamos comer aqui? — pergunto parando em frente ao *Caffé Florian*.

— Uhum.

Sentamos em uma das mesas que se espalham pelas calçadas e há anos fazem parte da paisagem de Veneza.

— Você não me disse que era fotógrafa — falo assim que ela coloca a câmera sobre a mesa. — Na verdade, você não me disse qual é a sua profissão.

— Eu sou arquiteta. — ela toca a câmera com as pontas dos dedos continua: — Mas sou apaixonada por fotografia. Quando pego uma câmera na mão, esqueço de tudo.

— Eu percebi isso.

— Esse lugar é lindo! Não resisti. — ela dá de ombros, ligeiramente constrangida.

— Posso ver? — aponto para a câmera e ela me olha com os olhos semicerrados, abre a boca para falar alguma coisa, mas a fecha no segundo seguinte e, com um pouco de resistência, empurra a câmera sobre a mesa.

As fotos são incríveis, todas elas. As imagens do Vaticano estão impecáveis, principalmente a foto tirada do alto da cúpula da Basílica de São Pedro. A visão lá de cima já é perfeita, mas essas fotos parecem ter captado a alma daquele lugar. Mas o que mais chama a minha atenção são as fotos do cotidiano, de pessoas comuns, misturadas às paisagens por onde ela passou. Um casal de idosos caminhando de mãos dadas pelo Fórum Romano, uma garotinha sentada diante da *Fontana di Trevi* dividindo seu sorvete com um cachorro, o palácio de *Westminster* iluminado por tímidos raios de sol em um amanhecer nublado. Um garotinho correndo com os braços abertos em frente ao Palácio de Inverno. Um turista perdido com um mapa na mão em frente ao Castelo de

Dublin. Recém casados correndo de mãos dadas pelas ruas da Alemanha diante do portão de *Brandeburgo* durante o pôr do sol e, para a minha surpresa, uma foto minha caminhando em frente à Basílica de São Marcos, com pombos voando ao meu redor.

— Elena, essas fotos são incríveis!

— Sêrio? — ela me fita com a testa franzida.

— Você precisa expor essas fotos. Você nunca pensou nisso?

— Não — diz e pega a câmera da minha mão.

— Por quê?

— Não sei. — ela começa a olhar todas as fotos e uma pequena ruga se forma no canto do seu olho direito. Um garçom chega para anotar nossos pedidos, mas ela está entretida demais com sua câmera para perceber.

— Posso pedir para você?

— Por favor — responde sem olhar para mim.

Assim que o garçom vai embora, ela desliga a câmera e levanta a cabeça para me olhar.

— Você realmente gostou das fotos?

— Muito. — ela aperta os lábios com força e, com uma das mãos, começa a enrolar e a desenrolar o guardanapo de pano que está sobre a mesa. — Você já mostrou suas fotos para alguém?

— Não. — um pequeno arrepio percorre toda a extensão da minha coluna quando seus olhos encontram os meus. Ela olha para a praça e fica assim durante alguns minutos antes de voltar a falar. — Eu nunca pensei nisso como uma profissão, mas desde que ganhei a minha primeira câmera, aos oito anos, me encantei pela fotografia. Eu fotografava tudo. As festas na escola, as excursões, pessoas caminhando na areia da praia, o pôr do sol. Eu adoro fotografar o pôr do sol. Meus pais dançando e rindo pela casa... — uma sombra passa por seus olhos e o pequeno sorriso que iluminava seu rosto segundos atrás, desaparece.

— Tudo bem? — toco de leve a sua mão, mas ela não responde. — Ontem você me disse que tem uma avó na Carolina do Norte. — ela concorda com um discreto gesto de cabeça. — E os seus pais?

Seu olhar vacila.

— Meus pais morreram quando eu era criança, eu fui criada pela minha avó materna. — sua voz também vacila e me arrependo de ter tocado nesse assunto.

— Eu sinto muito. — é a única coisa em que consigo pensar.

— Eu também. — meu coração para de bater por um instante, como se eu pudesse sentir a sua dor.

Felizmente o garçom chega trazendo nossos pratos e, enquanto comemos, permanecemos calados, apenas as conversas das mesas vizinhas preenchem o silêncio a nossa volta. É ela quem fala primeiro depois de terminar a sua salada.

— Você tem irmãos?

— Dois. Owen, o mais velho e Sophie, a caçula.

— E o que eles fazem?

— Meu irmão trabalha comigo na empresa da nossa família, minha irmã é estilista.

— E os seus pais? — ela fecha os olhos por um momento. — Desculpe. Eu tenho essa mania meio irritante de fazer perguntas o tempo todo. Minha avó sempre diz que eu deveria ser jornalista.

— Não tem problema —respondo achando graça. — Meu pai é advogado. Ele abriu a empresa antes de se casar com a minha mãe e trabalha nela até hoje. Minha mãe é médica, ginecologista.

— Meu pai era médico também. —seus olhos brilham quando ela fala do pai. —Cardiologista, mas acabou virando especialista em quase tudo já que ele era praticamente o único médico da cidade.

— Você é filha única?

— Sou e isso sempre foi muito chato. Quando Jess não ia para a minha casa depois das aulas, era horrível. Na verdade, era frustrante.

— Jess é a amiga que sempre sabe onde você está?

— Exatamente.

— Eu devo me preocupar com isso?

— Um pouco. — ela deixa uma risada escapar. — Eu vou pedir um café, você quer? — faço que sim com a cabeça e ela chama o garçom. Além do café ela pede um *croissant* de nutella e acabo rindo quando ela tenta falar italiano. — Eu nem estou com fome, mas estou viciada nesse *croissant*. — ela aponta para o prato que o garçom coloca à sua frente. — É divino. — sou obrigado a concordar.

— Você não vai por açúcar no seu café? — ela nega e beberica um pouco da sua xícara.

— Eu prefiro o meu café sem açúcar, assim consigo sentir seu verdadeiro sabor.

— É muito amargo. — coloco a segunda colher de açúcar dentro da minha xícara e faço uma careta.

Ela apenas sorri.

— Você quer dividir o *croissant* comigo?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ela assente, pega o *croissant* do prato e o leva a boca.

Eu não consigo desviar os olhos. Principalmente quando um pouco de Nutella suja o canto da sua boca e, enquanto ela lambe o lábio bem devagar, sinto todos os músculos do meu corpo se contraindo. Não consigo deixar de pensar no quanto eu gostaria de fazer isso por ela. Lamber e beijar o canto da sua boca. Bem devagar. Solto o ar com força e tento afastar essa imagem da minha cabeça. Preciso afastar antes que eu faça alguma besteira.

— Daniel?

— O quê?

— Você costuma dormir de olhos abertos?

— Não, por quê?

— Eu estava perguntando sobre o que vamos fazer agora, mas você estava meio... Perdido?

Perdido é a palavra que me define nesse momento. Estou completamente perdido.

— O que você quiser. — empertigo-me na cadeira.

— Eu quero ir até aquela ilha. — ela aponta para a basílica de São Jorge.

— Você vai fazer fotos incríveis de lá. — o garçom traz a conta e, quando tiro o dinheiro da minha carteira e o coloco sobre a mesa, vejo que ela está fazendo o mesmo. — O que você está fazendo?

— Pagando a conta? — ela me responde com outra pergunta.

— Não, eu pago conta.

— Não é justo. Você já está pagando o hotel contra a minha vontade.

— Eu pago. Já está decidido.

— A menos que isso aqui tenha sido um encontro... — ela levanta uma sobrançelha e me desafia. — Eu gostaria de dividir a conta com você.

— Nós não vamos dividir a conta, Elena. — deixo meu dinheiro dentro da pequena pasta de couro preto e fico em pé. — Vamos.

Ela se levanta e me encara com um enorme e divertido sorriso no rosto.

— Então isso foi um encontro?

Abro a boca, mas nenhuma palavra sai dela.



Voltamos para a Praça São Marcos quando já é noite.

— Você tinha razão. — ela abre os braços e gira ao redor do próprio corpo.
— A noite de Veneza é linda!

— Eu disse. — Elena para de frente para mim e me encara com as duas sobrançelhas arqueadas. — O que foi?

— Eu quero andar de gôndola.

— O quê? Não! — ao mesmo tempo em que digo que não, ela faz que sim com a cabeça, visivelmente empolgada.

— Ah, Daniel! Nós estamos em Veneza! O que mais as pessoas fazem em Veneza?

— Qualquer coisa.

Ela não se intimida. Pega a minha mão, olha dentro dos meus olhos e faz um beicinho.

— Por favor?

Eu não posso acreditar que ela consegue me convencer.

— Tudo bem. — abro os braços, rendendo-me ao seu charme e um largo sorriso ilumina seu rosto. E é o sorriso mais lindo que eu já vi.

A gôndola avança pelo Grande Canal e Elena fica ainda mais encantadora. Seu cabelo está solto e enormes ondas castanhas caem até o meio de suas costas, balançando com a suave brisa que sopra. Sua pele ganha um brilho perolado com a luz das estrelas e da lua cheia que está extremamente brilhante hoje. Ela é, com certeza, a mulher mais linda e mais atraente que eu já conheci.

— Obrigada. — o sorriso não abandona seu rosto quando descemos da

gôndola e caminhamos de volta para o hotel. — Eu sei que foi difícil para você.

— Do que você está falando? — ela passa seu braço pelo meu mais uma vez e encosta a cabeça no meu ombro apenas por um instante. E isso basta para fazer alguma coisa despencar dentro do meu estômago.

— Esse seu medo de ser romântico.

— Eu não... — olho para baixo e ela solta uma risada alta, jogando a cabeça para trás.

Fazemos o restante do percurso em silêncio e, pela primeira vez, em muito tempo, o silêncio é acolhedor.

— Eu quero ir embora amanhã, pode ser? — ela se espreguiça em frente a porta do seu quarto.

— Você tem certeza? Ainda tem muita coisa para vermos aqui.

— Tenho.

— Muito bem, você é quem manda. E para onde você quer ir?

— Lago di Garda.

— Ótima escolha.

Ela fica na ponta dos pés para beijar um lado do meu rosto enquanto a sua mão pousa do outro lado. Quando ela se afasta e seus olhos encontram os meus, sou tomado por aquela estranha e deliciosa sensação percorrendo meu corpo outra vez.

Por que me controlar? Por que não fazer uma besteira. Ela deve estar querendo isso tanto quanto eu. E eu a quero muito.

Diminuo o espaço entre nós e seguro seu rosto entre as mãos. Noto sua respiração ficando cada vez mais rápida enquanto a sua boca se abre lentamente. Meu corpo responde imediatamente. Aproximo meu rosto mais um pouco e seu hálito quente toca a minha pele. Fecho os olhos e, quando estou prestes a tocar seus lábios com os meus, ouço-a inspirar profundamente e, para o meu espanto, se afastar.

— Boa noite, Daniel. — ela abre a porta e entra em seu quarto rapidamente.

O que aconteceu aqui? Ela não...?

Elena

— QUE MÚSICA é essa? — pergunto quando já estamos em algum lugar no meio da Itália.

— *Light my fire.* — encaro-o confusa. — *The Doors.*

— Não conheço.

— Você não ouve *The Doors*?

— Não.

— Pois deveria. Isso — ele aponta para o rádio. —, é um clássico. Meu pai sempre ouvia *The Doors* quando nós éramos crianças. Acho que aprendemos a gostar com ele. — Daniel sorri, e quando ele sorri desse jeito, sinto um frio na barriga. Sinto minhas pernas bambearem e meu coração acelerar. Às vezes, preciso desviar os olhos para conseguir respirar outra vez. *Por que eu não o*

beijei ontem? — Onde você fez faculdade?

— Duke. — quando respondo, ele me olha rapidamente e assente. — Eu queria ter ido para Columbia, mas fiquei sem coragem de me inscrever.

— Por quê?

— Essa é uma pergunta que eu não vou saber te responder. — e estou sendo sincera.

— Eu estudei em Columbia.

— Sérió

— Em Harvard também.

— Uau!

— É. — ele me lança um sorriso torto e fixa o olhar na estrada.

Durante todo o caminho, ouvimos músicas das quais ele gosta. Algumas eu conhecia, outras nunca ouvi falar. Mas acho que acabei sendo conquistada por todas elas. Só não posso admitir isso para que ele não fique convencido. Daniel me levou a lugares incríveis e, em apenas um dia, o Lago di Garda já havia me conquistado.

O lago e Daniel...

Deus do céu! Será que eu estou me apaixonando por ele?

— Elena?

— O que você falou?

Ele ri.

— Ainda não falei nada.

— Ah! Desculpa, eu estava distraída com a paisagem.

— Nós estamos parados no estacionamento do hotel.

— O hotel é lindo! — digo, disfarçando. Saio do carro rapidamente, tentando ignorar as batidas erráticas do meu coração. Encosto no porta-malas e fico encarando a antiga construção à minha frente. — Por que você insiste em se hospedar em hotéis cinco estrelas? — pergunto quando ele se aproxima.

— Porque eles são melhores.

— Isso não é verdade.

— Eu sei. — ele revira os olhos. — Eu prefiro me hospedar nesses hotéis, admito. — responde enquanto pega as malas.

— É um desperdício, você sabe. — Daniel apenas assente. Ameaço pegar minha mala da sua mão, mas um carregador surge sei lá de onde e leva nossas malas para dentro.

— Eu vou só tomar um banho e podemos jantar depois.

— Ótimo! Eu estou faminta.

Entro no meu quarto e me jogo na enorme cama de casal. Preciso acalmar meu corpo, mas é difícil quando seus olhos azuis não saem da minha cabeça.



Meia hora depois, enquanto termino de passar um pouco de rímel, Daniel bate à minha porta. Um sorriso surge em seus lábios assim que me vê e seus olhos me fitam sem demora, dos pés à cabeça, o que faz meu rosto corar.

— Você fica mais bonita de cabelo solto.

Acho que meu corpo inteiro está corado agora.

— Quer dizer que eu também sou bonita de cabelo preso?

Seus lábios estão se curvando para cima.

— Você precisa que eu diga que sim?

— Preciso. Eu posso ter problemas de alto-estima, sabe?

— Eu acho que não, mas já que você precisa ouvir... — ele inclina o pescoço na minha direção e para bem perto da minha orelha. — Você é muito bonita. — preciso apertar os lábios com força para não começar a sorrir feito boba. Daniel faz um sinal com a cabeça, para que eu saia do quarto e segura a minha mão durante todo o percurso até o terraço, onde fica o restaurante.

— Eu reservei uma mesa assim que chegamos.

— Claro que você reservou. — pisco para ele que sorri, descontraído.

O maître traz a carta de vinhos e, após alguns minutos de conversa com Daniel, ele vai embora, mas logo volta com uma garrafa nas mãos. Daniel fez a degustação e somente depois disso, o maître enche nossas taças.

— Não me diga que você é *sommelier*?

— Eu estudei enquanto morava em Milão.

— Você morou em Milão também?

— Durante um ano.

— Por isso você fala tão bem, quase não tem sotaque.

Ele levanta a taça e faz um brinde no ar. Repito seu gesto e bebo um pouco do meu vinho que é maravilhoso.

Um garçom traz os cardápios e eu começo a analisá-los, completamente perdida.

— Você quer que eu escolha para você?

— Por favor. — fecho meu cardápio e o coloco sobre a mesa. — As únicas palavras que eu entendo em italiano é *Buon Giorno*, *Ciao* e Nutella. E nem tem isso no cardápio. — ele ri, deleitando-se e não consigo desviar a atenção do seu pescoço. Muito menos da sua boca.

Por que sua boca tem que ser tão perfeita, Daniel?

O jantar é tipicamente italiano. Para a entrada, *Carpaccio* marinado com algumas ervas aromáticas. O primeiro prato é extremamente exótico e delicioso, risoto com menta e chocolate, eu não teria feito essa escolha, mas com certeza, esse é o melhor prato da noite.

O segundo prato é algum tipo de carne vermelha flambada com trufas e vegetais. Um pouco estranho, mas mesmo assim, delicioso. A sobremesa é sugestão do maître. Para mim, bolo quente de chocolate com creme de baunilha e para ele, *Tiramisu*.

— Troca comigo? — peço depois de comer metade do meu bolo.

— Trocar?

— Uhum.

Sorrindo, ele faz o que eu peço.

Depois do jantar, vamos até a piscina. A noite está muito quente, por isso, não perco tempo. Tiro a minha sapatilha e me sento na borda da piscina. O contato da água fresca nas minhas pernas é um alívio. Talvez não seja só o calor que esteja aquecendo meu corpo desse jeito. Tenho certeza de que não é só isso quando Daniel se senta ao meu lado e nossos pés se tocam dentro da água.

— Posso te perguntar uma coisa? — olho para ele e sinto que meu coração não sabe mais como bater corretamente. A intensidade do seu olhar me desconcentra. Acho que é por isso que não consigo encontrar a minha voz e apenas assinto para ele. — Você deixou alguém em Beaufort?

Abro a boca, surpresa com a sua pergunta.

— Alguém?

— Um namorado? — seu ombro toca de leve o meu. — Ou um príncipe?

— Ah! — não consigo conter uma risada, bastante nervosa por sinal. — Você não vai querer saber dessa história.

Ele arqueia uma sobrancelha e me encara com um sorriso enviesado.

— Acho que eu vou sim.

Encaro meus pés dentro da água, tentando criar coragem para falar sobre isso. Mesmo tendo certeza de que o que eu fiz foi o melhor para mim, não consigo afastar a vergonha por ter partido o coração de Adam, uma das pessoas mais incríveis e importantes da minha vida.

— Eu ia me casar.

— Casar? — sua voz está bastante surpresa. Continuo olhando para a água quando aquiesço. — E o que aconteceu?

— Eu fugi. — olho para ele receosa. Por algum motivo, estou nervosa e ansiosa pela sua reação.

— Você fugiu?

— Literalmente. Quando a porta da igreja se abriu, *pfff*... Acho que eu entrei em pânico.

— Você acha? — ele não está conseguindo segurar a risada e, sem querer, porque acho esse assunto sério demais, acabo rindo junto com ele. — Por que você não falou com ele antes ou...

— Eu tentei! — interrompo-o antes que ele pense que eu sou uma megera sem coração. — Eu tentei... — repito com a voz mais baixa. — Durante os dois últimos anos, eu tentei falar com ele, dizer tudo o que eu estava sentindo, mas ele nunca me ouviu. Adam nunca quis sair de Beaufort. Ele tinha seus motivos e eu compreendo todos eles, mas quanto mais o tempo passava, mais eu tinha certeza de que estava tomando a decisão errada. Eu o amava, ainda amo. Muito — e estou sendo muito sincera quanto a isso. —, mas não desse jeito. Ele foi o meu primeiro namorado, meu primeiro amor, meu melhor amigo. Só que... — dou de ombros sem saber o que mais deveria dizer. — Você deve estar me achando uma louca.

— Um pouco.

Faço um beicinho e ele pisca para mim, no mesmo instante em que o canto esquerdo de sua boca se curva para cima. Eu ainda vou perder os sentidos com esse sorriso torto.

— Eu quero muito mais e eu não encontraria isso em Beaufort.

— E o que você quer, Elena? — mais uma vez, ouvir meu nome dançando em seus lábios me faz perder o ar. E sua voz está mais baixa, mais rouca. Mais excitante? Respiro fundo e começo a falar, sem tirar meus olhos dos seus.

— Eu quero um tipo de amor que me consuma, que me faça sentir amada e desejada de verdade. Eu quero alguém que me abrace quando eu estiver triste e que ria comigo quando eu estiver feliz... — seus olhos vagueiam por meu rosto. — Eu quero alguém que ouça as minhas histórias loucas... — ele sorri, mas seu olhar não deixa a minha boca. — Eu quero alguém que me questione, mas que respeite as minhas escolhas e que me faça feliz todos os dias, não importa o que aconteça.

Durante segundos ensurdecedores, ele não diz nada. Tampouco eu. Nossos corpos estão mais próximos e sinto uma vibração diferente ao nosso redor. Não consigo desviar os olhos. Estou atraída por eles. Completamente atraída pela sua boca e por... Ele desvia o olhar e acho que meu coração perde uma batida.

— Você se arrepende? — ele está encarando a água. Sua voz parece ansiosa e isso acende alguma coisa dentro de mim outra vez.

— Não. — ele assente e tenho a impressão de que ele fica aliviado com a minha resposta, mas ao mesmo tempo, parece bastante incomodado.

— Eu acho melhor irmos dormir.

Concordo com ele, pois estou cansada de verdade depois de tantas horas na estrada. Concordo com ele mesmo quando todo o meu corpo pede o contrário.

Daniel

— NÓS PODEMOS trocar a música um pouco. — e antes que eu responda, ela conecta seu *Bluetooth* no rádio e The Beatles para de tocar.

— O que você vai...? — a resposta vem quando 'City of Angels' começa. Pelo menos ela não gosta de Bruno Mars, penso um pouco aliviado. Elena coloca os pés cruzados sobre o painel do carro e os balança no ritmo da música.

— Você gosta de 30 Seconds to Mars?

— Gosto, mas ainda prefiro os clássicos.

— Aquelas velharias? — viro o rosto rapidamente na sua direção. Ela não está me encarando, mas há um sorriso divertido em seus lábios.

— Nunca mais repita isso. — aponto o dedo em riste para ela que cai na gargalhada. Acabo de perceber que adoro o som da sua gargalhada. Adoro a maneira como seu pescoço se projeta para trás deixando à mostra sua pele clara e

macia. Sinto um leve formigamento nas pontas dos dedos.

— Onde nós estamos?

— Sirmione. Não podemos entrar de carro. — estaciono na entrada da cidade e me viro para ela. — Eu preciso te dizer uma coisa — Ela tira os óculos de sol e me encara com o cenho levemente franzido. — Eu achei melhor passar a noite aqui, por isso fiz uma reserva ontem, mas todos os hotéis estão lotados e só... — dou de ombros antes de continuar. — Só tinha um quarto. — paro de falar e analiso seu rosto. Ela não parece estar com raiva, mas seu rosto está começando a corar.

— Você procurou em todos os hotéis? — aquiesço. — Até mesmo naqueles que não são cinco estrelas? — faço que sim e ela solta o ar, desviando os olhos por um instante. Quando volta a me olhar parece receosa. E ela nem imagina o quão perturbado eu estou só de imaginá-la dormindo ao meu lado.

— O quarto tem duas camas? — abro a boca para dizer que sim, mas não tenho tanta certeza disso. — Você só pode estar brincando comigo. — ela abre a porta e sai do carro. Eu faço o mesmo.

— Elena...

— Você está mentindo para mim?

— Não! É claro que não! — respondo ligeiramente magoado.

— Tudo bem. — pego as malas dentro do porta-malas e caminhamos até pelas estreitas ruelas de Sirmione — em silêncio — até chegarmos ao nosso hotel.



Meu corpo leva um choque quando ela sai do banho. Seus cabelos estão úmidos e caem em ondas apenas de um lado do seu pescoço. Ela usa um vestido claro e curto e seus pés estão descalços. Meu coração dá um pulo dentro do peito quando noto as unhas pintadas de vermelho. Não sei quando isso começou, mas é quase um fetiche.

Preciso me lembrar como é respirar.

— Nós vamos comer no quarto? — pergunta quando nota a mesa arrumada próxima da varanda.

— Achei que você gostaria de comer com essa vista.

— Achou certo. — ela vai até a mesa e pega a única rosa amarela que está dentro de uma garrafa de vidro no centro da mesa. Leva até o nariz e inspira profundamente. — Eu adoro rosas amarelas.

— Pensei que todas as mulheres gostassem das vermelhas.

— Eu não.

É claro que não!

Porque ela é diferente de todas as outras mulheres e acho que isso está começando a me assustar. Estamos viajando juntos há cinco dias e a todo o momento, a única coisa em que consigo pensar é em beijar a sua boca macia e a pele quente do seu pescoço — tenho certeza de que sua pele é quente — preciso deslizar minhas mãos por suas costas enquanto a abraço e colo meu corpo ao seu. A cada dia, está mais difícil me controlar perto dela.

— Daniel?

— O quê? — ela aperta os lábios e me encara com a testa levemente franzida. Sento-me em uma cadeira e ela faz o mesmo, ficando de frente para mim.

— Você nunca me disse nada sobre... — seus olhos se voltam para a vista além da sacada e depois, para mim outra vez. — Você tem alguém esperando por você?

Engulo em seco e todos os meus músculos se contraem.

— Por que você quer saber sobre isso?

— Por quê? — tenho a impressão de que ela está fazendo essa pergunta para ela mesma. — Não sei eu só... Quer dizer... — ela aponta para mim com uma das mãos. — A única coisa que eu sei sobre você é que você é de Nova York, fez duas faculdades e gosta de músicas velhas.

Ela me faz sorrir, mesmo que falar sobre mim me incomode tanto.

— Nós deveríamos comer antes que a comida esfrie.

— Ótima maneira de ignorar a minha pergunta. — Elena coloca uma generosa porção de macarrão ao sugo em seu prato e dá de ombros, como se estivesse falando com ela mesma.

Pego um pedaço de pão e coloco na boca, mas acabo de perder a fome. Bebo mais da metade da minha taça de vinho e a encho outra vez. Esse silêncio está alto demais e está me deixando louco, principalmente porque a garota que eu quero beijar está sentada bem à minha frente enquanto Anna e as suas palavras não deixam a minha cabeça. Nem o meu coração. E a dor e a culpa

ficam ainda maiores. O som dos talheres caindo sobre o prato chama a minha atenção.

— Você não vai me contar nada mesmo? — engulo em seco outra vez e nego. — Nadinha?

— Não.

— Por quê?

— Porque eu não... — solto o ar com força. — Eu não gosto de falar sobre...

— Você também partiu o coração de alguém! — sua constatação, mesmo que ela esteja tentando aliviar o clima, faz meu corpo todo tremer.

— Elena? — quero que ela pare antes que eu perca a cabeça.

— Por favor?

— Não. — ela está quase suplicando e se eu não estivesse tão nervoso, poderia rir do seu rosto.

— Só uma coisinha.

— Você sabe ser insistente.

— Pode apostar que sim. — ela coloca a taça na boca e me encara através do vidro.

— Tudo bem, eu... — bebo um pouco de água porque de repente, minha garganta ficou seca demais. — Eu deveria estar me casando, agora mesmo. — Elena cospe o vinho e engasga.

— Uau! — ela limpa a boca com o guardanapo. — Você sabe como começar a contar uma história.

— Você perguntou.

— Mas eu nunca imaginei que você fosse me dizer isso. — ela apoia os cotovelos na mesa e sussurra: — Você deveria estar se casando tipo agora?

— Agora. — bebo o restante do meu vinho e torno a encher a taça.

— Você fugiu também? — seus olhos me fitam curiosos.

— Não. — e nesse momento sou obrigado a sorrir. Porque quando ela sorri para mim e me encara com esses imensos olhos verdes, não consigo me controlar.

— Espera! — ela espalma as duas mãos no ar. — Você disse que nunca se apaixonou... — assinto, tentando compreender aonde ela quer chegar. — Por que

você se casaria com alguém sem estar apaixonado?

— Algumas vezes não temos escolhas.

— Eu discordo. Olhe só onde eu estou agora.

— Nosso relacionamento era bastante complicado.

Complicado demais para te explicar. Complicado demais até mesmo para mim.

— Você deve ter acabado com a vida dela. — eu sei que ela está brincando, mas não consigo deixar de pensar em o quanto isso é verdade. Elena sequer imagina o quão certa está, mas pelos motivos errados. Essa constatação, vinda repentinamente de uma pessoa que é tão inocente em relação ao meu passado é dolorosa, e apenas me lembra de todas as responsabilidades que eu tenho, bem longe daqui.

— Foi melhor assim — falo encerrando o assunto e ainda buscando me convencer. — Eu esqueci meu computador no carro e preciso trabalhar um pouco... — fico em pé e aponto para a porta. — Eu só vou... — ela me encara com a testa encrespada. Não espero que ela diga nada. Saio do quarto e tudo o que busco do lado de fora é um pouco de paz.

Mas há muito tempo eu não sei o que é isso.

Elena

QUANDO ABRO os olhos ainda está amanhecendo, tímidos raios de sol invadem o quarto através da fina cortina branca. Olho ao redor — mais precisamente para a cama ao lado da minha — e percebo que ela está vazia, porém desarrumada. O que quer dizer que ele dormiu aqui. Estava tão cansada ontem que acabei desmaiando depois que ele inventou aquela história absurda de pegar o computador no carro. Não vi a que horas ele voltou. Dou uma olhada geral no quarto, apenas para ter certeza de que suas coisas continuam aqui. Sorrio aliviada quando percebo que sim.

Vou até a varanda e me espreguiço demoradamente. O céu ainda mantém tons alaranjados. Resquícios do início da manhã. Corro até a minha bolsa dentro do quarto para pegar a minha câmera no mesmo instante em que a porta do

quarto se abre. Daniel entra todo suado e o chão se move sob meus pés. A camiseta cinza que ele usa está colada ao seu corpo dando-me um vislumbre do seu abdômen definido. Definido demais. O quadril estreito é acentuado pela calça de moletom preta e...

— Bom dia. — ele passa por mim e se abaixa para pegar uma garrafa de água dentro do frigobar. Meus olhos o seguem de maneira quase obsessiva e isso é ridículo *pelo amor de Deus!* — Tirando fotos?

— O quê?

Aquele sorriso torto me deixa ainda mais atordoada. Ele inteiro me deixa atordoada. *Respire, Elena! Apenas respire!*

— O dia está muito bonito hoje, pensei em fazermos um passeio de barco. — ele levanta a barra da camisa e enxuga o rosto suado com ela. Meus olhos se perdem naquele 'V'. — O que você acha?

— Acho do quê?

— Você está bem?

— Claro, eu só... Eu... — agito uma mão no ar e saio para a varanda. Somente quando chego lá, percebo que não estou respirando. Daniel vem atrás de mim e se posta ao meu lado. Seu braço suado roça de leve no meu e uma borboleta bate as asas dentro da minha barriga. E depois outra e mais outra.

— Eu acho que nós poderíamos ir embora amanhã, passar em Verona outra vez e depois Florença. Você vai gostar de ver a plantação de girassol em Siena e caçar trufas pela região. — faço que sim com a cabeça e dou um passo para o lado. — Você tem certeza de que está bem

Não consigo encará-lo. Tenho certeza de que meu rosto está mais vermelho do que um tomate. Seguro a minha câmera com força, para que ele não note que minhas mãos estão tremendo e finjo fotografar a paisagem — mesmo que eu não esteja enxergando nada.

— Impressão sua.

Ainda sinto seus olhos em mim.

— Tem mais uma coisa que eu queria te perguntar.

— O quê? — acho que acabo de fotografar um pássaro.

— Depois de Milão você já...? — ele limpa a garganta e isso chama a minha atenção porque sua voz não parece tão confiante. Parece ansiosa. Abaixo a câmera e me viro para fitá-lo melhor. Só preciso manter o foco no seu rosto. — Você já sabe para onde vai depois de Milão?

Dou de ombros.

— Não sei. Talvez Paris.

Ele assente, olha para além dos meus ombros e volta a me encarar. E dessa vez, seus olhos estão ainda mais intensos e brilhantes.

— Eu queria que você fosse para São Francisco comigo.

— São Francisco? — ele assente. Uma mecha do meu cabelo cai na frente dos meus olhos e ele não hesita em colocá-la atrás da minha orelha. *Acho que não sei mais como respirar.*

— Eu também tenho uma reunião lá.

— Mas eu quero conhecer Paris.

— Nós podemos ir para lá depois ou...

— Nós? — pergunto confusa e excitada ao mesmo tempo.

— É. — ele se aproxima um pouco mais e dessa vez, meu coração perde a cadência. — Nós.

— Isso é... — meus olhos se perdem na sua boca. — Tentador.

— Eu sei. — ele engole em seco e tenho a impressão de que ele vai me beijar. Eu consigo sentir o desejo na maneira com que ele me olha e na maneira como sua boca se abre. Sinto isso na maneira como ele respira. Mas ele não me beija e o momento passa. Percebo isso quando ele fecha os olhos com força e, lentamente, se afasta. Viro-me para frente outra vez.

— Eu não sei. Não quero fazer tantos planos.

— Promete que vai pensar?

— Uhum.

— Mas você sabe que vai acabar dizendo sim.

— E eu posso saber por quê?

— Não sei, talvez porque eu seja irresistível — diz brincando e me lança uma piscadela. Quando eu não digo nada, Daniel passa a mão pelos cabelos e solta o ar pela boca com força. Quase frustrado. — Eu não sei, Elena. Eu só... — ele me dá um sorriso fraco e aperta um pouco os olhos. — Acho que eu não quero deixar de te ver e...

Sua voz falha na última frase. *As batidas do meu coração também.* Porque mesmo que ele não tenha me respondido nada. Eu sei exatamente o que ele quer dizer. Estou tão confusa quanto ele.

— Tudo bem. Eu vou. — aperto os lábios quando as palavras escapam.
— Que bom. — e posso sentir que ele está sendo muito sincero quando sorri para mim. — Eu vou tomar uma ducha rápida. — ele beija a minha testa rapidamente e atravessa as portas da sacada. Seu cheiro impregna em mim e preciso me sentar no chão quando minhas pernas perdem a força.

Eu estou muito ferrada e completamente apaixonada por ele!



Dois dias depois, voltamos para Verona, no mesmo hotel em que nos conhecemos. O humor de Daniel estava oscilando o tempo todo, desde o dia em que ele me pediu para ir para São Francisco com ele. Ontem, depois que jantamos com Isabella, ele pareceu ainda mais... Estou tentando buscar a palavra certa, mas nada me parece tão adequado quanto perturbado.

Nem mesmo a conversa que tive com Julieta hoje de manhã, antes de pegarmos a estrada, foi capaz de acalmar esse turbilhão de sentimentos que estão prestes a explodir para fora do meu peito. Aliás, às vezes tenho a impressão de que ela está apenas me pregando uma peça. Brincando comigo e com meus sentimentos.

Florença é uma agradável surpresa.

Principalmente porque ele me deixou escolher o hotel. E fiz questão que fosse no máximo três estrelas. Confesso que senti dor de estômago quando vi a fachada de pedras encardidas, mas os quartos eram grandes e a vista para o rio Arno e para a ponte Vecchio compensava tudo. Inclusive o velho piso de madeira que rangia a cada passo.

Quando saímos para a rua, já é um lindo fim de tarde. O sol está baixando no horizonte e a ponte Vecchio já está lindamente iluminada. Centenas de pessoas passeiam por ela, fazem compras e admiram as belas vitrines de joias ao longo de toda a ponte. E é nesse momento que uma pequena loja de porta verde e estreita chama a minha atenção. Solto a mão que Daniel segura e me aproximo.

Não sou o tipo de garota que gosta de joias. Nunca fui. Prefiro garimpar lojas de bijuterias na internet ou até mesmo fazer meus próprios brincos e pulseiras. Mas essa pequena pulseira de ouro com pingentes em forma de coração e intercalados por pequenas pedras de esmeralda, mexem comigo. Ela é

tão delicada e tão bonita que não sou capaz de desviar os olhos. Não percebo quando Daniel está parado ao meu lado.

— Você gosta?

— É linda, não é? — pergunto, virando-me para ele que assente.

— Experimente.

Tento negar, mas acabo cedendo quando ele pega a pulseira com a vendedora de meia idade e sorriso terno. Ela faz que sim com a cabeça, empolgada por talvez conseguir uma venda. Daniel segura meu pulso com delicadeza e prende a pulseira nele. Levanto um pouquinho o braço para poder observá-la melhor e é nesse instante que meus olhos se fecham na pequena etiqueta pendurada ao lado de um dos corações. Não consigo conter um assovio. Com a outra mão, tento tirar a pulseira, mas acho que estou tremendo. Não estou tremendo por causa do valor da pulseira, mas porque Daniel ainda está segurando meu pulso e essa sensação é intensa demais.

— O que foi?

— Só me ajude a tirá-la, por favor. — ele faz o que eu peço e entrego a pulseira para a doce vendedora. Despeço-me dela e caminho um pouco mais rápido. Quando chegamos do outro lado da ponte, Daniel pega a minha mão mais uma vez e me faz parar.

— Por que você saiu daquele jeito?

— Você não olhou para a etiqueta?

— Que etiqueta? — sua testa está franzida e ele me encara como se eu usasse uma tiara rosa com orelhas de gato e fluorescente.

— Aquela pulseira custa 689 euros.

— E daí?

— E daí? — repito sem acreditar que ele está me fazendo essa pergunta.

— Se você gostou, deveria ter comprado.

— Daniel. — coloco as mãos na cintura e o encaro séria — ou tento — porque já sinto meus lábios se curvando para cima. Meu pai sempre dizia que eu tinha o riso frouxo. E ele estava certo.

— Elena. — ele também está sorrindo, mas suas mãos estão nos meus ombros e tenho a impressão de que minha pele está queimando.

— É muito cara. — sussurro e Daniel franze a testa para mim, suas mãos deslizam por meus braços até chegarem às minhas mãos. Não sei como ainda

consigo me manter de pé.

— Sabe o que eu estava pensando?

— O quê?

— Você não me disse quantos anos tem.

— Vinte e três — respondo um pouco confusa com sua súbita mudança de assunto.

Ele assente.

— Quando é o seu aniversário?

— Eu faço... — e então percebo o que ele está fazendo. Balanço o dedo indicador na frente do seu rosto. — Eu sei o que você está tentando fazer. — começo a andar novamente e ele vem atrás de mim.

— Eu só quero saber — diz rindo.

— Então você vai ter que descobrir.

Depois de jantarmos em um aconchegante restaurante na Praça Duomo, voltamos para o carro e Daniel me leva até a Praça Michelangelo. Acho que de todos os lugares onde estive até agora, esse é sem dúvida, o mais bonito. O mais perfeito. Ver Florença inteira iluminada daqui de cima faz meus olhos marejarem.

— Obrigada — digo enxugando o canto dos olhos.

Daniel assente, como se compreendesse o que está passando dentro da minha cabeça. Até mesmo do meu coração e eu tenho certeza de que ele sabe. Tanto quanto tenho certeza do que ele sente por mim. Ele faz um sinal para que eu me sente no chão junto com ele e, quando dou por mim, estamos deitados de costas no chão. Sem cerimônias, ele segura a minha mão e a leva até seus lábios, depositando beijos quentes e demorados em todos os nós dos meus dedos. O céu está absurdamente estrelado. Um infinito de possibilidades me encara lá do alto, e a beleza poderia até me hipnotizar.

Mas o que me mantém presa, firme e completamente envolta é a constância da presença de Daniel ao meu lado, sua respiração compassada e seus lábios quentes contra a pele da minha mão.

Daniël

— ONDE VOCÊ estava? — assim que piso no último degrau da escada, ouço a sua voz. Elena está parada na porta em frente ao meu quarto e mantém as duas mãos na cintura. — Eu acordei praticamente de madrugada, sabia?

Escondo a pequena caixa preta de veludo no bolso da minha calça de moletom e me aproximo.

— Eu sempre tenho que bater à porta do seu quarto e te esperar porque você está sempre atrasada. — ela aperta os olhos, mas o canto direito da sua boca começa a se curvar para cima.

— Eu estou morrendo de fome. — aperto a boca para não rir, mas, acima de tudo, faço isso para não beijá-la porque nesse momento, ela está fazendo

beicinho. E meu corpo inteiro está despertando.

— Eu vou tomar uma ducha bem rápida e já te encontro lá embaixo.

— Bem rápido.

Entro no quarto, guardo a pequena caixa no fundo da minha mochila, tiro minha roupa de corrida e me enfio sob a água gelada. Mas nada é capaz de aplacar o desejo que estou sentindo por ela nesse momento.



Logo depois do almoço, Elena resolve que quer ir embora. Tento argumentar e dizer que ainda há uma infinidade de coisas para fazer em Florença, mas ela bate o pé. Diz que gosta de fazer apenas o que tem vontade e acabo concordando com ela porque eu também sou assim. Paramos em uma pequena cidade para caçar trufas e jantamos em Pisa. Mas o nosso destino é Siena.

— Meu Deus!

— O que foi? — pergunto quando ela estaca no meio da rua.

— Você disse que alugou um quarto nesse hotel?

— Dois quartos.

— Nesse hotel? — pergunta outra vez, apontando para o antigo prédio de tijolos à nossa frente.

— Você não gostou? — passo a mão pelos cabelos sem saber por que estou tão ansioso.

— É claro que eu gostei! — ela ri e empurra a velha porta de madeira. Eu a sigo. — É que você é tão cheio de frescuras quando o assunto é hotel.

— Talvez eu tenha mudado de ideia. Ou talvez tenha feito uma grande besteira — digo assim que dou uma olhada geral na recepção.

— Você quer ir embora? — ela se inclina na minha direção e murmura para que o recepcionista não nos ouça. E eu sei que ela está me testando.

— Não.

Estamos tão cansados nesse dia que acabamos não saindo. Depois que fizemos o *check-in*, ela foi para o seu quarto e não saiu mais. Eu passei a noite inteira encarando o teto e imaginando o que aconteceria se eu cedesse ao que estou sentindo. Será que eu conseguiria seguir em frente? Será que eu saberia ou

conseguiria ser o tipo de homem que ela merece? Acho que não.

No dia seguinte, resolvemos conhecer os castelos da região e degustar os vinhos e os queijos. *Castello Il Palagio* foi nosso quarto e último castelo daquele dia. Quando estamos na estrada, de volta para Florença, Elena recosta a cabeça no banco e adormece rapidamente. Coloco a mão na sua testa e noto que pequenas gotas de suor se formam próximo à raiz de seu cabelo. E ela está pálida, muito pálida. Quando pergunto se ela está bem ou se precisa de alguma coisa, ela só murmura um sim e volta a dormir.

Tenho que ajudá-la a sair do carro e praticamente carregá-la para dentro do hotel. Ainda bem que dessa vez reservei duas suítes no *Four Seasons* e não preciso carregá-la até o terceiro andar por estreitas escadas de madeira. Eu sei que é horrível dizer isso, mas continuo detestando hotéis que não sejam cinco estrelas.

— Você tem certeza de que está bem?

— Uhum. — ela apoia as costas na parede e espera que eu destranque a porta do seu quarto. — Desperdício, desperdício, desperdício — murmura e entra. — Eu acho que comi demais e estou precisando dormir um pouco.

— Eu vou estar no quarto ao lado. Se você precisar de alguma coisa me chama.

— Chamo — responde com os olhos fechados e, mesmo pálida e meio descabelada, só consigo pensar no quanto ela é linda.

— Promete?

— Prometo. — seus olhos parecem ligeiramente desfocados.

— Nós vamos pegar o trem para Milão às oito. Não se atrase, *okay*? Porque se eu perder essa reunião, meu irmão vai arrancar o meu fígado. Isso, se ele estiver de bom humor.

— Sim, senhor. — ela sorri, brevemente, e fecha a porta.



Uma chuva torrencial cai lá fora e o dia está escuro e frio, o que é muito estranho para essa época do ano. E Elena está atrasada. Muito atrasada. Olho a hora no meu celular outra vez e sinto uma pontada na testa. Minha veia está saltando sem parar. Entro no elevador outra vez depois de constatar que ela não está esperando por mim no saguão. Então por que não abriu a porta quando bati

alguns minutos atrás? Talvez estivesse no banho. Ou dormindo ainda. Solto o ar pesadamente e bato na porta com um pouco mais de força. Dessa vez a porta se abre.

Elena ainda está de pijama. Seu cabelo está um emaranhado só e seu rosto continua pálido. Ela ameaça dizer alguma coisa, mas coloca a mão na boca e corre para o banheiro. Vou atrás dela e a encontro vomitando. Seu corpo magro é tomado por espasmos severos e ela parece pestes a desmaiar. Aproximo-me devagar e, mesmo quando ela tenta me afastar, seguro seus cabelos e espero que tudo acabe.

— Desculpe. — pede se sentando no chão e limpando a boca com uma toalha. — Eu não sei o que aconteceu. Acho que foram todos aqueles queijos. Eu... — outro espasmo e rapidamente ela está ajoelhada de frente para o vaso outra vez.

— Você quer que eu chame um médico? — ela nega e volta a se sentar. — Será que você consegue...

— Ah, meu Deus — diz com a voz fraca e embargada. — A reunião.

— É. — esfrego a testa com força, tentando me acalmar. — Eu não posso deixar de...

— Eu não consigo sair daqui hoje. — abro a boca para dizer que ela precisa sair porque eu não posso faltar à reunião e também não posso deixá-la aqui, mas não falo nada quando ela ameaça se levantar. Ela está bastante fraca, por isso passo meu braço pela sua cintura e a ajudo a voltar para a cama. — Pode ir. Eu estou bem. — o que claramente não é verdade. Sento-me ao seu lado e ela me surpreende, deitando a cabeça no meu colo. — Mas você pode ficar só mais um pouquinho? Até eu conseguir dormir

— Posso.

Droga!

Enquanto acaricio seus cabelos com uma das mãos, uso a outra para enviar um email e uma mensagem para Paola, a vice-presidente da empresa de Milão. Apesar de ser minha amiga de longa data, ela não fica nada satisfeita com o que acabo de dizer.

Quando tudo fica resolvido e a reunião remarcada para daqui a dois dias, meu celular vibra sobre o criado-mudo. A veia na minha testa começa a saltar outra vez quando vejo o nome de Owen no visor. *Merda!* Eu enviei um email com cópia.

Solto a ar e caminho para fora do quarto no mesmo instante em que atendo a ligação.

— Não surta. — peço antes que ele diga qualquer coisa, mas ele já está surtando.

— Que porra você estava pensando? — rosna do outro lado. Sento no chão do corredor e apoio as costas na parede.

— Owen, deixe eu...

— Por que eu acabo de receber um e-mail seu pedindo para desmarcar uma reunião muito importante, porque você está enfrentando problemas pessoais?

— Porque eu estou mesmo.

— Eu posso imaginar o tipo de problema que está fazendo você estragar tudo.

— Eu não estraguei nada!

— Então responda a minha pergunta, *porra!*

— Eu conheci uma garota em Verona e...

— Verona? O que você está fazendo em Verona?

— Na verdade, agora eu estou em Florença.

— Eu reservei um hotel cinco estrelas para você em Milão, que diabos você está fazendo em Florença?

— Eu estou fazendo o que você me mandou fazer.

—Você está bêbado?

— Não! Você me disse para fazer o que eu quisesse e é exatamente isso o que eu estou fazendo.

— Eu não mandei você desmarcar a reunião e... — ouço-o soltar o ar com força e tenho certeza de que ele está se controlando para não socar a sua mesa de vidro. — O que você está fazendo em Florença, Daniel?

— Eu estou com uma garota e... — não acho que tenha que dar tantas explicações a ele sobre a Elena. — Enfim, ela acabou ficando doente e eu não posso deixá-la sozinha.

— Uma garota? Você desmarcou a reunião por causa de uma garota?

— Não é bem...

E antes que eu conclua a frase, Owen solta uma sonora gargalhada.

— Daniel Marshall está se dobrando por causa de uma garota!

- Cala a boca!
- Ela é bonita?
- Eu vou desligar!
- Espera! Quando será a reunião?
- Na sexta.
- Ótimo. Mantenha-me informado.
- Pode deixar.
- Sophie vai adorar saber que...
- Adeus, Owen!

Desligo o celular ouvindo o som da sua risada e encosto a cabeça na parede atrás de mim.

Essa garota está me desestruturando. Estou começando a acreditar que não conseguirei resistir a ela por muito tempo. E isso está me atormentando mais do que qualquer outra coisa.

Volto para dentro e encontro a cama vazia. A porta do banheiro está entreaberta, mas nenhum barulho vem de dentro dele. Coloco meu celular sobre a cama e dou uma espiada dentro do banheiro. Elena está deitada no chão com os longos cabelos caídos no rosto. Parece estar desmaiada.

- Ei. — vou até ela e tento pegá-la no colo, mas ela resiste.
- Não — diz com a voz quase inaudível. — Eu quero ficar aqui.
- Você está no chão do banheiro.
- Eu sei, mas a cama é muito longe daqui. — até falar parece difícil para ela.

Relutante, vou até o quarto, pego dois travesseiros e um grosso edredom. Estendo-o no chão frio e faço com que Elena role sobre ele. Apoio sua cabeça em um dos travesseiros e me deito ao seu lado. Não demora muito para que eu pegue no sono, acariciando a pele fria e macia de seu braço. Acordo com ela se aninhando em meu peito.

— Nós estamos deitados no chão. — murmura abraçando a minha cintura com um braço.

— Você me convenceu. — beijo seu cabelo e sinto quando ela sorri contra o meu peito.

- Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Você seria um ótimo príncipe.

Quando ela adormece outra vez, carrego-a até a cama e me deito ao seu lado. Não tão perto porque ainda estou tentando manter a cabeça no lugar. Mas não consigo tirar os olhos dela.

Elena

— NÃO! NÃO! NÃO!

Sento na cama ainda gritando e sinto alguém tocar meu rosto. Assustada e sem saber onde estou, encolho-me e abraço meus joelhos. Começo a inspirar e expirar bem devagar, tentando me acalmar, mas isso não está me ajudando. Os tremores não passam e as lágrimas escapam de meus olhos a todo instante.

— Está tudo bem.

Somente nesse momento percebo onde estou e que é Daniel quem está ao meu lado. Percebo que ele está envolvendo meu corpo com seus braços fortes e me apertado com força contra seu peito. Agarro sua camisa e tento trazê-lo para mais perto enquanto minhas lágrimas e meus soluços levam toda a dor que ainda mora dentro de mim. Mesmo depois de tantos anos.

— Desculpe. — peço enxugando o rosto com as costas da mão e me afastando um pouco. Daniel mantém as mãos no meu pescoço e seus polegares desenham pequenos círculos no meu queixo.

— O que aconteceu?

— Eu não... — desvio os olhos quando lágrimas se empoçam neles outra vez. — Minha mãe — digo com a voz trêmula.

— O que tem a sua mãe?

— Faz tanto tempo que eu não sonho com ela que...

— Você estava gritando, Elena e parecia bastante apavorada. Isso não foi um sonho.

— Não — murmuro com a voz embargada porque não foi apenas um sonho. Nunca era apenas um sonho.

— Você quer me contar? — nego com um discreto gesto de cabeça, tão discreto que ele não percebe. — O que aconteceu com seus pais? — sua voz é tão doce e tão tranquila que, pela primeira vez, desde que tudo aconteceu, não sinto que vou morrer se falar sobre isso.

— Meu pai morreu em um acidente de carro. — começo e ele assente. Seus olhos se movem por meu rosto, dando-me coragem para continuar. — Minha mãe se matou seis meses depois. — uma ruga profunda se forma entre suas sobrancelhas e ele solta o ar. Consigo ver no seu rosto que ele não sabe o que dizer. Ninguém nunca sabia o que dizer quando ouvia a minha história, mas não vejo pena. Vejo carinho e isso me dá coragem para continuar. — Eu estava com meu pai quando aconteceu. Eu tinha ido dormir na casa da Jess, mas acabei passando mal por causa de alguma coisa que comi e liguei para ele ir me buscar. Ele saiu correndo do jantar de gala que minha mãe o obrigou a ir. — dou uma risada triste e limpo o nariz com a manga da blusa. — Meu pai odiava esses eventos. Chovia tanto naquela noite que eu... — inspiro o ar com força quando um soluço ameaça irromper de minha garganta. — Chovia tanto e ele acabou... Meu pai perdeu o controle do carro e... — Daniel me abraça quando eu começo a chorar outra vez. — Eu não me lembro de nada. N-nada — digo contra seu peito e ele me aperta ainda mais. — Eu só me lembro do sorriso dele quando entrei no carro e dele dizendo que ia cuidar de mim.

— Quantos anos você tinha?

— Doze. — desprendo-me dos seus braços e ele segura a minha mão e eu gosto disso. Porque quando ele está assim tão perto, sinto-me mais forte. Melhor. — eu passei três dias no hospital e minha mãe não foi me ver um dia sequer. Eu

entendia que ela estava triste, mas eu precisava dela, sabe? — ele aquiesce. — Quando eu voltei para casa, ela não falou comigo. Nem quando eu segurei a sua mão durante o funeral. Ela não olhou para mim em nenhum momento. Então, uma noite, eu tive o meu primeiro pesadelo com o acidente e corri para o quarto dela em busca de conforto e... Se você visse a maneira como ela me olhou, cheia de ódio. Ela disse que a culpa pela morte do meu pai era minha.

— Não...

— Eu sei que não era, mas aquilo mexeu tanto comigo que eu só conseguia pensar que ela tinha razão. Se eu não tivesse passado mal, se ele não tivesse...

— Não diga isso. — ele acaricia meu cabelo e meu rosto enquanto nega com a cabeça. — Você era só uma criança.

— É. — concordo um pouco irônica. — Eu era só uma criança e ela não cuidou de mim. — balanço a cabeça e fecho os olhos por um pequeno instante. — Essa foi a última vez que minha mãe falou comigo e eu a vi poucas vezes porque ela não queria me ver. Passava dia e noite trancada no quarto até que um dia, ela se enforcou.

— Eu sinto muito, amor. — a intensidade com que as palavras saem da sua boca, faz meu coração falhar. Tento ignorar o fato de que ele acaba de me chamar de amor, mas meu corpo não compreende isso. Tampouco o dele. Seu corpo parece vibrar em contato com o meu.

— Fazia tanto tempo que eu não tinha pesadelos.

Ele me abraça e beija meus cabelos.

— Eles sempre dão um jeito de voltar.

Daniel não está falando apenas sobre o meu pesadelo. Quero perguntar o que ele quer dizer, mas suas palavras me interrompem.

— Já está escuro lá fora.

— Quanto tempo eu dormi?

— Nós dormimos. — ele me corrige e pega o celular ao lado da cama. — São nove da noite.

— Você não foi para Milão? — pergunto completamente confusa.

— Não, eu remarquei a reunião para sexta, mas — ele toca a ponta do meu nariz com o dedo indicador. —, nós vamos amanhã. Só para garantir. — concordo rindo. — Você acha que consegue?

— Consigo. E desculpe por hoje.

— Não tem problema.
— Eu acho que vou tomar um banho.
— Eu vou para o meu quarto, deixar você mais a vontade.
— Tá. — ele beija a minha testa e se levanta. Não quero que ele vá embora.
— Daniel? — chamo quando ele já está abrindo a porta.
— O quê? — ele se vira e dá um passo na minha direção.
— Você pode ficar comigo hoje? Não quero dormir sozinha.
Ele vacila, engole em seco e passa a mão pelo cabelo. Demora tanto que tenho medo da sua resposta.
— Eu só vou buscar alguma coisa *pra* gente comer.
Faço que sim sentindo uma incrível sensação de tranquilidade tomado conta de mim.



No dia seguinte, logo depois do café da manhã, pegamos um trem para Milão. Daniel não diz uma palavra durante todo o percurso e muitas vezes, não responde o que eu pergunto. Está distante e eu diria até mal-humorado.

Tenho certeza disso quando ele se tranca no quarto dizendo que precisa trabalhar. Dou uma volta pelas ruas próximas ao hotel, mas estou agitada demais para ficar sozinha. Eu quero conversar. E quero conversar com ele. Bato à porta do seu quarto e depois de setenta e cinco segundos — acho que eu estou ansiosa também — ele surge na minha frente.

— Oi — digo timidamente quando noto uma veia saltada na sua testa. — Você vai ficar aqui o...

— Eu tenho que trabalhar. — paro de falar quando ele me interrompe com a voz ligeiramente ríspida e volta para a escrivaninha. Odeio essa versão dele e odeio que isso esteja me afetando tanto a ponto de um nó se formar na minha garganta.

— Eu não queria atrapalhar.

Saio do quarto batendo a porta e, de braços cruzados, avanço pelo imenso e luxuoso corredor do hotel. Estou parada em frente ao elevador quando ele sai do quarto.

— Elena, espera! — diz caminhando a passos largos.

— Eu vou sair para comer alguma coisa. — não olho para ele, mas sei que ele está perto porque consigo sentir a vibração entre nós. O elevador chega e quando ameaço entrar, ele segura meu braço, impedindo-me de continuar.

— Desculpe por aquilo, eu só estou um pouco...

— Chato.

— Chato?

— E mal-humorado também. — ele assente. — Você não está falando comigo desde que deixamos Verona e eu odeio que não falem comigo. — a tensão em seu rosto começa a se dissipar e os cantos de sua boca se curvam para cima. — E eu estou com fome e não queria ter que comer sozinha. — Daniel solta uma risada alta e sonora. — Eu sabia que Daniel estava aí em algum lugar.

Ele ri ainda mais e eu me apaixono por sua risada. *Eu me apaixono um pouco mais por ele.*

— O que você quer comer?

— Hambúrguer — digo empolgada, já sentindo o gosto na minha boca. — Estou sedenta por um hambúrguer.

— Não. — ele faz uma careta e nega.

— O quê?

— Você passou mal ontem, não vou deixar você comer hambúrguer hoje. — abro a boca para dizer que até acho fofo da parte dele se preocupar assim comigo, mas mudo de opinião quando ele volta a falar. — E hambúrguer não é comida de verdade.

— Deus do céu! Quantos anos você tem? — pergunto brincando por causa do seu comentário.

Sorrindo de canto e de um jeito travesso, ele dá um passo na minha direção.

— Trinta e dois.

— Sério? — franzo a testa e ele assente. — *Uau!*

— O que é esse 'uau'?

— Você é muito velho. — provoco-o — Agora sou capaz de entender todas essas crises de humor.

Uma pequena sombra passa por seus olhos no mesmo instante em que sinto um frio estranho e desagradável na boca do estômago.

— Meu humor não tem nada a ver com a minha idade. — e do mesmo jeito

que a sombra chega, ela parte. — Vamos logo comer esse hambúrguer antes que eu mude de ideia.

Ele segura meu braço e me puxa para dentro do elevador. Não consigo ignorar seu toque em minhas mãos durante todo o caminho. Também não ignoro seus olhares cada vez mais intensos quando ele acha que não estou olhando para ele. Não sou capaz de ignorar o fato de que meu coração já é dele.



— Você sabe escolher bons restaurantes. — saio do elevador e ele vem atrás de mim. Não estou olhando para ele agora, mas sei que ele está sorrindo. Posso sentir isso. — Foi o melhor hambúrguer que eu comi na vida.

— Você é muito exagerada, sabia? — olho para trás e minhas pernas vacilam porque sim, ele está sorrindo. Pego meu cartão no bolso de trás da calça e destravo a minha porta. Estou prestes a olhar para ele outra vez e me despedir quando ele me chama. O sorriso desapareceu e ele parece ligeiramente ansioso.

— Eu provavelmente vou ficar o dia todo amanhã, mas — ele dá um passo à frente. — eu gostaria te levar para jantar.

— Você está me convidando para jantar?

— Bom, mais ou menos porque acho que estamos fazendo isso desde que nos conhecemos.

— É verdade, mas com esse convite podemos dizer que isso é um encontro?

Ele apoia uma mão na parede, bem ao lado da minha porta e meus olhos seguem atentos seus movimentos.

— Acho que isso é um encontro — diz com a voz mais baixa e o olhar penetrante. Não consigo conter um sorriso e isso é frustrante porque Daniel não está sorrindo, ele continua apenas me encarando. — Eu envio uma mensagem para você durante o dia confirmando o horário e o lugar.

— Vou aguardar ansiosa. — pisco para ele, provocando-o e o sorriso volta ao seu rosto. — Boa noite, Daniel.

Ele se inclina, beija meus cabelos de forma lenta e carinhosa e vai para o seu quarto sem olhar para trás.

Daniël

ELA ESTÁ quarenta minutos atrasada.

Eu estou quase entrando em parafuso.

Primeiro, porque ela não atende ao celular e não gosto de pensar nela sozinha por aí. Segundo, porque estou ansioso *pra* caralho. Elena está me fazendo questionar tudo. Meus sentimentos, principalmente. *Ela está me fazendo questionar todas as minhas escolhas.*

Passo a mão pelos cabelos enquanto tento ligar para ela mais uma vez. Vai direto para a caixa postal. Solto o ar com força. Vou para o bar do restaurante, peço uma dose de uísque e bebo tudo de uma vez só. Estou prestes a voltar para o lado de fora quando meu coração dá um salto. E é tão forte que sinto a necessidade de levar a mão ao peito, mas não faço isso. Não consigo fazer isso porque meus braços não se movem.

Elena está parada na entrada do restaurante, conversando com a hostess. E *Deus do céu!* Ela está... Acho que linda não faria jus a ela.

O vestido preto e curto que ela usa cai perfeitamente no seu quadril. Suas pernas ficam ainda mais perfeitas com os saltos da sua sandália preta e delicada. Mesmo de longe, sou capaz de ver que as unhas de seus pés continuam vermelhas e isso me faz estremecer.

Lentamente, caminho na sua direção e, quando seus olhos encontram os meus, percebo que não estou respirando.

— Oi — diz timidamente.

Só consigo sorrir enquanto seguro seu rosto entre as mãos e beijo a sua testa, demoradamente. Ela inspira com força e sinto seu corpo vibrar.

— Desculpe o atraso. — pede quando me afasto e é muito difícil fazer isso. Quero ficar perto dela o tempo todo. — Eu me confundi falando com o motorista. Fui parar do outro lado da cidade... — ela franze a testa. — Eu acho.

— Não tem problema. Eu só precisei subornar aquela hostess mal-humorada umas três vezes. — seus olhos vão até a loira atrás de nós e em seguida se voltam para mim. Há certo divertimento no sorriso que ela me lança. — Vamos?

Ela assente e eu coloco a mão nas suas costas, para conduzi-la. Nesse momento, sou surpreendido por um decote que acaba na sua cintura.

— Exagerei?

— Nem um pouco. — inclino o pescoço até encontrar seus ouvidos. — Você está perfeita. — ela estremece e a pele de suas costas aquece sob a minha mão.

— O que você fez hoje? — pergunto puxando a cadeira para que ela se sente.

— Pinte as unhas das mãos quatro vezes. — ela levanta a mão direita para que eu veja. — Tentei arrumar meu cabelo — ele está preso na lateral do seu pescoço, caindo em ondas sobre seu colo. É difícil desviar os olhos da pele exposta do outro lado. — E fiquei bastante entediada. — sorrio e bebo um longo gole do meu vinho. Olhar para a sua boca tão perfeita e tão vermelha está me fazendo perder o juízo.

— Não tanto quanto eu.

— A reunião foi tão chata assim?

— Essas reuniões sempre são chatas, mas não foi isso o que me deixou

entediado.

Ela olha para mim com uma pequena ruguinha no canto do olho esquerdo.

— O que te deixou tão entediado? — sua voz está baixa e ligeiramente rouca e isso mexe comigo. Isso mexe muito comigo.

— Acho que senti falta das suas histórias. — e *de você também*.

Seus lábios começam a se curvar para cima.

— Você sentiu a minha falta.

— Não — digo tentando parecer relaxado, mas a minha voz está estranha. Eu estou estranho. — Eu senti falta das suas histórias, não fique tão convencida.

Seu sorriso fica maior e o buraco dentro do meu peito também. Porque cada vez que ela sorri. Cada vez que percebo o quanto o seu sorriso mexe comigo e o quanto sinto vontade — ou necessidade — de ficar ao seu lado, mais eu percebo o quanto estou fodido. Porque ela nem imagina o tanto de bagagem que trago comigo e o quanto tudo isso vai acabar com ela.

E comigo também...

Por que eu estou tão apaixonado por você, Elena?



— Nós podemos caminhar um pouco? — peço assim que atravessamos as portas do restaurante.

— Caminhar?

— A noite está quente e as ruas estão cheias. Seria um desperdício voltar para o hotel agora. — *e eu não quero ter que me separar de você ainda*.

— Você tem certeza? Eu estou de salto e isso é muito perigoso. — ela me lança uma piscadela. Inclino meu pescoço na sua direção e sussurro bem perto do seu rosto.

— Eu seguro você. — dessa vez ela não sorri, mas sinto uma vibração diferente entre nós. Sinto seu corpo respondendo ao meu do mesmo jeito que o meu responde ao dela.

Elena passa seu braço pelo meu e começamos a caminhar pelas movimentadas ruas de Navigli. Todos os restaurantes estão lotados e há conversa e música por toda a parte. Mas a única coisa que consigo ouvir nesse momento é o meu coração. Ele está batendo descompassado, alto, como se precisasse

realmente ser ouvido.

— Essa música. — ela para de andar e seus olhos se fixam na garota ruiva que canta acompanhada apenas de um violão. A voz dela é incrível, a letra é incrível, mas nada se compara a garota de olhos verdes ao meu lado. Nada se compara ao sorriso que estampa seus lábios.

Nada se compara a Elena.

Minhas mãos estão formigando quando me coloco à sua frente. Ela me encara um pouco confusa e ansiosa. Seguro uma de suas mãos e a levo até a minha boca, beijo os nós dos seus dedos lenta e carinhosamente, sem tirar meus olhos dos seus. Sua respiração fica mais rápida. Decoro seu cheiro e a maciez de sua pele contra a minha boca.

Seguro a sua cintura com a outra mão e a puxo de encontro a mim. Timidamente, ela entende o que eu quero e leva sua mão livre até o meu ombro, apoiando a cabeça em meu peito. A sensação de tê-la assim, tão perto é tão diferente de tudo o que eu já experimentei. É tão certo a ponto de me fazer questionar qualquer escolha que eu tenha feito até agora. É tão boa que sei que eu nunca mais saberei viver sem isso. *Sem Elena.*

— Você dança muito bem. — ela levanta a cabeça para mim e só consigo assentir. Só consigo encarar a sua boca. Só consigo pensar em beijá-la. Nossa respiração acelera junto com o ritmo da música. As batidas do meu coração também.

— Você está linda, Elena. — aproximo ainda mais meu rosto do seu. Minha mão sobe lentamente por suas costas nuas até parar em seu pescoço. Ela estremece com o toque. Eu estremeço com a intensidade do seu olhar. Sinto o ar entrando com mais dificuldade. Sinto meu corpo queimando por ela. Solto sua mão e, bem devagar, acaricio a pele do seu braço, do seu ombro, até parar em seu pescoço. Meus olhos se fecham quando meus polegares tocam a pele quente logo abaixo do seu lábio inferior.

Eu estou prestes a fazer a maior e melhor besteira da minha vida.

Aproximo meu rosto um pouco mais. Seu hálito quente faz cócegas na minha pele e não consigo mais resistir. Meus lábios resvalam nos seus e é como se tivessem arrancado o meu chão. Olho dentro dos seus olhos e me afasto, apenas para poder decorar o verde dos seus olhos, que agora, está mais escuro. Afasto-me um pouco mais e acaricio a pele do seu rosto, apenas porque ele é perfeito e eu poderia ficar olhando para ele pelo resto da minha vida. Afasto-me, porque preciso tentar organizar toda essa confusão que se instalou dentro de

mim. Afasto-me porque eu... Eu preciso me afastar.

Aperto seu rosto com um pouco mais de força enquanto a batalha que travo dentro do meu peito me deixa ainda mais confuso.

— O que você está fazendo comigo? — pergunto contra seus lábios, ainda hesitante. Ainda desejando beijá-la mesmo quando sei que não devo. Ela não responde, até porque não existe uma resposta para isso.

— Daniel... — há tanto desejo na sua voz que meu coração perde uma batida. Meu coração se lembra de tudo e é por isso que me afasto. É por isso que, mesmo sem querer, acabo magoando-a.

— Eu não posso — digo apoiando a minha testa na sua. Vejo a decepção no seu olhar e as lágrimas brilhando dentro dos seus olhos. Sinto seu corpo se retesando contra o meu e a tristeza tomando conta do seu rosto. Suas mãos caem ao lado de seu corpo e um soluço baixo escapa de sua garganta.

Ela se afasta rapidamente e me encara, esperando por uma explicação que não vem. Porque eu simplesmente não posso dizer a verdade para ela. Não agora. Não quando a verdade significa não vê-la mais. Eu sei que estou sendo um babaca egoísta. Sei que estou fazendo tudo errado, mas eu simplesmente não consigo.

— Eu preciso... — ela não é capaz de terminar a frase. Balança a cabeça, enxuga uma lágrima que desce por sua face, me dá as costas e começa a andar a passos largos e urgentes, avançando pela multidão. Durante alguns segundos não consigo me mover.

— Elena? — tento puxá-la quando consigo alcançá-la, mas ela puxa o braço e avança ainda mais para a direção errada. — Elena, espera! — dessa vez consigo segurar a sua mão e quando a viro de frente para mim, sinto meu coração se partir. Há tanta dor e tanta tristeza em seu rosto.

— Apenas me deixe ir, por favor? — há também súplica na sua voz.

— Eu vou levar você. — ela tenta negar, mas não deixa. Faço sinal para um taxista que acaba de deixar duas passageiras e entramos no carro. O percurso até o hotel é silencioso e arrasador e isso acaba comigo. Já machuquei muita gente ao longo desses anos, principalmente àquelas que são mais importantes na minha vida. Mas nunca me senti tão mal ou arrasado quanto hoje.

Quando entramos no hotel, Elena pega seu cartão com o recepcionista sem dizer nada e avança pelo corredor até o elevador. Consigo alcançá-lo e coloco o braço entre as portas para conseguir entrar. Ela enxuga o rosto e encara o chão.

— Elena?

— Não diz nada, por favor? — a raiva e decepção por detrás de sua voz faz meu peito afundar ainda mais. Por que eu não conto tudo para ela e acabo de uma vez com tudo isso? Por que eu estou fazendo isso com ela?

Porque você é um filho da puta de um covarde.

Quando as portas se abrem, ela sai sem olhar para trás.

Todo o meu corpo grita para que eu vá atrás dela. Grita para que eu a faça minha. Mas meu coração não me deixa sair do lugar.

Elena

POR QUE eu fui me apaixonar por ele? Por quê?

Passo a noite chorando e repetindo a pergunta na minha cabeça. Mas acho que não há resposta para isso, somente o fato de que eu sou uma idiota que vê apenas o que quer. Porque apesar de tudo o que já passei, continuo sendo aquela garotinha que ainda acredita em príncipe encantado.

Já passa das duas da manhã quando adormeço, exausta, e sonho com ele. E é tão real e tão palpável, que sinto como se tudo estivesse realmente acontecendo. E no meu sonho, ele não foge. No meu sonho, ele me toma nos braços e me beija. No meu sonho ele também está apaixonado por mim.

Desperto com lágrimas escorrendo por meu rosto no mesmo instante em que batidas à porta chamam a minha atenção. Eu sei que é ele, mas ainda não

quero vê-lo.

— Elena? — ele bate com um pouquinho mais de força. Olho pela janela e percebo que ainda não amanheceu. Penso seriamente em não abrir a porta, deixá-lo esperando até que ele desista, mas meu coração não quer isso. E ele também não porque parece que não vai desistir. — Elena? — chama mais uma vez e eu me levanto.

Somente quando abro a porta percebo que ainda estou usando o vestido da noite anterior. Devo estar toda borrada também. Daniel sorri para mim e é um dos sorrisos mais tristes que eu já vi. Um sorriso amargo que deixa seus olhos cobertos por sombras escuras.

— Eu quero te mostrar uma coisa. — inspiro profundamente e me preparo para dizer que não vou a lugar algum com ele, mas ele me interrompe com a voz suplicante. — Por favor?

Relutante, faço que sim e peço para que ele espere um pouco. Fecho a porta, tiro o vestido e coloco um jeans confortável e meu tênis marrom. Sei que está quente lá fora, mas visto uma camisa leve de manga comprida. Lavo meu rosto, que está assustador, escovo meus dentes e prendo meu cabelo do jeito que dá.

Quando deixo o quarto, encontro Daniel sentado com as costas apoiadas na parede. Ele está arrasado.

— Aonde nós vamos? — pergunto colocando meu cartão no bolso de trás da calça. Ele fica em pé e coloca as mãos nos bolsos.

— Eu preciso te mostrar uma coisa.

Ele não disse 'eu quero'. Ele disse 'eu preciso'. E pela maneira como ele me encara sei que isso está sendo muito mais difícil para ele do que eu posso imaginar. Também sei que ele está tentando, apesar de não saber fazer isso direito sei que ele quer, de alguma maneira, me fazer enxergar tudo o que ele está tentando esconder.

Fizemos uma caminhada de cerca de trinta minutos até o Monte Stella. Sei que esse é o nome do parque porque vi uma placa e não porque Daniel falou comigo. Ele não disse uma palavra desde que deixamos o hotel. Quando encontramos um banco ele sai da trilha e se senta. Faço o mesmo, mantendo uma distância ampla e segura. Quanto mais longe eu ficar dele, melhor para mim e para o meu coração.

O céu está começando a mudar de cor. O sol parece tímido ao despontar no horizonte, mas aos poucos, vai ganhando espaço entre as nuvens levemente

acinzentadas. Aos poucos, a escuridão vira luz e a sombra que parecia estar prestes a levar o brilho do azul dos olhos de Daniel, desaparece. Aos poucos ele se aproxima de mim e pega a minha mão.

Minha respiração falha quando ele leva a minha mão até a boca e a beija demoradamente.

— Eu gosto de ver o sol nascer — diz, olhando para frente. — Eu saio para correr todas as manhãs quando ainda está escuro e me sento em algum lugar para observar o sol nascer. — então ele me olha e tenho a impressão de que seus olhos estão marejados. Aperto a sua mão e ele sorri, um sorriso fraco que não chega aos seus olhos e, quando volta a falar, sua voz está mais baixa. — É o melhor momento do dia para mim. — sua voz falha um pouco, mas ele logo se recompõe. — É como se a cada dia eu tivesse uma nova chance de fazer tudo diferente, melhor.

— Daniel... — ele me interrompe.

— Eu estou tentando, Elena.

— Fale comigo.

Ele olha para mim frustrado. Suas olheiras estão escuras e profundas.

— Eu quero te contar tudo, eu preciso te contar tudo. Só... — ele aperta a base do nariz com força. E quando volta a me olhar, parece ainda mais cansado. — Eu não consigo fazer isso agora.

Engulo em seco enquanto minha cabeça começa a trabalhar sem parar. Milhares de teorias começam a se formar na minha mente. Milhares. E em todas elas, quem acaba saindo machucada, sou eu. Mas mesmo assim, não sou capaz de me afastar. Porque mesmo que eu saiba que isso é o certo, mesmo que eu tenha certeza de que preciso ir embora, meu coração não quer isso. Meu corpo não quer isso.

Deito minha cabeça em seu ombro e ele parece aliviado quando beija meus cabelos e aperta a minha mão com mais força. Quando o dia já está claro, levantamos e, em silêncio, caminhamos de volta para o hotel. Durante o trajeto, ele não me toca mais. E está completamente distante e diferente do Daniel que estava sentado comigo naquele parque trinta minutos atrás. — Eu vou tomar um banho e depois nós podemos sair ou fazer o que você...

— Por que você não me beijou? — as palavras saltam da minha boca antes que eu tenha tempo de pensar. Quero tanto voltar atrás quando vejo o susto e a dor refletida em seus olhos, mas já está feito. Eu quero muito dar a ele o tempo de que ele precisa, mas também preciso saber em que tipo de confusão estou me

metendo.

— Elena... — seu corpo inteiro está tenso e acho até que ele está tremendo.

— Eu preciso saber. — meu coração está tão ansioso e tão descompassado esperando por sua resposta que chego a pensar que meu peito vai explodir. — Por quê? — peço angustiada quando ele não diz nada.

— É complicado.

— Então me explica! — respiro fundo quando percebo que a minha voz está se alterando. E falhando. — Eu te contei tudo. Minha vida inteira, todos os meus sonhos, meus medos e eu... — solto o ar cansada. — Eu não sei nada sobre você.

Ele engole em seco e cerra os punhos com força ao lado do corpo.

— Arrume as suas coisas. Nós vamos para São Francisco hoje.

O quê? É isso o que ele tem para me falar? É isso o que ele realmente espera que eu faça?

— Não. — sussurro atordoada e seus olhos perdem o foco por alguns segundos. Ele dá mais um passo na minha direção. — Eu não vou com você — digo com a voz embargada.

— O que você está...?

— Eu não posso ir com você.

— Não faça isso.

Balanço a cabeça e enxugo os olhos rapidamente, antes que as lágrimas caiam. Pensar em me afastar dele é doloroso demais.

— Eu preciso entender o que está acontecendo entre *a gente*. Eu preciso... — levo a mão ao peito e seus olhos a seguem. — Eu preciso entender o que está acontecendo aqui dentro e...

— Eu não posso deixar você aqui. — suas mãos seguram meu rosto e minhas pernas ficam bambas com a intensidade do seu olhar. — Eu não... — ele inspira com força. — Eu sei que eu deveria fazer isso, mas não consigo. Não consigo sequer pensar em não te ver mais. — sua voz está tão baixa e tão intensa, tão profunda que alguma parte dentro do meu coração sabe que ele está dizendo a verdade. Alguma parte muito estúpida diz que eu devo ficar. Mesmo quando todas as outras gritam para que eu vá embora. — Só tenha um pouco de fé em mim, por favor?

Fecho os olhos quando ele apoia a sua testa na minha.

Se o que ele quer é me deixar louca, com certeza está conseguindo porque não consigo mais raciocinar. Não consigo pensar com clareza quando ele me toca tampouco fazer o que é o certo.

— Eu vou com você. — murmuro ainda de olhos fechados e sinto a tensão em seu corpo desaparecer. Suas mãos descem lentamente por meu pescoço, acaricia meus ombros e meus braços até chegar às minhas mãos. Até seu toque me abandonar e eu me sentir vazia.

Ele me dá um sorriso fraco, aquiesce rapidamente e vai para o seu quarto.

Daniël

POR QUE nós vamos de primeira classe? — ela pega seu passaporte da minha mão e me encara com a testa franzida.

— Porque elas são mais confortáveis. — consigo pegar o passaporte outra vez e o entrego para a atendente.

— São mais caras e você sabe disso, além de ser desnecessário. Eu não sei se você sabe, mas a classe econômica vai para o mesmo lugar, não vai? — ela pergunta para a atendente que olha de mim para ela, visivelmente confusa. Faço sinal para que ela efetue a compra e olho para Elena.

— Você tem certeza de que não conhece o meu irmão?

— Não, mas tenho certeza de que ele é muito mais sensato do que você.

— Nisso você está certa. — ela não diz nada, cruza os braços na frente do corpo e encara a atendente.

— Eu não vou de primeira classe. Quero uma poltrona no mesmo voo, mas na classe econômica.

— Elena. — repreendo-a, contudo ela não se abala pelo meu tom de voz.

— Eu não quero que você pague pela minha passagem.

— Eu não estou pagando. — concluo antes que ela continue. — Eu tenho milhas prestes a expirar que me permitiriam fazer essa viagem dez vezes, ida e volta. — essa é uma grande mentira, quer dizer, eu tenho milhas expirando, mas nem tanto.

— As milhas são suas, use-as com você. Eu vou classe econômica.

— Eu posso finalizar a compra ou...?

— Sim! — respondo sem olhar para a atendente ao mesmo tempo em que Elena responde não. Ignoro isso e a seguro pelos ombros. — Pare de ser teimosa.

— Eu não estou sendo teimosa, estou sendo sensata.

— Aqui estão as passagens. — sorrio triunfante, pego as passagens com a atendente sem tirar os olhos de Elena. Ela revira os olhos, ajeita sua bolsa sobre o ombro e me dá as costas.

Assim que nos acomodamos em nossas poltronas, meu celular vibra no bolso da calça. Sinto um soco no estômago porque sei quem está ligando. Olho para Elena, mas ela parece envolvida demais admirando a capa de um livro. Pego o celular e seu nome brilha na tela com urgência. É a quarta vez hoje e cada vez que atendo a sua ligação, uma parte minha se despedaça.

— Eu vou ao banheiro. — murmuro para Elena, mas não tenho certeza de que ela me ouve. Quando passo o dedo pela tela e levo o aparelho ao ouvido um grande bolo se forma em meu estômago.

— Daniel? — ela está chorando outra vez e parece ainda mais desesperada.

— Eu estou aqui, amor — respondo em um fio de voz, tentando engolir o nó que fica cada vez maior na minha garganta.

— Volte pra casa, por favor, eu... — a ligação cai. Tento retornar, mas só cai na caixa postal. Tento falar com alguém na minha casa, com os pais da Anna, qualquer pessoa, mas parece que o Universo não está conspirando a meu favor hoje.

— Senhor? — uma comissária bate à porta. — O senhor precisa se sentar

agora. — desligo o celular e o guardo no bolso, jogo um pouco de água gelada no rosto e saio do banheiro. Caminho lentamente até a minha poltrona e, pela primeira vez em anos, eu rezo.

— O que aconteceu? — Elena me encara preocupada. — Você está pálido.

— Eu estou bem, não... — quando a aeromoça passa por mim, toco seu braço rapidamente para chamar a sua atenção. — Eu preciso de uma dose de uísque, por favor.

— Senhor, nós não...

— Eu preciso de uma dose antes de decolar. — passo as mãos pelos cabelos e controlo a minha voz. — Por favor? — peço outra vez. Ela ameaça negar, mas acaba concordando.

— Daniel? — Elena me chama, mas eu a ignoro. Estou confuso demais para encarar seus olhos agora. Sinto sua mão tocando a minha e mesmo assim, mesmo sentindo meu corpo inteiro se aquecer, continuo ignorando-a porque olhar para ela enquanto toda essa merda toma conta de mim, é doloroso demais.

Pego o copo antes que a comissária o coloque sobre a mesinha e bebo tudo de uma vez só. O alívio que espero sentir quando o álcool desce queimando pela minha garganta, não vem. Devolvo o copo a ela, prendo o cinto de segurança e fecho os olhos.

— Você não vai falar comigo, é isso?

— O que você quer, *porra*? — a acidez na minha voz faz com que lágrimas encham seus olhos. Seu rosto fica vermelho e posso sentir a raiva, a mágoa e a tristeza surgindo em seu rosto. Tudo ao mesmo tempo. Arrependo-me no mesmo instante, mas já é tarde demais. — Eu não quis dizer isso, eu...

— Sim, você quis. — ela volta a olhar para frente.

— Elena... — seguro a sua mão, mas ela a retira bruscamente.

— Volte para qualquer merda que esteja acontecendo dentro da sua cabeça e me deixe em paz.



Meia hora depois, Elena ainda não está falando comigo. Já abri a boca umas dez vezes para tentar me desculpar, mas sempre acabo desistindo. Todas as vezes que olho para a sua boca perfeita e seu cabelo bagunçado, acabo percebendo o quão egoísta eu sou. O quanto as minhas ações estão maltratando seu coração. E

mesmo assim, continuo desejando-a com todas as minhas forças. Mesmo assim, ela continua aqui.

Outra comissária aparece com o carrinho de bebidas e pergunta se queremos beber algo antes do jantar. Elena nega e volta a olhar pela janela.

— Um uísque sem gelo. — ela assente e, assim que pego o copo de sua mão, viro-o de uma vez. — Mais um. — ergo o copo e ela me encara com a testa franzida.

— Gostaria de uma água também?

— Não.

Quando peço para a comissária a minha quarta dose, Elena fica de lado na poltrona.

— Por que você está bebendo desse jeito?

— Eu só quero esquecer toda essa merda. — minha voz já está arrastada demais.

— Do que você está falando?

— Do que eu estou falando? — repito sua pergunta, solto o ar frustrado e olho para ela. *Porra!* Mesmo desfocada por causa do álcool, não consigo deixar de pensar no quanto ela é linda e no quanto eu gostaria de beijá-la. Por um breve instante, esqueço de tudo. Esqueço de toda a tragédia que vem acontecendo comigo, esqueço de Anna e de todo o sofrimento que a fiz passar. Eu me esqueço de tudo e só consigo pensar em Elena. Só consigo pensar em colar a minha boca na sua.— Elena... — aproximo meu rosto do seu, mas ela se afasta com os olhos ligeiramente arregalados.

— O que você está...? — ela pergunta surpresa e minha garganta se fecha.

A comissária coloca meu uísque sobre a mesinha.

— Desculpe, eu...

— Não faça isso outra vez. Não me peça desculpas por não me beijar. Outra vez. — sua voz falha e ela engole em seco. Meu coração para de bater.

— Eu... — paro de falar, bebo todo o uísque que está na minha frente.

Elena me encara com os olhos semicerrados por alguns segundos, senta-se mais ereta na sua poltrona e olha para frente. Meus olhos ainda permanecem nela. Ainda fico tentando encontrar uma resposta para tudo o que está acontecendo comigo. Eu nunca encontro. E já estou bêbado demais para

conseguir pensar ou me importar com qualquer coisa.

Deito minha poltrona e cubro os olhos com os braços. Adormeço imediatamente.



— Daniel? — uma voz me chama ao longe. — Daniel? — eu tento responder, tento abrir os olhos, mas não consigo. Minhas pálpebras estão pesadas demais. — abra os olhos, Daniel. — tento fazer o que ela me pede, mas não consigo. Continuo na escuridão. Continuo sozinho e...

Sento-me sobressaltado e, por um momento, não sei onde estou.

— Você está bem? — reconheço a voz nos meus sonhos. Olho para o lado e encontro Elena sentada em sua poltrona.

Faço que sim com a cabeça, mesmo sabendo que é uma grande mentira.

Eu estou péssimo. Enterro a cabeça nas mãos e tento respirar. Minha cabeça não para de girar e meu corpo está dolorido. Ainda sinto-me um pouco tonto e acho que ainda estou bêbado.

— Que horas são? — pergunto quando noto que todas as luzes do avião já estão apagadas.

— Pelo fuso horário da Itália, dez da noite, mas eu não sei onde nós estamos então... — ela dá de ombros um pouco sem graça. — Você perdeu o jantar — meus lábios se curvam para cima, mesmo que eu não queira.

— Acho que eu não conseguiria comer muita coisa.

— Bom, saiba que para um jantar da primeira classe eu esperava muito mais. — minha risada escapa. Como ela faz isso? Como, mesmo depois de eu tê-la magoado tanto, ela ainda consegue me fazer sorrir — Você está bem?

— Não. — deito outra vez e cubro o rosto com um braço. Elena me chama e puxa meu braço para cima.

— Você me assustou.

— Eu sei, amor. — noto as lágrimas voltando aos seus olhos outra vez quando ela balança a cabeça e se deita ao meu lado.

— Sabe? Por um momento, achei que você fosse um psicopata que esteve mentindo para mim esse tempo todo. — um sorriso brincalhão surge em seus

lábios e sorrio com ela, mas não consigo deixar de notar que seus olhos estão tristes.

Tristes demais.

— Elena — ela olha dentro dos meus olhos e sinto uma imensa vontade de beijá-la outra vez. —, eu prometo que não vou te magoar outra vez — falo, mesmo sabendo que não serei capaz de cumprir essa promessa. Ela pega a minha mão e beija a sua palma, delicadamente.

— Eu sei. — com o indicador, ela traça as minhas sobrancelhas, uma depois a outra e, pegando a minha mão outra vez, pergunta: — Quem ligou para você? — eu deveria ter imaginado que ela me faria essa pergunta. Eu poderia mentir, mas nada, além da verdade, justificaria a minha atitude.

— Foi a Anna. — ela me olha sem entender e só então me dou conta de que eu nunca disse o nome dela. — A mulher com a qual eu deveria ter me casado.

— Ah. — ela solta a minha mão, mas continua traçando pequenos círculos com o dedo indicador na palma de uma delas.

Ela olha para baixo, e um enorme buraco se abre em meu peito nesse momento. Lembro-me de como ela segurou a minha mão enquanto dormia naquele banheiro. Lembro-me de como me senti quando dancei com ela e do quanto eu ainda a desejo e do quanto o meu coração é dela. Lembro-me da minha promessa e isso me destrói por dentro.

— Elena... Seus os olhos estão fixos em nossas mãos.

Apoio meu corpo no cotovelo e seguro o seu queixo delicadamente, fazendo-a olhar para mim. Duas lágrimas escorrem pela sua face. Enxugo cada uma delas com meus polegares.

— Você ainda a ama?

— Não desse jeito.

É a mais pura verdade. A Anna sempre foi muito importante na minha vida, desde... Paro para pensar desde quando, mas não consigo me lembrar. Nossas mães eram amigas de infância, que cresceram juntas, casaram-se e ficaram grávidas de nós na mesma época. Ela foi a minha primeira amiga. O que aconteceu depois foi apenas consequência dos meus erros.

— Então por que você...? — ela para de falar, aperta os lábios e puxa o ar algumas vezes. — Você não precisa me contar nada. Eu te contei tudo porque eu... Eu senti que poderia confiar em você, porque eu... — ela solta o ar buscando coragem. — Eu me apaixonei por você, Daniel.

— Ei. — acaricio seu rosto com o dorso da mão, mas não sou capaz de dizer nada. Porque ela não sabe, ela nem imagina o quanto tudo isso está me consumindo. O quanto eu estou apaixonado por ela e o quanto me dói vê-la sofrendo desse jeito.

— Quando nós desembarcarmos em São Francisco, vou procurar algum hotel e depois vou para algum outro lugar. Sozinha.

— Não! — falo alto e uma comissária de bordo, que passa por nós nesse instante, olha-nos com um ar de reprovação. — Não. — começo mais baixo, mas ela me interrompe.

— Eu vou. — sua voz e seu olhar estão tão firmes e decididos que sinto meu estômago se revirar.

— Eu não quero ficar longe de você. Eu não...

— E você acha que eu quero? — sua voz falha. — Esses dias foram os melhores da minha vida. Conhecer a Itália com você foi perfeito. Mas eu não posso continuar assim, não posso continuar fazendo isso comigo porque... — ela dá de ombros, quase se desculpando. — Eu não posso mais ficar perto de você

Preciso usar toda a minha força para engolir o nó que se forma em minha garganta. Preciso apertar os lábios para não gritar e deixar extravasar toda essa dor, toda essa raiva e angústia que estão me consumindo. Preciso apertar os lábios porque se eu começar a falar agora, vou dizer o quanto eu estou louco por ela e o quanto preciso dela por perto.

Mas quando eu fizer isso, não terá mais volta.

Quando eu fizer isso, precisarei ser forte para aguentar todas as consequências dos meus atos. E eu sei que eu não sou. Eu sei que isso vai machucá-la ainda mais.

— Eu vou tentar dormir um pouco. — ela enxuga os olhos, deita em sua poltrona e fecha os olhos.

Também fecho os olhos, mas não consigo dormir. Todos os meus pensamentos são dela. Meu coração também.



Desembarcamos no aeroporto internacional de São Francisco às sete horas da noite. Depois de todo aquele uísque, eu estou completamente perdido nesse fuso horário. Elena está se arrastando ao meu lado, puxando sua mala e

encarando o chão. Não posso ignorar o quanto isso está me deixando maluco, porém, não posso ignorar o fato de que ela tem razão. É melhor parar agora, apesar de já ser tarde demais.

Quando atravessamos as portas do saguão, Elena dá dois passos à frente e acena para o motorista de um dos táxis.

— Elena? — chamo angustiado quando percebo que ela está chorando.

— Não! — decidida, ela entrega a mala ao taxista e abre a porta do carro. Frustrado — e sabendo que estou agindo como um covarde — assinto para ela. Elena ainda me encara, como se estivesse esperando que eu dissesse ou fizesse alguma coisa, mas quando desvio o olhar porque não consigo mais encarar seus olhos, ela entra no táxi e pede para o motorista dar partida.

E eu achei que meu coração já sabia o que é sentir dor.

Ver Elena partir foi uma das coisas mais difíceis que já fiz.

Faço sinal para um táxi que está estacionando, entrego a mala para o motorista, mas não consigo entrar. Não consigo tirar os olhos dos faróis vermelhos se afastando.

Acabou, Daniel.

Abro a porta do táxi e, quando estou prestes a entrar, ouço uma freada brusca. Elena salta do carro, pega sua mala com o motorista e começa a andar na minha direção. Sorrio para ela porque não sou capaz de me controlar. Sorrio, porque sinto meu coração voltar a bater. Ela dá de ombros timidamente.

— Espero que eu não me arrependa disso.

Ela entrega a mala ao motorista que a guarda no porta-malas e entra no táxi. Quando me sento ao lado dela, percebo que ainda estou sorrindo.

Elena

SOPHIE, a irmã de Daniel, a princípio me deixou assustada. Eu mal coloquei os pés fora do elevador e ela me abraçou apertado, como se fôssemos amigas há anos.

— Eu estava doida para te conhecer! Desde que Daniel...

— Sophie? — ele a repreende e ela se afasta. Encara-o por alguns segundos antes de se voltar para mim outra vez.

— Eu sou a Sophie! Mas você já deve saber disso.

— Já.

Seu sorriso é tão espontâneo. De salto alto — às oito horas da manhã, pelo amor de Deus — ela parece mais uma modelo do que uma estilista. Seu longo cabelo castanho e liso faz uma moldura perfeita com seu rosto quase angelical.

Quase. Porque ela me lembra muito Daniel, exceto pelos olhos que, ao contrário dos dele, são castanhos.

— Oi! — uma loira sorridente também me abraça e deixa um beijo estalado na minha bochecha.

— Oi — digo quando ela se afasta e consigo respirar.

— Prazer, Caroline. — ela cruza as mãos na frente do corpo. — Eu sou a namorada e futura noiva do Owen, o irmão mais bonito. — Daniel revira os olhos e Owen dá um passo à frente.

— É muito bom conhecer você, Elena. — ele não me abraça. Coloca a mão timidamente na minha cintura e me beija rapidamente no rosto. Ele é tão diferente de Daniel. Os olhos são azuis, mas não do mesmo tom. Parece mais escuro e contrasta muito com o cabelo loiro e perfeitamente cortado. Ele é muito bonito, mas vou discordar de Caroline. Daniel é ainda mais.

— Estou atrasado.

— Não está. — Sophie estende a mão para o homem de boné que sai do elevador. — Elena, esse é Scott, meu primo preferido.

Ele dá um passo à frente e me lança uma piscadela.

— Vou fingir que acredito em você, Sophie. — ganho mais um beijo no rosto e mais um abraço. — É um prazer.

Sorrio, sentindo-me estranhamente acolhida por todos eles.

Durante o café da manhã, Lucy, a irmã mais nova de Scott entra no restaurante do hotel junto de seu marido, Thomas. Paul, o marido de Scott, chega alguns minutos depois. Scott e Lucy são médicos e completamente apaixonados pela profissão. É também durante o café da manhã que eles me contam que estão adotando uma garotinha de apenas três anos chamada Rachel. Acho isso incrível. Principalmente por causa do entusiasmo e do amor que eles estão sentindo. Principalmente porque eles estão superando qualquer preconceito ou obstáculo. Mesmo os conhecendo há apenas alguns minutos, sei que eles formarão uma família linda

Enquanto comemos, Daniel mantém uma das mãos sobre o meu joelho o tempo todo. Seus polegares não param de desenhar pequenos círculos e, mesmo sobre o grosso tecido do meu jeans, pequenos calafrios reverberam por toda a minha coxa. Ele parece não estar ciente de onde a sua mão está. E quando ele me toca tudo parece tão certo.

— Que horas é a reunião? — Sophie pergunta para Daniel e ele dá de

ombros. É Owen quem responde.

— A reunião é amanhã, as onze e por falar nisso... — ele aponta para Daniel e Thomas. — Nós precisamos discutir algumas coisas.

— E essa é a minha deixa. — Caroline fica em pé e Sophie a acompanha. — Hora de fazer compras, Elena! — só a empolgação dela me deixa cansada.

— Compras?

— Levante-se! — ordena Sophie.

Olho para Daniel em busca de socorro.

— Eu vou trabalhar o dia todo. E é melhor você ir, Sophie sabe ser insistente quando quer.

Murmuro um '*droga*' e ele um '*eu sei*'. E não é porque tenho que fazer compras com Sophie — apesar de odiar fazer compras — é porque eu tenho que ficar o dia todo longe dele. E acho que ele se sente da mesma maneira porque, quando beijo seu rosto e me levanto, seus olhos não me deixam. E eu adoro quando ele me olha assim.



Eu odeio fazer compras!

Odeio ainda mais fazer compras com Sophie. Ela me fez comprar uma camisa rosa sem mangas — que eu nunca vou usar porque odeio rosa — uma sapatilha vermelha bem fofinha e um perfume Dolce and Gabbana Light and Blue. Segundo ela, Daniel é apaixonado por esse perfume. Eu tentei negar, mas quando já estava na fila do caixa, percebi que o frasco estava dentro da minha sacola.

Quando voltamos para o hotel, encontramos Thomas e Owen no restaurante. Daniel não está com eles, mas como Paul e Scott também não estão não me preocupo. Mesmo quando uma voz começa a sussurrar em meu ouvido que alguma está errada. Nem mesmo quando envio duas mensagens para ele e não obtenho resposta. Porém, quando Owen e Sophie começam uma discussão, bom eu não diria discussão já que eles estão sussurrando, mas consigo perceber que os ânimos estão alterados, percebo também, mesmo conhecendo Sophie há apenas algumas horas, que o rubor que cobre seu pescoço e parte do seu rosto, é de nervosismo. A veia pulsando no pescoço de Owen também.

Somente quando Paul e Scott entram no restaurante sinto um frio

percorrendo a minha coluna. E dessa vez, tenho certeza de que tem alguma coisa errada.

— Com licença. — pego as minhas sacolas, ajeito a bolsa no ombro e ligo para Daniel enquanto vou até o saguão do hotel. Tento ligar três vezes, mas todas tocam até cair. Estou prestes a entrar no elevador quando ouço Sophie me chamar.

— Ele deve chegar logo. — e nem ela parece acreditar no que diz.

— Onde ele está? — engulo em seco quando Owen se aproxima coçando o queixo.

— Tenha um pouco de paciência com ele, por favor? — os olhos e a voz de Owen suplicam para mim.

Paciência? Mais?

— Ele não está atendendo as minhas ligações — digo, tentando esconder a frustração na minha voz, mas não consigo. O nó que está preso em minha garganta fica maior a cada segundo.

— Ele só precisa ficar sozinho. Daqui a pouco ele volta e...

— Eu vou para o meu quarto. — interrompo Sophie, dou as costas para os dois e sigo para o elevador. Mais um segundo ali e eu me desmancharia em lágrimas e o pior de tudo: Eu nem saberia o motivo.

Depois de um banho demorado, jogo-me na cama e espero que ele me ligue ou responda as minhas mensagens. Espero até que ele bata à minha porta. Espero que ele me dê algum sinal de vida, qualquer coisa. Mas os minutos viram horas e as horas me deixam cada vez mais angustiada. Tento me manter alerta, apenas porque sou uma idiota. Está bem claro que ele não quer falar comigo e mesmo assim, continuo esperando. Espero até adormecer, exausta e chorando.

Acordo com o aviso da chegada de uma mensagem. Sento-me rapidamente, ansiosa para ver o nome dele brilhando na tela, mas é apenas Jéssica. Jéssica! Droga! Faz três dias que não dou notícia. Ela deve estar ficando louca.

Sem ler a mensagem ou ver que horas são, ligo para ela, que atende no primeiro toque.

— Você quer me matar do coração? — sua voz estridente é alta demais e preciso afastar o telefone da orelha. — Faz três dias que você não me diz onde está!

— Eu sei. Desculpe — peço constrangida por não ter cumprido o nosso trato.

— Você precisa me enviar mensagens o tempo todo para dizer onde está, com quem está e o que vai fazer a seguir!

— Eu sei, Jess. Eu só...

— E você ainda não me disse onde está!

— São Francisco.

— São Francisco? Com...? Espera! Você está com o italiano de Verona?

— Ele não é italiano.

— Dá na mesma. Agora me conte! — consigo visualizá-la cruzando as pernas e abraçando uma almofada. — Vocês dois já...?

— Já o quê? — e então eu compreendo o que ela quer dizer. — Meu Deus! Não! Por que você sempre tem que pensar nisso?

— Porque fazer sexo é uma coisa absolutamente normal!

— Eu acho que para fazer sexo com uma pessoa você precisa beijá-la primeiro e isso ainda não aconteceu.

— Nossa. — ela solta o ar ligeiramente frustrada. — Por quê?

— Essa é uma pergunta que eu não sei te responder.

— Ele ainda não tentou nada?

— Bom, ele tentou me beijar em Veneza, mas eu me esquivei.

— Sério?

— Sério. Eu acho que fiquei um pouco assustada. Eu nunca beijei ninguém além do Adam.

— E você fugiu do altar para quê?

— Ser feliz? — e tenho a impressão de que estou fazendo essa pergunta para mim.

— Então seja feliz! Beije esse tal de Daniel, tenha uma noite de sexo com ele e siga em frente.

— Você sabe que eu não saberia como fazer isso.

— Não me diga que você se apaixonou por ele? — mordo o lábio inferior para me manter calada e ela bufa do outro lado. — Eu não acredito nisso!

— Isso tudo é muito estranho e aconteceu tão rápido que... Parece que eu o conheço há tanto tempo.

— Nossa! Você está mesmo apaixonada.

— E sem saber o que fazer por que eu não sei como ele se sente. Quer dizer, às vezes eu acho que ele também está apaixonado por mim. Outras vezes acho que estou ficando louca.

— Você precisa falar com ele.

— Eu não sei. — ainda não quero dizer para Jess que já disse a ele tudo o que sentia e que mesmo assim, ele se manteve distante.

— Fale com ele. — ouço uma voz anasalada do outro lado e um forte barulho de pessoas conversando.

— Onde você está?

— No aeroporto. Acabei de chegar à Nova York! — ela dá um gritinho.

— Nova York?

— Estou precisando de novos ares e você, quando parar de viajar pelo mundo com seu suposto príncipe encantado, venha ficar um tempo comigo.

— Você vai morar onde?

— Aluguei uma casa em Tribeca.

— Por que você não falou com a minha avó? A casa da minha família está vaga.

— E está esperando por você! Preciso desligar agora.

— Prometo te mandar mensagens todos os dias.

— Eu amo você!

E antes que eu tivesse tempo de responder, ela já havia desligado.

Tomo um banho rápido depois de verificar meu celular — quatro vezes apenas para ter certeza — e constatar que Daniel não havia me ligado.

Coloco um vestido de algodão bem soltinho, calço meu tênis marrom, penduro uma jaqueta jeans sobre a minha bolsa e, enquanto abro a porta e tento prender o cabelo ao mesmo tempo, tenho a impressão de que vou desmaiar.

Daniel está parado na porta do seu quarto, todo despenteado, vestindo a mesma calça jeans do dia anterior. Uma loira esguia está deixando um beijo em seu rosto. Tenho a impressão de que ela está sorrindo para ele, mas minha visão está tão embaçada por causa das lágrimas, que não tenho mais certeza de nada. Apenas que meu coração está prestes a sair pela boca e meu corpo prestes a se desmanchar. Levo a mão ao peito e tento fazer a dor passar, mas não adianta. Eu quero voltar para o quarto, quero me esconder, qualquer coisa, mas minhas pernas não me obedecem. E então, ele me vê. Seu olhar passa do susto ao

desespero.

Engulo em seco quando a loira passa por mim, mas meus olhos não deixam o rosto pálido e inexpressivo de Daniel. *Como ele pôde fazer isso comigo?*

— Elena! — ele dá um passo na minha direção, mas levanto uma mão pedindo, silenciosamente, para que ele pare. Bato a porta e começo a andar em direção do elevador a passos largos. Ele me chama outra vez, porém continuo andando sem olhar para trás, tentando a qualquer custo não deixar minha dor transparecer. Tentando a qualquer custo espantar as lágrimas.

Tentando me manter em pé.

— Elena, espera! — ele fala mais alto com a voz angustiada enquanto me agarra pelo braço e me gira. Não sei o que me dá nesse momento e tudo acontece tão rápido que não tenho tempo de pensar.

No instante em que ele me gira, acerto um tapa tão forte em seu rosto que chego a sentir a ardência em minha mão. Ele não reage. Seus olhos permanecem presos ao meu e suas mãos continuam me segurando com força. Há tanto desespero em seu rosto, tanto arrependimento que sinto vontade de dizer a ele que vai ficar tudo bem. Mas nada vai ficar bem. Não enquanto ele se mantiver tão distante. Não enquanto ele não se apaixonar por mim. E quando eu penso que isso nunca vai acontecer, explodo em forma de lágrimas. Porém, antes que ele tenha tempo de me abraçar — porque eu sei que ele vai fazer isso — saio correndo sem saber para onde ir.

Daniël

OWEN ESTÁ parado na porta do seu quarto, com os braços cruzados e um sorriso irônico estampado no rosto. É tudo o que eu não preciso agora.

— Agora não, Owen! — entro no quarto, mas antes que consiga fechar a porta, ele entra.

— Ela viu a loira?

— Como você sabe?

— Ah! Por favor, Daniel! O corredor inteiro viu quando vocês chegaram. Se não viram pelo menos ouviram.

— Merda! — sento-me na cama e afundo o rosto nas mãos. — Eu fiquei tão bêbado ontem que...

— Que perdeu a cabeça. Isso você faz sempre. Mas, *porra!* Elena estava aqui o tempo todo!

— Eu sei. — esfrego os olhos com força.

— E mesmo assim você...

— O que aconteceu? — levanto os olhos e encontro Sophie parada na nossa frente com as duas mãos na cintura. Tento ignorar seus olhos faiscando na minha direção. Também tento ignorar a dor de cabeça que sinto cada vez que ela fala, mas a cada segundo, ela fica mais forte. — Elena acabou de passar por mim feito um furacão e... — Ela me encara com a testa franzida. — O que você fez?

— Ele dormiu com outra. — Owen responde e o meio sorriso que estampa seu rosto faz o sangue ferver nas minhas veias.

— Você está louco? Meu Deus! Como você...?

Não consigo assimilar o que ela diz depois. As frases se misturam dentro da minha cabeça. Visto uma camiseta amarrotada que está jogada sobre a cama, calço meu *All Star* e deixo os dois para trás.

Quando as portas do elevador estão prestes a fechar, Owen e Sophie entram correndo. E ela finalmente para de falar. Minha cabeça agradece. Cruzo os braços na frente do corpo e tento afastar a náusea que faz meu estômago revirar. Eu devo estar bêbado ainda. Eu preferiria estar bêbado agora.

Assim que as portas se abrem, avanço pelo corredor e entro no restaurante. Sirvo-me de um enorme copo de água gelada e bebo todo o líquido de uma vez só. Encho uma caneca de café preto, capricho no açúcar e me sento com eles em uma mesa afastada de todos os outros hóspedes.

— Você não vai mudar nunca, não é? — Sophie está tentando manter a calma, mas pelo tom de sua voz, percebo que ela está falhando.

— Se você continuar falando sobre isso, eu vou embora.

— E não é isso o que você sempre faz?

— Sophie, chega. Por favor?

— Não! Você precisa crescer! Toda vez que alguma coisa foge do controle você faz isso. Bebe até não aguentar mais e faz uma besteira dessas. Será que você não percebe que isso não está te ajudando? — ela para de falar por um momento, apenas para buscar um pouco de ar. — Daniel, você precisa superar.

— Eu sei. — bebo um longo gole do meu café e queimo a língua de tão quente. — *Droga!* — coloco a caneca sobre a mesa bruscamente e o líquido respinga na minha pele, queimando-a também. Sophie joga um guardanapo de

pano no meu rosto.

— Então faça alguma coisa.

— E o que eu devo fazer? Esquecer tudo o que aconteceu?

— Não! Mas você precisa seguir em frente. Precisa aceitar que Matt não vai mais...

— Chega, Sophie. — pede Owen, mas ela o ignora da mesma maneira que ignora meu olhar aflito. Falar disso ainda é difícil demais.

— Eu não vou parar de falar até ele me escutar. — odeio quando ela assume o controle. — A Anna não é sua responsabilidade. Nunca foi.

— Ela sempre vai ser — digo arrasado.

— Não vai. — ela segura a minha mão sobre a mesa e a aperta de um jeito carinhoso. — Eu sei que falar sobre aquela noite é doloroso para você, mas você precisa falar. Você precisa voltar a viver.

— Por que você não diz a Elena o que você está sentindo? — pergunta Owen.

— Porque quando eu disser a ela tudo o que está se passando aqui dentro. — aponto para a minha cabeça e depois para o meu peito. — E aqui, não poderei mais desfazer isso. E eu não posso...

— Sim! Você pode! — Sophie me interrompe e aperta ainda mais a minha mão. — Você pode. — seu sorriso aumenta a cada segundo. — O que você tem com Elena é especial. Não jogue isso fora.

— Não se torture mais, irmão. Vá atrás dela.

Concordo com eles quando a coragem toma conta do meu coração. E é como se um enorme peso tivesse sido tirado de dentro de mim. É como se finalmente, eu tivesse voltado a viver.

— Obrigado. — aperto o ombro de Owen e beijo a testa de Sophie antes de correr para o meu quarto e telefonar para ela. Mas é claro que ela não me atende.

Após duas tentativas, a ligação começa a cair na caixa postal e permanece assim por dois dias. Ela simplesmente desaparece.

E eu estou quase à beira da loucura.

Elena

EU PRECISO voltar para o hotel.

Preciso pegar minhas coisas, meu passaporte e desaparecer.

Estou há dois dias enfiada dentro de um pequeno quarto de hotel em algum bairro da cidade. Estou há dois dias vestindo apenas um roupão branco, comendo chocolate e assistindo televisão. Mas essa não sou eu. Eu não fujo desse jeito. Não choro desse jeito. Ah... Eu nunca me apaixonei desse jeito.

Solto o ar, coloco minha roupas e, buscando toda a coragem que eu sei que tenho guardada em algum lugar, saio para a rua. Pego um táxi até o Hilton e, durante todo o percurso, só consigo pensar em como vou encará-lo. Como vou olhar para ele depois do que ele fez comigo?

E isso me consome porque, ao mesmo tempo em que não quero vê-lo,

quero poder olhar dentro de seus olhos outra vez. Quero sentir o toque macio da sua pele contra a minha quando ele segura a minha mão.

Ao mesmo tempo em que quero ir embora, quero me enroscar em seus braços e não sair nunca mais. Quando o táxi para em frente ao luxuoso hotel, entrego o dinheiro ao motorista e salto para fora sem esperar o troco. Respiro fundo tentando organizar a desordem que está a minha cabeça e o meu coração e atravesso as portas de vidro do saguão.

Peço para qualquer deus do Egito, da Grécia ou de qualquer outro lugar para que ele não apareça na minha frente agora. O elevador está vazio e sinto-me verdadeiramente aliviada. Meu coração parece sentir o mesmo. Mas todo esse alívio desaparece quando as portas se abrem e vejo Daniel sentado ao lado da porta do meu quarto.

Minha boca seca e minhas pernas travam. Meu coração perde uma batida quando seu olhar encontra o meu.

Respire, Elena!

Respire e ande. Um passo de cada vez.

E quanto mais eu me aproximo dele, mais meu corpo entra em colapso. A cada passo, as batidas do meu coração ficam mais fortes, mais altas. Mais urgentes.

— Onde você estava? — seus olhos azuis estão aflitos perscrutando os meus. Ele tenta me segurar pelos ombros, porém eu me esquivo. Não posso ser tocada por ele nesse momento. De canto de olho, vejo que ele passa a mão pelos cabelos. Coloco meu cartão na porta e, depois de três tentativas, ouço o *click*, mas antes que eu consiga entrar ele segura meu cotovelo e me vira. Não há urgência em seu toque. Ele é hesitante e tímido. — Eu quase morri de preocupação.

— Você não parecia preocupado comigo quando trouxe aquela mulher para o seu quarto.

— Aquilo foi...

— Aquilo foi uma verdadeira merda, Daniel. Aquilo foi... — *malditas lágrimas idiotas!* Fecho os olhos com força tentando espantá-las. — Aquilo foi você me mostrando o que eu ainda me negava a enxergar.

Ele nega com o rosto contorcido de dor e vejo lágrimas brilhando em seus olhos.

— Aquilo fui eu tentando fugir de você... — suas mãos seguram meu rosto

com força. — Aquilo fui eu tentando não me apaixonar. — seu rosto se inclina na direção do meu e seu hálito quente toca a minha pele. — Eu falhei tanto com você, falhei tanto comigo tentando não me envolver, mas *porra!* Eu quero você desde o primeiro dia e eu não vou mais fugir. — seus lábios quentes resvalam nos meus e sinto que não sou capaz de respirar. — Eu não quero mais fugir.

Sua boca roça na minha outra vez e ele morde meu lábio inferior. Estou desesperada para fugir e, ao mesmo tempo, desesperada para ficar. Quando coloco as mãos, tímidas e hesitantes em seus braços, o beijo acontece de verdade. Sua língua invade a minha boca e sinto que estou perdendo a capacidade de raciocinar. Estou me perdendo e me encontrando em seu beijo.

Ignoro a voz dentro de mim que me diz para parar. Ignoro-a porque sei que ela tem razão. Ignoro-a porque nesse momento, estou fazendo apenas o que o meu coração está pedindo. Porque nesse momento, estou fazendo aquilo que venho desejando desde que o conheci. E não importa que eu não tenha mais nada amanhã. Não importa que meu coração fique despedaçado. Nada importa nesse momento além de nós dois.

— Elena... — ouço o *click* mais uma vez e ele me empurra para dentro do quarto. Acho que ele fecha a porta com um dos pés porque suas mãos não deixam o meu corpo. Em um piscar de olhos, estou com as costas coladas na parede e seu corpo está colado no meu.

Ele usa uma mão para levantar uma das minhas pernas e passá-la ao redor do seu quadril. Com as pontas dos dedos, ele distribui carícias por toda a minha coxa e sinto minha pele formigar. Sinto seu quadril roçando no meu e sinto sua ereção através da calça jeans.

Sinto que vou explodir.

Enrosco meus braços em seu pescoço e colo a minha boca na sua. Quero sorver tudo o que ele tem para me dar. Quero-o por inteiro, mesmo que seja só por uma noite.

Abaixo a perna rapidamente e giro meu corpo. É a minha vez de empurrá-lo contra a parede. Levanto a barra da sua camiseta e ele termina de tirá-la rapidamente. Ele também é rápido ao arrancar meu vestido pela cabeça. Quando fico apenas de calcinha e sutiã na sua frente, seus olhos escurecem.

— Você é tão linda que... — ele não termina a frase. Agarra-me pela cintura e me beija com tanta urgência, me abraça com tanta força que sinto meu corpo se fundindo ao seu. Seus dedos ágeis abrem o meu sutiã e ele é lançado em algum lugar dentro do quarto. Envolvero seu quadril com minha perna e ele me carrega

até a cama. Não há cuidado quando ele se deita sobre mim. Sua ereção fricciona entre minhas coxas e meu ventre lateja. Pede por mais. Pede por ele.

Sua boca deixa a minha, apenas para beijar meu pescoço, meus ombros, meus seios e quando ele beija meus seios... *Ah!* Sinto que posso flutuar para qualquer lugar. A cada beijo, um arrepio diferente percorre meu corpo. A cada beijo, eu me derreto. A cada toque eu me entrego mais.

Lentamente, seus dedos engancham na minha calcinha e ele a puxa para baixo, deixando beijos quentes e carícias por onde passam. Uma doce e excitante tortura. Quando ele fica em pé e termina de se despir, percebo que estou com falta de ar. O contato de sua pele nua contra a minha é tão intenso, tão maravilhoso que só consigo pensar o quanto isso é certo. O quanto somos perfeitos um para o outro.

Jogo a cabeça para trás no momento em que nossos quadris se encontram.

— Oh! — gemo quando sua língua toca a pele exposta do meu pescoço e gemo quando ele se movimenta sobre mim.

— Eu quero tanto fazer isso com você. — sua voz está extremamente rouca e excitada e eu estaria mentindo se dissesse que isso não está mexendo ainda mais comigo. Se ele não estivesse me tocando ou deitado sobre mim, tenho certeza de que só a sua voz me levaria à loucura. — Tanto... — ele morde o lóbulo da minha orelha e se movimenta mais uma vez. — Ah!

Seus lábios me deixam mais uma vez. Daniel se inclina até a sua calça caída no chão, pega um preservativo e o coloca habilmente. Seu corpo paira sobre o meu enquanto seus olhos me encaram cheios de luxúria. Ele me penetra lentamente, sem pressa, da mesma maneira que me beija. Suas mãos estão acariciando a lateral da minha cabeça e seu toque, tudo, é tão perfeito que uma única lágrima escorre do meu olho.

Daniel percebe e beija meus olhos enquanto me penetra ainda mais fundo. Meu corpo implora por mais, porém sua mão forte empurra meu quadril para baixo quando começo a rebolar.

— Ainda não — diz ofegante. — Ainda não, amor. — e ele me penetra por completo, quebrando qualquer barreira que ainda existia entre nós. E então, de uma forma lenta e torturante, ele começa a se movimentar. Sugando o meu beijo e tomando o meu coração.

— Daniel... — arqueio as costas quando é difícil manter o corpo parado. E então, quando é insuportável manter o controle, ele me penetra mais fundo, mais rápido. Nossa respiração acelera e nossos corações perdem o compasso. Não

ouço nada além dele. Nesse momento não existe mais ninguém. Não existe mais nada. Apenas Daniel e eu.

— Abra os olhos, Elena. — sua voz é urgente, mas não consigo obedecer. Não consigo sequer respirar. Ele agarra as minhas mãos e as leva acima da minha cabeça. Sua testa suada busca apoio na minha e seus movimentos assumem um ritmo quase desesperado. — Olhe para mim, amor. — abro os olhos com relutância. — Eu quero olhar para você...

— Ah, meu... — minha voz fica presa na garganta. Meu corpo se contrai e minha respiração se perde. Daniel me olha com tanta intensidade que tenho a impressão de que estou queimando. Eu estou queimando. Ameaço fechar os olhos mais uma vez, mas sua voz exigente não deixa.

— Abra os olhos. — ele geme tão alto e me penetra com tanta força que meu corpo atinge um estado de excitação que eu ainda não conhecia. — Eu quero ver você gozar, Elena.

— Oh! — e eu vou à loucura. Vou ao céu e toco as nuvens com as pontas dos dedos.

Aperto meu corpo contra o seu e o sinto se desfazer dentro de mim.

Eu o sinto completamente.



— Bom dia. — beijos quentes são deixados em minhas costas. Da nuca até o meu quadril. Sua boca sobe e desce e meu corpo se encolhe, principalmente quando as pontas dos seus dedos acariciam a parte de trás da minha coxa. Sua boca sobe, bem devagar, até chegar à minha nuca, meu rosto. Até seus lábios resvalarem nos meus e me arrancar um pequeno sorriso preguiçoso.

Ele se deita ao meu lado e me puxa para perto dele.

— Bom dia, amor.

Espreguço-me demoradamente e meu sorriso fica ainda maior quando abro os olhos e encontro-o me encarando, sorrindo de volta para mim. Enrosco nossas pernas e o abraço.

— Bom dia. — sua mão sobe pela minha coluna. O toque é tão sutil e ao mesmo tempo tão intenso que preciso fechar os olhos e abrir a boca, buscando um pouco de ar. — Acordar assim todos os dias não seria nada mal.

— Nem um pouco. — sua língua toca meu lábio, acariciando-o, incitando-

o. Sua língua desliza para dentro da minha boca de uma forma delicada e ao mesmo urgente. Seu toque é tão intenso que meu corpo inteiro se arrepia. Meu corpo inteiro chama por ele. Ele rola o corpo, até ficar sobre mim. Sua língua exige a minha. Seu beijo suga tudo de mim. E eu sugo tudo o que ele tem para me dar.



— Por que nós demoramos tanto para fazer isso? — ele me dá um último beijo, sai de dentro de mim, mas continua deitado ao meu lado.

— Porque você me afastou. — uma ruga profunda surge entre suas sobrancelhas e o sorriso que ameaça despontar em meus lábios, desaparece. Mas já que eu comecei, mesmo que de brincadeira, resolvo que vou até o final. — O que aconteceu com você?

Ele nega. Nega para mim — ou para ele mesmo — e se senta. Passa as mãos pelos cabelos e puxa bastante os fios grossos que terminam na sua nuca. Sento-me ao seu lado e passo meu braço por seu ombro. Quando Daniel me olha, quando seus olhos encontram os meus, vejo tanta dor, tanta tristeza que sinto lágrimas chegando aos meus olhos. Vejo lágrimas chegando aos olhos dele. Beijo-o, delicadamente e esfrego meu nariz no seu. Ouço-o inspirar com força e aliviado. Quando ele ameaça sorrir — um sorriso tenso e agradecido — eu vejo medo passando por seus olhos.

Acaricio seus cabelos e aquiesço para ele. E é exatamente disso o que ele precisa nesse momento. Da minha compreensão. Do meu silêncio. Do jeito que ele me olha agora, eu sei que ele precisa de mim e eu vou estar aqui quando ele quiser falar.

— Eu vou te contar. — ele murmura encostando a testa na minha. — Mas hoje eu... — Sua voz falha e ele fecha os olhos, como se tentasse buscar abrigo ou força em algum lugar. — Hoje eu não consigo fazer isso.

— Você consegue comer? — ele se afasta e me encara com a testa encrespada. Um meio sorriso torto está surgindo em seus lábios. — Se você não quer falar poderia pelo menos me levar para comer porque eu estou morrendo de fome. — Daniel ri descontraído, jogando a cabeça para trás e me puxando para um beijo.

— Isso é uma das coisas que eu mais gosto em você.

— Isso o quê?

— Você me faz esquecer tudo. — com a ponta do dedo ele toca meu nariz, desliza-o por meus lábios e para no meu queixo.

— E o que mais você gosta em mim? — provoco-o.

— Eu posso te mostrar. — ele morde meu lábio e se afasta, fica em pé e me puxa pela mão. — E eu vou fazer isso no banho.



Nós vamos até uma pequena casa de panquecas há cerca de quatro — enormes — quarteirões do hotel. O local é bem pequeno e bem charmoso e as mesas estão dispostas nas calçadas. Ele está prestes a me puxar para uma mesa isolada, bem embaixo de uma árvore iluminada por pequenas luzes brancas, quando vê Sophie caminhando na sua direção. Ela está saltitante e sorridente. Ele está praguejando. E pragueja ainda mais quando vê que sua família inteira está aqui.

— Isso é ruim? — sussurro para ele que nega, sem tirar os olhos da irmã que se aproxima.

— Não, mas eu queria ficar só com você hoje.

— Daniel! — ela pula em seu pescoço e ele é obrigado a soltar a minha mão. — Parabéns!

— Parabéns? — Sophie se desprende dos braços de Daniel e o encara com as duas mãos na cintura.

— Você não contou para ela?

— Contou o quê? — encaro-o também.

— Hoje é o aniversário dele.

— Hoje? Sério? — Sophie assente, vigorosamente e seu sorriso fica ainda maior. Daniel me encara visivelmente embaraçado. — Por que você não me contou?

— Porque eu não gosto de comemorar. — ele tenta parecer indiferente ao dar de ombros, mas eu sei que tem muito mais. Eu sinto que tem muito mais.

— Eu vou me sentar, depois vocês... — Sophie para de falar e no deixa a sós.

— Você poderia ao menos ter me dado uma pista.

Ele se aproxima e segura meu rosto entre as mãos. Seu nariz resvala no meu e levo minhas mãos até as dele.

— Eu não gosto do dia de hoje. — encaro-o bastante confusa porque até hoje, nunca conheci uma pessoa que não gostasse de fazer aniversário, nem mesmo a minha mãe que odiava ficar mais velha. — Agora não. — ele me beija quando percebe que todas as engrenagens dentro da minha cabeça estão funcionando. Ele me beija para que eu não pergunte mais nada e isso me deixa extremamente frustrada. — Vamos.

Ele me puxa até a mesa e faz nossos pedidos rapidamente. Acho que nunca comi panquecas tão boas em toda a minha vida. Acho que nunca me sentei à mesa com uma família tão barulhenta e tão encantadora. Uma família cheia de histórias para contar. Eu não tenho tantas histórias assim. Na verdade estou buscando alguma história inesquecível, mas nesse momento não consigo me lembrar de nada. E no meio de toda essa conversa, não posso deixar de notar que ninguém sentado a essa mesa, cumprimentou Daniel pelo seu aniversário.

— Vocês se lembram quando eu desmaiei no dia do meu aniversário? — pergunta Sophie e eles caem na gargalhada. — A festa teve que continuar no hospital porque eu cortei a parte de trás da cabeça e precisei ficar em observação.

— Você desmaia o tempo todo, Sophie. — comenta Scott e ela bate com seu ombro no ombro dele, mas ambos estão sorrindo. Depois se vira para mim. — Eu tenho pressão baixa.

— Ela tem pavor de sangue. — completa Daniel.

— Gente! — todos nós olhamos para Caroline que está rindo antes mesmo de começar a contar sua história. — Vocês se lembram quando Matt bateu a cabeça e Sophie...

Todos se calam ao mesmo tempo. Só consigo ouvir a respiração pesada e acelerada de Daniel ao meu lado. De canto de olho, vejo-o engolir em seco. Sinto sua mão, que antes apertava a minha coxa, me abandonar. Viro o rosto para poder olhá-lo, mas ele se levanta e, sem olhar para mim, vai embora.

Ele sai da mesa e vai embora.

— Daniel... — Caroline o chama, mas ele já está longe demais para ouvi-la.

— Por que você disse isso? — questiona Sophie e ela não responde. Se ela o faz, eu não ouço porque já estou correndo atrás de Daniel pela calçada. Sim, estou correndo porque ele está andando tão rápido que tenho a impressão de que ele pode flutuar.

— Daniel! — chamo atravessando a rua, mas ele sequer olha para trás. Está com as mãos nos bolsos da calça e a cabeça baixa. A cada passo fica mais distante de mim. A cada passo meu coração afunda dentro do peito. A cada passo que ele dá, uma nova lágrima surge em meus olhos e me odeio pelo fato de estar me sentindo assim por alguém que não se importa comigo.

Droga!

Estou com tanta raiva dele agora que preciso socar alguma coisa. Por isso, quando consigo alcançá-lo, quando consigo agarrar a manga da sua camisa, preciso me controlar para não socá-lo.

— Pare! — peço ofegante e ele se vira. Não reconheço a pessoa parada à minha frente. Não reconheço seus olhos e nem encontro o brilho que estava dentro deles alguns minutos atrás. Recuo um passo e engulo em seco. — O quê...?

Paro de falar quando ele cruza as mãos na nuca e olha para cima. Passa alguns segundos encarando o céu estrelado.

— Eu preciso ficar sozinho. — é somente isso o que ele diz quando volta a me encarar. — Eu só preciso...

— O quê? — minha voz falha e me odeio por isso. Faço um enorme esforço para me recompor, mas ele parece não notar. Na verdade, parece que ele não está notando quase nada ao seu redor. — Você não pode me deixar sozinha desse jeito. Você não pode simplesmente sair e...

— Eu não... — ele grita. Grita, depois fecha os olhos e aperta a base do nariz. Tenho certeza de que ele vai voltar a falar a qualquer momento, mas eu já estou cansada disso. Estou cansada de não ser nada para ele.

Estou cansada de estar tão apaixonada por ele...

— Você é um babaca, Daniel! Um grande babaca! — nem mesmo sua expressão sofrida e arrependida me faz calar a boca. — fique sozinho com todas as suas merdas! Eu estou cansada disso.

Passo por ele e acabo esbarrando em seu ombro. Não paro quando ele me chama. Não paro porque não quero ter que olhar para ele agora. Não quando meu peito está doendo tanto. Não quero olhar para ele porque não quero que ele me veja chorando desse jeito.

— Elena. — ele me pega pelo cotovelo, mas me esquivo e continuo andando. — Espera! — dessa vez ele me segura com mais força e me vira de frente para ele.

— Não! — soco seu peito com as duas mãos e fico com mais raiva porque a raiva que sinto dele nesse momento não passa. Quero socá-lo outra vez, mas ele segura meus punhos e me puxa para mais perto. Então percebo que seu queixo está tremendo. Percebo que ele está chorando. Chorando tanto que meu coração para de bater. Quando um soluço rasga seu peito e ele inclina o pescoço até encostar sua testa na minha, solto minhas mãos e seguro seu rosto. Ele leva as mãos até o meu pescoço e as mantém firme ali.

— Não vai embora. — pede com a voz tão embargada e fraca que não tenho certeza de que entendo o que ele diz, porém, quando ele aperta mais o meu rosto e me puxa para mais perto — mesmo quando eu acho que isso não é possível — e diz mais uma vez, percebo que eu o entendi perfeitamente. — Não vai embora, por favor.

— Eu não vou. — ele assente e exala o ar com força. Aliviado.

Fecho os olhos. Ele também. E durante incontáveis segundos, não ouço nada além das batidas do meu coração. Ouço apenas a cadência perdida da sua respiração. Estou tão conectada a ele que ouço as lágrimas caindo dos seus olhos. É em silêncio que ele desliza as mãos por meu pescoço, braços até parar em minhas mãos.

— Vamos sair daqui.

Um quarteirão depois, ele entra em uma loja Target e avança pelos corredores, sem soltar a minha mão. Encontra a sessão de roupas de cama, pega dois cobertores e me puxa para o caixa. Quero perguntar o que ele está fazendo, mas acho que não é o melhor momento. Ele precisa desse tempo em silêncio.

Já na calçada, ele acena para um táxi que está dobrando a esquina, diz algum endereço para o motorista, mas não consigo ouvir direito. Ele continua em silêncio, olhando para fora enquanto o carro percorre as ruas de São Francisco. Nem mesmo quando ele me puxa para perto e seus dedos acariciam a pele do meu braço, ele diz alguma coisa.

Quando o táxi para, ele entrega o dinheiro para o motorista e me ajuda a sair do carro. Nós estamos na praia. Continuo não fazendo nenhuma pergunta, porém acho tudo muito estranho.

Daniel estende um cobertor sobre a areia, faz o outro de travesseiro e se deita. Fito o espaço vazio ao seu lado e não sei o que devo fazer porque ele está encarando o céu. Tiro meu tênis e me deito ao seu lado. Encaro o céu também, mas não estou enxergando nada. Viro para Daniel e percebo que ele está de olhos fechado. Pego a mão que ele mantém ao lado do corpo e entrelaço nossos dedos.

Ele abre os olhos e se vira para mim. A dor continua lá. As sombras também. E é tão triste. Levo sua mão até a minha boca e beijo todos os nós dos seus dedos. Daniel inspira, profundamente, e volta a olhar para o céu.

— Há três anos eu sofri um acidente de carro. — fico alerta. Quero me sentar e olhar dentro dos seus olhos, mas tenho medo de me mexer. Tenho medo de que ele pare de falar assim que eu soltar a sua mão. — Matt estava comigo. Ele era o meu melhor amigo, desde... — apesar da escuridão que nos envolve, sei que ele está sorrindo porque a sua voz muda. — Eu nem me lembro quando conheci Matt, mas nós crescemos juntos e ele fez parte de tanta coisa que... O Matt e a Anna. — ele olha para mim e passa a mão pelos cabelos. — Os dois eram namorados. — assinto para ele sem saber por que estou fazendo isso. — Era o meu aniversário. Nós estávamos voltando para casa e um motorista bêbado avançou o sinal vermelho e... — a voz dele falha. Meu coração também. — Matt morreu na hora, a Anna perdeu o bebê, Sophie quebrou um braço e se machucou um pouco. Eu não sofri um arranhão sequer.

— Você estava dirigindo?

Ele solta o ar e esfrega a testa antes de concordar. Aninho-me mais ao seu lado e deito a cabeça em seu peito. Seu coração está batendo forte, acelerado e completamente fora do ritmo. É sofrido e muito doloroso vê-lo assim.

— Eu nunca falo sobre isso ou sobre Matt. Não gosto de me lembrar daquela noite e de tudo o que ela causou. — ele faz uma pausa para soltar o ar. — Nem do que ela fez com a Anna.

Anna...

Anna...

Anna...

— Daniel?

— Hum? — ele me abraça e aperta meu corpo junto ao seu.

— A Anna do Matt, ela é... — limpo a garganta, mas antes que eu continue, ele completa a frase para mim.

— É a mesma Anna. — a pergunta que gostaria de fazer eu seguida, desaparece. Minha voz fica presa na minha garganta. Desprendo-me dos seus braços e me sento. — Ei... — ele se senta também. Segura meu rosto entre as mãos e olha dentro dos meus olhos.

— É por causa dela, não é? — odeio que minha voz esteja tão embargada, ainda mais quando ele está abrindo o coração para mim. Ainda mais quando ele

está me contando o quanto isso é doloroso para ele.

— Era. — franzo a testa e ele leva um dedo indicador até a ruga que se forma entre as minhas sobrancelhas. Depois, quando fecho os olhos, sinto seus lábios tocando os meus bem de leve. Mas há tanta entrega e ele me diz tanto com esse gesto que meu coração transborda dentro do peito. — Eu me sinto muito culpado por tudo o que aconteceu. — abro os olhos quando a sua voz baixa chega aos meus ouvidos. — Eu me sinto culpado todos os dias porque a morte de Matt foi a morte da Anna. Ela se afundou na depressão, tentou se matar algumas vezes e, sempre que isso acontecia, uma parte minha morria também. — lágrimas surgem em seus olhos, mas ele não as deixa cair. Inspira profundamente e continua falando, mesmo que a sua voz esteja falhando. — Eu não queria perder mais ninguém, então, depois de um ano sem conseguir olhar para ela, nós nos reaproximamos e uma coisa levou a outra... — ele dá de ombros. — Acho que essa foi a maneira que encontramos de sobreviver àquilo.

— Por que você não seguiu em frente? Por que não se casou com ela?

— Porque ela surtou algumas semanas antes do casamento. Disse que eu era o culpado de tudo e... — seus olhos se fecham com força por alguns segundos e ele balança a cabeça. — Eu a deixei sozinha porque não aguentava ouvir tudo aquilo. Acabei parando em um bar e bebi tanto aquele dia e no dia seguinte também que não me lembro como voltei para casa. Os pais dela pediram para que eu me afastasse um pouco.

— Mas você não queria fazer isso?

— Não. E uma parte minha ainda não quer. — o ar é arrancado dos meus pulmões. — Porque eu sei que mais ninguém pode ajudá-la. E eu preciso... Precisava assumir essa responsabilidade e cuidar dela. — seus polegares estão desenhando meus lábios e seus olhos... Eu poderia me perder dentro dos seus olhos agora mesmo. — Mas eu não esperava encontrar você, não esperava... — seus lábios tocam os meus e ele sussurra dentro da minha boca. — Eu não esperava me apaixonar por você, Elena.

— Você está...? — *Por que quando eu preciso falar as palavras simplesmente desaparecem?*

Ele encosta a testa na minha e assente.

— Eu estou completamente apaixonado por você e eu não posso mudar isso. Eu não quero mudar isso porque eu não consigo mais pensar em uma vida sem você.

— Daniel...

Sua boca toma a minha para ele. Sua boca me toma por inteiro.

— Eu sou seu, amor. — sinto minhas costas tocando a areia fofa sob a toalha e seu corpo pesando sobre o meu. Sinto quando sua boca desliza pela minha pele. Cada pedacinho dela. Sinto seus dedos me tocando em todos os lugares. Ouço seus gemidos ecoando em meus ouvidos e misturando-se aos meus. Sinto sua pele quente na minha. Eu o sinto em mim... Dentro de mim.

Em todos os lugares.



Está amanhecendo quando abro os olhos. Daniel envolve minha cintura de uma forma possessiva e carinhosa. Seu peito está colado em minhas costas e sinto sua respiração tranquila e o ar quente que sai de sua boca tocando a minha nuca. Sorrio quando me lembro da noite anterior. Sorrio quando percebo que dormimos na praia. Viro-me de frente para ele e o encontro de olhos abertos. Um pequeno sorriso desponta no canto de sua boca e percebo que eu sou apaixonada por todos os seus sorrisos.

— Você está acordado.

— Uhum. — resvala o nariz no meu e me beija. — Estou sentindo você já tem algum tempo. — ele me beija outra vez. — Acho que nunca dormi tão bem.

— Acho que nunca acordei tão bem.

— Vou te acordar assim todos os dias.

— Todos os dias. — repito e então me dou conta do que ele acaba de dizer. — Todos os dias?

Seus olhos percorrem meu rosto, atentos, ansiosos. Já vi esse olhar uma vez quando ele me convidou para ir até Veneza.

— Eu preciso voltar para Nova York amanhã. — ele acaricia meu cabelo e coloca uma mecha atrás da minha orelha. — Eu quero que você vá comigo.

— Mas eu não... — *mas eu não o quê?* Por mais conturbada que tenha sido a nossa relação desde que nos conhecemos, tem algo muito mais forte acontecendo entre nós. Eu sinto isso e sei que ele sente também. E eu sei que eu deveria ir devagar. Sei que toda essa bagagem que ele carrega vai acabar me machucando, mas não consigo ignorar as batidas do meu coração e a ansiedade no peito só de pensar em não vê-lo amanhã. Ou depois. — Nós precisamos arrumar as malas então.

E quando eu penso que já conheço todos os seus sorrisos, ele me mostra um maior, melhor e eu sempre acabo me apaixonando um pouco mais.

Daniël

— EU ACHO que acabei de me apaixonar por essa cidade. — Elena não parou de falar desde que entramos em um táxi no aeroporto. Na verdade, acho que ela está falando desde que entramos no avião em São Francisco. Em muitos momentos, não consegui acompanhar o que ela dizia, não porque eu não me importava, mas porque prestar atenção na sua boca e nos seus olhos brilhantes era ainda melhor. E tentador.

— Amanhã nós podemos visitar alguns lugares. — olho para o relógio e me corrijo. — Ou mais tarde porque já são cinco da manhã.

— Na estátua da Liberdade? — aquiesço. — E eu também quero comer hot dog.

— Okay. — respondo rindo.

— Talvez conhecer algum museu. Ah! — até o motorista do táxi vira

rapidamente o rosto para trás, achando graça da sua empolgação. — Eu quero ir ao Empire States.

— É muita coisa para fazer em um dia só. — toco a ponta do seu nariz com meu dedo. — Nós temos muito tempo.

Acho que eu me apaixonei um pouco mais pelo brilho dos seus olhos. E por seu sorriso também.

— E hoje nós vamos jantar com meus pais.

— O quê?

— Eles querem te conhecer. Alguém já contou para eles sobre nós dois.

— Agora eu estou muito nervosa.

— Por quê?

— Porque eu... Eu não sei o por que, mas e se... — ela me olha realmente aflita. — E se eles não gostarem de mim?

— Eu acho isso muito difícil de acontecer. — aproximo meu rosto do seu e deixo um beijo na ponta do seu nariz. — Você é encantadora.

Ela repete o meu gesto e sorri para mim.

— Você é um mentiroso.

Pisco para ela e abro a porta quando o táxi estaciona na porta do meu prédio. Elena também desce e fica olhando para o prédio antigo à sua frente. Pego as malas com o motorista, pago pela corrida e paro ao lado dela.

— O que foi?

— Nada.

— Você está olhando para o prédio de um jeito estranho.

— É só que... — ela dá de ombros. — Eu achei que você morasse em um daqueles arranha-céus super modernos.

— Surpresa outra vez?

— Muito e esse prédio aqui — ela aponta para o antigo edifício. —, é um paraíso para arquitetos.

Inclino meu pescoço até meus lábios tocarem a pele macia do seu pescoço. Subo mais um pouco e sussurro em seu ouvido:

— Você não imagina o paraíso que vai encontrar na minha cama. — ela me encara fingindo espanto. Deixo um beijo estalado na sua boca e seguro a sua mão. — Vamos entrar, o sol vai nascer daqui a pouco e você vai adorar a vista lá

de cima.

— Senhor Marshall!

— Jesus Cristo! — Elena leva a mão ao peito e dá um pulo para trás. Apesar de já esperar por essa recepção, também me assusto.

— George — digo com um aceno de cabeça.

— Fizeram boa viagem?

— Fizemos. George, essa é Elena. Ela vai morar comigo e...

— Vou? — confirmo para ela que nega ao mesmo tempo. *O quê?* Ignoro isso por enquanto.

— Ela pode entrar e sair quando quiser, não preciso ser avisado.

— Sim, senhor.

— Ele me deu um baita susto — diz atravessando as portas do elevador. Entro logo atrás dela.

— George assusta as pessoas o tempo todo. — ela me encara através do espelho com a testa franzida. — Eu não sei como ele faz isso — passo a mão pelo cabelo, bastante incomodado com o que ela disse alguns minutos atrás. — Você não vai morar comigo?

— Eu não...

— Por quê? — interrompo-a.

Ela inspira profundamente.

— Eu não sei.

— Você não sabe?

— O que eu sei é que eu estou em Nova York agora... — ela fica nas pontas dos pés e beija meu rosto. — Com você. Amanhã quero conhecer o lugar onde meus pais moraram quando fizeram faculdade e, quem sabe, morar lá.

— Espera aí! — aperto os olhos, tentando entender de que lugar ela está falando. — Morar onde?

— Eu herdei uma casa dos meus pais no Brooklyn, na verdade, eu herdei algumas casas.

— O que você disse? — a porta do elevador se abre e ela sai, arrastando a sua mala.

— Você mora na cobertura. — afirma saindo do elevador e mudando de assunto. Não quero mudar de assunto.

— Não desconverse. — não estou irritado, mas pelo jeito ela está porque fica de frente para mim e coloca as duas mãos na cintura.

— Você também sabe ser insistente. — levanto as duas sobrancelhas e faço que sim com a cabeça. Ela revira os olhos. — Meu avô tinha alguns imóveis em Nova York e vendeu a maioria quando se mudou para Beaufort, antes mesmo da minha mãe nascer. Eu sei que ele manteve algumas casas Brooklyn e alguns prédios, mas esses são da minha avó. Não sei onde ficam.

— Sêrio?

— Foi o que a minha avó me contou. — ela está sorrindo outra vez e eu adoro isso.

— Por que você não me contou?

— Estou contando agora.

— Mas você não precisa morar lá, pode ser perigoso e... Você deveria mesmo morar aqui. Comigo.

— Daniel — ela se aproxima e coloca as mãos em meus ombros. —, é importante *pra* mim. Eu sempre tive muito medo de sair de casa, mesmo quando fui para a faculdade. Eu odiava ficar lá sozinha, por isso acabava voltando para casa todo fim de semana.

— Tem certeza? Por que eu posso... — provoco-a.

— Muito. — ela se aconchega em meus braços.

Beijo seus cabelos e então me dou conta do que ela disse. É a minha vez de segurar seus ombros. Uma ruga profunda se forma entre suas sobrancelhas quando a afasto.

— Você disse que é dona de algumas casas?

— Dez, na verdade.

— Dez casas? Você é dona de dez casas no Brooklyn?

— E nove estão alugadas. — ela me interrompe e em seguida aperta os lábios para não rir.

— E você ficava me atormentando quando eu queria me hospedar em hotéis cinco estrelas ou queria viajar de primeira classe!

— Porque você gosta de desperdiçar dinheiro.

— Isso não é verdade.

— É, sim. — rindo, ela se afasta e começa a olhar os quadros pendurados

nas paredes. — Eu conheço esse lugar. — ela aponta para a pintura, olhando para mim.

— *Castello Il Palagio*. — paro ao seu lado e fico olhando para a pintura de dez anos atrás. — o último castelo que visitamos em Florença.

— *Argh!* Foi por causa desse castelo que você quase perdeu sua reunião.

— Foi. — ela ri, inclina o pescoço e aperta os olhos, tentando enxergar a assinatura no quadro. — Daniel Marshall? — ela olha para mim e para o quadro outra vez. — Você pintou todos esses quadros?

— Pinte.

— Você não me disse que era pintor.

— Eu não sou, gosto de pintar de vez em quando. Só para relaxar.

— Então você deve ter relaxado muito todos esses anos porque essa sala está cheia de quadros. E são incríveis!

— Obrigado? — meio que pergunto isso. Acho que ninguém nunca olhou para os meus quadros do jeito que ela está olhando.

— São lindos! Aquele ali, da torre Eiffel, é maravilhoso. — ela aponta para o quadro atrás de nós.

— Eu pinte quando tinha quinze anos.

— Nossa! Quer dizer, nossa! — acho graça da sua risada e do seu espanto. — Você é um homem de muitos talentos, Daniel. — pisco para ela quando ela pisca para mim de forma provocativa. — Tem um piano aqui.

— Tem. — ela me dá as costas e vai até o piano próximo à janela de vidro com vista para o Central Park.

— Você toca?

— Não. Quando eu comprei o apartamento ele já estava aqui. Só achei que combinava com a decoração.

Ela desliza os dedos pelas teclas de uma forma muito íntima. Tenho a impressão de que está sorrindo, mas não tenho certeza.

— Combina muito. — sussurra ainda olhando para ele. Aproximo-me devagar e ela levanta os olhos para mim. Tem algo diferente no seu rosto. — O sol está começando a nascer. — até mesmo a sua voz está diferente, contudo, o sorriso ainda é o mesmo. Perfeito. Puxo-a pela mão e a levo até o terraço.

— *Uau!* — assim que chegamos ao topo da escada ela solta a minha mão e vai até o parapeito do outro lado. Apoia-se nos cotovelos e fica observando o dia

nascendo outra vez. Envolvero seu corpo com o meu e ela encosta a cabeça em meu peito. — É um quintal e tanto.

— É, sim. Você não vai encontrar isso no Brooklyn. — levo um tapa de leve no braço e meu corpo se aquece com a sua risada. — Agora vamos entrar. Quero te mostrar o resto da casa.

— Só tem um lugar que eu quero conhecer agora.

— Ah é? — subo minhas mãos pelo seu corpo até parar no seu pescoço. — E que lugar é esse?

— A sua cama. — quando ela fala desse jeito. Com essa voz... Meu corpo inteiro responde.

— Será um prazer, amor.



A casa está em perfeito estado. O piso de madeira, apesar de antigo, está muito bem conservado. As paredes haviam sido pintadas recentemente de branco e alguns móveis estão cobertos por lençóis brancos, além de estar surpreendentemente limpa.

— Eu adorei aquela cozinha! Tem uma geladeira daquelas bem antigas. — ela sai da cozinha e aponta para trás. Não tenho tempo de dizer nada porque ela passa por mim e começa a subir a escada de madeira até o segundo andar. Sigo-a em silêncio porque não tenho tempo de falar nada.

Apesar de ter três quartos amplos, a casa só tem um banheiro, o que é de se esperar, já que ela é muito antiga.

— Ela vai ficar incrível quando eu começar a reforma! — ela está visivelmente empolgada.

— Não mexa nisso. — aponto para a banheira em estilo vitoriano. Ela sorri caminhando na minha direção, mas alguma coisa no outro cômodo a detém.

— Eu não acredito que isso está aqui. — ela entra em um dos quartos. Suas mãos deslizam por um lençol branco que cobre o que parece ser um móvel, mas quando puxa o lençol, o que surge é um antigo piano preto.

Ela parece encantada, quase hipnotizada andando ao redor dele e deslizando seus dedos pelas teclas. Um pequeno sorriso estampa seu rosto, mas de onde estou, não consigo identificar se ela está feliz. Dou um passo na sua direção, mas acho melhor esperar.

— Faz anos que não vejo esse piano. — sua voz está baixa e percebo que ela não está falando comigo. Lentamente, ela se senta no banco em frente ao piano, inspira profundamente e fecha os olhos. Suas mãos vão até as teclas e de repente, o quarto se enche de música. A princípio não reconheço a melodia porque não consigo prestar atenção em mais nada.

Somente nela.

Seu corpo balança no ritmo da música e seus dedos, ágeis, deslizam graciosamente pelo instrumento. Calmamente, dou a volta no quarto e recosto na parede de frente para ela. Há uma lágrima escorrendo por sua face. Ainda não sei se ela está triste porque o sorriso que despontou em seus lábios alguns minutos atrás continua ali. Quando as últimas notas tocam é que me dou conta de que a música é *My Immortal*.

— Você é uma caixinha de surpresas, Elena. — aproximo-me devagar depois que ela cobre o piano novamente e se levanta. Há um sorriso tímido em seu rosto.

— Tem tanto tempo que eu não toco que... — ela dá de ombros e então me lembro da maneira como ela olhou para o meu piano ontem. — Minha avó é pianista, minha mãe também. Esse piano era dela, ficava em nossa casa em Beaufort.

Ela dá a volta e caminha até a janela. Apoio meu peito em suas costas e envolvo sua cintura com força. Alguma coisa na postura dela me diz que ela precisa disso. Tenho certeza quando ela segura meus braços com as duas mãos.

— Eu comecei a tocar quando tinha apenas seis anos, minha avó foi a minha professora. No início, eu achava tudo muito entediante, mas eu queria tocar por causa da minha mãe, porque eu queria que ela me notasse. Só que acabei me apaixonando pela música. — quando a sua voz falha, percebo que ela está chorando. E a maneira como sua respiração fica entrecortada parte meu coração. Aperto meus braços ao redor dos seus com mais força e beijo seus cabelos. — Eu achava que assim ela me amaria mais, mas ela nunca prestou atenção em mim.

— Ei. — viro-a de frente para mim e seco suas lágrimas com os polegares. Beijo seus olhos e a ponta de seu nariz. Beijo seus lábios, delicadamente, mas ela está perdida demais em seus pensamentos.

— Depois que ela se matou eu senti tanta raiva dela! Tanta raiva. — há tanta dor, tanta raiva em suas palavras que, quando o choro vem, ela nem consegue se manter em pé. Sento-me no chão e a aconchejo em meu colo. Deixo

que ela chore agarrada à minha camisa. Deixo que ela molhe meu pescoço e coloque tudo para fora. — Nossa. — sussurra, afastando-se de mim. — Desculpe por isso.

Acaricio seu rosto e sorrio para ela. Ela não sorri de volta. Senta-se ao meu lado e apoia as costas na parede. Seu olhar se mantém fixo ao piano à nossa frente.

— Logo depois do seu funeral, quando voltei para casa, eu peguei um martelo na garagem e martelei esse piano. Sem dó. — ela olha para mim e sorri, mas eu não gosto desse sorriso, é triste e amargo. Pego sua mão e beijo os nós de seus dedos, ela apoia a cabeça em meu ombro e suspira. — Minha avó não deixou que eu o destruísse e no dia seguinte, ele havia desaparecido. Nunca imaginei que pudesse encontrá-lo aqui. É a primeira vez que eu toco desde a sua morte.

Passo meu braço por seu ombro e deito a minha cabeça na sua.

— Agora o piano da minha casa vai ter alguma utilidade.

— Acho que sim.

— Não pare mais de tocar. — ela aquiesce. — Você acha que é uma boa ideia morar aqui?

Ela ri e meu corpo se aquece.

— Boa tentativa, Daniel Marshall.

— Eu precisava tentar. — levanto-me e estendo a mão para ela. — Quer comer agora?

— Você sabe como fazer uma mulher sorrir. — ela segura minhas duas mãos e quando fica em pé, puxo-a para um beijo.

— Nunca mais chore assim. — peço contra seus lábios quentes e macios. — Eu adoro quando você sorri.

— Mantenha-me alimentada. Eu sorrio mais quando não estou com fome.

— Você é incrível, Elena Collins. — esse dom de espantar a tristeza e esquecer os problemas é uma das coisas que mais amo nela. Amo. Amo?

— Eu sei. — selo meus lábios nos seus e estou prestes a atrasar nosso almoço quando alguém grita por da sala. — *Droga!* — ela se afasta e limpa o rosto. — Jess. Enviei uma mensagem pra ela mais cedo e disse que estaria aqui — diz e começa a ir em direção da escada.

— Quem?

Uma loira alta, magra e sorridente chega ao último degrau ao mesmo tempo em que Elena e pula no seu pescoço.

— Eu estava morrendo de saudade de você!

— Jess! Que bom que você está aqui!

— Ei! Tem um homem dentro da sua casa. — ela se desprende do abraço e fixa os olhos em mim. — Você é o cara italiano?

— Italiano? — Pergunto confuso, olhando para Elena que está balançando a cabeça e rindo.

— Jess, esse é o Daniel e ele é de Nova York.

— Mas é o cara da Itália, não é? — ela continua me encarando e acho que estou começando a ficar assustado com a intensidade com que ela me olha. Ela não parece ser uma pessoa muito normal.

— É, sim. Ele é o cara que conheci na Itália.

— Ela estava chorando por sua causa? — franzo a testa confuso e murmuro um 'o quê?'. — Os olhos dela estão inchados e vermelhos. Ela estava chorando. Foi você?

— Não. — coloco as mãos no quadril frustrado.

— Jess? — Elena chama, contudo ela o ignora.

— Eu vou dizer uma coisa *pra* você. — ela dá um passo na minha direção e fico tentado a recuar. — Elena é a minha melhor amiga e eu daria a minha vida por ela então... — acho que acabo de engolir em seco ao mesmo tempo e que tento segurar uma risada. — Se você a magoar, se você fizer Elena chorar eu juro por Deus que arranco seus olhos com uma colher de café.

Elena e eu começamos a gargalhar.

— Desculpe pela Jess, Daniel. — ela passa o braço pelo ombro da amiga e a puxa para perto. — Ela é meio intensa às vezes.

— Meio? — pergunto aproximando-me. Estendo a mão para Jess, mas ela não retribui o gesto. Fica na ponta dos pés, beija meu rosto e me dá um abraço apertado.

— Prazer, Daniel.

— Nós estamos indo almoçar, vem com *a gente*? — convida Elena.

— Não posso. Eu estou atrasada para um curso de *cupcakes*. — ela deixa um beijo rápido no rosto de Elena e nos dá as costas.— Depois eu te ligo para conversarmos!

— Tá! — quando Elena responde, rindo, Jessica já havia fechado a porta.

— Eu posso dizer que sua amiga é louca?

— Não. — mas ao mesmo tempo em que ela responde que não, faz que sim com a cabeça.

Elena

— O QUE eu devo vestir para conhecer seus pais?

Ele se vira para mim e dá de ombros

— Qualquer coisa. — olho para ele com uma sobrancelha levantada e ele se aproxima, puxando-me pela toalha. — Você vai ficar linda de qualquer jeito. — o interfone toca. Ele beija a minha boca rapidamente e sai gritando pelo corredor. — Não demora!

Escolho um vestido verde e bem soltinho e uma sandália sem saltos. Odeio ficar desconfortável. Faço uma trança na lateral no meu cabelo e coloco um brinco de pedrarias que eu havia feito durante o ensino médio. Respiro fundo, e sigo pelo corredor.

— Lá está ela. — ouço a voz de Daniel assim que entro na sala. Ele coloca

a sua taça de vinho sobre a bancada e vem ao meu encontro. — Pai, mãe, esta é Elena.

— Elena, querida. — sou pega de surpresa quando ela me abraça. — Eu ouvi muito sobre você.

— Sério? — olho para Daniel que está ocupado encarando os pés. — Prazer, senhora Marshall.

— Apenas Olivia, por favor.

— Olivia. — repito e ela sorri. O mesmo sorriso de Daniel.

— Ela é muito mais bonita do que você nos falou, Daniel. — seu pai beija meu rosto rapidamente e aperta meu ombro de uma maneira bastante carinhosa. — Prazer, querida.

— Prazer Sr... — começo, mas ele me interrompe.

— John.

— Prazer, John.

— Você aceita uma taça de vinho? — Daniel pergunta.

— Por favor.

— Falta música nesse lugar. — John vai até o *iPod* conectado nas caixas de som e começa a procurar alguma música, até que um solo de guitarra começa a tocar baixinho, mudando a atmosfera do local.

— Você gosta de *Pink Floyd*, Elena?

Olho para ele um pouco constrangida, sentindo-me uma idiota por nunca ter ouvido qualquer outra música de *Pink Floyd* que não fosse ' *Another Brick in the Wall* '.

— A Elena tem um gosto musical um pouco peculiar, pai. — Daniel senta-se ao meu lado no sofá e me entrega uma taça de vinho. — Mas eu já estou cuidando disso. — ele pisca para mim.

— Então você é arquiteta? — sua mãe pergunta mudando de assunto.

— Sou. Eu me formei no ano passado, mas ainda não comecei a trabalhar.

— Ela é uma excelente fotógrafa. — Daniel me interrompe mais uma vez. — Vocês precisam ver as fotos que ela fez durante a viagem.

— Tenho certeza de que são lindas. — ela olha para mim e aponta para um dos quadros de Daniel — Você já viu os quadros que ele pintou?

— Sim, são incríveis.

— Desde criança. Os desenhos que ele fazia na escola eram lindos. Tenho certeza de que tenho alguns guardados em algumas daquelas caixas que estão no porão, não é John?

— Certamente você tem, querida. — e olhando para mim acrescenta. — Ela guarda tudo.

— Não é verdade.

— É, sim, mãe. — ela lança um pequeno sorriso para Daniel, ameaça dizer alguma coisa, mas John chama a minha atenção.

— Você pretende ficar em Nova York, Elena?

— Parece que esse é o plano. — Daniel pousa a mão sobre a minha perna enquanto eu falo. Sinto a minha pele pinicar no local e meu rosto ficando vermelho. Pego a mão dele e a coloco sobre a sua coxa. Ele me olha com o cenho franzido e ameaça colocá-la sobre o meu joelho, mas não deixo. — Estou pensando em alugar algum tipo de galpão ou fábrica desativada. Quero montar meu escritório de arquitetura, expor as minhas fotos, talvez. — olho para Daniel e percebo que ele está me encarando e um pequeno sorriso está surgindo no canto de sua boca. — Eu quero ensinar fotografia para crianças carentes. Talvez música e teatro, tudo no mesmo lugar.

— Você não tinha me falado sobre isso.

— Eu estava viajando dentro da minha cabeça enquanto me arrumava. — reviro os olhos e ele acha graça. — Você acha que...?

— Eu acho uma excelente ideia. — ele fica em pé e beija a minha testa. — Eu preciso terminar o jantar.

— E você começou a fazê-lo em algum momento? — ele me dá um sorriso torto e me lança uma piscadela.

— Susanne cozinhou enquanto dormíamos. Só preciso finalizar.

— E quem é Susanne? — pergunto curiosa. É Olivia quem responde.

— Susanne é a segunda mãe dos meus filhos. E dos meus sobrinhos também. — olho para ela ligeiramente confusa. — Ela começou a trabalhar para nós quando Owen tinha apenas um ano e nunca mais foi embora.

— Ela cuida da minha casa, das minhas roupas, faz supermercado e prepara alguns congelados. — Daniel encolhe os ombros ao dizer isso. — Não é sempre que eu tenho vontade de cozinhar.

— Certo. E quando eu vou ser apresentada ao seu mordomo e ao seu motorista? — não resisto à piada.

— Amanhã. — ele pisca para mim e sorri de canto.

— Eu vou ajudar você. — ameaço ficar em pé, mas John me impede.

— Não, eu faço isso. — ele também se levanta e segue Daniel até a cozinha.

— Você precisa se acostumar com isso, eles adoram cozinhar. — Olivia se levanta e vem se sentar ao meu lado.

— Owen também?

— Não, Owen puxou a mim. — ela deixa uma risada escapar. — Então me conte. Como vocês se conheceram?

— Eu esbarrei nele, literalmente. Acabei com sua camisa.

— Ele deve ter ficado com um péssimo humor.

— Bom — bebo um gole de vinho antes de falar. —, o humor dele não é o melhor do mundo.

— Não mesmo, mas nem sempre foi assim. — engulo em seco porque eu sei aonde essa conversa vai dar. — Ele está diferente desde que te conheceu. Você acredita em destino, Elena?

— Eu não sei.

— Porque eu acho que foi o destino que o enviou para Verona quando ele nem queria sair de Nova York.

— O destino foi meio cruel comigo nos últimos anos. Acho que eu prefiro acreditar que foi apenas coincidência.

— O destino tende a ser cruel às vezes, mas... — ela segura a minha mão e isso me surpreende, muito. Há tanto carinho em seu toque e na maneira como ela me olha. — Sempre há uma razão para tudo. Só é difícil acreditar nisso quando estamos chegando ao fundo do poço. — engulo em seco e sinto lágrimas se acumulando em meus olhos. Puxo o ar com força e tento espantá-las. E eu nem sei por que isso está acontecendo, quer dizer, ela ainda nem disse nada. — Daniel passou por uma fase muito complicada depois que o Matt... Ele te falou sobre o Matt? — faço que sim. — Ele nunca fala sobre isso, nunca mesmo. Depois do acidente ele se fechou e acho que alguma coisa morreu dentro dele. Mas hoje, quando eu atravessei as portas do elevador e ele sorriu para mim... — Ela faz uma pausa e enxuga o canto do olho direito. — Ele está sorrindo outra vez. Sorrindo de verdade. E ele tem um sorriso lindo, não tem? — quando ela ri, emocionada, acabo rindo também. Daniel chega no mesmo instante.

— Tudo bem por aqui?

— Claro. — enxugo os olhos e fico em pé. Ele continua me olhando com a testa franzida.

— Acho que eu estou ficando muito emotiva. — Olivia passa por ele e vai ao encontro de John.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Tenho.

Mas na verdade, eu não tenho certeza de nada. Apesar de me sentir feliz por saber que, de alguma forma, Daniel está sorrindo outra vez, sinto-me incomodada, responsável por isso e não gosto de me sentir assim.

Seu pai está colocando a carne assada sobre a mesa quando nos aproximamos. Há também salada de rúcula com morangos e batatas coradas ou algo do tipo.

— O cheiro está maravilhoso. — Daniel puxa uma cadeira e eu me sento.

Os pais dele são pessoas incríveis e extremamente carinhosas. Daniel tem muita sorte em tê-los por perto. Penso na minha avó, no quanto ela foi importante para mim e ainda é, mas fico me perguntando como seria a minha vida se eu ainda tivesse os meus pais.

— Imagina só a confusão, dois irmãos, namorando duas irmãs. — o pai dele fala, rindo de alguma piada que eu havia perdido por estar viajando dentro da minha cabeça. Outra vez.

— Como assim? — pergunto sem graça e é Daniel quem responde.

— A minha mãe é irmã gêmea da tia Ellis, mãe da Lucy e do Scott.

— E meu irmão Carl, é casado com ela. — o pai dele acrescenta. — Era impossível guardar segredos. — isso explica um pouco mais a união da família. — E essas duas quando se juntam... — John pisca para Olivia, mas ela só se limita a revirar os olhos.

— Você também fez a sobremesa, querido? — Olivia pergunta para Daniel mudando de assunto. Ele nega com a cabeça. — Ele não sabe fazer doces. — ela sussurra para mim.

— Seria perfeito demais não? — pisco para ele que sorri.

— Susanne fez. — ele vai até a geladeira e volta com uma torta nas mãos. — A especialidade dela: *cheesecake* de frutas vermelhas. — sinto a minha boca salivando diante dessa torta branquinha com uma calda incrivelmente vermelha e brilhante caindo sobre ela.

— Parece deliciosa.

— A melhor *cheesecake* que você vai comer na sua vida.



— Parece que você conquistou os meus pais.

— Eu sou muito encantadora, não foi difícil. — dou de ombros e ele solta uma gargalhada.

— Quer ir para o terraço um pouco? — faço que sim. Ele pega uma manta xadrez que está jogada sobre o sofá e me puxa pela mão.

Sentamos no espaçoso banco de madeira no canto do terraço e eu me aconchego em seus braços. Um dos meus lugares preferidos agora. Adoro a maneira como ele me envolve e me aperta contra seu peito. Adoro sentir sua respiração contra a pele do meu pescoço e o toque macio da sua pele na minha.

— Por que vocês estavam chorando? — é claro que ele não deixaria de me perguntar isso.

— Sua mãe estava me falando sobre você. — faço uma pequena pausa e sinto seus braços se contraírem, como se ele já soubesse. — Sobre como você ficou depois do acidente.

— Por que ninguém deixa isso para trás? — um dos seus braços deixa meu corpo. Ajeito-me no banco e me viro para poder olhar para ele.

— Porque parece que você não faz isso.

Ele passa a mão pelos cabelos, frustrado e apoia os cotovelos nos joelhos. Está encarando o chão e respirando com um pouco de dificuldade.

— Daniel. — afago suas costas e sinto-o relaxar sob minha mão. — Ela só está feliz por você. Ela me disse que você não sorria assim há muito tempo. — ele me olha e há tanta emoção em seu olhar que meu coração perde uma batida.

— E você está incomodada por causa disso? — aperto os lábios, ainda ponderando se devo ou não falar sobre isso com ele. — Ela acha que eu estou assim por sua causa?

— Ela não disse dessa forma, mas sim...

— E é verdade. — ele me interrompe.

— Você sabe que eu não posso ser isso, não sabe? — uma ruga se forma entre as suas sobrancelhas. — Você precisa fazer isso por você. Encontrar algo

dentro de você.

— E eu encontrei. — seus olhos me fitam com mais intensidade. — Eu encontrei você e... Eu nunca senti isso, Elena. Nunca quis tanto alguém como eu quero você. — ganho um beijo bem de leve no canto esquerdo da boca. — Nenhuma garota nunca chegou tão perto... — seus olhos estão fechados, mas ainda sinto a intensidade desse momento em seu toque, em seus beijos. Até mesmo na sua respiração. Fecho meus olhos também e sinto apenas meu coração batendo. *Batendo por ele*. — Eu amo você, Elena. — puxo o ar com força, mas parece que não sou capaz de respirar nesse momento. Ele acabou de dizer que me ama? — Eu não sei como isso vai funcionar porque eu não... — sua voz falha e ele faz uma pequena pausa. Não abro os olhos ainda. — Você bagunçou ainda mais a minha vida e tudo o que eu sei agora é que eu amo você. — abro os olhos e encontro incríveis e brilhantes olhos azuis me encarando.

— Daniel...

— Eu amo você. — ele está sussurrando em minha boca. Sussurrando e deslizando sua língua por meu lábio inferior. Sussurrando que me ama e me mostrando o que é ser amada por ele. Sussurrando e tocando meu corpo de todas as formas. Em todos os lugares. — Eu amo você. — sussurrando sugando meu ar. Ele me deita sobre o cobertor e me beija, sorvendo tudo de mim.

Ele sussurra e me ama... A noite inteira.

— Daniel? — ele está deitado em meu peito, sua respiração está tão tranquila que tenho a impressão de que ele já está dormindo. Beijo seus cabelos e acaricio suas costas. Ele não se move. E mesmo assim, mesmo sabendo que ele não vai me ouvir, as palavras saem da minha boca. — Eu amo você, muito. — levanto uma mão para acariciar seu rosto, mas ele me surpreende, segurando a minha mão e levando-a até a sua boca. Beija-a demoradamente e adormece outra vez.

Daniël

ELENA E eu estamos sentados no chão do Galpão que ela alugou há doze semanas. Ela comandou e acompanhou toda a reforma, transformando um velho depósito de bebidas em Tribeca um lugar incrível. Ao mesmo tempo, ela reformou a casa no *Brooklyn* e ela ficou pronta duas semanas atrás. Costumamos ficar mais tempo lá do que na minha própria casa.

— Ainda não acredito que consegui fazer isso. — ela bebe um pouco da sua cerveja e coloca a garrafa no chão. — Olhe só para esse lugar!

— Estou olhando. — ela vira o rosto para mim e sorri quando percebe que não estou olhando para o Galpão. Estou olhando para ela e acho que acabo de me apaixonar um pouco mais.

— Você não está olhando ao redor.

— Eu não consigo. — ainda sorrindo, ela se inclina para me beijar e depois deita a cabeça em meu ombro. — Eu estou muito orgulhoso de você.

— Nós vamos abrir as portas na semana que vem e já tem lista de espera para algumas aulas.

— E quanto as aulas para as crianças carentes?

— Todas as quintas-feiras o Galpão será delas. Aulas de piano, pintura, culinária infantil, fotografia, balé. Tudo para elas.

— O Galpão

— Acho que esse nome é perfeito. Você não acha?

— Acho. Jess parece bastante animada em montar o bistrô aqui.

— Ela está.

— Tem certeza de que ela sabe cozinhar?

Ela ri.

— Tenho. Ela faz o melhor purê de batatas do mundo inteiro.

— Qualquer pessoa sabe fazer purê de batatas.

— Eu não sei. — ela me olha e faz um beicinho. Passo o dedo por seus lábios e a beijo ternamente.

— Você não é qualquer pessoa.

— Ah, meu Deus! — rindo, ela joga a cabeça para trás e envolve meu pescoço com seus braços. — Isso é a coisa mais piegas que eu já ouvi.

— Mas tenho certeza de que seu coração está batendo mais forte agora.

Ela faz beicinho outra vez, tenta negar, mas acaba concordando.

— Eu vou expor as minhas fotos — diz de repente. — Se eu não falasse acabaria desistindo e sei que você não vai me deixar fazer isso.

— Não mesmo.

— Eu estou tão nervosa com isso. Morro de... — ela arregala os olhos, genuinamente preocupada. — E se ninguém aparecer? E se ninguém gostar das minhas fotos?

— Suas fotos são incríveis. — pego uma mecha de seu cabelo, enrolo meu dedo nela e depois a coloco atrás de sua orelha. — É claro que elas vão gostar.

Ela puxa o ar com força e assente.

— Você conseguiu falar com a sua avó?

— Hoje de manhã.

— Ela vem passar o feriado com você?

— Não. Ela me disse que vai para a Flórida com algumas amigas. — ela ri de um jeito nervoso

— Qual é a graça?

— Minha avó não tem amigas que viajam para a Flórida, no máximo elas vão para algum congresso sobre plantas estranhas em uma cidade que ninguém nunca ouviu falar.

— Você acha que ela conheceu alguém?

— Alguém? O que você...? — ela leva uma mão à boca. — Será? — dou de ombros, achando graça da sua reação. — Agora que você falou... Ela está muito estranha.

— Estranha como?

— Desde que eu cheguei de viagem ela não veio me visitar ou me obrigou a ir até lá e também não fez questão de te conhecer e... Ah, meu Deus! Será que ela está namorando?

— Qual o problema?

— O problema é que ela é minha avó, e avós não namoram.

— Namoram, sim!

— Não, não namoram e eu não quero falar sobre nisso.

— Então vamos falar sobre o que eu quero fazer com você nesse chão. — avanço sobre ela que apoia as duas mãos em meu peito e me impede de beijá-la. — O que foi?

— Precisamos nos arrumar para o aniversário do Scott.

— Não, não precisamos. — deito-a no chão e me posiciono sobre ela. Tento beijá-la outra vez, mas ela vira o rosto.

— Mas eu quero ir.

— E eu quero fazer amor com você aqui, naquela escada, na sua sala... Em todos os lugares.

— Mas nós estamos atrasados. — ela morde meu lábio e dá um jeito de escapar de meus braços. — Vamos. — ela fica em pé e estende a mão para mim.

— Você é a pessoa mais frustrante que eu conheço.

— Eu sei. — ela pisca para mim. — E mesmo assim você me ama.



— Eu não sei por que o Scott insistiu em comemorar o aniversário nesse lugar. — desde que saímos de casa, estou tentando controlar o meu nervosismo, mas parece que não estou fazendo isso direito. As palmas das minhas mãos estão suadas e acho que a minha testa também.

— Você não gosta daqui

— Gosto, é que eu... Não sei. — estaciono o carro e rapidamente, um manobrista abre a porta para mim e outro abre a porta de Elena. Dou a volta no carro e pego a sua mão. Ela olha para mim imediatamente.

— Você está gelado.

— Estou? — levo a outra mão à testa e confirmo que sim, estou suando.

— Você está bem? Porque desde que entramos no carro você não disse uma palavra.

— Vamos entrar. — se eu vou ter que passar por isso, que seja logo.

— Nós não precisamos entrar na fila? — Elena pergunta assim que passamos pela enorme fila do lado de fora.

— Não.

— Sr. Marshall. — Dylan, o mais antigo segurança da boate me cumprimenta. Forço um sorriso e aceno com a cabeça.

Entramos no elevador com mais duas pessoas que riem e falam sem parar e assim que as portas se abrem, deixo um palavrão escapar

— Daniel Mars... — a *hostess* loira — que eu não lembro o nome — para de falar quando vê que estou acompanhado, mas continua sorrindo, esperando que eu diga alguma coisa. Como continuo calado, ela estreita os olhos e solta o ar. — Sua família está no camarote de sempre.

— Obrigado.

Dois seguranças abrem as portas e nós entramos. Por um momento, acho que não sou capaz de respirar. Principalmente quando entramos na área iluminada e vejo a garota de cabelo preto vindo na nossa direção.

— Você desapareceu! — ela aproxima a boca do meu ouvido e me esquivo,

sem olhar para ela. — Eu estava com saudade de você.

— Eu preciso... É... — puxo Elena pela mão e começamos a atravessar a pista de dança.

— Parece que alguém é bem conhecido por aqui. — esfrego a testa e aperto os olhos. — Quem era aquela mulher?

— Ninguém.

— Ela deve te conhecer muito bem já que está morrendo de saudade. — olho para ela, bastante constrangido e quando estou prestes a responder, a ruiva de cabelos cacheados aparece.

— Daniel! — sua voz anasalada me faz gelar.

— *Porra!*

— O quê? — pergunta Elena.

— Nada — respondo sem olhar para ela — acho que estou com vergonha de fazer isso — Como vai, Sheila? — cumprimento-a de longe e continuo andando. Parece que todas elas resolveram aparecer no mesmo dia.

Consigo chegar ao camarote e, quando consigo respirar aliviado, vejo duas loiras sentadas em um sofá. As duas estão sorrindo para mim. Finjo não notar. Elena nota, muito bem porque olha para elas e depois para mim.

— Por que vocês demoraram tanto?

— Daniel não queria vir. — Elena responde e franzo a testa para ela.

— Não? Por quê? — Caroline fica me encarando por alguns segundos e então, parece perceber alguma coisa, mas não diz nada e disfarça muito bem. — Vem, Elena! Vamos dançar.

— Não, eu...

— Vamos! — ela arrasta Elena até a pista.

— Você parece nervoso. — Owen e Scott estão rindo ao meu lado. Pego uma das cervejas que meu irmão segura nas mãos e bebo mais da metade do líquido gelado de uma vez só.

— Com tantas boates *pra* você comemorar seu aniversário e você escolhe justamente essa? — Scott solta uma gargalhada e Thomas, que eu nem tinha visto ainda para ao meu lado e gargalha também.

— Você sabe que não seria diferente em outro lugar.

— Eu sei, mas aqui é muito... — sinto uma mão gelada em meu pescoço.

Tenho medo de me virar. Mas não preciso fazer isso, porque Ivy, a modelo que saiu comigo alguns dias antes da minha viagem dá a volta e para bem na minha frente.

— Olá, Daniel.

— Oi — respondo dando uma rápida olhada para a pista de dança. Elena não está mais lá. Bebo toda a minha cerveja e dou um passo para trás quando Ivy ameaça tocar meu rosto.

— O que aconteceu com você? Estou esperando você me ligar há meses.

— Eu disse que ligaria? — bêbado eu posso dizer qualquer coisa, mas isso? Eu nunca liguei para garota nenhuma.

— Eu pensei que...

Ela para de falar quando Elena chega e envolve a minha cintura. As duas se encaram por alguns segundos e acho melhor intervir antes Ivy diga alguma coisa. Preciso controlar a situação ou a noite vai terminar muito antes de começar.

— Ivy, essa é Elena, minha namorada.

— Namorada? — de canto de olho vejo que Elena está de cenho franzido. Ivy sorri, balança a cabeça e passa por nós, batendo com seu ombro no meu.

— Quem é a modelo frustrada?

— O quê?

— Você a deixou frustrada quando disse que eu sou a sua namorada.

— Ivy é só alguém que frequenta os mesmos lugares, só isso. — *e, por favor, não me pergunte mais nada.* Mas sei que ela não vai deixar passar. Posso ver sua cabeça fervilhando com perguntas que gostaria de fazer. — Vamos lá para o terraço um pouco? Estou cansado dessa música alta. — mas na verdade, eu só quero fugir desse lugar.

— Vamos antes que Caroline me arraste para a pista outra vez!

O terraço está tranquilo, como sempre. Apenas alguns casais conversando e bebendo. A maioria está observando as luzes da cidade brilhando ao longe. Puxo Elena para uma *chaise* de couro preto e nos sentamos. Finalmente, sinto que posso respirar. Dou uma rápida olhada ao redor e não vejo ninguém que eu conheça. Bebo um pouco da cerveja que peguei antes de subir e puxo Elena para mais perto.

— Você vinha sempre aqui? — ela deita a cabeça em meu ombro e pousa a

mão em meu joelho.

— Algumas vezes. — o que não é totalmente verdade. Eu vinha aqui sempre porque aqui era o melhor lugar para... *Merda!* Uma morena — que também não lembro o nome — passa por mim e me lança uma piscadela. Dou um gole na cerveja e olho para o outro lado, torcendo para que Elena não tenha visto nada.

— Ah, meu Deus! — ela viu. Em pé, ela me encara com as duas mãos na boca. Fico em pé também.

— Calma.

— Calma? Você saiu com todas essas mulheres!

— *O quê? Não!*

— Não minta para mim, Daniel! — ela aponta o dedo no meu rosto e isso me deixa ainda mais nervoso. Ela começa a se afastar, ainda falando. — E você me trouxe aqui!

— Espera.

— Você me trouxe aqui! — diz entredentes assim que a seguro pelo braço.

— Deixe eu me explicar, okay? — ela cruza os braços e inclina a cabeça para um lado. — Talvez eu tenha saído com algumas dessas mulheres, mas...

— Algumas? Você não consegue dar dez passos sem ser parado por uma delas. — eu juro por Deus que vou matar o Scott por causa disso. Passo uma mão pelo cabelo e solto o ar frustrado.

— Eu não tenho uma fama muito boa por aqui, mas tudo isso foi antes de...

— Espera! — ela espalma uma mão no ar e fecha os olhos por um instante. Engulo em seco porque sei que estou ferrado. — Quando você estava com a Anna, você...? Você também...?

Ela não termina as perguntas, mas eu já sei o que é, por isso, não espero que ela continue.

— Sim, eu saía com outras mulheres.

— Você...? — ela balança a cabeça e me dá as costas outra vez.

Merda! Merda! Merda!

Seguro-a pelo cotovelo e a viro para mim outra vez.

— É diferente agora — digo assim que meus olhos encontram os seus. — Eu sei que nada justifica o que eu fiz com ela, mas nossa relação começou da

maneira errada e eu vivia atormentado por... Por todo o resto. — ela exala com força. — Eu não trairia você. Nunca. Todas essas mulheres, a maneira como eu vivia antes... — seguro seu rosto com as duas mãos. — Aquela vida não existe mais. — ela continua com os braços cruzados. — Nós podemos ir embora se você quiser.

— Não! É aniversário do Scott e nós vamos ficar! — *merda outra vez!*— Nós vamos voltar para dentro, mas não ouse falar ou olhar para qualquer uma dessas mulheres.

Apesar de ainda estar bastante nervoso com essa situação, não consigo deixar de achar graça desse comentário.

— Você está com ciúme, Elena?

— Não diga... — ela revira os olhos e eu dou um passo à frente, aproximando meu rosto do seu. — Se eu o vir fazendo isso, eu juro por Deus, que acabo com você.

— Você acharia estranho se eu dissesse que fiquei excitado com isso? — sussurro em seu ouvido.

— Isso o quê?

— Com você dizendo que vai acabar comigo.

— Você deveria ficar mesmo. — ela está sorrindo quando beijo de leve o canto de sua boca, mas quando tento avançar, ela recua. — Vamos entrar.

— Sem um beijo? — ela não responde, pega a minha mão e me puxa para a escada.

Dentro do camarote, as coisas estão mais tranquilas. Não ousa me levantar do sofá para não correr o risco de ser visto por alguém. Só Deus sabe quem eu poderia encontrar aqui e isso me deixa apavorado. Quem diria que algum dia eu sentiria medo de encontrar uma mulher? Elena está sentada ao meu lado, conversando com Sophie e Lucy e ela ri sem parar. A sua risada! Adoro ouvir a sua risada. Adoro tudo nela. Olho para o *DJ* na cabine próximo ao camarote e tenho uma ideia.

— Aonde você vai? — pisco para Elena, mas não respondo. Peço para que ele coloque a mesma música que dancei com ela em Milão.

Ela está sorrindo quando paro na sua frente outra vez.

— Você me concederia a honra desta dança, senhorita Collins? — estendo a mão para ela que a segura sem hesitar. — Eu quero fazer isso direito dessa vez. — sussurro em seu ouvido e ela se encolhe. — Como deveria ter sido aquela

noite.

Enquanto a música toca, sinto sua respiração quente contra a pele do meu pescoço e o meu coração batendo forte e fora de compasso. Eu não sinto nada além de Elena. Aproximo meu rosto do seu e, dessa vez, não existe hesitação, não existe dúvidas. Existe apenas a minha vontade de amá-la cada vez mais. Existe apenas o nosso beijo, o nosso amor e nossos corações.

Elena

ELE ESTÁ sentado no sofá de cabeça baixa apertando o celular nas mãos com tanta força que fico esperando que o aparelho se parta ao meio.

— Você acordou cedo. — seu olhar está fixo no chão. — O que aconteceu?

Quando ele me olha, há tanta dor, tanto medo em seu olhar que meu coração se parte ao meio.

— Ela me ligou a noite inteira.

— Ela? — no instante em que faço a pergunta, percebo sobre quem ele está falando. — Ah...

— Eu preciso falar com ela. — sua voz está bastante angustiada.

Com calma, ajoelho-me no chão entre suas pernas e seguro seu rosto. Estou apavorada apenas por imaginá-lo tendo essa conversa com ela. Não porque tenho

alguma dúvida do que ele sente por mim, mas porque tenho medo do que ele possa sentir quando encontrá-la. Tenho medo de que a culpa que ele sente por tudo o que aconteceu entre eles, supere o amor que ele sente por mim.

— Eu amo você, Daniel. — ele sorri e me abraça forte. Tão forte que nossos corpos quase se fundem. — Eu vou estar aqui esperando por você.

Ele continua me abraçando e quando me solta, faz isso em silêncio, pega as chaves e sai sem dizer uma palavra.



Eu não quero ligar para ele, mas estou começando a ficar preocupada. Não! Na verdade, eu estou a ponto de surtar. Consegui me controlar até agora, mas já passa das onze da noite e ele saiu de casa de manhã. Arrumo a minha mochila e penso em voltar para a minha casa, mas acabo desistindo. Toco um pouco de piano, finjo arrumar os quadros nas paredes. Tento fazer algumas fotos, mas nenhuma imagem fica boa.

Deito-me no aconchegante sofá da sala de tv e acabo adormecendo, assistindo a um antigo episódio de *Friends*.

Acordo com um barulho de chave sendo jogada sobre o balcão da cozinha. Não vejo que horas são. Envolver meu corpo na pequena manta xadrez e começo a andar pelo corredor. O apartamento está completamente escuro, mas as luzes que entram pela janela da sala, permitem-me enxergá-lo. Ele apoia as duas mãos no balcão da cozinha e mantém a cabeça baixa, parece devastado. Não me mexo. Deixo que ele tenha esse tempo e fale comigo quando achar que deve.

Então, seus olhos me encontram. Abro a boca para perguntar se está tudo bem, mas quando dou por mim, ele já está me beijando, suas mãos seguram meu rosto com força e sua língua invade a minha boca com urgência.

— Elena. — sua voz está rouca e seu hálito tem gosto de uísque.

Ele me empurra contra a parede do corredor pressionando seu quadril contra o meu.

— Daniel, fala comigo. — peço, agarrando seu rosto e fazendo-o olhar para mim, mas ele não parece me ouvir. Sua boca queima a minha pele e me causa arrepios. Em um movimento rápido, ele levanta a camiseta que estou usando e segura meu seio, um depois o outro e estremeço com a intensidade do seu toque.

Seus lábios não deixam meu pescoço, meu colo, minha orelha. Seus lábios não deixam os meus.

— Eu preciso de você, Elena. — ele está ofegante, quase desesperado.

— Eu estou aqui.

Ele para de me beijar apenas para abrir a sua calça e eu, sem pensar duas vezes, arranco a minha calcinha e a atiro longe. Tento tirar a camiseta, mas ele não deixa. Suas mãos descem até o meu quadril e ele me pega no colo, penetrando-me rápido, com força, gemendo alto contra a pele do meu pescoço. Sem preliminares, de um jeito que nunca fizemos antes, mas ainda assim, extremamente excitante. Agarro seus cabelos e puxo a sua boca para a minha. Daniel assume um ritmo frenético, quase desesperado e eu o acompanho, pois meu desejo cresce a cada gemido seu, a cada beijo... A cada toque.

— Elena. — há desespero na sua voz. — olha *pra* mim, amor. — e súplica. Quando encontro seus olhos, já estou me perdendo. — Eu preciso olhar *pra*... — sua voz falha.

— Oh! — fecho os olhos e jogo a cabeça para trás quando sinto meu corpo começar a tremer. Sua mão forte em meu queixo não me deixa desviar os olhos.

— Abra os olhos, amor. — aperto seu quadril com mais força e ele se entrega completamente, chamando por mim.

— Você está bem? — pergunto quando nossa respiração se acalma e nossos corações voltam ao ritmo normal. Ela toca meus lábios com os seus rapidamente e me puxa para o chão, para o seu peito. Ficamos deitados no corredor, enrolados na pequena manta xadrez. — Você quer me contar?

Ele solta o ar com força e aperta a base do nariz.

— Não foi como eu imaginava. — levanto o rosto para poder olhar para ele. Ele olha para o teto. — Ela ficou arrasada e... As coisas que ela disse. Ela não vai me perdoar, Elena.

Quando sua voz fica embargada, ele se senta e apoia as costas na parede. Sento-me na sua frente com as pernas cruzadas.

— Você estava lá até agora?

— Eu estava com o Owen e o meu pai. Eu não fiquei com a Anna por mais de uma hora, eu acho. Depois que ela tentou acertar um vaso na minha cabeça, tia Sue achou melhor eu ir embora.

— Tia Sue? — pergunto curiosa.

— A mãe dela. — ele me puxa para perto e abraça a minha cintura. Apoio

minhas costas em seu peito.

— Eu fiquei preocupada com você. — sinto-me uma idiota por estar dizendo isso, mas foi o que senti. É o que ainda estou sentindo.

— Desculpa não ter te ligado — ele me aperta com força. — Mas eu precisava conversar com eles um pouco.

— Não faça mais isso. — seguro a sua mão e a levo até a minha boca.

— Eu fiquei com medo de chegar aqui e não te encontrar. — viro-me de frente para ele e seguro seu rosto.

— Eu vou estar aqui, sempre porque eu amo você. — deixo um beijo no canto de sua boca e ele sorri de um jeito mais relaxado. Beijo a ponta do seu nariz e o outro canto da sua boca. Suas mãos sobem pelas minhas costas e param em meu pescoço. — Eu sempre vou estar aqui. — repito em sua boca e ele assente. Seus olhos estão fechados e sua boca entreaberta. — Não se esqueça disso.

— Obrigado. — ele acaricia meus cabelos e resvala o nariz no meu.

— Por que você está me agradecendo?

— Por você me amar. — seus dedos acariciam a pele do meu rosto e pescoço. — Por estar aqui.

— Onde mais eu estaria? — dessa vez, quando ele sorri, é de verdade. É o sorriso que eu gosto. É o sorriso que faz meu coração parar de bater. É o sorriso que faz com que eu me apaixone ainda mais por ele.

Elena

A FAMÍLIA Marshall mantém uma casa de veraneio no balneário de *Hamptons*. O imóvel não é uma mansão como todas as outras ao redor, mas é enorme e capaz de acomodar a família inteira. Além de ser encantadora. As temperaturas estão abaixo da média para essa época do ano e a praia está completamente deserta, mas ainda assim é uma paisagem deslumbrante.

— Daniel! — todos os homens, que estão à frente da TV assistindo uma partida de futebol americano, gritam quando entramos.

— Olá! — preciso gritar para ser ouvida e todos gritam em resposta.

— Elena! — Jess grita da porta da cozinha e vem correndo me encontrar.

— Achei que você estivesse com a sua mãe. — beijo seu rosto e a abraço.

— Ela está com um namorado novo. — ela revira os olhos e tenta disfarçar

a decepção na voz. — Eu vim com a Sophie.

— Que bom que você veio! — toco a ponta do seu nariz e de braços dados, vamos para a cozinha.

As mulheres estão reunidas ao redor da bancada de mármore, inclusive Susanne e a pequena Rachel, que já está morando com Scott e Paul.

— Tia! — ela pula em meu colo assim que me vê. Está uma verdadeira princesa com um laço vermelho adornando seu cabelo preto.

— Oi, Branca de Neve. — esfrego meu nariz no seu e ela ri, graciosamente.

— Ela já te encontrou. — tia Ellis entra na cozinha e afaga as costas de Rachel antes de me cumprimentar com um beijo no rosto. — Como vai, Elena?

— Muito bem, tia Ellis. Como vai a nova vida de avó?

— Estou adorando. — ela acaricia a bochecha de Rachel que se encolhe e sorri em resposta, com sua boquinha vermelha em forma de coração.

— Elena, querida, você sabe cozinhar alguma coisa? — pergunta Sophie e sei que ela está rindo da minha cara. Reviro os olhos e vou me sentar ao lado de Olivia.

— Com um cozinheiro como Daniel você não precisa cozinhar.

— Não é? — ela me entrega uma taça de vinho e brindamos enquanto todas aquelas mulheres preparam o jantar.



A conversa beira a gritaria e gargalhadas. Acho que a única pessoa sensata nesse lugar é a pequena Raquel que está aconchegada no colo de Scott. Porém, quando Daniel fica em pé, as vozes silenciam e todos os olhares se voltam para ele.

— Eu... — ele bebe um pouco do seu vinho e em seguida limpa a garganta. — Eu queria aproveitar que estão todos aqui e dizer que eu sinto muito por tudo. Eu sinto muito pela maneira como eu os tratei desde o... Desde o acidente. — seus olhos encontram os meus e eu sorrio, incentivando-o a continuar. Daniel leva a mão até a base do nariz e a aperta com o polegar e o indicador ao mesmo tempo em que fecha os olhos com força. — Eu queria apenas dizer obrigado por todas as vezes que vocês estiveram ao meu lado, mesmo quando eu não queria ou... — sua voz falha e Sophie toca a sua mão, levemente. — Mesmo quando eu não merecia. Eu amo vocês, mesmo quando eu não digo. Mesmo quando eu não

demonstro, eu ainda amo vocês.

Quando Daniel pousa sua taça sobre a mesa, Raquel desce do colo de Scott e caminha até ele, colocando suas mãozinhas em sua perna, fazendo-o olhar para ela. Ele acaricia delicadamente seu cabelo e ela abraça as pernas dele, sorrindo.

— *Amo cê.* — ela fala com seu vocabulário infantil e encantador. Tenho a impressão de ver algumas lágrimas nos olhos dele, mas se elas realmente estão lá, ele consegue disfarçar muito bem antes de se abaixar e pegar Raquel no colo.

O jantar vira uma sessão de abraços, risadas e lágrimas.



— Aquilo foi lindo, Daniel. O que você falou para eles. — depois do jantar, nós dois nos sentamos no velho balanço de madeira e nos embrulhamos em duas mantas de lã. Estou sentada entre suas pernas e minhas costas estão apoiadas em seu peito, seus braços me envolvem e me apertam contra seu corpo, mantendo-me aquecida. — Todos ficaram emocionados.

— Eu deveria ter dito aquilo mais vezes.

— Tenho certeza de que eles sempre souberam. — ele beija meu pescoço e depois a minha bochecha, carinhosamente, apertando-me mais contra seu corpo quente.

— Eu sei que eu já falei isso para você antes e eu também sei o que você pensa a respeito disso, mas eu preciso agradecer a você também. Outra vez.

— Daniel... — viro de frente para ele e antes que eu diga qualquer coisa ele coloca o dedo em minha boca, depois passa a acariciar meu rosto e meus cabelos. Seus olhos azuis estão fixos no meu rosto, como se quisesse decorar cada centímetro dele.

— Obrigado por me amar. — seus olhos me fitam demoradamente, seu dedo indicador desenha as minhas sobrancelhas e depois meus lábios. Fecho os olhos por um momento. — Obrigado por me fazer feliz todos os dias de um jeito que eu achei que não merecia ou não poderia ser. — sorrio enquanto ele enxuga algumas lágrimas que escorrem pelo meu rosto. — Obrigado por ser você a mulher da minha vida. — um soluço escapa de meu peito e o abraço, afundando o rosto em seu pescoço. — Eu te amo muito.

— Eu também amo você, Daniel. — amo a maneira como ele me olha e a maneira que ele sorri para mim.

— Eu tenho uma surpresa apara você.

— Uma surpresa? — ele assente e pega um pequeno envelope no chão, ao lado do balanço. — Aqui.

— O que é isso? — pego o envelope e começo a abri-lo devagar. Daniel me encara ansioso.

Dentro do envelope, encontro uma foto da torre Eiffel no inverno. Olho para ele com a testa franzida. O sorriso torto que ilumina seu rosto faz meu coração sair pela boca.

— Feliz dia de Ação de Graças. — ele me puxa pela cintura até nossos corpos estarem completamente colados, roçando sua boca na minha.

— Nós vamos para Paris?

Ele aquiesce com um leve gesto de cabeça, deslizando sua boca pela minha bochecha.

— Só nós dois. Como eu prometi.

— Dezembro em Paris? — passo meus braços ao redor do seu pescoço. Ele assente de olhos fechados, mordiscando meu queixo. — Às vezes, eu acho que você não existe.

— Eu existo. — ele morde meu lábio e o suga bem de leve. — E estou aqui, pronto para fazer amor com você.

Elena

— ELES JÁ chegaram, George deixou que eles subissem. — Daniel desliga o celular e entramos no elevador ainda na garagem. Um vento gelado nos acompanha e preciso abraçar meu próprio corpo para tentar me aquecer.

— Quem já chegou?

— Owen, Carol e Sophie. — olho para ele sem entender. — Eu disse que eles viriam jantar hoje.

— Disse?

— Ontem. Você deu a ideia de pedirmos comida italiana.

— Nossa! O que está acontecendo comigo?

— Não sei. — ele beija a minha testa achando graça, mas não tem nada de

engraçado em esquecer as coisas. Será que tem alguma coisa de errado acontecendo comigo além... — levo a mão à lateral do meu corpo, procurando pela minha bolsa e pelo embrulho que está dentro dela, mas não encontro nada. — *Droga!*

— O que foi?

— Deixei a minha bolsa no carro. Vou voltar para pegar.

— Depois você pega. — as portas se abrem e ele sai. Eu não. Preciso da bolsa comigo e preciso daquele embrulho. Pisco para ele e as portas se fecham. Aquele vento frio me faz estremecer outra vez. Deve ser só ansiedade. Estou assim desde ontem. Quando eu contar para ele, ficarei mais calma. Eu acho.

Quando as portas do elevador se abrem na garagem, tenho a impressão de que ela está mais escura do que estava minutos atrás.

Impressão sua, Elena!

Um alarme de carro soa do outro lado da garagem e passos apressados começam a se aproximar. Meu corpo fica alerta no mesmo instante, mas me obriga a relaxar. É só alguém chegando em casa. *Por que eu estou tão nervosa?*

Pego a minha bolsa rapidamente e tento ignorar esse frio na barriga e o arrepio na nuca, mas as sensações ficam cada vez fortes, principalmente quando os passos cessam. Fecho a porta e, quando me viro para voltar ao elevador, trombo em alguma coisa... Em alguém.

Minhas pernas perdem a força e meus olhos se enchem de lágrimas

Puxo o ar com força, mas não o sinto entrando em meus pulmões.

Eu não sinto nada além de medo. E é engraçado porque eu nunca a vi, nem mesmo uma foto. Mas sei exatamente quem ela é. Meu coração sabe quem ela é. E isso me deixa apavorada.

— Olá, Elena.

A voz dela.

A voz dela faz meu coração parar de bater. Encaro seus olhos azuis e desfocados e sinto o pânico tomando conta de cada parte do meu corpo. Abraço a minha bolsa na frente do corpo quando vejo que ela carrega uma arma em uma das mãos.

— Você está com medo? — não consigo responder. — Sabe? Eu ouvi falar de você. Daniel me disse que está apaixonado por você. — ela se inclina e sussurra perto do meu ouvido. — Confesso que esperava muito mais.

— O que você...?

Paro de falar quando ela coloca o cano do revólver em meu queixo. Ela está sorrindo e *Deus do céu!* Acho que nunca vi nada tão assustador em toda a minha vida.

— Eu quero que Daniel sinta o mesmo que eu. — engulo em seco e quase me afogo em minhas lágrimas. — Vamos acabar logo com isso.

Ela me arrasta para o elevador e me mantém colada ao seu corpo o tempo todo. Faz questão que eu sinta o revólver tocando a minha cintura. Quando as portas se abrem, Caroline e Sophie se viram na nossa direção. O sorriso que as duas exibem, desaparece.

— Elena, o quê...? — Daniel para de falar quando vê o que está acontecendo. A garrafa de vinho que ele segura, escorrega da sua mão e se estilhaça no piso branco e brilhante da sala de estar. Seu rosto é tomado pelo desespero. — Anna... — ele dá um passo à frente, porém para quando ela tira a arma da minha cintura e a coloca em minha cabeça.

— Você não quer que eu a machuque, não é?

— Anna, não faz isso. — a voz de Sophie parece calma enquanto ela caminha até nós. — Você não é assim.

— Você não sabe nada sobre mim, Sophie. — há tanta amargura em sua voz. Tanta raiva. Tanta dor. — Você não fala comigo há meses.

— Anna. — Daniel espalma as mãos para frente. — O que você está fazendo?

Ela ri antes de responder.

— O que você acha?

— Anna, vamos conversar. Por favor? — pede Owen e ela ri ainda mais alto. Sua risada beira o histerismo.

— Conversar? Você quer conversar? — ela me empurra e perco o equilíbrio. A bolsa que eu seguro com força, cai no chão. Daniel dá um passo na minha direção, mas para outra vez. Anna está gesticulando e apontando a arma para todos os lados. Ninguém se move. — Eu era parte dessa família e agora? Eu estou sozinha aqui, completamente sozinha.

— Não é verdade. — Daniel começa, mas ela o interrompe.

— Vocês nem se lembram de mim. Tudo por causa dela! — em um piscar de olhos ela se aproxima de mim e acerta meu rosto com a coronha do revólver. A pancada é tão forte que caio no chão. Levo a mão ao rosto e percebo que estou

sangrando. Daniel se aproxima rapidamente e se ajoelha ao meu lado.

— Eu estou aqui, amor. — seus braços envolvem meu corpo e ele me puxa para seu peito. Estou com dificuldade para respirar. Estou zonha e acho que meu coração vai parar de bater a qualquer momento. — Eu estou aqui.

— Daniel — falo entre soluços. — Eu preciso te contar... — mas ele me interrompe.

— Agora não.

— Eu preciso te contar...

Mas ele não deixa que eu continue.

— *Shh!* — ele enxuga as minhas lágrimas com os polegares e me ajuda a ficar em pé. Meu corpo parece anestesiado. Quando olho para Anna outra vez, vejo lágrimas escorrendo pelo seu rosto e, por um segundo, apenas por um segundo, o pavor que estou sentindo dá lugar à tristeza. Ela está sofrendo.

— Daniel? — ele se vira para olhá-la, mas não me solta. — Você prometeu. Você... Você prometeu que cuidaria de mim. Você prometeu, prometeu... Você... — ela começa a chorar, copiosamente e se senta no sofá. As palavras saem aos tropeços. — Você disse que ficaria comigo e eu acreditei em você... Eu... — seus olhos encontram os meus, ou de Daniel porque eles estão bastante desfocados. E coléricos. — Mas se eu acabar com ela...

— Não! — a resposta de Daniel é rápida. Seus braços me apertam com mais força e ele me gira, protegendo meu corpo com o seu. Anna fica em pé e o encara cheia de raiva.

— Por que não? Você acabou com a minha vida. Tirou de mim tudo o que eu amava. — eu não consigo ver o rosto dele, mas posso sentir a tensão em seu corpo. Posso sentir sua respiração acelerar. Eu sinto o seu sofrimento.

Daniel segura meu rosto e beija a minha testa.

— Não. — agarro sua camisa de forma desesperada quando percebo o que ele vai fazer.

— Eu te amo. — ele não emite som quando fala. Segura as minhas mãos e as beija, sem tirar os olhos dos meus. Um soluço escapa de meu peito quando ele se afasta. Ele não vai dizer isso agora. Mas eu sei que ele vai me deixar.

Ele vai me deixar.

— Eu estou aqui. — Daniel segura Anna pelos ombros, depois, delicadamente, segura seu rosto.

Meu coração dói.

Ele vai me deixar.

— Eu estou aqui. — ele repete e ela enxuga o rosto com a mão que segura a arma. — Eu estou aqui. Com você.

— Promete? — pede com a voz chorosa e ele assente. Abaixo a cabeça e choro. Eu sei que ele não está fazendo isso apenas para me proteger. Ele não está dizendo essas coisas para que Anna se acalme. Ele está realmente fazendo isso. Ele está com ela outra vez.

— Eu vou levar você para casa.

— *O quê?* — sua voz se altera e seu rosto se transforma outra vez. — Eu não vou embora. Ela tem que ir embora. Ela! ELA!

— Anna? — Daniel a chama, mas ela parece não ouvir. Seus olhos estão vidrados em mim. *Vidrados e vazios.*

— Ela roubou a nossa vida, Daniel!

— *Não!* — ele a segura seu braço, mas de alguma forma, ela consegue se esquivar. Ele tenta segurar a sua cintura e, outra vez, ela escapa. Outra vez ela aponta a arma para mim.

Meus olhos vagueiam pela sala, pelo rosto atormentado de Daniel, pelo rosto colérico de Anna, mas não consigo me mexer. Estou perdendo o ar e me afogando em minhas lágrimas. Estou perdendo todas as batidas do meu coração. *Estou perdendo Daniel...* Levo as mãos à barriga e, apavorada, tento me proteger. Mas ainda assim, não consigo me mexer.

Vejo Owen e Carol se moverem. Vejo Sophie correr até Anna e vejo a arma outra vez. Ouço o grito de Anna, o grito de Daniel e vejo seus olhos azuis e aflitos me encarando quando o gatilho é puxado.

E seus olhos são a última coisa que vejo.

Elena

DANIEL... — acordo bastante desorientada e percebo que estou no banco de trás de um carro. — O quê...? — e então, sinto uma forte dor na perna direita. Tão forte que lágrimas ardem em meus olhos no mesmo instante. — Minha perna.

Seus braços me apertam com mais força e seus lábios quentes tocam meus cabelos.

— Já vai passar, amor.

— Onde ela está?

— Em casa. Carol e Sophie ficarão com ela até seus pais chegarem.

Assinto e fecho os olhos. Estou enjoada demais para manter os olhos

abertos. Owen estaciona em frente ao hospital e Daniel me carrega até uma pequena sala. Lucy já espera por nós. Rapidamente, ela corta a minha calça que está completamente suja de sangue e começa a limpar o corte. Cubro o rosto com o antebraço e choro enquanto ela trabalha.

— Está doendo? Vou pedir para fazerem uma medicação em...

— Não! — levanto a cabeça e percebo que Lucy me encara com uma profunda ruga na sobrancelha. Daniel, que com certeza estava andando de um lado para o outro, para e me encara também. — Não está doendo. — minto. Está doendo, sim! Está doendo muito! Contudo, meu coração está doendo ainda mais.

— O tiro foi apenas de raspão, mas vai precisar de alguns pontos. — assinto, recosto a cabeça no travesseiro e fecho os olhos outra vez. Depois de fechar o curativo na minha perna, ela limpa meu rosto e faz alguns pontos falsos com micropore. — Pronto. Se você sentir dor é só tomar um *Paracetamol*.

— Obrigada, Lucy.

Ela beija minha testa e deixa a sala.

Daniel está parado do outro lado. Mantém as mãos nos bolsos da calça e encara o chão.

— Diga logo. — peço e seus olhos encontram os meus. Aflitos, angustiados... Desoladores. — Eu sei o que você vai dizer, mas antes você precisa saber que... — quando a minha voz falha, engulo o enorme nó que se formou em minha garganta — e continua crescendo — puxo o ar com força e enxugo minhas lágrimas. Preciso aguentar essa conversa até o final. Preciso fazê-lo me ouvir.

Preciso contar tudo a ele.

— Eu fiquei apavorado. — lentamente, ele vem até a poltrona ao lado da minha cama e se senta. — Se alguma coisa tivesse acontecido com...

— Não aconteceu.

— Ela atirou em você.

— E eu ainda estou aqui.

— Isso é tão... — ele solta o ar com força e um sorriso triste surge em seu rosto.

— Não faça isso — digo quando ele pega a minha mão e beija seu dorso.
— Daniel?

— Eu sinto muito.— pede com a voz embargada. — Deus, eu sinto tanto.

— Sente? — nem eu reconheço a amargura na minha voz. Puxo a mão que ele ainda segura. — Não diga que você sente muito enquanto parte meu coração.

— Elena, por favor...

— Você... — as palavras não saem. Apenas soluços, lágrimas e desespero. Apenas dor. *Ele vai me deixar*. E nada do que eu diga o fará mudar de ideia. — Se você vai fazer isso, faça de uma vez!

— Você não compreende. — não posso olhar para ele. Não enquanto ele fala com essa voz entrecortada. Não enquanto ele enxuga suas lágrimas. *Não posso olhar para ele enquanto ele termina tudo comigo*. — Eu preciso fazer isso. Preciso assumir a minha culpa.

— Você sabe que não é culpado de nada.

— Sim, eu sou. — sua voz vacila. — Eu sempre vou ser.

— Você disse que me amava. — nesse momento eu olho para ele. Nesse momento, meu coração acaba de se despedaçar.

— Eu não queria que fosse assim. — o toque das suas mãos na minha é urgente, ansioso. Quase desesperado. A maneira como eu puxo o meu braço também.

— E mesmo assim você continua fazendo isso.

— Eu não...

— Apenas vá embora, Daniel. — volto a encarar a parede branca à minha frente. — Vá de uma vez.

Ele fica em pé, ameaça tocar meu rosto, mas eu me esquivo. Viro o rosto para a janela quando ele abre a porta. Recuso-me a olhar.

— Quando eu disse que te amava, não estava mentindo.

— Isso não faz diferença nenhuma para você, não é mesmo? — encaro-o, esperando por uma resposta que não vem. Quando ele vai embora e a porta se fecha, meu peito explode. Meu coração explode.

Ele me deixou.

Olho para a minha bolsa sobre a poltrona em que Daniel esteve sentado até alguns minutos atrás. Estico o braço e pego o embrulho pardo dentro dela. Retiro o laço e pego os sapatinhos brancos que comprei hoje de manhã.

Ele me deixou.

Ele me deixou.

Inspiro profundamente, jogo os sapatinhos no lixo, ignoro a dor que estou sentindo e fico em pé. Continuo inspirando quando as lágrimas molham meu rosto e quando seguir em frente parece impossível.

Ele me deixou.

E nada mais parece ter importância agora.

SEGUNDA
PARTE

Elena

QUANDO OS pneus fazem barulho na entrada de cascalho, sinto meu corpo relaxar. Sinto as lágrimas que segurei até agora, descerem pelo meu rosto. Sinto que estou prestes a desmoronar. Deito a cabeça no volante e choro. Choro até que eu não tenha mais força. Choro até que a dor fique insuportável.

Eu choro até meu coração parar de bater.

Puxo o ar com força, desço do carro agarrada à minha bolsa, como se ela pudesse me manter em pé e caminho até a porta. Com a mão trêmula, toco a campainha uma, duas, três vezes... Continuo tocando até mesmo quando a porta se abre.

— Elena?

— Eu não... — irrompo em lágrimas e seus braços quentes e protetores me puxam para dentro. — Está doendo tanto, vovó...

— O que está doendo, querida? — ela me coloca sentada sobre o sofá e me aperta contra seu peito.

— Meu coração.

— O que aconteceu? — sinto seus lábios em meus cabelos e suas carícias em minha nuca, do mesmo jeito que fazia quando eu era criança.

— Ele me deixou. — afasto-me de seu abraço e limpo meu nariz na manga do meu casaco e dou uma fungada. A maneira com que ela me olha me faz sorrir. — Desculpe.

— Você quer beber alguma coisa? Uísque?

— Uísque está... Não quero nada. — corrijo-me rapidamente. Não posso beber. Estou tendo um ataque de pânico e nem posso beber.

— Então me conte o que aconteceu. O que fez você dirigir de Nova York até aqui no meio da noite?

Eu conto tudo. E ela me ouve calada, acariciando a minha mão. O único momento em que ela me interrompe é quando falo do tiro. Preciso abaixar a minha calça e mostrar que está tudo bem.

— Ele só precisa de um tempo para pensar.

— Um tempo para pensar? Ele terminou comigo enquanto eu estava... — paro de falar quando a voz de um homem — que eu nunca ouvi na minha vida — ecoa na escada. Viro-me para trás e sou surpreendida por uma cueca sambacção vermelha. — Ah, meu Deus! — levanto rapidamente e sinto uma fisgada na perna. — *Droga!* — tapo os olhos e ando o mais rápido que posso até a cozinha.

— *Eu falei para você me esperar lá em cima.* — ouço as vozes sussurradas dos dois.

— *Você estava demorando. Vim ver se estava tudo bem.*

— *É melhor você voltar outra hora.*

Vovó entra na cozinha, cantarolando, pega uma chaleira e começa a enchê-la de água, como se nada fora do normal tivesse acontecido. Desde quando ter um homem praticamente nu dentro de casa se tornou algo corriqueiro em sua vida?

— Você quer um chá? — ela nem me olha quando pergunta.

— Vovó?

— Hum?

— Quem é aquele homem? — começo a achar graça de seu comportamento, mesmo achando estranho pensar em vovó namorando, estou feliz por ela.

— O nome dele é Noah. — ela coloca a chaleira no fogo e vira-se para mim com um sorriso quase adolescente no rosto.

— E onde a senhora conheceu esse Noah?
— Ele se mudou para a antiga casa dos Ferguson há cerca de quatro meses.
— Quatro meses? — ela aquiesce. — E por que a senhora não me contou?
— Contou o quê? Que eu fiz um amigo novo? — começo a rir quando ela me dá as costas e fica na ponta dos pés para pegar a lata de chá dentro do armário.

— O seu amigo estava de cueca no meio da nossa sala!
— Eu sei! Eu... — ela dá uma espiada na sala de estar antes de voltar a falar. E ela está corada. Minha avó está corada e apaixonada.

— Eu acho que estamos namorando.
— Ah, meu Deus! — fico em pé e envolvo sua cintura com meus braços.
— Vovó! Isso é maravilhoso... — levanto o queixo para olhar para ela. — Estranho, mas maravilhoso.

— Você deve ser Elena. — Noah surge na cozinha, vestido e vem na minha direção.

— E você dever ser Noah. — sou surpreendida por um abraço apertado e carinhoso. O mesmo tipo de abraço que eu ganharia do meu avô.

— É um prazer finalmente te conhecer. Sua avó fala muito de você. — ele se afasta e coloca as mãos nos bolsos da calça.

— Eu poderia dizer que ela também me falou de você, mas eu estaria mentindo.

— É bem a cara dela fazer isso, não é querida?

Ai, meu Deus! Ele acabou de chamá-la de querida?

Eles trocam olhares rapidamente e nesse breve instante, consigo perceber tudo o que está acontecendo aqui. Eles estão apaixonados.

— Eu ligo para você mais tarde, Grace. — ela concorda com um pequeno gesto de cabeça e ele a beija no rosto.

— Até mais tarde, Elena.

— Tchau. — aceno para ele e volto a me sentar. Vovó fica olhando-o através da janela de vidro, até que ele desapareça pelo gramado.

— Senhora Shepherd, a senhora está apaixonada!

— Estou!

— E eu estou tão feliz!

— Você vai gostar dele.

— Tenho certeza que sim.

Ela enche duas enormes canecas vermelhas com o chá e senta-se em uma cadeira de frente para mim.

— Mas nós estávamos falando de você. — sinto uma onda de tristeza me invadindo.

— É, estávamos. — quando lágrimas brotam em meus olhos outra vez, respiro fundo e as enxugo. Não quero mais chorar.

— Ele está se sentindo culpado pelo acidente, pela ex-namorada e pela morte do melhor amigo e, principalmente, pelo que aconteceu a você. Ele te ama, Elena e achou que dessa forma estaria te protegendo.

— É uma ótima forma de demonstrar isso. — reviro os olhos para ela.

— Não é a melhor forma, mas você, mais do que ninguém, sabe o que é carregar uma culpa que não é sua.

— Vovó.

— Eu não quis dizer isso para te magoar.

— Eu sei.

— Acho que eu nunca te contei sobre meu casamento com seu avô. — nego e, mesmo achando estranho a mudança de assunto, não a interrompo. — Seu avô vinha de uma das famílias mais ricas e tradicionais de Nova York e era o rapaz mais lindo que eu já vira. Eu era só uma garota de dezoito anos que queria estudar piano. No início eu me esquivei dos seus convites, mas era difícil resistir àqueles olhos verdes. Dois meses depois do nosso primeiro encontro, nós estávamos noivos e de casamento marcado. — apoio o queixo nas mãos, ansiosa para ouvir mais. — Nós nos casamos um ano depois e seu avô era incrível, eu até poderia dizer que ele era um príncipe. — ela sorri para mim rapidamente. Vovó sabe que, mesmo sendo bem grandinha, eu ainda acredito em príncipe encantado. Bom, talvez não mais. — ele era extremamente carinhoso, até não ser mais. — seus olhos ficam ligeiramente tristes. — Seis meses após o casamento ele começou a chegar mais tarde em casa todos os dias. Ou era por causa de alguma reunião ou um jantar com algum cliente. Algumas noites ele nem voltava para casa. — vovó fecha os olhos e balança a cabeça. — Ele estava me traindo.

— O quê? — franzo a testa para ela e nego. Não posso acreditar que vovô tenha feito isso.

— Muitas vezes e com muitas mulheres. — ela volta a pegar a sua caneca, mas não bebe o chá, fica girando-a de um lado para o outro entre as mãos. — Eu não sabia o que fazer. Naquela época, a separação não era bem vista e quando eu contei para os meus pais o que estava acontecendo, ele disse que me arrastaria de volta para o meu marido se eu sequer pensasse em me separar. Ou me deixaria na rua. E eu era a pessoa mais medrosa do mundo.

— Medrosa? A senhora é a pessoa mais corajosa que eu conheço.

— Eu precisei ser.

— O que aconteceu depois?

— Eu o flagrei jantando com uma das amantes no mesmo restaurante em que ele me pediu em casamento. Naquela noite eu estava com tanta raiva que

queimei metade das suas roupas. A outra metade, joguei pela janela. Ele não conseguiu entrar em casa porque eu troquei as fechaduras. Nós ficamos seis meses separados e aquilo doeu muito. Todos os dias. Quando eu decidi deixá-lo voltar para casa, pedi que ele deixasse Nova York e ele aceitou sem pestanejar, e você não tem ideia de como ele amava aquela cidade. E eu também, mas nós precisávamos de um recomeço longe de tudo. Então nós viemos para cá.

— Por que a senhora está me contando isso? — pergunto curiosa, sem saber aonde ela quer chegar com toda essa história.

— Porque tudo isso, as nossas histórias, tem a ver com amor, Elena. E perdoar também.

— Eu não sei se conseguiria perdoar esse tipo de traição.

— Mas Daniel não te traiu, ele só está apavorado.

— Eu sei, mas é que... — passo o dorso da mão na bochecha quando sinto uma lágrima descendo por ela. — É como se nada do que aconteceu entre nós tivesse qualquer importância para ele.

— Eu sei, querida. E também sei que ele está sofrendo tanto quanto você.

— Ele me machucou muito, vovó.

— Mas você o ama.

— Amo. — admito encarando meus dedos entrelaçados sobre a mesa de madeira.

Ela se levanta e estende a mão para mim.

— Você está me contando tudo?

Engulo em seco. Ela deve ter desconfiado de alguma coisa.

— Estou. — e minha voz é tão fraca que tenho certeza de que ela sabe que estou mentindo. Ela sabe que estou mentindo e estou me sentindo péssima por isso. Mas não posso falar sobre isso agora.

— Vamos subir. O dia já está amanhecendo e você deve estar exausta. — aquiesço para ela que envolve meu ombro e me leva para a escada. — Vou preparar um banho quente para você.

E isso é tudo o que eu preciso agora.

Daniël

— DANIEL? Você está aí? — alguém bate à porta. Tenho a impressão de que é a voz de Sophie do outro lado, mas não tenho certeza. Não sei nem que dia é hoje. Abro os olhos com muita relutância e percebo que estou deitado no chão do escritório. — Meu Deus, Daniel! O que você fez? — sinto um par de mãos tocando meus ombros. Vejo os sapatos vermelhos de salto e tenho certeza de que é a minha irmã ao meu lado. — Você está sangrando. — ela está chorando. Tento me levantar, mas não consigo sequer dizer a ela que eu estou bem. Não consigo nem respirar. — Papai? Você pode vir até aqui... Eu estou com o Daniel e ele está todo machucado e não fala comigo, eu não... — Sophie irrompe em soluços, para de falar e coloca a minha cabeça sobre uma almofada, ou travesseiro, ou qualquer coisa macia e fica acariciando meus cabelos em um ritmo lento. Ainda ouço seu choro, mas não olho para ela. Não quero olhar para ninguém. Encolho meu corpo o máximo que consigo e, mesmo sem querer, sinto

lágrimas descendo por meu rosto. Eu devo ter chorado em algum momento desde que Elena... Elena. *Merda!* O que eu fiz com ela?

— *Jesus Cristo!* — ouço a voz do meu pai ao longe e ela parece exasperada, preocupada. — O que aconteceu aqui?

— Eu não sei — diz Sophie com a voz embargada. — Ele não atendia ao telefone há dois dias e... — *Dois dias?* — Eu vim ver se estava tudo bem. Não sei há quanto tempo... — paro de ouvir Sophie porque Scott começa a falar.

— Daniel, abra os olhos. — eu tento, mas não consigo. — Você precisa levantar, há cacos de vidro por toda a parte e você está machucado...

— Daniel, você está ouvindo? — sinto um leve cutucão no ombro quando Owen me chama. Pelo menos acho que é Owen. As vozes estão confusas e distantes dentro da minha cabeça. Eu estou distante. *Porra!* Eu só quero dormir e esquecer toda essa merda. — Scott, me ajude aqui.

E no mesmo instante, braços me seguram e me tiram do chão, arrastando-me pelo longo corredor que leva até o meu quarto. Quando dou por mim, já estou dentro do box com roupa e tudo. Sento-me no chão frio e deixo que a água quente caia nas minhas costas.

— Daniel, abra os olhos. — Owen está descalço com as calças dobradas até a altura dos joelhos. Abraço meu joelho e abaixo a cabeça. — Cara, eu não vou dar banho em você! Abra os olhos, *porra!* — ele joga o frasco de sabonete líquido e a esponja ao meu lado e sai. Contudo, não me movo. Fico ouvindo o barulho constante da água quente que cai sobre a minha pele, mas nem ela é capaz de aquecer o meu corpo. Muito menos o meu coração.

— Daniel? Está tudo bem? — não respondo. Continuo de olhos fechados. Talvez assim eles me deixem em paz. — Daniel! — as batidas continuam. — Eu realmente não quero ver você sem roupa, mas se você não responder serei obrigado a entrar nesse banheiro.

Merda!

Resmungo uma resposta qualquer e me obrigo a ficar em pé e terminar o banho. Há pequenos pontos de sangue seco pelo meu corpo, principalmente no tórax e abdômen. Sinto a ardência quando passo o sabonete por eles. Meu rosto também arde. A impressão que tenho é de que centenas de agulhas estão atravessando a minha pele de uma só vez. Meu braço esquerdo dói muito. Meu corpo inteiro dói muito. Será que eu fui atropelado?

Quando abro a porta, ainda com a toalha envolvendo a minha cintura, encontro Scott sentado na beirada da minha cama. Sua mochila preta está aos seus pés e ele tira um kit de sutura de dentro dela, além de algumas ataduras. Eu sei muito bem o que tem dentro desses kits e isso me apavorou durante toda a minha infância. Algumas das desvantagens de ter uma mãe médica.

— O que aconteceu com você?

— Eu estou bem Scott, não preciso disso. — visto uma calça de moletom cinza que encontro jogada sobre a cama, e ameaço sair do quarto.

— Sente-se, Daniel!

— Eu já disse que estou bem!

— E nós dois sabemos que isso é mentira!

— Eu só preciso ficar...

— Se eu não fizer isso, sua mãe vai fazer. Ela já está a caminho. — esfrego a testa e faço o que ele diz. Argumentar com essa família nunca vale à pena.— Eu vou precisar dar alguns pontos aqui. — ele está examinando meu braço direito e só então noto o tamanho do corte próximo ao punho. Ele deve ter pelo menos uns dez centímetros. — Você quebrou a mesa com as mãos?

— Não. Usei a cadeira — respondo sem vontade nenhuma.

— O que aconteceu? — minha pele arde enquanto ele passa a gaze embebida em algum líquido transparente sobre o machucado. — Você a mandou embora? — olho para ele com os olhos semicerrados e ele me encara, sem tirar a gaze do corte em meu pulso. — Elena? O que aconteceu com ela?

— Eu terminei com ela e... — a dor que eu vi dentro dos seus olhos naquela cama de hospital ainda me atormenta. — E depois eu fiz as mesmas merdas de sempre. Eu acho, já que não me lembro de muita coisa.

— Você precisa aprender a se controlar, Daniel.

— Parece que eu tenho problemas para fazer isso.

— Eu vou deixar o cartão de uma terapeuta com você. Ela me ajudou muito durante a adolescência.

— Você acha que a terapia vai me ajudar?

— Se você for a todas as sessões, talvez. — ele dá um rápido sorriso sem olhar para mim.

— Essa merda toda não funciona comigo, Scott.

— Você só vai saber se tentar.

— Eu já tentei.

— Eu estou falando em tentar de verdade, falar sobre isso, colocar tudo para fora ao invés de se ferir. E eu não estou falando desse ferimento. — ele aponta para o machucado em meu pulso. — Eu estou falando do seu coração. Até quando você acha que vai suportar?

— Eu não sei.

— Tente mais uma vez, Daniel. Se não for por você, faça por Elena...

— Elena não está mais aqui!

— E você vai desistir dela por causa da Anna? O que ela fez foi cruel, mas...

— Não existe 'mas', Scott! O que a levou a fazer isso é minha culpa e Elena não pode pagar por isso.

— Tem razão, ela não pode. Mas já está pagando.

— O que você...? — não termino a pergunta. Fico encarando seu rosto, sério enquanto ele encara o ferimento em meu pulso. Não preciso pedir para que ele me responda, ele faz isso quando deixa a gaze suja sobre a pequena mesa redonda ao lado da poltrona e pega outra limpa.

— Ela ama você.

— Acabe logo com isso! — falo sem paciência. Não quero falar sobre ela. A dor que sinto quando me lembro do que eu fiz já me atormenta o suficiente. Ele aperta os lábios e assente, em seguida, desvia os olhos e embebe a gaze naquele líquido transparente outra vez. — *Caralho!* — agarro os braços da poltrona quando ele começa a limpar o corte acima do meu umbigo. — Que *porra* é essa que você está usando?

— Chama-se antisséptico. Pense nisso na próxima vez em que resolver quebrar alguma coisa. Você vai precisar de pontos aqui também.

— Você vai usar uma anestesia para terminar isso, não vai?

— Vou, sim. — agora ele está se divertindo.

Também preciso de pontos no meu ombro esquerdo e pontos falsos no supercílio direito. Há ainda pequenos cortes pelo meu rosto e pelo meu peito e isso explica todas aquelas agulhas que senti durante o banho.

— Chega, Scott! — levanto-me bruscamente e visto a primeira camiseta que encontro pela frente. Eu já estou há mais de quarenta minutos sentado nessa poltrona enquanto ele tira cacos de vidro que ainda estão enfiados na minha pele.

Vou para a sala de estar em busca de um pouco de paz, mas quando chego lá, percebo que esse é um desejo inalcançável. Ter paz com uma família como a minha é algo impossível. Além do meu pai, meu irmão e Sophie, encontro minha mãe sentada no sofá.

— Você quer me matar do coração? — Sophie vem ao meu encontro e acerta um soco em meu ombro direito, um pouco abaixo do corte que Scott acabou de suturar.

— Ai! — levo a mão ao curativo e ela coloca as duas mãos na boca.

— Desculpa! Desculpa! Desculpa! — em seguida me abraça. — Eu quase morri quando vi todo aquele sangue.

— Mas você nem desmaiou. — envolvo a sua cintura e beijo seu rosto.

— Desmaiou, sim — diz Owen e ela me solta. Encaro seu rosto pálido e ela assente.

— Desmaiei. Foi só Owen e Scott levarem você para o quarto.

Somente Sophie me faria rir em um dia como esse. Beijo seu rosto outra

vez e vou me sentar na poltrona próxima à janela.

— Tome isso por três dias, esses pequenos machucados podem inflamar. — Scott surge na sala com algum tipo de remédio nas mãos e o estende para mim. Não pego a caixa de sua mão. — Eu estou falando sério, Daniel. Você não deixou que eu terminasse...

— Já entendi, Scott! — interrompo-o com a voz alta e áspera. Solto o ar e pego o remédio. — Desculpa, cara.

— Eu passo aqui hoje à noite para dar uma olhada nesses cortes.

— Nós também vamos embora, querido. — minha mãe se senta no braço da minha poltrona. — Eu estarei de plantão essa noite, mas, se você precisar de qualquer coisa pode me chamar. — concordo olhando para cima e ela beija a minha testa. — Você vai ficar bem?

— Com toda essa supervisão? Eu acho que sim.

— Bom — ela se levanta e beija meu pai rapidamente. —, a julgar pelo mau humor, tenho certeza de que está tudo bem com ele. Perfeitamente normal. — mesmo sem querer, acabo deixando um sorriso escapar.

— Daniel. — minha irmã se ajoelha na minha frente e coloca as duas mãos em meu rosto. — Não faça nada estúpido.

— Eu vou tentar. — provoco-a e ela sorri.

— Mais tarde eu volto para ficar com você.

— Vocês não vão me deixar em paz, não é?

— Não. — sorrindo, ela beija meu rosto e vai embora com minha mãe.

O silêncio na sala me traz alívio. Fico em pé, decidido a me jogar no sofá e não sair mais de lá, mas dou de cara com meu pai e Owen parados no meio da sala.

— Sério?

Os dois dão de ombros quase ao mesmo tempo. Meu pai escolhe se sentar sobre a mesa de centro, de frente para mim. Owen fez o mesmo.

— Será que eu... — meu pai ergue uma mão, impedindo que eu continue.

— O que aconteceu?

Afundo meu corpo no sofá, tapando os olhos com os dois braços. Eu não quero falar sobre isso. Hoje não.

— Daniel? — ele me chama outra vez.

— Pai, por favor? — peço ainda com os olhos tapados. — Agora não.

— Dessa vez você vai falar, filho. Eu nunca vi você assim.

— Acho que as coisas nunca saíram do controle desse jeito — digo encarando o teto.

— Para onde Elena foi? — pergunta Owen.

— Eu não sei. — e ao dizer isso sinto meu peito queimar.

Meu pai se levanta e vai até o bar.

— Você quer? — ele está segurando um copo vazio em uma mão e a garrafa de uísque na outra.

— Não, eu preciso de um café.

— Owen?

— Não. Vou acompanhar Daniel.

Vou até a cozinha e ele vai atrás de mim. Senta-se em um banco e fica girando o celular sobre a bancada.

— Vocês sabem da Anna?— pego duas canecas dentro do armário.

— Caroline e Lucy estiveram com ela ontem de manhã. Ela está mais calma — responde Owen.

— Os pais queriam interná-la, mas os pais dela acharam melhor que ela ficasse com a família — meu pai fala enquanto caminha até nós. Aperto o botão da cafeteira e o aroma forte do café preenche o ambiente. Ele senta-se no mesmo banco onde Elena costumava se sentar para me observar cozinhando ou contar suas centenas de histórias enquanto comíamos. Vou sentir falta das suas histórias.

— Eu preciso falar com ela.

— Não. — Owen me interrompe, levantando o dedo indicador. — Você está cansado de saber que estar perto da Anna é prejudicial para vocês dois. Há muitas feridas abertas, Daniel. Estar junto dela agora só vai trazer dor e sofrimento. Você sabe disso.

— Eu sei — respondo exausto.

— Então pare de repetir esse erro.

— Eu estraguei tudo — falo depois de beber ais da metade do meu café.

— O que aconteceu? — a voz do meu pai é baixa e calma e isso me encoraja a continuar. Então, eu conto tudo. Tudo o que eu senti quando vi a Anna carregando aquela arma. Toda a angústia que senti quando Elena, com os olhos cheios de lágrimas, percebeu o que eu estava fazendo. Falo sobre Matt e toda a culpa que eu venho carregando durante todo esse tempo. É a primeira vez que eu falo dele desde o acidente. É a primeira vez que eu realmente me abro com alguém.

— Você não pode continuar desse jeito, Daniel — diz meu pai.

— Eu sei, mas por mais que eu tente, não consigo me livrar de tudo isso. Dessa culpa, dessa dor.

— Daniel, eu estava lá. — Owen começa. — Você não teve culpa.

— É fácil para você dizer isso, você não viu as mesmas coisas que eu.

— Eu entendo...

— Não! Você não entende! — empurro a minha caneca para longe bruscamente e me levanto. Ando até a pequena janela que dá para a rua, encaro a neve que continua caindo, dou meia volta e vou até o balcão novamente. Os dois me encaram. — Ninguém entende! Se eu fechar os olhos agora, ainda posso ver o olhar vidrado de Matt, eu consigo ver as lágrimas da Anna e todo o seu desespero quando ela percebeu que ele estava morto. Se eu fechar os olhos, eu volto até àquela maldita noite. E eu sinto toda dor que aquele acidente me causou e toda a dor que eu causei à Anna, a vocês. Eu vejo a tristeza nos olhos dos pais deles e isso me atormenta muito mais do que vocês imaginam. Toda noite, eu vejo Matt morrer. De novo, de novo e de novo.

— Daniel, eu só...

— Não diga outra vez que você entende! — digo entredentes quando Owen tenta falar.

— O que você precisa fazer agora é esfriar a cabeça e dar tempo ao tempo — diz meu pai, pegando a minha caneca vazia sobre o balcão e enchendo-a outra vez.

— O tempo não vai me ajudar a consertar isso.

— Sim, ele vai. — ele aponta para o banco e eu me sento. — É só o que ele tem feito até agora.

— Pai, olha para mim! Eu sou apenas isso. Uma casca.

— Não, você não é. Isso é o que você acredita e não o que eu vejo. Também acho que não foi isso o que Elena viu.

— Elena. — repito seu nome e solto o ar pesadamente, passando as duas mãos pelos cabelos. — Ela não vai querer falar comigo depois do que eu fiz.

— É claro que vai.

— Vocês não viram a maneira como ela me olhou. — sinto uma pontada no estômago quando me lembro daqueles olhos verdes e tristes.

— Ela, com certeza, está muito magoada, mas isso também vai passar. — ele coloca mais uma caneca fumegante de café na minha frente e um prato cheio de ovos mexidos, bacon e torradas.

— Quem fez isso?

— Eu. — ele se finge de magoado.

Empurro o prato para o lado, mas ele torna a empurrar de volta. Sorrio, achando graça e eles me acompanham. Estou me sentindo com dez anos e meu pai está brigando comigo para me fazer comer.

— Eu estou aqui há dois dias? — pergunto confuso. Lembro-me de ter ouvido Sophie falando isso.

— Está — responde Owen.

— Devo ter passado metade desse tempo inconsciente já que não me

lembro de nada.

— A julgar pelas três garrafas de uísque que estavam caídas no chão do escritório, é bem provável que sim.

— Vocês podem voltar para o escritório. Eu vou ficar bem.

— Não há muito que fazer na empresa hoje. — meu pai aponta para o prato e acrescenta: — Agora coma. Você precisa se alimentar.

Assinto e me obrigo a comer. Mesmo que minha vontade seja desaparecer.

Elena

EU NÃO tenho coragem de tirar o pijama, tampouco ver que horas são. Penso em me enrolar nesse edredom macio e quentinho e não sair mais do meu quarto, pelo menos por mais um dia. Pelo menos até essa dor passar. Mas me obrigo a levantar. Eu sei muito bem como isso funciona. Sei que me trancar no quarto ou dentro de mim não vai me ajudar. Prendo meu cabelo no alto da cabeça, escovo os dentes e ignoro as olheiras escuras e profundas que circundam meus olhos. Dou leves batidas em meu rosto pálido, mas a cor não volta à minha pele.

— Bom dia, Noah — digo bocejando ao entrar na cozinha.

— Acordei você? — ele me olha rapidamente através da lente embaçada de seus óculos e volta a olhar para as panelas, completamente atrapalhado.

— Não. Onde está minha avó?

— Estou aqui, querida. — ela entra na cozinha carregando um enorme cesto de verduras nas mãos.

— Sua horta está dando certo — falo entusiasmada, mas ela entende a ironia por trás das minhas palavras.

— Por que não daria? — ela me lança uma piscadela e sorri.

— Não sei. — dou de ombros. — Talvez porque na primeira vez que a senhora plantou alfaces nasceram espinafres?

— Aquelas sementes foram trocadas. — ela rebate com um sorriso encantador no rosto. — Ah, meu Deus, Noah! Você só precisava mexer! — ela se aproxima dele, tira a colher de sua mão e o empurra para o lado com o quadril.

Ele olha para mim com um sorriso divertido.

— O que vocês estão fazendo? — pergunto, aproximando-me do fogão.

— Geléia de damasco e framboesa. — ela beija a minha testa. — Nada melhor do que a geléia da vovó para você recarregar as energias. — acho que não, penso sentindo meu estômago embrulhar. — Você dormiu bastante. — ela diz sem olhar para mim.

— Não sei... — olho para o relógio sobre o batente da porta e vejo que são sete horas da manhã. Mas eu cheguei aqui umas cinco horas e... *Putá merda!* — Quanto tempo eu dormi?

— Quase vinte e quatro horas.

— *O quê?*

— Sua avó ia até a sua cama a cada três horas para ver se você ainda estava respirando — diz Noah enquanto limpa os óculos na barra da camisa.

— Nossa, acho que nunca dormi tanto.

— Você precisava descansar. — vovó continua mexendo nas panelas. Vou até o armário sobre a pia e pego uma caixa de cereal.

— Você quer que eu prepare ovos para você?

— Não. — abro a geladeira e pego uma garrafa de leite.

— Panquecas?

— Não. — despejo o cereal na tigela e em seguida o leite.

— Torradas com pasta de amendoim? — nego, tentando não pensar em todas essas comidas. — E o que você acha de uma porção generosa de bacon?

Ela não vai desistir.

— Estou morrendo de vontade de comer cereal. — minto.

— Você não está doente, está? Estou te achando um pouco pálida. — ela pousa a colher sobre a pia e vira-se para mim.

— Não, não estou. Acho que é apenas cansaço.

— Acho que vou desmarcar nosso almoço com a Rose. — vovó diz para

Noah.

— Quem é Rose? — pergunto curiosa.

— Minha irmã — responde Noah. — Ela mora em Jacksonville.

— E porque você vai cancelar, vovó?

— Não quero deixar você sozinha.

Dou risada quando ela diz isso, mas mesmo assim sinto meu coração se enchendo de amor.

— Eu vou ficar bem.

— Você tem certeza?

— Tenho.

— Por que você não vem com *a gente*? — pergunta Noah. — Minha irmã vai te deixar com câimbra no rosto de tanto rir.

— Obrigada, Noah, mas acho que prefiro ficar aqui.

Ele assente e vovó também. Empurro a tigela de cereal para o lado quando concluo que não consigo comer.

— Eu acho que vou tomar um banho e dar uma volta pela cidade.

— Mas você não comeu nada.

— Como alguma coisa na rua.

Ela abana as duas mãos no ar.

— Às vezes eu me esqueço que agora você mora sozinha e não é mais criança.

— Mas ainda preciso de um colinho de vez em quando. — beijo seu rosto e subo as escadas lentamente.

Tomo um banho relaxante e demorado e visto um conjunto de moletom cinza que encontro no meu antigo armário, no meu antigo quarto. Isso deve ter uns dez anos, penso enquanto termino de fechar o zíper da jaqueta. Se eu pretendo ficar por aqui alguns dias — ou para sempre — preciso providenciar algumas roupas já que eu não trouxe nada comigo.

Quando volto para o primeiro andar, a casa já está vazia. Respiro fundo quando passo pela cozinha e tento não vomitar quando sinto o cheiro das geléias que vovó deixou sobre o fogão para esfriar. Pego a chave do carro e sigo para a entrada da casa.



Estaciono meu carro na primeira vaga que encontro, deixo a minha bolsa sobre o banco do passageiro e começo a caminhar. Cruzo os braços na frente do corpo, tentando me proteger do vento gelado, mas isso não adianta. Péssima ideia essa de sair de casa. Dou meia-volta e tento acelerar o passo, mas o carro parece cada vez mais longe. Eu andei tanto assim?

— Elena? — será que estou ouvindo direito?

Merda! Merda! Merda!

Olho para trás e percebo que sim, eu ouvi direito. Adam está bem na minha frente. Seu cabelo loiro continua o mesmo, curto e levemente bagunçado. Seus olhos continuam azuis e... *O que eu estou dizendo?*

— Elena? Você está bem? — sua voz está arrastada e... Será que ele está bem? — Elena? — aperto os olhos com força quando sinto o chão se mover sob meus pés. Apoio as mãos na vitrine de alguma loja e tento dizer alguma coisa, mas não encontro a minha voz. O chão continua se movendo e subindo, subindo... Por que o chão está subindo? — Elena, abra os olhos! — sinto leve batidas em meu rosto e fortes braços envolvendo meu corpo. — Elena? — Abro os olhos lentamente.

— Adam... — balbucio. Seus longos dedos traçam o contorno do meu rosto. — O que aconteceu? — pergunto, afastando-me um pouco dos seus braços. Ele não me impede, mas mantém as mãos nos meus ombros.

— Você ficou me olhando de um jeito estranho e depois quase caiu — Seus olhos continuam fixos em meu rosto. — Você desmaiou.

— Sério? — levo uma mão à testa e percebo que ela está úmida e pegajosa. Ele faz que sim.

— Se eu não tivesse te segurado, acho que você teria caído de cara no chão. — o esboço de um sorriso surge em seus lábios, mas não tenho tanta certeza. Ainda estou com a visão turva.

— Desculpe. — dou um passo para trás e dessa vez ele me solta, porém quando perco o equilíbrio, ele volta a me segurar. — Eu acho que preciso me sentar um pouco.

— Você está sozinha? — assinto encarando o chão. — Você veio de carro?

— Parei ali. — aponto para trás sem saber se meu carro está ali mesmo.

— Eu vou levar você para casa.

— Você não precisa fazer isso.

— Sim, eu preciso. — ele passa um braço ao redor da minha cintura e me acompanha até o carro. Abre a porta do passageiro e eu me acomodo no banco.

Adam liga o rádio antes mesmo de dar partida no carro e, enquanto dá marcha ré, *Boyce Avenue* começa a tocar sua versão de ‘*When I Was Your Man*’. Sinto o ar escapando de meus pulmões. Sinto meu coração se partir ao meio e

lágrimas arderem em meus olhos.

Desligo o rádio depois de socá-lo com força diversas vezes à procura do botão.

— Tudo bem? — ele me olha com curiosidade.

— Eu só odeio essa maldita música idiota — falo, cruzando os braços na frente do corpo e olhando para a rua.

Quando ele estaciona em frente de casa, desço rapidamente e murmuro um 'obrigada' bastante sem graça.

Essa situação é muito constrangedora.

— Eu estou bem, Adam. Não precisa entrar comigo. — subo os degraus da varanda e me lembro de que ainda estou sem as chaves. Dou meia volta e ameaço ir até os fundos, porque não tranquei a porta antes de sair, mas Adam se abaixa e pega uma chave sob o capacho. Por que eu não me lembrei dessa chave quando cheguei aqui ontem?

— Alguns hábitos não mudam. — ele abre a porta e a mantém aberta para que eu entre.

Entro rapidamente e me jogo sobre o confortável e aconchegante sofá da sala de estar. Ele me segue em silêncio e não hesita em acomodar uma almofada sob a minha cabeça. Antes que eu peça para ele ir embora, ele se senta na poltrona do outro lado da sala, bem de frente para mim.

— Você está muito pálida.

Fecho os olhos e inspiro com força quando ondas de calor atravessam meu corpo. Será que essa tontura e esse mal-estar nunca vão passar?

— Eu não tenho comido muito bem esses dias.

— E esse machucado em seu rosto? Também tem a ver com a falta de comida?

— Não, eu... — limpo a garganta e espanto os fantasmas daquela noite. — Eu caí — Isso deve funcionar. Nunca fui uma pessoa coordenada e ele sabe muito bem disso.

— Caiu? — ele parece desconfiado. — E é por isso que você está mancando? — *Droga!* Ele não deixa passar nada.

Assinto. Adam se levanta, vai até a cozinha e começa a abrir os armários. Ouço um xingamento quando um copo ou um prato cai dentro da pia. Penso em ir até lá e dizer para ele ir embora, mas estou cansada demais para isso.

— Pronto. — ele volta para a sala e traz com ele uma enorme tigela azul.

— O que é isso?

— Mingau de aveia com morango e banana — fala sorrindo e estende a tigela para mim.

— Não quero. — empurro a tigela para ele que empurra de volta.

— Você precisa comer. — respiro fundo quando sinto espasmos em meu estômago. Meus olhos se enchem de lágrimas quando acho que vou vomitar. *Eu odeio vomitar!*

— Acho que eu não consigo, Adam. — minha voz está fraca e quase irreconhecível.

— Não seja teimosa.

— Mas eu não consigo. — ele coloca a tigela na minha mão e se senta na poltrona outra vez.

— Ou você come ou eu ligo para a sua avó!

— Isso é golpe baixo.

— Mas funciona. — assinto achando graça de seu senso de humor.— Era o seu café da manhã predileto.

— Faz tanto tempo que eu não como isso que...

— Se você quiser posso preparar outra coisa. O que você...?

— O mingau está ótimo. — interrompo-o rapidamente. Já estou constrangida demais por ele estar aqui. Vê-lo preocupado com o que eu quero comer só piora tudo.

Coloco uma colher quase vazia na boca, prendendo a respiração e, por um milagre, não sinto ânsia ou qualquer coisa assim. Quando coloco a tigela sobre a pequena mesa de madeira ao lado do sofá ele protesta.

— Ainda falta metade.

— Daqui a pouco eu termino. — ele aquiesce e apoia os cotovelos nos joelhos. Fica me encarando com tanta intensidade que preciso desviar os olhos.

— Você está voltando para Beaufort? — ele muda de assunto subitamente. Nego com a cabeça.

— Eu estou morando em Nova York desde o final de agosto. — ele concorda com a cabeça e parece desapontado.

— Jess também está lá?

— Está. Parece até mais tranquila.

— Tranquila? Jess?

Ele começa a rir e, quando dou por mim, estou rindo com ele. Só quem cresceu ao lado de Jess sabe o quanto isso é algo difícil de acontecer.

— Isso é estranho. — franzo a testa para ele, mas sei exatamente sobre o que ele está falando. — Nós dois aqui depois de tudo o que aconteceu.

— Eu sei. — enrolo e desenrolo a manta branca que cobre parte do sofá.

— Eu estou feliz por ver você outra vez, Elena.

Ah, merda!

Eu posso desmaiar agora? Por favor, alguém me faça desmaiar agora! Ele não pode dizer isso. Não depois do que eu fiz. Não depois da dor que eu lhe

causei. Ele não pode ficar feliz por me ver.

— ELENA! — pulo de susto no sofá e Adam arregala os olhos.

— Puta merda! — diz rindo.

— ELENA, abra essa porta! AGORA!

— Ela está mais tranquila? — Adam está rindo.

— Retire o que eu disse.

— Eu estou vendo seu carro aqui fora, Elena! — Jess está gritando, tocando a campainha feito louca e mexendo na maçaneta da porta.

— Eu achei que nunca mais ouviria essa voz estridente. — ele fica em pé e vai até a porta.

— O que aconteceu com...? *Quarterback?*— ela passa por ele feito um furacão, e vem até mim.

— Eu também senti saudades, Jessica. — ele tenta parecer magoado. Jess deixa a sua bolsa cair no chão, dá meia volta e vai até ele.

— Você sabe que eu amo você, Adam. — ele a puxa para um abraço apertado e ela retribui, sem reclamar. — E eu também senti saudades. Agora me solta. — ela se desprende de seus braços rapidamente. — Você sabe que eu não gosto dessas frescuras.

Ele revira os olhos.

— Bom, eu vou embora, Elena. Tenho certeza de que Jess vai cuidar muito bem de você.

— É claro que eu vou! — ela se senta ao meu lado, coloca as minhas pernas sobre suas coxas e começa a massagear meus pés.

— Eu ligo para você depois. — Adam fala meio sem jeito, passando a mão na nuca. Ele sempre faz isso quando está nervoso ou ansioso. — Apenas para saber como você está.

Concordo com a cabeça e ele abre a porta.

— Adam? — chamo-o de volta e ele se vira rapidamente. — Obrigada.

Ele sorri e fecha a porta atrás de si.

— O que acabou de acontecer aqui?

— Eu desmaiei na rua — digo sem rodeios e ela me encara com os olhos arregalados.

— Porque isso acontece o tempo todo. — não consigo conter uma risada. — O que aconteceu?

— Eu não sei. — dou de ombros e desvio os olhos. — Acho que estou apenas cansada. Não sei o que aconteceu.

— Por que você não me disse que viria para cá? Poderíamos vir juntas. — abro a boca para dizer que vir para cá nem tinha me passado pela cabeça, mas desisto quando ela volta a falar. — Eu cheguei ontem à noite, você sabe que eu

sempre passo o Natal com a minha mãe e adivinha? Ela foi esquiar em *Aspen*! Meu pai me convidou para passar o Natal com ele e sua nova família nas Bahamas, mas eu disse que não, que ficaria com a minha mãe. Ela está namorando outra vez, não me lembro o nome dele, Jack, Josh... Acho que é Jason... — concordo com a cabeça meio atordoada — Ela nem me ligou! Entrei em casa e encontrei um bilhete sobre a mesa da cozinha. Um bilhete, Elena! Então, eu precisei sair para comprar comida porque a minha geladeira está completamente vazia e encontrei a sua avó com um homem. Ela está namorando! Isso não é o máximo? — abro a boca mais uma vez, mas não consigo dizer nada porque Jess leva as duas mãos na boca e arregala os olhos. — Meu Deus!

— O que foi?

— Eu não tenho a mínima ideia de onde deixei as minhas compras.

— Jess! — nem a minha risada é capaz de fazê-la se calar.

— Você não deveria estar em Paris?

— Eu...

— Estou tentando falar com você desde sábado, mas seu celular parece estar desligado, onde está...? — ela deve ter um botão de liga/desliga em algum lugar. Não é normal alguém falar tanto assim. Às vezes tenho a impressão de que ela nem respira. — Então, eu liguei para a Sophie antes de embarcar para cá, porque eu queria falar com você, mas ela me disse que não sabia onde você estava, e eu achei isso muito estranho. Ela também estava muito estranha. Tentei arrancar alguma coisa dela, mas ela me disse para falar com você primeiro. Daniel também não atende o celular e... — ela para de falar de repente e me encara com os olhos semicerrados. — Ele te magoou não foi? — concordo e seu olhar se suaviza. Sua voz não. — O que é isso?

— Isso o quê?

— Seu rosto. Ele te bateu?

— *Não!* Isso aqui é... — aponto para o hematoma em meu rosto e meus olhos se enchem de lágrimas. — Acabou, Jess.

— Como acabou? Ele é louco por você.

— Não é mais.

Conto para ela tudo o que aconteceu naquela noite. Jess também me faz mostrar o ferimento na minha perna. Conto como ele terminou comigo e como vim parar aqui. Conto quase tudo.

— Nossa. — ela me abraça e deito a cabeça em seu ombro. — Daniel conseguiu me deixar sem fala.

— Isso é um milagre. — nós duas rimos. — Ele escolheu ficar com ela, Jess...

— Não! É claro que não escolheu. Ele só está confuso.
— Por que você está do lado dele?
— Não estou do lado dele, não diga besteira! Mas alguém precisa fazer você entender que existem dois lados nessa história.
— Sêrio?
— Sêrio.
— E de qual lado você está falando? Do lado em que meu coração se parte ao meio ou do lado onde ele o arranca do meu peito?
— Eu sei o quanto isso está doendo, mas...
— Não! Você não sabe! — as lágrimas começam a banhar meu rosto outra vez. Eu não quero dizer por que a dor que eu sinto é mais forte e mais profunda. Ainda não.
— Se você quiser, posso pegar um avião agora e ir até lá arrancar os olhos dele.
— Seria ótimo.
— Mas ele tem olhos tão lindos.
— Arranque outra coisa.
Jess solta uma gargalhada e meu corpo sacode junto com o seu.
— Eu vou ficar aqui, posso? Não quero ficar sozinha na minha casa.
— Que pergunta! É claro que pode.
— Preciso ir até a minha casa pegar algumas roupas.
— Aproveite e traga umas para mim, se você tiver. Não trouxe nada comigo e o que tenho no meu quarto está pequeno ou velho demais.
— Nós podemos fazer compras amanhã? — ela arqueia as sobrancelhas e sou obrigada a concordar, mesmo odiando.



— O jantar está pronto! — estou cochilando no sofá enquanto Jess mexe no seu celular. Finjo não ouvir, mas vovó entra na sala.
— Grace! — Jess fica de pé em um pulo. — Estava morta de saudade da sua comida.
— Tenho certeza que sim.
Arrasto-me para fora do sofá e sigo as duas para a cozinha. Preciso inspirar profundamente quando sinto o cheiro de tempero. Sento-me de frente para Noah

e entre vovó e Jess. Alguém está falando alguma coisa sobre batatas. Meu estômago está virando do avesso. Noah ri quando vovó coloca alguma coisa no seu prato. Jess pega a travessa de salada e, o cheiro que invade meu nariz, faz meu corpo tremer. Fecho os olhos e sinto gotículas de suor se formando em minha testa. Respiro fundo e me agarro à beirada da mesa quando penso que vou cair.

— Elena, querida? — vovó está segurando meu braço. Olha para ela, mas não a vejo. Tento falar, mas percebo que não posso fazer isso.

Droga!

Corro até o banheiro — cambaleante — e me tranco dentro dele. Espero alguém bater à porta, mas isso não acontece. Quando volto para a cozinha, já estou preparada para o interrogatório das duas e já tenho até um discurso preparado. Porém, quando vovó abre a boca, o telefone da cozinha toca e ela se levanta para atender. *Graças a Deus*, penso aliviada, mas a sensação dura apenas um segundo.

— É o Adam. — ela está tapando o bocal do telefone com uma das mãos.

— Ele não perde tempo, hein? — Jess ri ao dizer isso e minha avó franze a testa para mim enquanto me passa o telefone.

— Adam, oi. — tento parecer animada.

— Oi. — ele fica em silêncio alguns segundos. — Você está bem?

— Estou melhor.

— Que bom eu... — ele deve estar passando a mão pela nuca agora. — Eu... Na verdade, eu liguei porque... Será que nós podemos nos encontrar amanhã?

— Eu não acho que isso seja uma boa ideia. — ele fica em silêncio por alguns segundos, mas ainda posso ouvir sua respiração do outro lado da linha.

— Eu só preciso conversar com você. — sua voz está mais contida.

— Nós não temos... — paro a frase no meio. Odeio meu coração mole e idiota. — Éééé... — dou de ombros para vovó, Jess e Noah — que com certeza não está entendendo muita coisa.

— Eu posso te pegar logo depois do almoço.

— Por que você não vem até aqui? — território seguro, penso.

— Tudo bem.

— Então, eu espero você.

— Tchau, Elena. — não posso deixar de notar o tom alegre em sua voz quando ele se despede.

— Eu perdi alguma coisa? — minha avó pergunta assim que volto para a mesa e Jess se apressa em responder.

— Ah, Grace! Você perdeu muita coisa. — encaro Jess com os olhos semicerrados, mas ela não está olhando para mim. — Parece que a Elena des...

— *Aiii!* — ela me fuzila com o olhar quando me sento ao seu lado e chuto a sua canela.

— Nós nos encontramos por acaso na rua hoje de manhã. — olho para Jess mais uma vez e ela entende que deve continuar com a boca fechada.

— E vocês vão se encontrar amanhã? É isso? — vovó não desvia os olhos e isso me deixa bastante nervosa.

— Ele disse que quer falar comigo.

Ela aperta os lábios e assente.

— Eu não sei o que está passando na sua cabeça agora, muito menos o que Adam está pensando sobre esse reencontro de vocês dois depois... Você sabe. — ela para de falar por um segundo e segura a minha mão. — Ele ainda é apaixonado por você.

— Eu sei.

— Então não o machuque outra vez. — abro a boca para me defender, mas ela levanta uma mão, impedindo-me de continuar. — Eu não quis dizer isso e não estou julgando a sua atitude, mas isso não muda o fato de que ele sofreu muito. Apenas seja sincera com ele.

— Vou ser.

— Agora coma um pouco. Você continua muito pálida.

— Eu comi mingau de aveia tem pouco tempo. Estou sem fome. — ela não precisa saber que estou mentindo e que comi o mingau já tem algumas horas. — Eu acho que vou para a cama. — e antes que alguém proteste, saio da mesa.



Estendo uma manta sobre o gramado, bem de frente para o mar, e espero Adam chegar. Ele não demora. Quando se senta ao meu lado e sorri para mim, percebo que estou mais constrangida do que eu imaginava. Ele também. Sei disso porque ele leva a mão à nuca a cada trinta e sete segundos. *Nossa!* Eu estou mesmo contando.

— Como está Robert? — falar de outras pessoas é melhor do que falar sobre nós. E sei que falar do sobrinho fará co que Adam fique confortável.

— Está ótimo. — um sorriso genuíno e orgulhoso surge em seus lábios. — Ele entrou para o time da escola.

— Isso é incrível!

— Ele é ótimo, Elena. Completamente apaixonado pelo futebol.

— Como você era. — seus olhos se voltam para mim e vejo que a tristeza que ele tenta esconder de todos, ainda está aí.

— Ainda sou.

— Você nunca pensou em tentar outra vez? Voltar para a faculdade?

— No início, todos os dias. Mas com o tempo eu fui aceitando que aquilo, todo aquele sonho de ser jogador, morreu junto com meu pai.

Assinto e encaro o gramado. Posso sentir a vibração de seu corpo ao meu lado. Conheço tanto Adam, que posso sentir a dor que ele guarda dentro do coração. A dor que ele jura não sentir mais. Acho que nunca vai passar. Ele ainda sente muito por ter deixado a faculdade e o sonho de se tornar jogador profissional quando seu pai morreu, duas semanas depois de as aulas terem começado.

— Minha irmã queria vir até aqui te enforcar. — ele muda de assunto rapidamente e o que ele diz me faz rir. — Ou te afogar no mar.

— Por que Ellen me odeia tanto?

— Eu não sei. — ele dá de ombros, sorrindo. — Mas é preciso levar em consideração que Ellen é um tanto neurótica.

— Tão neurótica que quase arrancou meus cabelos na frente de todo o colégio.

— Aquela briga foi épica. — Adam joga a cabeça para trás, gargalhando e faço o mesmo quando me lembro da cena.

— Eu peguei uma semana de suspensão por causa dela.

— Minha mãe quase a matou.

— E por falar em Barbara, como ela está?

— Louca como sempre.

— As coisas não mudam por aqui, não é?

— Não. — seus lábios se curvam para cima e ele me encara com um sorriso travesso.

— O que foi?

— As pessoas ainda falam da sua fuga na igreja.

— *Droga!* — droga porque as pessoas comentam e odeio saber disso. Droga porque ele tocou no único assunto sobre o qual eu não quero falar.

— Aquilo foi um grande acontecimento. — ele está sorrindo, mas parece bem desconfortável.

— Precisamos fazer alguma coisa para mudar isso.

Adam faz que sim e para de sorrir. Fita o horizonte por uma eternidade e sinto meu coração martelar dentro do peito. Eu não deveria ter concordado com

essa conversa porque sei o que vem a seguir. Sei o que ele vai dizer e também sei que isso vai acabar comigo. E com ele.

— Eu pensei que tivesse superado você...

Um calafrio percorre a minha coluna e um enorme bolo se forma na minha garganta. Começou.

— Eu acho que...

Paro de falar quando suas mãos seguram meu rosto com força. Paro de respirar quando seus olhos escuros e ansiosos encontram os meus.

— Eu sei que não deveria estar aqui. Não deveria nem estar falando com você... — um enorme vinco se forma entre suas sobrancelhas e ele parece estar sentindo dor. — Eu deveria te odiar, mas eu não...

Não diga essas palavras! Por favor, não diga essas palavras!

Meu mantra não funciona. Ele diz. E diz com tanta intensidade que meu coração se parte ao meio.

— Eu amo você.

— Não faça isso, Adam. Por favor? — imploro com lágrimas nos olhos, porém ele não me escuta. Continua encarando meu rosto enquanto seus polegares acariciam a minha pele.

— Eu pensei muito sobre o que você me falou naquela noite e percebi que você tinha razão. Você tinha razão o tempo todo. — o sorriso mais triste que já vi em toda a minha vida molda a sua boca. — Eu achei que o que tínhamos bastava. Achei que poderia fazer você feliz.

— Você me fazia feliz. — e estou sendo sincera.

— Mas não foi o suficiente.

— Foi, por um tempo. — admito olhando para o lado. — É tão clichê dizer isso, mas... Você sabe que não era você. Era alguma coisa dentro de mim. Eu precisava de mais.

— E eu precisava de você. — sua voz sobe alguns decibéis e ela parece ligeiramente embargada. Dói ouvir isso. Dói ainda mais saber o quanto está doendo nele.

— Você precisa parar.

— Eu não consigo, não... — ele acaricia meu cabelo e coloca uma mecha atrás da minha orelha. — Eu senti tanto a sua falta.

Balanço a cabeça e fecho os olhos quando fica insuportável olhar para ele. Fecho os olhos quando não consigo mais enxergar por causa das lágrimas. Fecho os olhos porque vê-lo tão exposto e tão vulnerável me despedaça.

— Volta para mim?

— Eu não posso. — choramingo.

— Por quê?

— Porque eu não amo você. — seu rosto se contorce. Meu coração se parte ainda mais. — Não do jeito que você merece. — suas mãos me deixam e meu peito arde quando ele desvia os olhos e tenta esconder as lágrimas que estão prestes a cair. Eu já o vi chorando por mim uma vez e isso quase me fez desistir. — Você precisa encontrar alguém que mereça o seu coração.

— Elena...

Respiro fundo e simplesmente falo.

— Eu estou grávida.

— O que você...?

Quando ele volta a olhar para mim assinto e olho para as ondas quebrando à minha frente. Nunca pensei que dizer isso em voz alta pudesse fazer meu coração doer tanto. As lágrimas voltam aos meus olhos e transbordam. São pesadas e, a cada soluço, sinto que perco as forças.

— Vem aqui. — seus braços envolvem meu corpo quando os soluços ficam incontrolláveis. Ele me abraça e me consola quando não sou mais capaz de respirar. Adam me embala em seu peito até que tudo se acalme. Até que as lágrimas cessem. Até que eu seja capaz de respirar outra vez.

— Você deveria ir embora, Adam — digo me afastando e enxugando o rosto com o dorso das mãos.

— O que você está dizendo?

— Você não deveria estar aqui quando eu te causei tanto mal.

— Eu estou aqui porque eu... — ele leva as mãos à nuca e sua voz falha por um momento. — Elena, me escuta. — suas mãos estão em meu rosto outra vez. — Eu amo você. — seus olhos estão brilhando e há um vinco profundo entre suas sobrancelhas. — E eu vou estar aqui sempre porque não importa se nós não ficaremos juntos ou não. Não importa que o seu coração não seja mais meu. Eu posso viver com isso, posso viver sem seu amor, mas não posso aceitar o fato de que você não será mais a minha amiga.

— Eu ainda sou sua amiga?

— Você sempre vai ser.

— Você é muito melhor do que eu.

— Não, eu não sou. — ele nega e, timidamente, deixa um beijo em minha testa.

— Se eu tivesse deixado você no altar...

— Eu não estaria vivo agora. — ele sorri e acaricia meu rosto. — Jess teria dado um jeito de me matar. — faço que sim com a cabeça e sorrio também.

— Onde está o pai do seu filho?

— Em Nova York.

— Ele ainda não sabe?

— Não, nós terminamos.

— Você fugiu dele?

Seus olhos estão semicerrados e sei que ele está tentando colocar um pouco de humor na nossa conversa. Adam detesta ser tão sentimental.

— Não. Ele meio que me mandou embora.

Adam aquiesce.

— Bom, eu não sei o que houve entre vocês, mas posso dizer que ele é um idiota por deixar você.

— Ele é mesmo.

— Se você precisar de alguma coisa, sabe onde me encontrar.

— Obrigada, Adam.

Daniel

— Você tem sérios problemas! — Sophie está sentada no balanço da varanda da nossa casa nos Hamptons, embrulhada em uma manta grossa e segurando uma caneca nas mãos. — Como você consegue correr nesse frio congelante? — dou de ombros e me sento ao seu lado. Nego quando ela me oferece uma caneca de chá e dou um longo gole da água que levei comigo. — Eu gosto tanto quando neva no Natal! — ela deita a cabeça em meu ombro. Tento me esquivar por causa do suor, mas Sophie parece não ligar. — Você não gosta?

— Não tanto quanto você.

— Lá vem o mau humor. — ela levanta a cabeça e me encara com uma ruga profunda na testa. — Eu tentei falar com a Elena hoje.

Não quero parecer ansioso, nervoso ou qualquer merda desse tipo, mas só de ouvir o seu nome sinto meu corpo se contrair.

— E conseguiu?

— Não, e isso é tão frustrante. Ela simplesmente desapareceu! O que você acha...

— Eu não acho nada, Sophie. Nós terminamos. Ela faz o que quiser da vida dela.

— Quando você diz terminamos — ela faz aspas com os dedos. — na verdade, quer dizer quando eu terminei com ela, não é?

— E o que eu deveria ter feito?

— Eu não sei. — Sophie dá de ombros e beberica um pouco do seu chá. — Você já pensou em agir como adulto?

— Você vai começar com essa merda outra vez? — realmente estou irritado demais para aguentar seu falatório. Mas pelo jeito ela está ainda mais.

— Merda? — ela fica em pé de um jeito brusco e acaba derrubando seu chá no chão. — Desculpe por tentar fazer você ser uma pessoa melhor! — minha

irmã caminha até a porta, mas gira nos calcanhares e aponta o dedo para mim. — Desculpe por querer que você seja feliz! Não vou deixar que a sua depressão e o seu péssimo humor acabem com o meu Natal! Não vou!

Ela sai batendo o pé, tromba em Owen que está saindo para a varanda e entra em casa.

— O que aconteceu com sua irmã? — ele se senta ao meu lado, rindo. Percebo que estou fazendo o mesmo.

— Disse que estou depressivo demais e vou acabar estragando o seu Natal.

— Ela não deixa de ter razão.

— Desculpe se não estou no clima do Natal em família.

— Você não está no clima de nada ultimamente.

— É, não estou. — olho para as ondas que estão lambendo a areia. — E está ficando cada vez pior.

— Você precisa ir atrás dela.

— Não. — nego veemente. — Eu preciso esquecê-la e fazer o que tem de ser feito.

— Daniel?

Não espero o que ele tem para me dizer. Não quero mais ouvir histórias ou conselhos sobre como consertar o que não tem mais conserto. Desço as escadas e começo a correr pela praia outra vez sem me importar com a fina neve que começa a cair.

Por isso, quando o Ano Novo chega e todos vão embora, resolvo ficar. Não quero voltar para a minha casa e para a vida vazia que me espera. Não quero voltar para casa quando Elena não está mais lá. Não quero voltar para todas aquelas lembranças quando ainda não fui capaz de tirá-la da minha cabeça.

Há três dias — ou quatro — estou jogado no sofá. Fiquei bêbado e sóbrio mais vezes do que consigo contar, mas agora, o uísque acabou e as cervejas também. Acho que não tenho mais café na despensa e não tenho a mínima vontade de ir até lá verificar. Muito menos comer. Não como nada desde que a minha família foi embora. Bom, eu comi algumas batatas fritas, mas acho que essas porcarias não contam.

Fecho os olhos quando sinto minhas pálpebras ficando pesadas, porém batidas à porta me despertam. Fico em pé e, praticamente me arrastando, puxo a maçaneta.

— Anna? — pergunto cautelosamente.

— Meu Deus, Daniel! Você está horrível! — ela está parada na minha frente e eu não sei o que fazer.

— O que você...?

— Posso entrar? — pergunta, interrompendo-me. — Está muito frio aqui

fora.

Dou um passo para trás, hesitante e a deixo entrar. Ela caminha lentamente até o meio da sala, joga a sua bolsa sobre o sofá, tira o grosso sobretudo preto e seu gorro azul.

— Lembra quando nós vínhamos para cá nas férias de verão? — concordo com um gesto de cabeça enquanto fecho a porta. — Todos os anos? — concordo outra vez. — Eu sinto tanto a falta daquela época — Ela está de frente para a lareira, segurando um porta-retrato nas mãos. É uma foto na praia de quando éramos crianças. Todos com aproximadamente onze anos e Sophie, com apenas três, no colo de Matt. Mantive essa foto deitada desde que cheguei aqui no Natal. Não suporto olhar para ela.

Não suporto lembrar daqueles dias.

— Alguém sabe que você está aqui?

— Não precisa ficar com medo. — ela sorri, coloca o porta-retrato no lugar e espalma as duas mãos no ar. — Não tenho nenhuma arma comigo. — abro a boca, mas fecho quando percebo que não sei o que dizer para ela. Isso não foi engraçado, foi mórbido. — Péssima piada, desculpe. Mas é que eu... — ela dá um passo à frente. — Eu estou tão nervosa que não sei o que dizer. Desculpe. — aquiesço e levo uma das mãos à cabeça. Eu estou nervoso. Nervoso demais. — Minha mãe me deixou aqui e vem me buscar assim que eu ligar para ela. — Anna se senta no sofá onde eu estava deitado alguns minutos atrás e me pede para sentar ao seu lado. Hesito e ela emenda outra piada. — Eu tomei os meus remédios hoje, pode relaxar. — forço um sorriso e me sento.

— Como você está? — apoio os cotovelos nos joelhos e olho para ela que dá de ombros, desvia o olhar e, quando volta a me fitar, está com os olhos marejados. E isso acaba comigo.

— Estou indo. Um dia bem, outros nem tanto. — ela solta o ar e permite que as lágrimas caiam. — Eu sinto tanto, Daniel, tanto... — quando os soluços ficam incontrolláveis e ela leva as mãos ao rosto, fico sem saber o que fazer. Não sei se devo esperar que ela pare ou abraça-la. Meu coração dói quando ela chora desse jeito. Meu coração dói porque sei que sou a causa disso. Sei que, se eu não tivesse sofrido aquele acidente, se Matt não tivesse morrido, ela não estaria passando por isso. Nem eu. Meu peito dói porque essa dor e essa culpa estarão comigo para sempre. E eu preciso me acostumar com isso.

Estendo o braço e a puxo para perto. Deixo que ela chore em meu peito e molhe toda a minha camisa. Deixo que minhas lágrimas se misturem as lágrimas dela.

— Eu não q-queria chorar desse jeito, d-desculpe.

— Está tudo bem. — acaricio seus cabelos e ela se afasta.

— Não, não está tudo bem. Eu tentei matar a sua namorada, Daniel! Pelo amor de Deus! — ela segura meus ombros com as duas mãos. — Eu não estava tomando meus remédios há dias, não estava indo as sessões de terapia e isso... Você precisa me perdoar.

— Anna — seguro seu rosto entre as mãos. —, sou eu quem precisa te pedir perdão.

— Do que você está falando? — ela nega com a cabeça e me encara confusa.

— Estou falando de Matt, do acidente... Estou falando do bebê.

— Pare! — mais lágrimas molham seu rosto e, mesmo com a voz estrangulada, continua falando. — Você precisa parar de se culpar. Aquele maldito carro atravessou o sinal vermelho. Você não teve culpa. Foi um acidente.

— Se eu estivesse prestando mais atenção e...

— Não foi sua culpa! — ela me interrompe com a voz firme. — Você precisa parar de se culpar do mesmo jeito que eu preciso parar de lamentar tudo o que eu perdi. O Matt morreu e por mais difícil que seja, eu preciso encarar isso. Preciso seguir em frente. E você também.

— Eu acho que não consigo.

— Você precisa tentar. Eu quero ver você tentar. Saber que você está bem vai me ajudar. Você não precisa passar a vida toda atormentado pela culpa. Eu não vou morrer se você não ficar comigo. — ela engole em seco e sorri. — Eu sou um pouco descontrolada, às vezes falo coisas que não deveria, mas não vou morrer. Eu prometi que vou tentar ser feliz por ele e quero que você faça isso também. Eu quero que você seja muito feliz.

— Você acha que eu vou conseguir?

— Acho. — ela inclina a cabeça e semicerra os olhos. — Você não tem frequentado a terapia?

— Não, eu não suporto falar daquilo. Repetir em voz alta o que aconteceu é muito difícil.

— Eu também acho a terapia um saco, por isso deixei de ir tantas vezes e você viu o que aconteceu comigo. — ela dá um sorriso triste. — Você nunca mais falou com os pais dele?

— Não os vejo desde o funeral.

— Eles sentem muito a sua falta.

— Sentem? — pergunto surpreso porque sempre achei que eles me odiassem.

Anna aquiesce.

— Eu sei que você pensa que eles te culpam pelo acidente, mas isso não é verdade.

— Eu não consigo olhar para eles. Ainda não.

— Quando você estiver pronto.

— Você falou com eles recentemente?

— Falo com eles toda semana.

— E o que você vai fazer agora?

— Semana que vem vou para a Europa.

— Sozinha?

— Meus pais vão ficar comigo três semanas, depois vou encontrar uma prima na Alemanha e continuar a viagem com ela. Preciso ser vigiada o tempo todo. — ela dá de ombros, um pouco constrangida e um pouco achando graça da própria situação. — Depois, talvez, eu volte a lecionar. Eu sou PhD em história da arte, o mundo precisa de mim! — Anna tenta, mas consegue soar esnobe. — Um passo de cada vez.

— Um passo de cada vez. — repito.

— Eu sinto muito por aquela noite, Daniel. Eu jamais desejei que você passasse pelo o que eu passei. Você não merece isso.

— Será que eu mereço mesmo?

— Sabe? Eu liguei para Sophie hoje para saber onde você estava e ela me disse que você estava meio depressivo. — ela toca a ponta do meu nariz com seu dedo indicador. — Achei que ela estivesse brincando, mas meu Deus! Você está pior do que eu imaginava

— Devo estar mesmo.

— Sabe o que vai te deixar feliz?

— Você tem uma garrafa de uísque escondida nessa sua bolsa gigante?

— Não, droga! — ela sorri e finge estar decepcionada por isso. — Mas eu posso fazer *fudge* ^upara você.

— Sério? — Anna levanta as duas sobrelanceiras e balança a cabeça para cima e para baixo. Ligeiramente empolgada. — Ninguém fica triste comendo *fudge*.

— Principalmente o seu.

— Principalmente o meu. — ela fica em pé e estende a mão para mim. — Mas eu tenho uma condição.

— Eu sabia. — exalo o ar de forma dramática e seguro a sua mão.

— Você vai cozinhar para mim.

— Posso tentar.

Conversar com Anna foi libertador. Saber que ela está tão pronta e decidida a encontrar a própria felicidade faz um peso sair de meus ombros. E do meu coração.

Quando uma buzina chama do lado de fora, ela se levanta calmamente,

pega a sua bolsa e caminha até a porta.

— Obrigada pelo jantar.

— Foi um prazer.

— E obrigada por me receber e por me ouvir.

— Não me agradeça por isso, Anna. Estou feliz por ter tido essa conversa com você.

Ela assente, ameaça me dar as costas, mas vira-se para mim outra vez.

— Sabe, Matt foi o grande amor da minha vida. Eu não sei se algum dia vou conseguir amar alguém do mesmo jeito, mas eu preciso tentar. Eu preciso abrir meu coração para uma nova vida. E você precisa fazer o mesmo, principalmente agora que, finalmente, você descobriu o que é estar apaixonado. E eu que achei que isso não aconteceria nunca. — ela dá uma piscadela e depois me abraça. — Eu amo você, Daniel.

— Eu também te amo, Anna.

— Se cuida, *okay*?

— Você também.

Decidido a consertar a minha vida, arrumo as malas e volto para Nova York. Tento falar com Elena de todas as maneiras, mas não consigo. Nem Jessica me atende.

Passo a noite vagando pela cobertura, completamente perdido.

Vou até o escritório, sento-me no chão com o *laptop* no colo — o que me lembra que preciso comprar uma mesa — e começo a ler todos os emails que lotam a minha caixa de entrada. Trabalhar me ajuda a esquecê-la por algumas horas, até que um pequeno papel brilha próximo ao meu pé quando mudo o computador de posição e a tela ilumina uma pequena parte da sala. É uma foto de Veneza. Nós dois sentados em um café em alguma das pequenas ilhas que visitamos.

Embaixo dela, há outra foto, da estátua de Julieta em Verona. Sorrio, lembrando-me de como ela ficou insegura quando a convidei para viajar comigo e como fiquei feliz quando ela disse sim. Mesmo ainda não sabendo o que estava acontecendo comigo, hoje, tenho certeza que naquele dia, já estava completamente apaixonado por ela. Então, a nossa primeira conversa começa a ganhar vida dentro da minha cabeça.

'E você é de onde?'

'Carolina do Norte.'

'Que lugar?'

'Beaufort, você conhece?'

Claro! Beaufort!

Sem pensar duas vezes, deixo o computador jogado no chão, pego as

minhas chaves e corro para a garagem.

Não posso ignorar o quanto estou ansioso e nervoso por encontrá-la. Não posso ignorar as batidas estranhas e descompassadas do meu coração, muito menos o calafrio que percorre a minha coluna e reverbera por todo o meu corpo.

Elena

EU NÃO sei o que estou fazendo aqui.

Não sei por que achei que passar uma semana inteira em *Topsail Beach* seria divertido. Tudo bem que Jess e vovó estão aqui, mas *Topsail Beach*? Minhas férias de verão — e inverno também — quando criança eram aqui, então, tudo o que essa casa me traz são lembranças. Lembranças da minha mãe, lembranças do meu pai... Lembranças que eu havia guardado em algum lugar dentro do meu coração. Lembranças que me deixam tristes. Tão tristes que estou chorando há três dias.

Ainda tem o fato de que estou triste por Daniel ter me deixado e estou grávida. Sou uma bomba relógio.

— Elena, você pode me emprestar...? — Jess escancara a porta do meu quarto e me encontra chorando na cama, quase em posição fetal. — Ei. — imediatamente ela se deita ao meu lado e me abraça. — Eu estou aqui com você.

Não digo nada. Continuo chorando e colocando toda a minha tristeza para

fora, mas ela parece não ter fim. As lágrimas continuam caindo. A dor continua forte e devastadora.

— Fale comigo. — ela pede. Solto o ar com força, levanto-me da cama e vou até o outro lado do quarto.

— Eu não quero... — estou prestes a dizer que não quero falar com ela, mas um soluço irrompe do meu peito e minha voz fica presa na garganta. *Que droga!* Será que eu não vou mais ter controle sobre isso? Escorrego as costas pela parede e me sento no chão. Jess se senta ao meu lado.

— Você não está me contando tudo, não é?

— Não. — minha voz é apenas um sussurro, fraco e triste. — Eu estou grávida, Jess.

— *Putá merda!* Grávida? — sua voz sai tão histérica e alta que até ela leva as duas mãos à boca.

— Grávida? — vovó está parada na porta, encarando a nós duas. Apenas concordo com a cabeça sentindo que todo o sangue está deixando o meu corpo. Tem um enorme nó na minha garganta e isso me impede de falar. — Quando você soube? — vovó se ajoelha na minha frente, ao lado de Jessica, e segura meu rosto.

— Quando eu deixei Nova York já sabia.

— E por que você não disse nada? — vovó está calma, mas posso ver as rugas de preocupação ao redor dos seus olhos.

— Porque eu estava... — solto o ar com força. — Eu não sei. Acho que estava com medo e com vergonha.

— Você está sofrendo calada esse tempo todo.

— Na verdade não tão calada assim — diz Jess. — As músicas depressivas que ela ouve são barulhentas o suficiente. — vovó ri e eu também. Ela assente porque conseguiu me fazer sorrir, mesmo que por pouco tempo.

— Ele não sabe? — minha avó enxuga meu rosto com os polegares. Eu nego. — Você precisa resolver isso então. Ele tem o direito de saber.

— Eu sei. Só preciso de um pouco mais de tempo.

— Tempo? — Jess me encara com as sobrancelhas arqueadas. — Ele precisa saber agora!

— Eu não quero falar com ele agora! — minha voz se altera. Esfrego a testa, bastante nervosa. Tão nervosa que minha testa começa a suar. — Eu tenho medo de encará-lo. Ele terminou comigo.

— Mas ainda assim será pai do seu filho.

— Sua avó tem razão.

— Eu acho que só estou com medo de fazer isso sozinha.

— Não importa o que ele diga, querida. — vovó acaricia meu rosto com as

duas mãos. — Você nunca vai estar sozinha. Eu sempre estarei aqui.

— E eu também.

Sorrio para elas e assinto.

— Não me deixe ser como ela, vovó. — ela me encara com a testa encrespada e então, sorri quando a compreensão chega ao seu rosto.

— Você jamais será como ela.

— Até porque, se você ficar como a sua mãe, paro de falar com você. — acrescenta Jess. — E também não fique como a minha madrastra. Ela ficou completamente louca. Grávidas costumam ficar loucas, não é mesmo Clara? Vai ver é por isso que você está assim. — vovó ri e balança a cabeça.

— Você não está me ajudando, sabia? — digo entre lágrimas e risadas.

— É claro que eu estou. Você está rindo.

— De nervoso.

— Não fique. Você será uma mãe incrível. — e quando vovó fala assim, acredito nela.



Quando janeiro chega ao fim, decido que já é hora de voltar para casa. Eu sinto falta de Nova York, sinto falta da minha casa, daquele barulho infernal, das sirenes e do trânsito caótico. Sinto falta do Galpão e dos meus alunos. Sinto falta de estar com Jess todos os dias — ela foi embora já tem duas semanas —, sinto falta de Daniel, principalmente de Daniel.

— Eu vou embora amanhã — falo assim que abro a porta da frente e encontro vovó e Noah sentados no balanço da varanda.

— Já? — ela pergunta.

— Eu estou aqui há um mês inteiro. — vovó sorri e concorda com a cabeça. — E acho que voltar ao trabalho vai me fazer bem.

— Você já marcou a passagem?

— Não preciso de passagem para dirigir meu carro.

— O quê? Nem pensar! — ela esbraveja e fica em pé. — Você não vai dirigir até Nova York sozinha!

— Eu cheguei aqui dirigindo e...

— Porque você tem um parafuso a menos! — olho rapidamente para Noah que está mordendo o interior das bochechas, tentando ao máximo não rir.

— Eu estou grávida, não sei se posso viajar de avião nesse estágio. — essa é a única desculpa que me vem à cabeça. Mas é óbvio que eu não sei nada sobre gravidez, apenas que ela causa enjoos, vômitos e sonolência.

— É para isso que existem médicos! — ela balança as duas mãos no ar. — Aliás, você tinha uma consulta hoje de manhã.

Merda! A consulta! Eu sabia que tinha alguma coisa para fazer hoje além de arrumar as malas, mas não conseguia me lembrar o quê. Até agora. Gravidez também causa amnésia.

— Você não vai sozinha. Nós vamos com você e depois voltamos de avião.

— Não, querida — Noah começa a falar e ela lança um olhar fulminante na sua direção. —, você sabe que eu tenho pavor de avião e eu não... — sua voz fica cada vez mais baixa à medida que vovó aumenta a intensidade de seu olhar. — Mas se você achar que é necessário eu posso tentar.

Ela revira os olhos e volta-se para mim.

— Nós vamos no seu carro e depois alugamos um para voltar. Ele respira, bastante aliviado.

— Vovó, por favor?

— Já está decidido.

— Eu posso levá-la. — nós duas olhamos para a entrada e encontramos Adam parado no último degrau, com as duas mãos nos bolsos da calça

— Você faria isso? — vovó pergunta com os olhos brilhando, quase emocionados.

— Claro!

— Veja só, Elena! Adam vai levar você!

— Adam, você não precisa fazer isso, minha avó está exagerando.

— Eu acho que ela tem razão. Você pode passar mal ou qualquer coisa nesse sentido. — ele me lança uma piscadela e sei que está falando sobre o dia que eu desmaiei na rua.

— Você tem as suas coisas para cuidar, não precisa...

— Olha — ele dá um passo à frente e me interrompe. —, eu vim até aqui hoje porque queria falar com você sobre a Europa. — inclino a cabeça para o lado. — Eu vou embora daqui.

— *O quê?* — vovó e eu perguntamos ao mesmo tempo e acho que nós duas estamos com o queixo caído.

— Minha mãe, ela... — Adam bufa e coça a nuca. — Ela vai me deixar louco se eu continuar aqui.

— Meu Deus, Adam! Isso vai ser tão bom para você! — exclama vovó.

— Eu acho que sim. — e então, ele olha para mim. — Eu posso te levar até Nova York e embarcar de lá para qualquer lugar longe daqui.

— Você tem certeza de que quer fazer isso?
— Levar você ou sair daqui? — ele leva a mão à nuca.
— As duas coisas.
— Sim, eu quero. — seu sorriso fica enorme e fico feliz por vê-lo tão animado.
— Eu posso não ser uma boa companhia.
— Duvido.
— Pensa bem. Você vai passar oito horas dentro de um carro com uma garota grávida, enjoada e um tanto neurótica.
— Acho que consigo lidar com isso.
— Se você está dizendo.
— Podemos sair às oito da manhã? É muito cedo para você?
— É. — ele cai na risada. — Desculpe, mas é que tenho muito sono por causa da gravidez.
— Dez horas então.
— Às dez. Até amanhã, Adam. — ele desce as escadas e segue a pé até a entrada de cascalho, onde a sua velha caminhonete está estacionada.
— Ele é um bom rapaz — diz Noah.
— Sim, ele é.
— Você tem certeza de que viajar com Adam é uma boa ideia? — pergunta vovó. Olho para ela com a testa franzida.
— A senhora só pode estar brincando comigo.



Nove horas e meia depois — porque Adam parou quatro vezes para comer — chegamos em Nova York. É uma quinta-feira, o trânsito está caótico e os sons quase ensurdecedores. Mas ainda assim, estou encantada como da primeira vez. Adam parece assustado.

— É o máximo não é? — pergunto achando graça da sua cara.
— Não, não é. — ele me olha rapidamente e volta a prestar atenção nas ordens do GPS. — É horrível. Como você conseguiu abandonar aquele paraíso onde morávamos para viver aqui?

Dou de ombros e respiro fundo como se quisesse inalar o perfume da cidade.

— Não sei. Eu apenas adoro cada parte desse lugar.

Ele me olha como se eu tivesse duas cabeças.

— Essa gravidez está mesmo te deixando afetada.

Quase me dobro de tanto rir.

Adam estaciona em frente a minha casa. Jess está sentada no primeiro degrau da escada esperando por nós.

— Achei que vocês pudessem estar com fome. — quando ela fica em pé noto todos os pacotes que ela segura nas mãos. — Trouxe comida chinesa.

— E é por isso que eu amo você, Jess! — Adam vai até ela e tenta roubar a comida da sua mão, mas ela não deixa.

— Como você está? — pergunta olhando para mim.

— Enjoada.

— Ainda?

— A maior parte do tempo.

Ela faz beicinho.

Duas horas depois, Adam e Jess ainda estão sentados no chão da minha sala, comendo e bebendo cerveja. Eu comi apenas uma maçã e duas torradas.

— Você vai morar em Nova York também, Adam? — pergunta Jess com a boca cheia de *Chop Suey*^[3].

— Por enquanto, não.

— Por enquanto?

— Adam não vai voltar para casa, Jess — respondo por ele e ela me olha surpresa.

— Sério?

— Sério — Adam responde e Jess assente meio atônita. — Estou indo para a Europa daqui a dois dias.

— Meu Deus! Achei que isso não aconteceria nunca! — Adam ri, jogando a cabeça para trás. — Jessica continua. — Estava esperando receber o seu convite de casamento pelo correio a qualquer momento. E a sua noiva adentraria aquele pequeno corredor coberto por um tapete vermelho, que estaria repleto de flores do campo. E sua noiva estaria usando um vestido branco, tão branco que ofuscaria a visão dos convidados e... — ela precisa parar para respirar um pouco e eu também. Às vezes ela me deixa sem ar. — E depois do casamento, vocês passariam a lua de mel em alguma pousada à beira mar e então, vocês iriam morar na sua casa, junto com a sua mãe. Aliás, por que até hoje você não saiu da casa da sua mãe?

— Acabei de sair. — ele bebe um longo gole da sua cerveja. — Eu sei que é horrível dizer isso, mas a minha mãe não é a melhor pessoa do mundo.

— Qual é o problema com nossas mães? — pergunta Jéssica.

— Não sei — Faço beicinho e bebo um pouquinho do meu chá.
— Sabe, Jess? Tem uma coisa que não se encaixa muito bem na sua história — diz Adam.

— O quê?
— Você não seria convidada para o meu casamento.
— Por quê?
— Você fala demais.

Ela joga um rolinho primavera nele, mas Adam é rápido ao pegá-la no ar e colocá-lo na boca.

— Ei! — Jess se volta para mim com as duas sobrancelhas levantadas. — Sophie esteve no Galpão hoje.

— Você disse que eu estava voltando?
— Não, mas... — ela para de falar e olha para Adam. Ele coça a cabeça.
— Eu consigo lidar com isso, Jess.

Ela assente, cruza as pernas e se vira de frente para mim.

— Daniel também esteve lá. Ele foi até Beaufort atrás de você.

— Quando?
— Nós estávamos em *Topsail Beach*.

— Ah, meu Deus. — cubro o rosto com as duas mãos e em seguida sento-me mais ereta. Jess é muito famosa por não conseguir manter segredos. — Você contou sobre...?

— É claro que não! — não sei por que ela fica espantada com a minha pergunta. Jess nunca foi capaz de guardar segredo. Não que ela gostasse de contar as coisas, mas elas sempre escapavam. — Ele está desesperado. — sua testa está franzida e sua voz baixa e ligeiramente triste.

— Esse Daniel é o pai do seu filho? — pergunta Adam e eu faço que sim. Ele apoia um braço no joelho. — Elena, eu não sei o que aconteceu entre vocês, mas vocês precisam conversar. Ele precisa saber da verdade.

— Nunca pensei que você diria uma coisa dessas para ela. — Jess está bastante surpresa. Eu também.

— Eu sou sensato, diferente de você, mas... — ele se inclina para frente e me lança um sorriso de canto de boca. — Eu estou por aqui, caso você mude de ideia ou...

— Eu sabia! — ela lança uma almofada na cara dele e todos nós caímos na gargalhada.

— Eu estou brincando! — ele devolve a almofada.

— Sabe o que eu acho? — fico em pé e começo a andar em direção da escada. — Eu estou cansada demais para pensar em tudo isso agora! Não quero pensar em Daniel, na gravidez ou... Não quero pensar em nada! Só quero

desmaiar na minha cama.

— Nós vamos dormir aqui hoje, tá? — Jess grita quando já estou no meio da escada. — Estou cansada demais para ir até Tribeca.

— Vocês é que sabem! As roupas de cama estão no quarto do piano!

Bato a porta da cama com força e me jogo na cama. Porém não desmaio. Tudo o que consigo fazer é chorar... E pensar na gravidez. E pensar *nele*.

Daniël

ELENA ME ignorou todas as vezes que tentei falar com ela. Não queria forçar nenhuma situação ou parecer desesperado, mas é exatamente assim que estou me sentindo. Eu preciso vê-la, falar com ela.

Preciso dela tanto quanto preciso respirar.

— Você gostaria de falar sobre o acidente hoje?

— O quê?

— Você está sentado nessa poltrona há vinte minutos sem dizer uma palavra.

Como em todas as sessões.

Eu comecei a terapia há duas semanas, logo depois que voltei de Beaufort, mas tenho certeza de que isso não está adiantando. É claro que eu seria muito idiota por achar que apenas quatro sessões acabariam com meus pesadelos. Mas o fato é que eu sei que falar sobre o acidente não vai me ajudar.

— Você falou com Elena? — continuo em silêncio, olhando para todos aqueles diplomas pendurados na parede impecavelmente branca à minha frente. Já decorei a maioria. — Você continua sem saber onde ela está?

— Parece que sim.

— E como você está se sentindo em relação a isso?

— Eu preciso responder isso outra vez? — respondo com outra pergunta. — Você me perguntou isso na última sessão e em todas as outras. Você realmente acha que alguma coisa mudou?

— É você quem precisa me responder. — odeio a sua calma. Odeio a sua voz baixa e arrastada. Odeio a maneira que ela me encara enquanto segura sua caneta dourada entre os dedos.

— Eu acho que não tenho essa resposta.

— Daniel... — ela coloca a prancheta e a caneta sobre a pequena mesa de madeira ao lado de sua poltrona. Odeio a maneira com que ela olha para mim. Como se soubesse de tudo. — Eu estou aqui para tentar te ajudar. Sei que você passou por um grande trauma e também sei que é muito difícil para você ter que falar sobre isso, especialmente comigo, mas se você não me contar o que aconteceu e o que você está sentindo, nós não chegaremos a lugar nenhum. Antes de procurar Elena, você deveria procurar por você e, se você não está aqui porque quer estar, nós deveríamos parar agora. É uma grande perda de tempo para mim, para você e pelo pouco que você me contou, é uma perda de tempo para Elena também.

— Por que você acha isso? — ela não responde, desvia o olhar e volta a fazer anotações em sua prancheta. — Doutora Wilson? Por que você acha que é uma perda de tempo para Elena? — seus olhos me encontram por cima da armação de seus óculos.

— Porque você está colocando os seus sentimentos na frente de tudo.

— Isso não é verdade — falo entredentes, apontando o dedo em riste para ela.

— Você tem certeza disso?

— É claro que tenho! — levanto-me frustrado e vou até a ampla janela de vidro do outro lado da sala. — Eu a amo. — minha voz sai estrangulada. Dizer que a amo para alguém que eu nem conheço faz meu coração se partir. Mais uma vez.

— Então por que você terminou com ela?

— Acho que nós já falamos sobre isso na primeira sessão.

— Não, não falamos. Você me disse que terminou o relacionamento de vocês porque você era o culpado pelo acidente que matou seu melhor amigo e também porque precisava ficar com a Anna, sua namorada. Eu ainda estou

confusa ao que se refere a Anna/Matt/Elena, mas talvez você queira me explicar. — seus olhos escuros e impassíveis encontram os meus. — O fato é que você não pensou nela, Daniel. Em nenhum momento durante o término do namoro, você pensou nos sentimentos de Elena. Sempre foi você, sempre foram os seus sentimentos. Não se engane tanto assim.

— Para mim já chega! — atravesso a sala a passos largos sem olhar para ela e saio batendo a porta com força atrás de mim. Duas clientes e aquela secretária exageradamente educada arregalaram os olhos na minha direção.

Eu só preciso ir embora. Não preciso de terapia, muito menos que alguém que não me conhece me dizendo o que fazer ou o que estou sentindo. Ninguém sabe *porra* nenhuma do que eu estou sentindo.

Ninguém sabe o quanto dói.

Quando chego à rua, a única coisa em que penso é em ir para casa, beber e me afundar na merda que é a minha vida, porém não é o que acontece.

— O que você está fazendo aqui?

— Salvando seu dia. — Sophie está parada ao lado do meu carro. — Sei que você anda meio depressivo, meio chato e... Na verdade você anda tão chato que ninguém está suportando ficar perto de você. — arqueio as sobrancelhas para ela que morde a bochecha para não rir.

— E você é a única pessoa que quer ficar perto de mim?

— Por enquanto. — ela dá um passo à frente e beija meu rosto. — Quer almoçar comigo?

— Não estou muito a fim, Sophie.

— Por favor? — *droga* de beicinho! — Amanhã é o meu aniversário.

— Então amanhã almoçamos juntos. Hoje eu só preciso ficar sozinho.

— A terapia não está ajudando?

— Não.

— Você precisa continuar tentando.

— É só o que eu tenho feito.

— Você está com uma cara péssima.

— Você também não está me ajudando.

— Desculpa. Prometo que a partir de agora só vou fazer você sorrir.

— Duvido.

— Pare de ser chato!

— Vamos logo antes que eu mude de ideia.

— Eu quero comida japonesa. — abro a porta do carro e faço uma reverência para ela.

— O que você quiser.

Elena

— VOCÊ TEM certeza de que quer almoçar aqui?

— Eu não vou almoçar. Não consigo comer nada, mas quero te fazer companhia.

Adam abre a porta do restaurante e entramos. Ele escolhe uma mesa próxima à janela e faz o pedido assim que nos acomodamos.

— Você vai mesmo embora hoje?

— Vou. — ele bebe um pouco da sua água e deixa um sorriso escapar. — Essa cidade é intensa demais.

— Você deveria ficar mais alguns dias. Será que eu não consigo te convencer?

— Acho que não — reviro os olhos.

— Você vai para onde primeiro?

— Holanda.

— Ótima escolha.

— Mas eu quero estar aqui quando seu bebê nascer.

— Eu ficaria muito feliz.

— Mantenha-me informado, por favor.

— Pode deixar.

— Elena? — acho que o sangue para de correr nas minhas veias. Um nó se forma na minha garganta e não sou capaz de falar. Não sou sequer capaz de respirar. — Elena? — relutante, levanto a cabeça.

— Sophie. — arquejo quando vejo quem está parado ao lado dela. Daniel está lindo, ainda mais. Apesar do rosto cansado e das olheiras ao redor de seus olhos, eles continuam incrivelmente azuis e brilhantes. Tento engolir, mas o nó fica cada vez maior. Abro a boca algumas vezes, contudo, não sei o que dizer. Fico em pé e ela me puxa para um abraço apertado.

— Estou tentando falar com você há... — ela se afasta, mantendo as mãos em meus ombros. — Tem mais de um mês.

— Eu sei é que... — olho para Daniel que me encara com a testa franzida. — Não tenho ligado o celular esses dias e...

— Você está bem? — Daniel dá um passo à frente e minhas pernas perdem as forças, tanto que preciso me agarrar à beirada da mesa.

— É, eu... — limpo a garganta, mas não consigo dizer nada. *O que está acontecendo comigo?*

— Eu preciso falar... — Daniel para de falar quando Sophie estende a mão à frente para cumprimentar Adam. *Adam! Droga!*

— Oi, eu sou a Sophie!

— Adam. — eles apertam as mãos e sorriem. Daniel não tira os olhos de mim e eu o conheço bem o suficiente para saber que ele está com raiva. Está tentando se controlar, mas ainda assim, está com raiva. Quando Adam estende a mão para ele e se apresenta, Daniel simplesmente o ignora.

Meus olhos estão ardendo. Meu coração está acelerado. Ele está pensando que nós dois estamos juntos. O nó ainda não me deixa falar.

— Vamos embora, Sophie. — ele a segura pelo braço, mas ela nega.

— Não, eu quero almoçar e você vai almoçar... — Daniel a deixa falando sozinha e sai do restaurante.

— Vocês precisam conversar.

— Eu sei, mas... — acho que eu estou presa nesse lugar porque não consigo me mexer.

— Ligue para ele. Eu não sei o que aconteceu entre vocês, mas ele está sofrendo, você está sofrendo e eu também. Tentar melhorar o humor dele não é nada fácil.

Eu tento sorrir, mas não consigo. Estou congelada.

— Bom, eu vou embora antes que ele me deixe aqui. — ela me abraça outra vez, beija meu rosto e nos dá as costas, mas se vira no instante seguinte e acena para Adam. — Foi um prazer, Adam.

Ele só acena de volta. Eu desabo na cadeira.

— É ele? — pergunta Adam. Faço que sim e enxugo as lágrimas.

— Você quer que eu faça alguma coisa? Quer...?

— Eu acho que preciso ir embora.

— Eu levo você. — rapidamente, ele fica em pé e me estende a mão. Solto o ar e quando fico em pé e perco o equilíbrio ele me segura, envolvendo minha cintura com seu braço. — Está com tontura?

— Um pouco. — dou um passo e percebo que ele não comeu nada. — A sua comida.

Ele joga algumas notas sobre a mesa e começa a me levar para fora.

— Agora eu vou cuidar de você. — ele me coloca dentro de um táxi e vai comigo até a minha casa.

— Eu não sei se meu chá é tão bom quanto o da Jess, mas acho que dá para o gasto.

— Obrigada, Adam. — pego a caneca que ele segura e a envolvo com as duas mãos

— Eu acho que vou ligar para a Jess ficar com você porque eu... — ele aponta para a porta e confere as horas no celular. — Eu preciso mesmo ir.

— Jess está em Nova Jersey hoje e eu estou bem.

— Tem certeza?

— Tenho, foi só um mal estar. Isso já está virando rotina.

— Logo deve passar. — encaro-o com a testa franzida. — Eu cuidava da Ellen quando ninguém ainda sabia da gravidez. Fiquei meio expert nesse assunto.

— Desculpe ter estragado o seu almoço.

— Não se preocupe, eu como alguma coisa no aeroporto. — ele se abaixa e beija a minha testa. — aquele cara idiota do restaurante... — Adam revira os olhos e me lança um sorriso travesso. Meus lábios se curvam para cima quando o ouço chamando Daniel de idiota. — Ele precisa saber que vai ser pai. Mesmo que vocês não fiquem juntos, ele ainda precisa saber.

— Eu vou contar para ele.

Adam assente e beija a minha testa mais uma vez.

— Até mais.

— Aproveite tudo, Adam.

— Eu vou.

Quando ele fecha a porta e sai, afundo no sofá e fecho os olhos. Só preciso dormir um pouco e então, poderei falar com ele.



Acordo assustada com batidas à porta.

Meu coração dá um salto dentro do peito porque ele sabe quem está lá fora.

E eu também.

— Elena, abre a porta! Por favor? — ele bate à porta de forma incessante e lenta, como se precisasse usar toda a sua força para fazer isso. Como se estivesse bêbado. *Merda!* Ele está bêbado! — Elenaaa? Eu sei que 'voxê' está aí. Eu sei e... — sim, ele está muito bêbado. — Eu não vou embora antes de... Eu não... Abra a porta logo, droga! Está muito frio aqui fora.

Olho para meu celular e penso seriamente em ligar para alguém. Preciso que alguém o resgate e o leve embora. Não posso deixá-lo entrar desse jeito. Posso ligar para Owen ou para o pai dele e... Eu não tenho o telefone deles. *Que ótimo!* Posso ligar para Sophie e pedir para que ela fale com eles, mas ela fala demais e não preciso disso agora. Solto o ar e dou uma rápida espiada pelo olho mágico.

Daniel está ligeiramente descabelado, amarrotado e mantém as duas mãos apoiadas no batente da porta, não porque quer, mas porque precisa.

— Porra, Elena! Eu estou mal pra caramba. Tão... — ele bate com força dessa vez e eu me assusto. — Abre! Eu...

As batidas à porta cessam e sua voz desaparece e então, ouço um barulho. Hesitante, coloco a mão na maçaneta e a giro. Lentamente abro a porta e encontro Daniel sentado no hall de entrada com as costas apoiadas na grade da escada. Será que ele está dormindo? Dou um passo vacilante na sua direção e me abaixo na sua frente.

— Daniel?

— Aí está você. — ele levanta a cabeça e estende os braços na minha direção, porém não consegue mantê-los no ar e eles caem de forma desajeitada sobre o seu colo. — Eu precisava descansar um pouquinho. — As palavras saem completamente enroladas e arrastadas. Ele está mais bêbado do que eu imaginava.

— Eu preciso que você me dê seu celular.

— Você vai conversar comigo?

— Me dê o seu celular para eu ligar para alguém.

— Eu não... — de forma descoordenada, ele bate as mãos nos bolsos da jaqueta e da calça. — *Merda!* — e então começa a rir, descontroladamente.

— Daniel, isso não tem graça. — mas estou rindo também.

— *Shhh!* — ele aperta os lábios com o dedo indicador. — Eu perdi.

— Perdeu o quê?

— *Pfff!* Perdi tudo. Tudo.

Ele me encara com a testa franzida e acho que ele não sabe muito bem o que está falando.

— Eu vou entrar e chamar um táxi para você e...

— *Não! Não! Não!* — sua mão agarra a minha com força, o que me obriga a ficar de joelhos no chão. — Eu preciso de você. Preciso... — com a outra mão ele esfrega o rosto várias vezes. — Eu vou ficar aqui até você falar comigo. — quando ele termina a frase já está com os olhos fechados.

— Daniel?

— Hum.

Mil vezes merda!

Ignoro todo o meu orgulho e a minha mágoa e coloco as duas mãos em seu rosto. Sua barba por fazer pinica a minha mão e um arrepio atravessa meu corpo todo.

— Você consegue ficar em pé?

— Acho que... — ele faz que sim com a cabeça, mas nega quando fala. — Não, eu não... Você está rodando.

— Você precisa me ajudar, *okay?*

— Okay. — ele tenta bater continência, mas falha terrivelmente e abana a mão no ar de forma preguiçosa.

— Daniel, abra os olhos.

Ele tenta, mas acho que não está enxergando de verdade.

Eu não deveria estar rindo disso. Deveria estar muito brava por ele aparecer aqui assim, mas ele está um bêbado engraçado e não estou conseguindo me controlar.

— Vamos. Segure em mim e na grade atrás de você. Vou te levar para dentro.

Milagrosamente, ele consegue fazer o que eu peço e joga o braço com força em meu ombro, tanta força que preciso me apoiar na parede atrás de mim para não cair.

— Eu estou com saudade de você, amor. — seu nariz encosta na minha orelha e um calafrio percorre toda a minha coluna. Sua voz soa firme e rouca e

por um pequeno instante, ele parece sóbrio. — Muita saudade de... — ele para de falar. Envolve sua cintura com força quando ele cambaleia e o levo para dentro.

Ele desaba no sofá.

— Você não deveria ter voltado para ele.

— O quê?

Ele está com os braços cruzados na frente do corpo e com os olhos fechados. Mas não para de murmurar coisas incoerentes. Não para de resmungar e dizer o nome de Adam.

— Adam, Adam, Adam. Eu estou sofrendo, Elena. *Porra*, eu... Você não poderia ter feito isso comigo. Você com aquele... Adam, Adam...

E no segundo seguinte, ele está roncando.

Uma cena deprimente e um tanto engraçada.

Não levo uma coberta para ele, mesmo sabendo que está muito frio aqui embaixo. Vou até o segundo andar e, depois de um banho quente e demorado, deito na minha cama. Mas saber que ele está no primeiro andar faz meu sono desaparecer. Saber que estou prestes a falar com ele, faz meu coração palpitar.

Saber que ele está aqui me deixa quase sem ar.

Daniël

QUANDO ABRO os olhos, a primeira coisa que me incomoda é a claridade que invade o quarto. Por que eu não fechei as cortinas? Depois, sinto uma dor horrível no corpo. Esfrego as duas mãos no rosto e me sento.

— *Porra!* — resmungo ao me sentar porque a pontada que sinto na cabeça me faz querer deitar outra vez. E então percebo que a claridade não vem das janelas do meu quarto. Também percebo que não estou na minha cama e...

— Você acordou. — fico lívido quando ouço a sua voz. Meus olhos a seguem e meu coração martela no peito quando vejo Elena sentada em uma poltrona ao lado do sofá, embrulhada em uma manta xadrez.

— O quê...?

— Amnésia? — não sei se ela está fazendo piada ou sendo irônica, de qualquer forma, não sei o que responder porque sim, não me lembro de nada. Então, ela responde por mim. — Você surgiu na minha porta ontem,

completamente bêbado.

— Eu... — solto o ar e afundo o rosto nas mãos.

— Tão bêbado que mal conseguia ficar em pé. — *Merda!* — Por que você não toma um banho e tenta melhorar essa cara? — olho para ela bastante desorientado. — Acho que tem algumas roupas suas no armário do meu quarto.

— Eu acho melhor ir embora e...

— Você veio até aqui ontem porque precisava falar comigo. Eu perdi uma noite inteira de sono por sua causa. Então, não! Você não vai embora!

Engulo em seco e tento ignorar o nó que está se formando na minha garganta e tomando conta de boa parte do meu peito. Lentamente — porque não consigo fazer isso mais rápido — fico em pé e vou até o segundo andar.

Quando volto para a sala ela está sentada no mesmo lugar, encarando a parede cheia de fotos. Fotos nossas. Sento-me no sofá e ela aponta para a caneca de café sobre a mesa de centro.

— Acho que você vai se sentir melhor. — faço que sim e bebo um gole generoso. Está forte *pra* caramba e muito amargo. Ela fez isso de propósito porque sabe que eu gosto do meu café com muito açúcar, mas não ousa reclamar. — Está se sentindo melhor?

— Acho que sim. — ela assente e se enrola ainda mais na pequena manta. — Sobre ontem... — Começo, mas ela me interrompe. E há tanta aspereza em sua voz que meu peito dói.

— O que você precisava me dizer?

Coloco a caneca sobre a mesa novamente e apoio os cotovelos nos joelhos.

— Eu perdi a cabeça quando... — limpo a garganta, puxo o ar e depois o solto pela boca e ainda não consigo falar. Ela me encara com as duas sobrancelhas arqueadas, de uma forma impaciente e que não combina com ela. — Você voltou para o Adam?

Uma risada nervosa irrompe de sua garganta.

— Sério? Depois de tudo o que nós passamos, a primeira coisa que você me pergunta é se eu voltei para o Adam?

— Não, eu... Eu só fiquei confuso ontem. — ela aperta os lábios e assente. — Acabei bebendo demais e desculpe por aparecer aqui daquele jeito, mas eu não sabia mais o que fazer. Eu não sei mais o que fazer sem você. Eu sinto muito por tudo.

— Você sente? — vejo lágrimas brilhando em seus olhos e também vejo a força que ela faz para não deixá-las cair. — Você não tem ideia de como eu me senti naquele dia. Você terminou comigo e... — sua voz fica embargada. — Você terminou comigo por causa da Anna.

— Eu não estava pensando. Eu só pensava que a culpa de tudo o que estava

acontecendo com você, com a Anna, até mesmo comigo, era minha. — paro de falar quando não sou capaz de respirar. Paro de falar porque vejo lágrimas escorrendo de seus olhos e isso acaba comigo. Ainda mais. — Eu senti medo, Elena. Medo de que algo pudesse acontecer a você por minha causa.

— E eu? Eu estava apavorada!

— Eu sei...

— Não! Não venha me dizer que você sabia! Você não pensou em mim, Daniel! Você simplesmente foi embora.

— E eu me arrependo disso todos os dias. Todos os dias. — minha voz falha e precise de mais do que força para continuar falando. Hesitante, levanto-me do sofá e me ajoelho à sua frente. Seguro seu rosto entre as mãos e seus olhos encontram os meus. Deus! Como eu senti falta desses olhos. Como eu senti a sua falta.

— Isso está me matando. Cada dia que fico longe de você, Elena...

— Eu estou grávida.

Por um pequeno instante penso que não estou ouvindo direito. Minhas mãos deixam seu rosto e sinto que não há sangue correndo em minhas veias. Encaro-a com a testa franzida, tentando compreender, assimilar o que ela acabou de me dizer, mas não sou capaz de formular nenhuma frase.

— Você ouviu o que eu disse? — suas mãos estão agarradas a manta e ela a enrola e desenrola sem parar.

— Sim, eu... — não estou reconhecendo a minha voz. — Você está...? — pigarreio, tentando limpar a garganta, mas parece que alguma coisa errada está acontecendo comigo. — Quando você soube?

— No dia em que a Anna... — ela também pigarreia. — Eu ia te contar naquela noite.

Levo as mãos à cabeça, confuso.

— Você ia me contar naquela noite. — repito. — Mas você não contou.

— Você estava terminando comigo.

— Se eu soubesse que...

— Se você soubesse teria ficado comigo por causa da gravidez e não porque me amava. E eu jamais aceitaria isso.

— Eu nunca... — e então percebo que o que eu fiz ou o que eu disse naquela noite, fez com que ela acreditasse nisso. — Não duvide do que eu sinto por você. — peço angustiado. — Não duvide do meu amor.

— Você não me deu outra alternativa.

— Não diga isso. — imploro com o peito doendo e os olhos úmidos.

— Quando você me trocou por ela e me deixou sozinha, eu...

— *Não!* — volto a segurar seu rosto, dessa vez com mais força e reivindico seu olhar. — Eu não troquei você por ela, Elena, só... Eu amo você! — suas lágrimas continuam caindo e eu continuo tentando respirar. Continuo tentando fazê-la acreditar em mim. — Eu sinto muito, muito mesmo por tudo. O que eu fiz foi errado e... Não consigo sequer dizer o quanto aquilo foi errado, mas eu juro que o tempo todo achei que estava fazendo o certo e... — quando ela fecha os olhos e balança a cabeça negando, minhas lágrimas transbordam. Pensar que ela não vai me aceitar de volta, faz meu coração se despedaçar.

— E se você for embora? — sua pergunta sai estrangulada. — E se você resolver que precisa ficar com a Anna?

— Eu não vou! — minha resposta é firme e eu nunca fui tão sincero. Nunca tive tanta certeza disso. Nunca as coisas ficaram tão claras na minha cabeça. — Eu nunca mais vou embora. Nunca mais, eu... — minha voz falha. Suas lágrimas continuam caindo. Aproximo meu rosto do seu e nossos lábios se tocam, quase que imperceptivelmente. Um gemido contido escapa de nós dois. Contido e desesperado. — Eu te amo tanto que eu não sei mais o que fazer. — puxo seu rosto para mim e seu hálito quente toca a minha pele. E essa sensação é indescritível. — Não sei mais o que fazer sem você. Eu não consigo ficar sem você. E isso é... *Porra!* Isso dói demais. Não consigo nem respirar quando você está longe. — deslizo meu nariz por sua bochecha e fecho os olhos quando a sensação de estar tão perto dela fica intensa demais. — Não consigo ficar sem você... — beijo a sua testa e um calafrio percorre o meu corpo. — apenas me deixe voltar.

— Como vou saber que você está dizendo a verdade? Como eu vou saber que a culpa que você...

Desesperado, pego a sua mão e a coloco sobre o meu peito. Meu coração está batendo forte e rápido. Mantenho a minha mão sobre a sua.

— É seu. — murmuro e me aproximo, colando a minha testa na sua. — E enquanto ele bater, eu não vou embora.

— Daniel...

— Eu não vou embora. — sussurro em seus lábios e ela fecha os olhos. Um breve aceno de cabeça é minha resposta. E a minha salvação.

Quando nossos lábios se tocam, o mundo para. Quando nossas línguas se encontram, meu coração para. Quando Elena suspira nos meus lábios e segura meu rosto com suas mãos, começo a respirar outra vez.

— Eu senti tanto a falta da sua boca. — mordo seu lábio inferior e ela geme. Deslizo meus lábios por seu queixo, mordisco a pele do seu pescoço e paro bem pertinho do seu ouvido. — Senti falta do seu cheiro e da sua pele. — ela geme outra vez e desliza o corpo pela poltrona, ficando de joelhos na minha

frente.

Envolvo a sua cintura e a coloco em meu colo. A sensação é intensa demais. Quando nossos corpos se encontram, os sentimentos transbordam. Seguro a barra da sua camiseta e a tiro de uma forma rápida e urgente. Um gemido me escapa quando vejo que ela está sem sutiã. Outro gemido, ainda mais alto, irrompe da minha boca quando ela suga meu lábio e rebola sobre mim. De repente, apenas tocá-la e beijá-la não é o suficiente. Eu preciso de mais. Preciso estar dentro dela.

Arranco a minha camiseta rapidamente e calafrios percorrem meu corpo quando suas mãos quentes encontram a pele do meu corpo. *Preciso de mais...* Em um movimento rápido, coloco-a de costas sobre o carpete e me deito sobre ela.

Beijo sua boca e traço uma trilha de beijos em seu pescoço, seu colo e seus seios, um de cada vez. Ela geme, arqueia as costas e pede por mais. Eu vou explodir. Tenho certeza de que vou explodir. Volto para a sua boca e pressiono meu quadril sobre o seu.

Somos apenas beijo e mãos. Somos apenas desejo. O restante de nossas roupas desaparece e então, estou dentro dela. O meu lugar preferido no mundo inteiro.

— É tão bom estar aqui outra vez... — movimento meu quadril de forma lenta, quase torturante e a minha voz falha. Seus olhos verdes brilham e todo o meu corpo se contrai. — Dentro de você.

Suas pernas envolvem a minha cintura, incitando-me a ir ainda mais fundo.

Nossos corpos se encaixam e se movimentam com perfeição.

Levo minhas mãos até seu rosto e mantenho meus lábios bem perto dos seus. Sorvo o ar que sai da sua boca e bebo seus gemidos. Não consigo fechar os olhos. Não consigo parar de olhá-la enquanto ela está tão entregue sob mim. Não posso fechar os olhos porque ela é tudo o que eu quero ver.

— Daniel, eu... — ela se agita, sua boca se abre e seus olhos encontram os meus. Suas unhas encontram a pele das minhas costas e seu corpo treme sob o meu. Treme tanto que deixo um gemido gutural escapar de meus lábios e me entrego completamente à mulher da minha vida.

A mulher que salvou a minha vida.



— Eu senti falta de ficar assim com você. — inspiro o cheiro doce de seus cabelos e ela se enrosca ainda mais em mim.

— Eu também. — sua voz é baixa, doce e extremamente sensível aos meus ouvidos. Seus dedos estão passeando por meu peito nu e a sensação, ainda que seu toque seja suave, é intensa demais. Ela apoia o queixo em minhas costelas e me encara com um pequeno sorriso nos cantos dos lábios. Eu te amo, murmura sem emitir som e meu peito se aquece. Meu corpo inteiro se aquece.

— Desculpe por aparecer daquele jeito ontem. — peço ligeiramente envergonhado.

— Foi no mínimo engraçado. — ela ri. Senti tanto a falta da sua risada.

— Engraçado?

— Muito engraçado.

Toco o meio da sua testa com meu dedo indicador e o deslizo por seu nariz, boca e queixo. Ela fecha os olhos e o canto de sua boca se levanta, mas quando volta a me olhar, está séria outra vez.

— Onde ela está?

— Quem? — como se fosse necessário fazer essa pergunta.

— Anna.

— Na Europa. — Elena apenas assente e eu entendo que ela não quer falar sobre isso. — Eu estou fazendo terapia.

— Sério?

— Sério. Está sendo um saco, mas não vou desistir.

— É um saco, eu sei. Já passei por isso, mas em algum momento acaba ficando fácil.

— Vou acreditar em você.

— Ela volta a deitar a cabeça em meu peito e me abraça com força.

— Nós podemos ficar aqui para sempre?

— Podemos. — abraço-a de volta. — O tempo que você quiser. — sinto quando ela sorri e seu corpo relaxa. — Na verdade, não podemos.

— Não quero saber o que é. — Elena resmunga e é a minha vez de sorrir.

— Hoje é aniversário de Sophie, se eu não aparecer, ela vai me matar ou mandar alguém fazer isso. Aliás, estou achando estranho ela não ter me ligado até agora.

— Ela deve ter te ligado umas mil vezes, mas ontem, quando você chegou aqui, disse que havia perdido seu celular.

— *Porra!* — sento-me rapidamente e ela me encara, rindo.

— E eu não sei como você chegou aqui ontem porque não vi seu carro na rua ou...

Não espero que ela conclua o que está dizendo, visto a calça rapidamente e

saio pela porta. Meu carro não está lá fora.

— Você disse que perdeu tudo. — ela diz quando volto para a sala. Tenho alguns flashes da noite passada, de ter entrado no primeiro bar que encontrei e depois, não me lembro de mais nada.

— Parece que eu vou ter um pouco de trabalho.

— Parece que sim.

Ela sorri para mim. E é aquele sorriso que me diz que está tudo bem.

É aquele sorriso que me faz sorrir também.

E amá-la ainda mais.



— Eu vou ser avó? — Elena assente, com um enorme sorriso no rosto e minha mãe leva as duas mãos à boca. Seus olhos estão marejados quando ela a abraça. — Essa é a melhor notícia do mundo.

— Que notícia? — meu pai se aproxima e dá um tapinha em meu ombro.

— Elena está grávida, John!

— Nossa! — eu não sei se ele quer sorrir, dizer alguma coisa ou abraçá-la também porque ele fica completamente sem ação, mas sei que está feliz. — Então eu vou ser avô?

— Vai. — Elena dá um passo à frente e o abraça.

— Quem diria, Daniel Marshall vai ser papai. — viro-me para trás e vejo Richard. — Como vai, cara?

— Richard! — ele me abraça forte e deixa alguns tapas nas minhas costas. — O que você está fazendo aqui?

— Eu resolvi aceitar o trabalho na Marshall & Co.

— Sêrio?

— Estou oficialmente morando em Nova York.

— E a sua mãe?

— Não está falando comigo.

— Ela nunca vai mudar. — ele concorda comigo.

— Então, essa é a sua garota? — Richard olha para Elena e depois para mim. Aquiesço e ele, sorrindo, dá um passo à frente e beija Elena no rosto.

— Prazer, Elena.

— Prazer, é... — ela olha para mim e depois para ele outra vez. — Como é o seu nome mesmo?

— Richard. Eu sou primo do Daniel.

— Primo?

— Eu moro no Canadá. Meu pai era irmão da tia Olivia.

— Era?

Ele assente.

— Ele morreu alguns anos atrás.

— Ah... Eu sinto muito.

— Já passou.

— Elena! — fecho os olhos quando ouço a voz estridente de Jessica atrás de mim. Elena solta uma risada e Richard se assusta, porém quando olha para ela, um imenso sorriso surge em seu rosto. Elena também percebe. — Vocês voltaram! — ela me abraça rapidamente, abraça Elena, cochicha alguma coisa em seu ouvido e então, vira-se para Richard. — Eu sou a Jessica.

Ele abre o seu pior sorriso, pega a mão de Jess e a beija, demoradamente. Preciso apertar os lábios para não sorrir.

— Você quer beber alguma coisa, amor?

Elena exala e me encara com a testa franzida. Apenas dou de ombros.

— Claro! — Jess responde e em menos de um minuto os dois desaparecem na cozinha.

— Seu primo deve ser tão bom de lábia quanto você. E olha que ele nem disse nada.

— Não vai ser fácil dizer alguma coisa com Jess por perto.

— Isso é verdade.

— Quer dizer que eu sou bom de lábia? — envolvo sua cintura e deposito um beijo rápido em sua boca. Elena pisca para mim e assente, rapidamente.

— Ele é uma boa pessoa?

— Quem? Richard?

— Uhum.

— Daria meu braço direito por ele. — e não estou mentindo sobre isso. — Mas diga para a Jess não se envolver muito. Ele não é do tipo que se apeg.

— Você também não era.

— Mas eu tive muita sorte. — sussurro em seu ouvido e ela se aconchega ainda mais em meus braços. — Acho que não chamaria se envolver com Jess de sorte.

— Não diga isso! — ela me dá um soco de leve no ombro e quando estou prestes a beijá-la, levo outro soco, dessa vez nas costas. E não é de Elena.

— Onde você se meteu? — viro-me para trás e me deparo com Sophie. Ela está linda em um vestido curto e preto, mas está mais vermelha do que um pimentão e isso não é bom. Passo o dedo indicador na enorme ruga entre suas

sobrancelhas.

— Você está muito brava.

— É claro que eu estou! — ela coloca as duas mãos na cintura e se inclina para frente. De salto, fica quase da minha altura. — Você me deixou plantada na calçada daquele restaurante ontem e simplesmente desapareceu!

— Eu não...

— E hoje de manhã um segurança de algum bar me ligou dizendo que estava com seu celular, sua carteira e a chave do seu carro. — acho que não terei tanto trabalho, afinal. — Eu quase... — ela me dá outro soco, dessa vez no braço. — Qualquer dia desses, eu mato você, Daniel. Eu juro que...

— Elena está grávida! — sua boca congela em forma de 'o'. — E a propósito... — tiro uma caixinha preta do bolso da calça e entrego a ela. — Feliz aniversário!

Elena

— **ESTÁ TUDO** bem? — Olivia está bastante concentrada encarando o monitor enquanto faz o meu primeiro ultrassom. Daniel está em pé ao lado da cama, acariciando o dorso da minha mão de uma forma lenta e tranquilizadora.

— Está tudo perfeito. — ela para de falar por alguns instantes e digita alguma coisa no teclado do computador. — Você está de 14 semanas.

— E o que isso quer dizer? — pergunto um pouco constrangida por não saber bem sobre o que ela está falando. Quer dizer, eu não deveria estar com dois meses? Três meses? Ela sorri.

— Nós contamos a gravidez por semanas e não meses.

— Ah!

— Como estão os enjoos?

— Acabando comigo.

— Ela não está comendo nada — responde Daniel.

— Hoje eu comi um pouco de mingau de aveia no café da manhã, mas vomitei tudo logo em seguida.

— Eu vou receitar uma medicação para você, mas essa fase é assim mesmo. — ela continua passando o aparelho na minha barriga. — Quando eu fiquei grávida do Owen, não senti nada. Aliás, só fui saber que estava grávida com seis meses mais ou menos.

Espera! Ela não disse que devemos contar semanas e não meses? Que coisa mais confusa!

— O que é isso, senhora Marshall? — Daniel ri e ela também. Eu estou um pouco sonolenta e enjoada para rir. E meu coração está batendo de um jeito estranho e não consigo entender o motivo. — Onde está o exemplo?

— Pois é. Em compensação, quando engravidei de você... — Olivia solta o ar assoviando. — pensei que fosse morrer.

— Por quê? — agora estou atenta.

— Eu enjoei até os sete meses. E eram enjoos terríveis. À vezes eu sequer conseguia sair da cama.

— Não gostei de ouvir isso. — murmuro bastante chateada. E preocupada. Só de me imaginar enjoando até os sete meses — e não até sei lá quantas semanas. — Sinto vontade de vomitar. E isso é irônico e engraçado ao mesmo tempo.

— Mas você vai gostar de ouvir isso.

E então, como em um passe de mágica, a atmosfera muda completamente. Meu coração bate de forma errática. Daniel aperta mais a minha mão e sorri. Estou com o olhar fixo no monitor, mas sei que ele está sorrindo. Porque eu também estou. Estou ouvindo o coração *dele!* O coração de um pequeno ser que está crescendo dentro de mim. O coração do meu filho e esse é o meu som preferido no mundo inteiro.

— Você ouviu isso? — a voz de Daniel está embargada. Eu apenas assinto porque não sou capaz de falar. Sou apenas audição e coração acelerado. Sou apenas lágrimas. Nunca pensei que fosse assim. Nunca pensei que seria tão emocionante. Nunca pensei que meu coração pudesse explodir de tanta felicidade.

Mas de repente, as lágrimas já não são mais de emoção. Eu estou soluçando.

— Ei. — Daniel segura meu rosto entre as mãos. — O que aconteceu?

— Você está sentindo alguma coisa, Elena? — a voz de Olivia parece assustada. Eu nego e, de canto de olho, vejo que Daniel pede para que a mãe nos deixe a sós.

— Vem aqui, amor. — ele se senta na beirada da cama, e me puxa para seus

braços fortes e protetores. — Fale comigo.

— Eu estou... — as palavras não saem e é muito difícil falar. É muito difícil espantar as lembranças. — M-minha mãe.

— O que tem a sua mãe? — a maneira como ele afaga a s minhas costas e meus cabelos, faz um pouco da dor que sinto no peito se dissipar.

— Eu não deveria ficar pensando nela.

— Ela é a sua mãe, amor.

Levanto a cabeça para olhar para ele. Seus olhos azuis me fitam e me acalmam enquanto seu dedo indicador passeia por meu rosto.

— Você a amava, Elena. — tento negar, mas sei que estaria mentindo para mim mesma. — E você sente falta dela e do amor que ela nunca soube te dar.

— Eu acho que ouvir o coração dele hoje me fez pensar se ela sentiu toda essa emoção quando ouviu o meu.

— Eu não posso te responder isso, mas de uma coisa eu tenho certeza.

— O quê?

— A sua mãe tinha algum defeito de fabricação. — somente ele para me fazer rir em um momento como esse. — Ela perdeu a chance de te amar e ver você crescer e se tornar essa mulher linda e encantadora.

— Acho que sim. — suspiro e ele deixa um beijo na ponta do meu nariz.

— Não sofra mais com isso.

— Eu tenho medo de ser como ela. — ele me olha com a testa encrespada. — Tenho medo de não conseguir amar esse bebê.

Daniel passa uma das mãos pelo cabelo e balança a cabeça, negando o que acabo de dizer.

— O seu coração é muito bom e muito puro para você achar que seria capaz de desprezar alguém que está crescendo dentro de você. Você vai ser uma ótima mãe — e sorrindo, acrescenta: — A melhor mãe do mundo e você vai amar o nosso filho, incondicionalmente.

— Você acha?

— Eu tenho certeza.

— Obrigada.

— Por que você está me agradecendo?

— Eu não sei, estou confusa e vulnerável e não sei mais o que pensar.

Daniel ri e me abraça com mais força.

— Por falar nisso. — ele se afasta um pouco, apenas para poder olhar para mim. — Precisamos passar na sua casa e pegar suas coisas.

— Que coisas? — encaro-o bastante confusa.

— Você vai morar comigo na cobertura.

— E você decidiu isso assim, sem falar comigo? — ele assente de forma

enfática. — Mas eu gosto da minha casa e... — levanto as duas sobrancelhas para ele. — Por que você não vem morar comigo?

— Não!

— Por que não?

Ele segura meus ombros e sorri para mim antes de continuar.

— A sua casa é linda, ainda mais depois da reforma, mas ela é pequena para nós três.

Eu não posso acreditar que estou com lágrimas nos olhos só por causa do que ele acabou de falar! Primeira lição sobre grávidas, não! Segunda: Choramos o tempo todo, por qualquer coisa.

— E depois, eu quero dormir e acordar nos seus braços todos os dias. — seus lábios tocam o meu e sinto meu corpo inteiro se aquecer. — Não consigo mais ficar longe de você.

Elena

— BOA TARDE, senhorita Elena.

— Boa tarde, George. O elevador da cobertura não está funcionando? Tentei chamá-lo da garagem, mas não consegui.

— Perdoe-me, senhorita — ele sai de trás do balcão e caminha até mim. —, o elevador da cobertura está em manutenção. Eu deveria ter colocado um aviso, porém me esqueci completamente.

— Tudo bem.

— Vou chamar o elevador de serviço para a senhora. — ele aperta o botão e o aguarda ao meu lado.

— A senhorita vai precisar entrar pela porta de serviço. Acredito que tenha as chaves.

— Chaves? — olho para ele sem entender e então me lembro do molho de chaves que Daniel me deu quando me mudei para cá, há três meses. — Ah!

Tenho sim, estão na minha bolsa. — *eu acho...*

— Tenha um ótimo fim de tarde, senhorita.

— Obrigada, George.

Assim que entro no elevador começo a procurar pelas chaves dentro da bolsa. Tenho certeza de que os fabricantes de bolsas colocam compartimentos secretos dentro delas. É para lá que os objetos que mais precisamos vão parar. Eu nunca consigo encontrar nada!

Basta as portas se abrirem para meu celular começar a tocar. Olho a tela rapidamente cogitando não atender porque estou atrasada demais, mas é Callie, meu braço direito no Galpão.

— Alô! — estou ofegante quando atendo, ainda vasculhando a minha bolsa. Coloco o celular entre a orelha e o ombro e me ajoelho no chão.

— Elena? Você está bem?

— Oi, Callie. Estou sim, eu só... Espera um... Achei!

— O quê?

— Não é com você, desculpe. O que você precisa?

— Você se lembra daqueles negativos que você levou para casa em um envelope pardo?

— Envelope? — *Deus do céu!* Do que ela está falando?

— Você disse que precisava separar algumas...

— Espera um pouco. — consigo destrancar a porta da cozinha e corro até o escritório de Daniel, dou uma olhada rápida em tudo e não encontro nada. — Você tem certeza de que esses negativos estão comigo?

— Absoluta.

— *Merda!*

— Elena, o que...

— Eu já te ligo de volta.

Onde eu coloquei esse envelope?

Vasculho as gavetas, procuro entre a bagunça de papéis de Daniel sobre a mesa, entre a imensidão de livros na sua estante. Nada. Vasculho também a minha memória, bem lá no fundo, mas não consigo me lembrar desses negativos. *Estou esquecendo tudo!*

Saio do escritório quase desesperada. Na verdade, estou muito desesperada porque se ela disse que o envelope está comigo é porque está, eu só preciso encontrar e rápido porque a exposição é daqui há três dias.

Pense, Elena! Pense! Pense! Pense!

Vou até o quarto, olho em todas as gavetas da cômoda e entro no closet. Por algum motivo — e eu nem imagino qual é — o envelope está sobre duas caixas de couro no último compartimento do closet. *Droga!*

Subo no *puff* alto e quadrado e fico nas pontas dos pés, mas mesmo esticando meu braço o máximo que posso, não consigo alcançá-lo. Pego um *scarpin* — que nunca usei — e agradeço por seu salto ser tão alto. Consigo puxar o envelope de forma atrapalhada e ele vai ao chão, mas sem querer, acabo enroscando o salto agulha na tampa da caixa preta de couro e ela vai ao chão, espalhando dezenas de fotos pelo tapete branco.

Ajoelho-me para juntá-las rapidamente, porém uma pequena imagem de ultrassom chama a minha atenção. Por um momento, penso que é a imagem do nosso bebê, mas logo me lembro que eu a pendurei na porta da geladeira.

Mas então, quem é?

A resposta vem segundos depois. Quando pego a imagem nas mãos, noto que há algo escrito no verso com caneta vermelha. Algo que faz meus olhos arderem e meu estômago revirar.

*Para o melhor padrinho
do mundo...
O meu! Pequeno Ethan*

Enxugo os olhos para ler a data que está no topo da imagem: 16 de agosto de 2011, três dias antes do aniversário de Daniel. Três dias antes do acidente.

Ah, meu Deus!

Cubro a boca com a mão quando um soluço me escapa.

Ethan, era o filho da Anna e do Matt.

E então, noto o que são todas essas fotos. Algumas coloridas, outras em preto e branco. Pego uma antiga na mão e sorrio para os três garotinhos na imagem, todos parecem ter cerca de seis anos e abraçam um enorme *Bulldog* branco. Um deles é Daniel, basta prestar atenção ao sorriso e aos olhos. Acho que o garotinho loiro é Owen, mas não tenho tanta certeza, porém, o garoto magrelo, sorridente e com olhos que me lembram chocolate, não se parece com ninguém.

Em outra foto, Daniel está sorrindo ao lado de uma versão mais nova de Isabella que segura uma linda garotinha loira nos braços. Junto com eles está Anna e um garoto de cabelos castanhos quase raspados e um enorme sorriso estampado no rosto. Pego a foto dos três garotinhos novamente. O sorriso do terceiro garotinho é o mesmo de garoto dessa foto. Os mesmos olhos. O

mesmo... Sinto um arrepio percorrendo meu couro cabeludo quando percebo que sim, eu sei quem é esse garoto.

Claro!

Eu nunca vi nenhuma foto dele, Daniel não tem fotos penduradas nas paredes, com exceção de uma nossa colada no espelho do *closet* e uma dele junto com os pais e os irmãos na sala de jantar, não há mais nenhum tipo de foto. Mas mesmo assim, eu sei quem é ele.

Em outra foto, o mesmo garoto está sorrindo durante a sua formatura da escola junto com Lucy, Anna e Daniel. Todos exalando felicidade.

Mas só entendo porque essa caixa está esquecida dentro do *closet*, quando encontro uma foto mais recente. O garoto, que nessa foto já é um homem está abraçando Daniel e ambos estão rindo — muito — e apontando para a câmera. A data da foto é 19 de agosto de 2011. Meu coração para de bater e sinto lágrimas em meus olhos mais uma vez.

Matt morreu nesse dia.

Matt está em todas essas fotos.

Chorando, começo a guardar todas as fotos dentro da caixa antes que ele chegue. Elas estão aqui porque ele não consegue falar sobre isso e não consegue olhar para todas essas lembranças, então, não precisa saber que eu as encontrei.

— Amor? Você está...? — sua voz desaparece e um calafrio percorre a minha coluna. Não tenho coragem de olhá-lo nesse momento. — O quê...? — quando levanto o rosto e encontro seus olhos, sinto o chão desaparecer sob mim. — Que *porra* é essa?

— Eu estava... — ele me interrompe, abaixa-se ao meu lado e começa a juntar as fotos e a jogá-las dentro da caixa de qualquer jeito. — Daniel, eu só estava...

— Estava o quê? Mexendo nas minhas coisas? — seus olhos faíscam na minha direção. Meu corpo começa a tremer e lágrimas ardem em meus olhos.

— *Não!*

— Então por que você está olhando essas fotos? Por que você se achou no direito de fazer isso? — ele parece transtornado.

— Foi sem querer, eu...

— Quer saber? — ele fica em pé e joga a caixa de qualquer jeito em algum lugar dentro do closet. — *Foda-se!* — e então, sai batendo a porta.

Lágrimas banham meu rosto e meu coração parece estar prestes a rasgar meu peito. *Ele vai rasgar meu peito!* Respirar parece impossível e acho que vou vomitar. Estou tremendo tanto que não sou capaz de sair do lugar. Tremo tanto que preciso me deitar no chão gelado até voltar a ter controle do meu próprio corpo.



Acordo assustada e sem saber onde estou. Rolo para o lado procurando pelo braço quente e protetor de Daniel, mas ele não está na cama. Será que ainda não voltou para casa? Tentei falar com ele mais cedo, mas seu celular estava caído no chão do *closet*.

Levanto-me, vou até o banheiro e lavo o rosto algumas vezes, mas quando volto para a cama não consigo dormir. Solto o ar com força e resolvo pegar um copo de água gelada. Ou um chá bem quentinho. Ou quem sabe um chocolate? Talvez assim eu consiga dormir. Estou no meio do corredor quando vejo uma fresta de luz saindo por debaixo da porta da sala de televisão.

Abro a porta lentamente e entro, tentando não fazer barulho. A TV está ligada, mas não presto atenção no que está passando. Meus olhos estão fixos em Daniel. Ele está dormindo no sofá e segura uma foto nas mãos. A caixa, que antes estava escondida no closet, está agora vazia e todas as fotos estão espalhadas pelo carpete.

Meu coração se parte ao meio.

Caminho até ele, devagar e hesitante e ajoelho-me à sua frente. Tento tirar a foto de sua mão sem acordá-lo, mas sem querer, toco a sua pele com as pontas dos dedos e seus olhos se arregalam. Por um instante, parece não saber onde está.

— Elena? — sua voz está baixa e estrangulada.

— Eu estou aqui. — sussurro e ele respira aliviado. Quando ele se senta, entro no meio das suas pernas e seguro seu rosto com as duas mãos, fazendo-o olhar para mim. Não sou capaz de conter as lágrimas quando vejo a tristeza e a dor dentro de seus olhos azuis.

— Desculpa, amor. — ele me envolve em seus braços e me aperta com força. — Por favor, me desculpa. — abraço-o de volta e afundo meu rosto em seu pescoço. — Eu perdi a cabeça quando vi as fotos e... Eu não devia ter falado com você daquele jeito.

— Está tudo bem.

Tento me afastar para olhar para ele, mas seus braços firmes em minha cintura não me deixam. Aperta-me com tanta força que chego a pensar que nossos corpos estão se fundindo.

Quando suas mãos começam a se afrouxar ao redor do meu corpo, sento-me no chão e ele se senta ao meu lado. Começa a brincar com algumas fotos, passando a mão por elas, empurrando-as para um lado e depois as trazendo para junto da sua perna, até que ele segura uma nas mãos. Fica olhando para ela durante muito tempo antes de me entregar a fotografia.

— Nós tínhamos dez anos nessa foto.

— Quem é você aqui?

— Eu sou o homem-aranha. — ele dá uma piscadela para mim. — Matt é o Super-homem e essa Mulher Maravilha doida pulando atrás de nós, é a Anna.

Ele pega outra foto e me entrega.

— Nosso baile de formatura.

— Do colégio?

— Sim.

— Essa aqui é a Lucy? — aponto para a garota de vestido azul ao seu lado.

— Sim, essa é a Lucy. esse aqui é o Matt e... — sua voz sai mais baixa e ele pigarreja. — Não consigo me lembrar quem é essa garota agarrada ao meu pescoço.

— Não mesmo?

Ele ri, negando com a cabeça.

— Eu gosto dessa foto. — ele estende o braço na minha direção.

— Quando foi isso?

— Em 2010. Nossa última viagem juntos. — e ainda encarando a fotografia ele solta o ar.

— É em São Francisco?

— É. Na mesma casa de panquecas que levei você.

— Daniel? — ele levanta o rosto para mim. — Você tem frequentado a terapia?

— Não. — e volta a olhar para o chão.

— Por quê? — seguro seu queixo, delicadamente e seus olhos encontram os meus. — Por que não, Daniel?

— Porque eu achei que estava bem. — admite constrangido e dando de ombros. — Achei que seria capaz de suportar tudo isso se você estivesse comigo. — e depois de soltar o ar pesadamente continua: — Agora, eu tenho certeza de que não consigo.

— Você sabe que não vai conseguir se livrar de todos esses demônios sem ajuda.

— Eu sei. Mas eu detesto ter que falar com uma estranha e...

— Isso não é desculpa. Você vai voltar para a terapia. E isso não está em discussão!

— Amor...

— Não, Daniel! Eu detestava frequentar a terapia. Detestava ter que olhar para a minha terapeuta, que era só uma estranha, e contar a ela tudo o que guardava no meu coração. Era horrível, mas se não fosse ela, eu jamais conseguiria me reerguer. E eu era só uma criança.

— Eu vou tentar.

— Você precisa mais do que tentar. Você precisa tirar essa culpa de dentro de você.

— Não é só isso. — Daniel solta o ar pesadamente e passa uma das mãos pelo cabelo, três vezes.

— O que você quer dizer?

— Não é só a culpa pelo acidente. — ele começa com a voz visivelmente embargada. — Eu me sinto culpado por estar aqui, por estar me sentindo tão feliz enquanto Matt... *Porra!* Eu vou ser pai e eu estou explodindo de felicidade. — ele toca a minha barriga e a acaricia por cima da minha camiseta. — E então, eu penso que Matt e Anna também sentiram isso e sinto algo despencar dentro do meu peito. Eu não mereço...

— Pare! É claro que você merece.

— Por que eu não consigo afastar tudo isso? — um pequeno soluço escapa e ele puxa o ar, tentando se controlar. Seguro seu rosto e afago sua boca com os polegares.

— Você não quer. — quando ele abre a boca, impeço-o de falar e continuo: — Você acha que merece carregar essa culpa, Daniel e veja o que isso está fazendo com você. Não é sua culpa! A morte de Matt não é sua culpa, o que aconteceu com a Anna não é sua culpa. Mas o que você está fazendo com a sua vida, é. Eu estou grávida. Estou esperando um filho seu e eu... — corrijo-me rapidamente. — Nós precisamos de você inteiro.

Ele assente e enxuga de forma brusca uma pequena lágrima que está escorrendo por seu rosto.

— Eu vou voltar para a terapia amanhã.

— E você sempre pode contar comigo. Eu sempre estou aqui com você.

— Eu te amo. — sua mão aperta a minha nuca e ele me puxa para um beijo.

— Eu também te amo. — murmuro contra a sua boca e me afasto. —

Nunca mais faça isso comigo!

— O quê?

— Nunca mais grite ou brigue comigo sem motivo e depois me deixe sozinha! Eu não estava mexendo nas suas coisas, eu jamais faria isso. Aquela caixa caiu no chão sem querer... — começo a me explicar — não que eu precise fazer isso — mas as palavras estão saindo da minha boca sem controle. Eu estou

magoada, nervosa e irritada por estar tendo essa conversa de madrugada ao invés de estar dormindo e estou irritada comigo por estar irritada com ele. Se é que isso faz algum sentido. — Eu estava procurando meus negativos e...

— Você não precisa se explicar.

— Exatamente! Eu não preciso!

Ele ri, jogando a cabeça para trás.

— Eu sinto muito por ter estragado nosso encontro ontem.

— Não tem problema.

— Eu vou te compensar por isso. — seus lábios resvalam nos meus e ele deixa um beijo quente e doce no canto da minha boca. — Você pode se ausentar do Galpão nas próximas semanas?

— Nas próximas semanas? — olho-o com curiosidade.

— Na verdade, na semana do seu aniversário.

— Depende. — faço um charme e ele assente, estreitando os olhos e passando a língua pelos lábios. — Quais são os planos?

— Paris.

— Paris?

— Paris. — ele repete achando graça.

— Acho que eu já posso me ausentar amanhã. — Daniel ri muito e eu adoro a sua risada. Adoro o efeito que ela causa em meu coração.

— Posso te pedir um favor?

— O que você quiser.

— Você pode ficar aqui comigo um pouco e me ajudar com essas fotos?

— Você quer fazer isso agora?

— Eu preciso. — seus olhos brilham e um sorriso triste estampa seus lábios. — Tem pelo menos trinta anos dentro dessas caixas, e eu preciso começar a caminhar por algum lugar. E se você estiver aqui, eu... — sua voz desaparece e ele desvia os olhos. Seguro seu rosto entre as mãos e o faço olhar para mim. Apenas aquiesço e ele respira aliviado.

— Você é a minha melhor metade.

— E eu sempre vou estar aqui.

Elena

— BOM DIA, amor. — sua boca está deslizando pelo meu ombro e ela é quente e tórrida em minha pele. Adoro acordar assim, principalmente com a vista à minha frente. A torre Eiffel. Espreguiço-me viro para ele. Adoro a maneira como ele sorri preguiçosamente pela manhã. Adoro a maneira como ele toca meu rosto e como seus olhos brilham.

— Eu vou ficar mal acostumada desse jeito.

— Pode ficar. — adoro a maneira como os seus lábios encontram os meus. Será que algum dia vou me acostumar com isso? Será que algum dia deixarei de sentir calafrios pelo corpo quando ele me toca? Acho que não porque todas as manhãs, eu me apaixono ainda mais por ele. — Adoro mimar você.

— Eu amo você.

— E eu amo você. — sua mão desliza pelas minhas costas, lentamente, até parar em meu pescoço. — Parabéns, amor. — sua voz rouca e sussurrada me deixa quase sem ar.

— Eu nem acredito que estou em Paris no meu aniversário! — seguro meu rosto com as duas mãos. — Com você.

— E esse vai ser o melhor aniversário da sua vida.

— Isso é uma promessa?

— É. — ele beija a minha testa, meus olhos, meu nariz e a minha boca. — Uma promessa.

— Eu... — preciso parar de falar e pedir a ele que espere um pouco. Daniel já está acostumado com isso, portanto apenas sorri. — Eu já volto. — uma coisa que aprendi sobre mulheres grávidas: Fazemos xixi o tempo todo.

Quando volto para o quarto, ele está fechando a porta.

— O café da manhã chegou.

— *Uau!* — exclamo quando me aproximo da mesa montada na varanda. — Você pediu comida para dez pessoas.

— E dez pessoas equivalem a uma Elena grávida.

— Eu preciso parar de comer ou vou acabar explodindo. Não achei que ficaria assim depois que os enjoos passassem.

Daniel puxa uma cadeira para mim e se senta ao meu lado.

— Prove esse *croissant* amanteigado.

— Prefiro com Nutella.

— Mas Nutella é um sabor da Itália. Esse aqui tem o sabor da França. — ganho um beijo rápido. — E é o meu preferido.

O *croissant* é realmente muito bom, os pães também, os ovos e tudo o que ele pediu. Quando não consigo comer mais nada, ele me pega pela mão e me leva para o banho. Mas não entra comigo.

— Preciso resolver algumas coisas. — ele diz já saindo do banheiro.

— Isso não é justo. — choramingo e começo a me despir. Daniel me encara com os olhos escuros, mas não cede.

— Nós temos um dia cheio pela frente.

— Um dia cheio? O que você está aprontando?

— Surpresa. — frustrada, entro no banho



— Tem um vestido novo aqui. — murmuro enquanto pego o vestido branco que está estendido sobre a cama. — E uma sandália. — Daniel surge atrás de mim e envolve a minha cintura. — Foi você?

— É apenas parte do seu presente. — ele me vira para ele e desliza os lábios por meu pescoço. — E é melhor você se trocar logo — sua língua toca a minha de forma lenta e torturante e meu corpo inteiro se aquece. —, estou muito tentado a tirar a sua toalha e te amar até o sol se pôr.

— Seria um presente incrível. — morderisco o canto da sua boca e em gemido lhe escapa.

— Não me provoca. — ele se afasta, rapidamente e passa a mão pelos cabelos molhados. — Nós não podemos nos atrasar.

— Você está cheio de mistérios hoje.

Pego o vestido longo, que tem a etiqueta Sophie Marshall, e Daniel me ajuda a colocá-lo. Fica perfeito. A sandália também.

— É lindo! — estou parada em frente ao espelho, admirando tudo, principalmente a minha barriga de vinte e cinco semanas. — Sim, eu aprendi a fazer essa conta.

— Falta uma coisa.

— Jura? Porque eu acho que estou perfeita. — acabo rindo do meu próprio comentário. Ele também. Daniel se aproxima e, através do espelho vejo que ele carrega uma pequena caixa preta nas mãos. Viro-me rapidamente. Quando ele abre a caixinha, meu coração salta pela boca.

— Falta isso. — lágrimas se formam em meus olhos quando vejo a pulseira que ele segura. A pulseira que me encantou em Florença. Aquela pulseira.

— Você...? — preciso limpar a garganta para poder continuar falando. — Você voltou lá?

— Sim. — com uma mão ele segura meu pulso esquerdo e coloca a pulseira nele. — Eu voltei lá na manhã seguinte.

— Daniel...

— Da cor dos seus olhos — diz e vejo as pequenas esmeraldas cintilando na luz do sol que invade o quarto através das janelas.

— Por que você não me deu essa pulseira antes?

— Não sei. No início acho que fiquei apreensivo achando que talvez você não fosse aceitar.

— Apreensivo? Você?

— Coisas que só acontecem quando estou com você, amor. — ele revira os olhos e eu quase me derreto. Saber que causo esse tipo de sensação a ele faz com que eu me sinta poderosa. — Eu queria que essa pulseira fosse o seu presente de Natal, mas então... Você sabe. — sim, eu sei. E só de pensar nisso ainda sinto calafrios. — Mas acho que ela sempre foi o seu presente de aniversário.

— Esse é o melhor presente que já ganhei na vida.

— Ainda tem mais.

— Mais?

— Mais. — ele se inclina e beija a minha boca, terna e demoradamente. — Muito mais.

— Eu já disse que te amo hoje?

— Ainda não.

— Eu te amo, te amo, te amo, te amo... Ah, meu Deus! — levo as duas mãos à barriga.

— O que foi? — Daniel está com os olhos arregalados e suas mãos já estão sobre a minha.

— Você sentiu isso?

— Não, o quê...? — ele para de falar e começa a rir. — Ele mexeu!

— Sim! — sento-me na cama e Daniel se ajoelha a minha frente.

— Isso é incrível! — seus olhos estão brilhando. — Não é?

— É maravilhoso. — estou chorando. As lágrimas descem por meu rosto e se misturam ao meu sorriso. Essa é com certeza a melhor sensação do mundo. — Veja como ele está agitado!

— O que você acha que é? — dou de ombros olhando para a minha barriga. — É um menino — ele responde.

— Por que você tem tanta certeza?

— Estou sentindo isso. — sorrindo de canto ele se aproxima, levanta meu vestido e beija a minha barriga.

— Vamos guardar segredo. — ele me olha surpreso. — Já que não descobrimos o sexo até agora, vamos esperar até o parto.

— Você acha que consegue esperar?

— Acho que sim. Você não?

— Eu consigo, mas você sabe que isso será um enorme problema.

— Sophie? — pergunto achando graça.

— E Jess. E Caroline.

— E a lista não para de crescer.

— Bom, nós podemos colocar a culpa no bebê. Eu sei que é errado, mas somente assim teremos um pouco de paz.

— Então, vamos guardar segredo.

Aquiesço para ele que deixa outro beijo na minha boca e vai para o banho.



— Nós temos um motorista?

— Temos. — ele me lança um sorriso travesso e seus olhos brilham. Acho que acabo de me apaixonar por esse sorriso. Outra vez. Entramos no carro no mesmo instante em que ele recebe uma mensagem e começa a rir.

— Por que você está rindo? — seus lábios se apertam quando olha para mim e, imediatamente, guarda o celular no bolso da calça. — É tão chato não saber de nada!

— Eu só posso te dizer uma coisa. — ele toca o meu nariz com a ponta do dedo e deixa um beijo no canto da minha boca. — Você vai gostar. Cruzo os braços na frente do corpo e finjo estar magoada.

— Isso não fez a minha ansiedade diminuir.

— Você nunca foi ansiosa.

— Mas agora eu estou grávida.

Tento convencê-lo com meu olhar, mas estou falhando porque ele parece não se abalar. Ou está se esforçando muito para isso, pois tem uma veia saltada em sua testa e ela só costuma aparecer quando ele está muito nervoso ou ansioso. Paro de falar quando ele beija a palma da minha mão. Adoro quando ele faz isso.

— Já estamos chegando.

Quando o carro para e percebo que não estamos em lugar nenhum, fico ainda mais curiosa. Daniel dispensa o motorista e me puxa para um píer. Um píer!

Paro de andar e puxo a sua mão. Ele para e me olha com a testa franzida.

— Que lugar é esse? — ele não responde. Segura meus ombros, beija a minha testa e me encara com os olhos azuis intensos e brilhantes. Então, eu vejo. — O quê...? Como eles...? — paro a frase no meio porque a minha voz simplesmente não sai. Estou até mesmo com dificuldade de respirar. Acho até que algumas borboletas estão brigando dentro da minha barriga porque a sensação é intensa demais.

A família inteira de Daniel está parada bem à nossa frente, até mesmo a pequena Rachel que não para de pular ao lado dos pais. Vovó e Noah — que parece ter perdido o medo de avião — também estão aqui. Todos estão usando

branco, assim como eu e... Olho para Daniel de canto de olho e percebo que ele também está usando banco.

— Daniel? O que é tudo isso?

— Isso — ele fica de frente para mim outra vez e segura meu pescoço entre as mãos. O toque sutil de seus polegares em minha boca faz qualquer sensação que eu esteja sentindo se elevar ao nível máximo. —, é o nosso casamento.

— C-casamento? Você...? — novamente, as palavras desaparecem. Ele assente e esfrega seu nariz no meu. — Mas...

— Eu queria que fosse especial. — a voz dele está tão baixa, tão rouca e tão intensa que minhas pernas perdem a força.

— Espera. — peço encarando seus olhos. — Nós vamos nos casar agora?

— Só basta você dizer que aceita.

— E-eu... — *por que eu estou gaguejando tanto?*

Daniel acha graça, abandona meu rosto, tira alguma coisa do bolso da calça e, quando se ajoelha na minha frente e estende uma caixinha de veludo vermelha e aberta na minha frente, fico completamente sem ar. Há um anel dourado e delicado dentro dela. Levo as duas mãos à boca e começo a rir e chorar ao mesmo tempo.

— Eu quero passar o resto da minha vida com você, Elena. — seu olhar é penetrante e seu sorriso... Seu sorriso me faz flutuar. — Você aceita se casar comigo?

— Sim, eu... — ele fica em pé rapidamente e me abraça forte, deixando dezenas de beijos em minha boca e em meu rosto. — Eu... — mas seus lábios ansiosos não me deixam falar.

— Eu estava apavorado — diz contra a pele do meu pescoço. Não posso acreditar no que ele acaba de dizer. Ele apavorado? — Desde que tive essa ideia louca de fazer um casamento surpresa... — Daniel solta o ar com força e sorri aliviado logo depois. — Se você dissesse que não...

Coloco o dedo indicador na sua boca.

— Eu quero me casar com você.

Seu sorriso fica ainda maior e dessa vez, quando sua boca encontra a minha, sinto que meu peito pode explodir. Quando ele me solta e desliza o anel por meu dedo, sinto meu coração bater ainda mais forte.

Quando ele sorri para mim, sinto que o amo ainda mais.

— Pronta?

— O noivo deveria esperar a noiva no altar e não entrar com ela.

— Não quero correr o risco.

— Você acha que eu fugiria do nosso casamento?

— Não quero pensar nisso. — ganho um beijo rápido no rosto e ele pega a

minha mão. — Vamos logo.

Acho graça do seu nervosismo. Passo meu braço pelo seu e começamos a caminhar.

De soslaio, vejo uma mulher de cabelos brancos segurar a mão de seu marido e deitar a cabeça em seu ombro. Uma jovem, que caminha com as amigas, coloca as duas mãos no peito e suspira. Outra turista está chorando. Eu estou prestes a me casar com o homem da minha vida e só consigo pensar no quanto sou sortuda.

Nossa família forma um pequeno corredor e somos recebidos por sorrisos carinhosos e muita emoção. Dentro do barco, há um pequeno altar improvisado e um vaso com dezenas de rosas amarelas dentro dele. Ao fundo, em um volume baixo e aconchegante, toca *'This'* do *Ed Sheeran*, e eu não posso pensar em uma música melhor para esse momento, porque isso é realmente o começo de algo novo e lindo.

— Daniel, Elena — Owen está parado atrás do pequeno altar improvisado. —, eu estou muito feliz por compartilhar com vocês esse momento tão especial. Confesso que fiquei bastante surpreso quando Daniel me convidou para celebrar o seu casamento. — ele se inclina para frente e sorri. — Achei que isso não aconteceria nunca. — eu também sorrio. Daniel revira os olhos. — Mas então, ele conheceu você e tudo mudou. Ele mudou. Vocês sabem que eu não sou religioso, tampouco acredito nesse Deus que todos falam. Mas eu acredito no amor. Eu acredito que existe uma força muito maior e acredito que existe alguém que se encaixa perfeitamente a você. Eu acredito em sinais. Acredito que, em algum momento, o destino se encarregará de colocar a sua alma gêmea no seu caminho. — ele puxa o ar e sorri, cheio de carinho. — Que bom que vocês se encontraram. Eu poderia ficar horas divagando sobre esse sentimento porque de repente, fiquei muito inspirado, mas acho que não há necessidade. Vocês sabem exatamente o que eu quero dizer. Porque vocês estão vivendo isso. Como disse John Lennon 'Tudo o que você precisa é amor'. Daniel? — Owen o chama e, de canto de olho, vejo quando ele assente e vira-se para mim. Suas mãos encontram as minhas e eu me viro também, até estar completamente de frente para ele. Seus polegares não param de desenhar pequenos círculos no dorso da minha mão e esse toque sutil causa um arrepio quase eletrizante por todo o meu corpo.

— Elena... — ele começa com a voz baixa e, depois de limpar a garganta, sorri. Aquele sorriso torto capaz de arrancar o chão sob meus pés. — Meu amor. Eu passei dias e noites inteiras pensando o que dizer para você nesse momento, e nada, nenhuma palavra era o suficiente. — ele leva uma das minhas mãos até seu peito, sobre o seu coração e a mantém ali. Sinto o quanto ele bate rápido e forte. Sinto o quanto a sua respiração está acelerada. — Eu nunca pensei que poderia

me apaixonar. Na verdade, eu nunca quis me apaixonar. Mas eu me apaixonei. Eu me apaixonei por você no segundo em que você colocou esses enormes olhos verdes em mim. Bastou um olhar... — ele aperta ainda mais a minha mão contra o seu peito. — Bastou um olhar para eu saber que minha vida jamais seria a mesma. E eu não queria outra vida. Eu não quero outra vida. Eu só quero você. — seu rosto se aproxima do meu e nossos lábios se tocam brevemente. A sensação é tão maravilhosa que preciso fechar os olhos por um instante. — E eu te amo — ele sussurra e, lentamente se afasta. — Eu me apaixonei por você no momento em que você se estatelou no chão daquele hotel. Eu me apaixonei por você em Veneza, enquanto passeávamos naquela gôndola. E eu me apaixonei por você naquela manhã em Florença, quando você abriu a porta do seu quarto toda descabelada. Eu me apaixonei por você naquela noite em Milão e *Deus!* Como você estava linda aquela noite. — não consigo mais conter a emoção que está tomando conta de cada célula do meu corpo. Daniel inclina-se na minha direção outra vez e beija meus olhos, delicadamente, um de cada vez. — Eu me apaixonei por você naquela praia em São Francisco. E me apaixonei por você hoje de manhã, no instante em que você abriu os olhos e sorriu para mim. — abaixo a cabeça e deixo um soluço baixo escapar do meu peito. Ele segura meu queixo e me faz olhar para ele outra vez, aproximando seu rosto do meu. — Eu me apaixonei por você agora. — ele sussurra bem perto da minha boca e meu corpo inteiro estremece. — Obrigado por ter me encontrado. Obrigado por me amar. — Daniel segura a minha mão esquerda, pega a pequena aliança que está sobre o altar e começa a deslizá-la pelo meu dedo, enquanto termina seus votos. — Eu prometo te amar todos os dias. Prometo que farei com que você se sinta desejada e amada de verdade. — seu olhar não deixa a minha boca. — Eu prometo que vou te abraçar sempre que você estiver triste e, se depender de mim, você não ficará triste. Nunca. E prometo rir com você e ouvir todas as suas histórias loucas...

— Daniel... — deixo escapar, interrompendo-o quando começo a absorver todas essas palavras. As mesmas palavras que disse a ele durante a nossa viagem pela Itália. Ele realmente consegue se superar.

— Eu prometo que vou te fazer feliz todos os dias. Não importa o que aconteça.

Ignoro as boas maneiras e o protocolo e pulo em seu pescoço. Afundo meu rosto ali e me embriago com seu perfume. O melhor perfume do mundo.

— Eu te amo tanto — diz quando se afasta e segura meu rosto. — Tanto.

Ele não me deixa responder. Cola a sua boca na minha em um beijo doce e ao mesmo tempo desesperado. E eu me entrego. Mas uma tosse fingida faz Daniel se afastar com um sorriso discreto. Olhamos para Owen ao mesmo

tempo.

— Você pode fazer seus votos agora, Elena.

Daniël

— EU NÃO me preparei para isso... — Elena enxuga um olho e sorri para mim. Adoro quando ela sorri dessa maneira. — Quando eu abri os olhos hoje de manhã, quando você me disse que esse seria o melhor da minha vida, eu não acreditei e... — sua voz falha. — Olhe só onde eu estou agora! — outra lágrima desce por seu rosto e ela ri. Com o polegar, enxugo a sua lágrima e aperto a sua mão, incentivando-a a continuar. Elena pigarreja e pega a aliança sobre a mesa. — Eu sempre sonhei em encontrar o meu príncipe encantado e isso não é nenhum segredo. Eu sabia que ele não chegaria em um cavalo branco, também sabia que ele não me salvaria nem nada, mas eu sonhava com o príncipe que me faria feliz para sempre. Então, eu conheci você — ela toca o meu queixo com a ponta do dedo. —, e você não se parece em nada com o príncipe dos meus sonhos. — olho para ela com o cenho franzido e ouço algumas risadas contidas à

nossa volta. — Você é muito melhor do que ele. — estou sorrindo feito bobo, sorrindo tanto que tenho a impressão de que meu rosto se partirá ao meio. — Você é a resposta para todas as minhas orações silenciosas. Eu não sou muito boa com palavras, mas eu... — ela limpa a garganta. — Eu amo você, Daniel. Eu amo a maneira como você me olha. Amo a maneira como você sorri para mim e fala comigo. Eu amo o seu silêncio e o seu barulho. Amo até mesmo as suas músicas velhas. — ganho um sorriso enorme e uma piscadela. Meu coração dá um salto dentro do peito. E só ela é capaz de fazer isso. — Eu amo você. Todos os dias. — ela pega a minha mão e começa a deslizar a aliança em meu dedo. Mesmo sem querer, mesmo quando tento me manter firme, Elena consegue derrubar minhas barreiras. Todas as minhas barreiras. Meus olhos ficam úmidos no mesmo instante. — Quando eu esbarrei em você naquela noite, quando nossas mãos se tocaram pela primeira vez eu soube que você era o amor da minha vida. Eu soube que tudo o que eu vinha buscando era você e eu... — estou tão perdidamente apaixonado por ela, tão apaixonado por seu sorriso e por suas palavras que não consigo mais me conter. Puxo-a pela cintura e a beijo, demoradamente. Beijo-a e despejo nesse beijo todo o amor que transborda de meu peito. Eu a beijo e sinto que tudo está onde deveria estar.

— Eu ainda não disse que...

— Não precisa. — sussurro em sua boca e ela sorri. Isso só me faz querer beijá-la ainda mais. — Eu estou sentindo e eu também amo você.

— Eu te amo mais. — ela murmura e é a minha vez de sorrir.

— Qual a parte do 'Agora você pode beijar a noiva' vocês não conseguem entender?

Elena se afasta sorrindo, mesmo quando eu protesto.

— Muito bem. — Owen continua. — Elena, você aceita Daniel como seu marido?

— Claro. — ela pisca para mim e sorri outra vez. Se ela soubesse o que o seu sorriso faz comigo... *Por que eu não me casei com ela antes?*

— Daniel, você aceita Elena como...

— Sim, eu aceito. — e estou doido para que essa cerimônia acabe para que eu possa beijá-la sem interrupções.

— Muito bem, eu os declaro marido e mulher. Agora você pode beijar a noiva. — Ele faz uma pequena pausa e sorri revirando os olhos. — Outra vez.

— Graças a Deus!



Elena está radiante e acho que nunca a vi tão linda, nem tão feliz. Eu nunca estive tão feliz.

— Você vai passar o resto da noite babando enquanto olha para ela?

— Ela está linda *pra* caramba, não está?

— E você está muito apaixonado. — Jessica me dá uma cotovelada de leve e eu sorrio para ela, concordando com o que ela acabou de dizer. — Acho que nunca me emocionei tanto em um casamento. E os seus votos? — ela solta o ar assoviando. — Foram incríveis.

— Eu só disse o que eu sinto. Quando estou com ela, eu...

— Você se transforma.

— Exatamente.

— Elena é muito especial.

— E eu sou o cara mais sortudo desse mundo.

— Preciso concordar com você. — sua risada debochada me faz rir também.

— Obrigado por ajudar Sophie com os preparativos do casamento. Não sei o que faria sem vocês.

— Você não faria nada. — ela revira os olhos e me dá outra cotovelada. — E foi um prazer fazer tudo isso por vocês.

— Obrigado por conseguir guardar segredo. — é a minha vez de provocá-la.

— Não foi fácil fazer a sua irmã ficar de boca fechada. — solto uma gargalhada e concordo com ela. Sophie deve ter sofrido muito sem poder falar disso. — Então, você e Richard?

— Ele me pediu em casamento! — as palavras explodem de sua boca no mesmo instante em que estica o braço à frente e fica admirando o enorme anel de brilhantes em sua mão esquerda.

— Ele o quê? — pergunto surpreso e ao mesmo tempo achando graça da sua empolgação.

— *Droga!* — ela cobre a boca com as duas mãos. — Eu deveria contar para Elena primeiro, mas não consegui me conter. Eu precisava falar! Estou guardando esse segredo desde ontem.

— Ele te pediu em casamento ontem?

— Sim! — suas mãos agarram meus ombros. — Eu. Vou. Me. Casar! Nós

vamos ser primos, Daniel!

— *Argh!* — faço uma careta e ela ri.

Richard surge atrás dela e a abraça pela cintura.

— Quem vai se casar? — pergunta olhando para mim. Ele está sorrindo porque já sabe sobre o que ela está falando. Jessica vira-se para ele e o enlaça pelo pescoço.

— Nós!

— Eu acabei de colocar esse anel no seu dedo, amor. Não me pressione.

— Mas é isso o que esse anel quer dizer, não é?

— É, mas...

— Já estou até imaginando um casamento em uma praia da Califórnia. Seria perfeito e... Não! Acho que eu prefiro me casar em uma capela em Veneza ou no alto da torre Eiffel! Você consegue imaginar isso, Richard? — ele abre a boca, mas não consegue falar. Elena se aproxima, mas não ousa interromper a amiga. — Verona! Verona é um lugar mágico e...

— Jess? — Richard coloca as duas mãos em seu ombro e ela para de falar. Finalmente. Sua voz fica estridente demais quando ela se empolga. — Eu me casaria com você em qualquer lugar.

— Então nós podemos... — ele a cala outra vez, colocando o dedo indicador sobre seus lábios.

— Hoje é o casamento do Daniel e da Elena e a noite é deles. Nós podemos falar sobre o nosso casamento depois.

Ela concorda e murmura algo que não entendemos. Elena ri e dá um passo à frente, abraçando Jessica.

— Richard, preciso te dar os parabéns. Você conseguiu fazer Jessica parar de falar e nem precisou gritar.

— Sabe qual é a melhor parte do nosso relacionamento? Eu nunca preciso pensar em nada, nunca. Ela faz isso por nós dois e, quando brigamos ou discutimos por qualquer motivo, não preciso me preocupar em dar desculpas ou justificar nada. Ela faz tudo sozinha.

Elena solta uma gargalhada sonora. Jess cruza os braços na frente do corpo e tenta se manter séria, mas falha. Richard envolve a sua cintura outra vez.

— E é exatamente por isso que eu sou completamente louco por você.

— Eu sei.

— Eu sei que você sabe — responde rindo.

— Bom, será que eu posso roubar a minha mulher um pouco?

Elena abraça Jess mais uma vez e segura a minha mão.

O barco parou de navegar pelo rio Sena e está parado ao lado da torre Eiffel. A leve brisa que sopra, balança seus cabelos e a lua cheia, ilumina a sua

pele. Não me canso de olhar para ela. Envolver a sua cintura com meus braços e colo meu peito em suas costas. Não me canso do perfume doce de seus cabelos.

— A lua está incrível hoje. Você não acha?

— Assim como você — Respondo e deixo um beijo em seu pescoço.

— Você está muito romântico hoje.

— Estou apaixonado. — sussurro em seu ouvido e ela se encolhe, apertando os braços ao redor dos meus.

— O que você fez foi incrível.

— Você é incrível. — beijo um lado do seu rosto, carinhosamente e traço uma trilha de beijos até seu pescoço apenas para fazer o caminho inverso depois. Ela fica de frente para mim, mantendo as mãos espalmadas no meu peito.

— Se você continuar dizendo essas coisas, vou acabar me apaixonando ainda mais por você.

Sorrio e a abraço ainda mais forte.

— Dança comigo?

— Nossa primeira dança como marido e mulher?

Levanto as duas sobrancelhas para ela e tiro o meu celular do bolso. Alguns segundos depois *'Tip on my tongue'* começa a tocar.

— Não sabia que você gostava de *'The Civil Wars'*. — ela fala baixinho, apoiando uma mão em meu ombro.

— Achei que seria perfeita.

— É mais que perfeita. — seus lábios roçam de leve meu queixo e não hesito em beijá-la.

— Eu amo você, Elena.

— Você já disse isso hoje.

Seus olhos estão fechados e nossos corpos colados, balançam lentamente.

— Eu poderia dizer isso para sempre.

— Diga...

— Eu amo você. — beijo a sua boca novamente. — Eu amo você. — sussurro em seus lábios. Repito as palavras e repito os beijos. Em seu queixo, em seu pescoço. Em seu ouvido.

Agarro sua cintura e a aperto com força contra meu corpo, beijando-a com urgência e ela corresponde, deixando que minha língua toque a sua.

— Vamos embora daqui? — peço. O desejo que estou sentindo por ela desde que saímos da cama hoje de manhã está me consumindo. — Vamos? — ela geme em resposta e me beija outra vez. — Por favor.

— Mas estão todos aqui e...

— Nós somos os noivos, eles vão entender.

— Você acha? — enquanto ela fala, sua voz começa a ficar baixa e rouca e

isso sempre me deixa excitado. Meu quadril roça no seu e, se ela não disser que sim, eu a carregarei daqui.

— Eu tenho certeza.

Ela assente com um leve gesto de cabeça e com os olhos fechados.

Saímos do barco escondidos e atravessamos a rua de mãos dadas. Olivier, o motorista, aguardava-nos no carro outra vez. Deixamos para trás o barco, o Sena, a torre Eiffel completamente iluminada e seguimos para o hotel.



— Daniel... — ela tenta falar, mas eu não deixo. Não consigo parar de beijá-la e tocá-la. Continuo beijando a sua boca enquanto puxo a barra do seu vestido para cima. — Daniel, nós estamos no elevador.

— E daí?

— As portas podem abrir... Alguém pode entrar...

— Nós estamos indo para a cobertura, amor. Ninguém vai nos atrapalhar.

As portas se abrem e, em um movimento rápido, coloco-a em meu colo e entramos no quarto que está totalmente iluminado por pequenas velas brancas e perfumadas. De todos os tamanhos.

— Você fez isso também? — ela para de me beijar para observar as chamas tremeluzentes das velas à nossa volta.

— Não — falo sem entender e ela me olha com a testa franzida e então me dou conta de quem poderia ter preparado tudo isso. — Sophie. Com certeza ela falou com alguém do hotel.

Ela volta a me beijar enquanto eu caminho lentamente até a cama e a deito, bem devagar. Seus olhos estão ainda mais brilhantes e eles me encaram ansiosos, atentos e sedutores. Tiro a minha camisa pela cabeça e ela se senta, segurando meu quadril com suas mãos quentes, beijando a minha barriga uma, duas, três vezes e começa a desabotoar a minha calça lentamente, sempre me olhando através dos seus longos cílios.

Minha calça cai aos meus pés e eu a chuto para longe. Elena fica em pé e, rapidamente, desfaz o laço do vestido em seu pescoço. Ele cai quase em câmera lenta, acariciando a pele do seu peito, da sua barriga, do seu quadril e de suas pernas, até que um monte branco de tecido fique aos seus pés.

— Eu esperei por isso o dia inteiro. — dou um passo à frente, tocando seus

ombros e deslizando até seu colo. Seguro seus seios fartos e me demoro neles. Elena fecha os olhos e joga a cabeça para trás, mordendo o lábio inferior. — Estava louco para tirar esse vestido e tocar a sua pele... — suas mãos envolvem meu rosto e, quando seus lábios alcançam os meus, fico fora de controle. Eles estão quentes e deliciosamente macios. — Não aguento mais esperar... — Ando lentamente até que suas pernas toquem a beirada da cama, porém, antes que eu a deite, ela gira o corpo e me empurra sobre o colchão.

— Eu também esperei por isso. — ela coloca os dedos dentro da minha cueca e a puxa para baixo em um movimento rápido e desesperado. Fico fitando-a enquanto ela tira a calcinha de renda branca. Quando monta sobre mim, roçando seu quadril em minha ereção, fico fora de controle. Ela está tão quente e tão pronta que meu quadril ganha vida própria. Começo a me mover sob ela e ela geme. E não há nada mais excitante do que esse som.

Com uma das mãos ela segura a minha ereção e então, estou dentro dela. Essa sensação é sempre a mais incrível, a mais doce e a mais intensa. Seus movimentos são lentos, profundos e torturantes.

— Eu quero sentir isso para sempre... — Elena está ofegante, tanto quanto eu. Quando acelero o ritmo, subindo meu quadril de encontro ao seu, seus olhos se fecham e meu nome escapa de seus lábios rosados. — Daniel...

— Amor... — cravo as unhas em sua pele e ela geme mais alto. Continuo me movendo, exigindo cada vez mais. — Abra os olhos. — exijo e seus olhos escuros encontram os meus.

— Eu estou aqui, Daniel... Estou. Ah! — e assim ela se entrega, explodindo sobre mim e não há nada mais bonito nem mais perfeito do que isso. Não há nada mais excitante. E então, aquele desejo avassalador que contive o dia todo, também explode e eu me entrego completamente a ela.

— Eu amo você. — ela não emite som. Eu sorrio — porque ainda não sou capaz de falar — e a puxo para mim. Sua cabeça está apoiada em meu peito e seus dedos passeiam preguiçosamente por ele, descendo até a minha barriga e voltando. Abraço-a com força e meu corpo se aquece. A sensação de estar perto dela é tão boa, tão intensa e tão assustadora que chego a sentir medo.

— Promete que nunca vai embora. — peço depois de beijar seus cabelos, demoradamente. Ela não responde. Levanta a cabeça e me encara com olhos brilhantes e curiosos.

— Por que você...?

— Apenas prometa. — preciso que ela diga. Preciso que ela prometa.

— Eu não... — sua boca se fecha e seus olhos se estreitam. — Do que você tem medo, Daniel? — quando eu desvio os olhos ela toca meu rosto e me faz olhá-la outra vez. — Você tem medo que eu morra.

Não é uma pergunta. Engulo em seco e quando faço isso, ela assente porque sabe que tem razão.

— Por quê?

— Eu venho tendo pesadelos.

— Que pesadelos?

— Esqueça isso. — não quero falar disso. Não hoje.

— Eu quero saber.

— Outro dia. — acaricio seu rosto, mas ela se afasta sutilmente.

— Por favor?

Solto o ar exasperado e me arrependo por ter começado a falar disso. Sento-me e ela faz o mesmo, envolvendo o corpo com o lençol branco.

— É sempre a mesma coisa. Estou voltando para casa com Matt, Anna e Sophie e quando... — pigarreio quando sinto que minha voz está presa. Quando o acidente acontece, eles não estão mais comigo. Você está. Você e um... Eu não quero mais falar disso.

— Quem está com você? — ela é ainda mais insistente do que a minha terapeuta. — Nosso filho. Quando eu olho para o lado eu vejo vocês e... Chega! — seguro seu rosto com as duas mãos e imploro para que ela pare de insistir, mas ela não para.

— Nós estávamos mortos? — franzo a testa e um bolo se forma em meu estômago. Mesmo sabendo que isso é apenas mais um da série de pesadelos que venho tendo, dói pensar nisso. Dói, mesmo que no sonho, olhar para o lado e encontrar os dois mortos. Dói tanto que acordo suado e desesperado no meio da noite com a certeza de que é tudo real. Concorde, com um discreto gesto de cabeça e ela sorri para mim, colocando suas mãos sobre a minha.

— É só um sonho.

— Eu sei, mas...

— Não é real. — ela me interrompe, fica de joelhos e leva uma das minhas mãos até a sua barriga. Um chute do bebê faz lágrimas brotarem em meus olhos e minha boca se curva para cima. — Isso é real. — Elena sorri outra vez e leva a minha mão até o seu coração e a espalma ali. — Isso é real. — solto o ar pela boca e assinto para ela. Mais uma vez, ela segura a minha mão e a leva até seu rosto. — Isso é real.

Ela se aproxima, senta-se sobre mim e envolve a minha cintura com as pernas. Sua boca quente e macia toca a ponta do meu nariz. Fecho os olhos e inspiro, absorvendo toda a intensidade de seu toque, mesmo que ainda seja sutil. Suas mãos seguram meu pescoço e seus polegares desenham pequenos círculos na pele do meu rosto. Seus lábios tocam a minha testa, minhas sobrancelhas, minhas pálpebras, meu nariz outra vez. Até encontrar a minha boca, mas ela não

me beija. Resvala os lábios nos meus e sussurra tão perto que sinto seu hálito quente fazendo cócegas na minha pele.

— Isso é real.

Envolvo sua cintura com força e colo meu corpo ao seu.

— Você foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido.

— Eu sei.

— Sabe?

— Sei. — ela sussurra contra meus lábios e sorri. — Saiba que morrer agora não está nos meus planos. Eu ainda vou estar ao seu lado quando você estiver velho e ranzinza e não se lembrar onde guardou as chaves do carro. — ela me abraça e murmura bem perto do meu ouvido. — Eu vou estar com você para sempre.

— Para sempre.

Elena

DUAS SEMANAS depois do nosso casamento — e de uma lua de mel incrível em Paris — Daniel me leva para Verona. Voltar para o lugar onde tudo começou é maravilhoso. É até mesmo difícil de descrever. Principalmente quando o táxi estaciona em frente ao hotel onde nos conhecemos.

— Eu sempre consigo te surpreender, não é mesmo?

Não resisto a sua piscadela.

— Com certeza.

Ele também reservou o mesmo quarto em que se hospedou porque, segundo ele, a vista era maravilhosa. E é mesmo. A tarde quente de primavera começa a se despedir e uma leve brisa envolve nossos corpos abraçados na varanda do quarto. As luzes da cidade começam a iluminar tudo ao nosso redor enquanto o

sol dá lugar a uma noite mágica. Acho que esse sempre será o meu lugar preferido no mundo inteiro. Depois de Daniel e dos seus braços.

— Quando eu resolvi conhecer Verona no ano passado eu fiquei encantada com esse hotel, por isso acabei pesquisando sobre as vistas dos quartos pela internet e esse era o melhor. Mas esqueci de fazer a reserva e quando cheguei aqui, alguém havia roubado o meu quarto.

— Sêrio? — ele está me encarando com um sorriso de canto tão encantador que meu coração chega a palpitar.

— Sêrio, por isso acabei ficando com o quarto do segundo andar.

— E você ficou triste por isso? — há um ar debochado em sua voz.

— Não. — dou de ombros fingindo indiferença.

— Porque você só usa o hotel para dormir e tomar banho, não é?

— É. — não vou dar o braço a torcer e dizer que fiquei bem chateada.

— Okay. — ele começa a rir e quando ameaço socá-lo no ombro, ele segura meus pulsos e me puxa para o seu peito. — Você acha que isso é obra do destino?

— Sempre prefiro pensar que foi apenas uma coincidência.

— A mais linda coincidência. — ele roça a sua boca no meu queixo, no meu rosto e nos meus lábios, causando arrepios por onde sua barba cerrada passa. — E agora nós estamos aqui outra vez, com essa vista... — Daniel morde meu lábio inferior e o encaro. — O que você acha de entrar e...

Não deixo que ele termine a frase. Solto as minhas mãos e envolvo seu pescoço no mesmo instante em que ele me pega no colo e me leva para dentro.



— Esse lugar é mágico. — estou parada diante do portão de entrada da casa de Julieta e a sensação é a mesma da primeira vez. As mensagens nas paredes mexem comigo e há algo de substancial no ar.

— Naquela manhã, quando eu encontrei você naquele café, eu tinha acabado de passar por aqui. — ele começa, meio sorrindo, meio sem graça. — Eu não entrei. Fiquei do lado de fora, apenas pensando na minha vida e... Quando eu vi você sentada naquele café, perdida dentro da sua cabeça, encontrei

a minha resposta, mesmo que não tenha percebido naquele momento.

— Coincidências. — sussurro, inclinando meu corpo na sua direção e ele repete o meu gesto.

— Ou talvez seja o destino.

Pego a sua mão e o levo para dentro, mas paro no meio do corredor e fico encarando aquela parede completamente colorida

— O que você está procurando?

— Isso aqui — Aponto para a pequena mensagem escrita com uma caneta de tinta verde.

Per Tutta La Vita

— Você escreveu isso?

— Escrevi.

— Quando?

— Quando eu vi a estátua pela primeira vez, no dia seguinte ao nosso encontro no hotel, e vi todas aquelas garotas falando com Julieta como se ela pudesse realmente ouvir cada pedido, eu meio que acabei pedindo o meu príncipe encantado e...

— E aqui está ele. — Daniel faz uma pequena reverência.

— Eu escrevi isso aqui, pedindo para que quando eu o encontrasse, que fosse por toda a vida. E então, encontrei você no café.

— Essa Julieta é muito esperta. — ele pisca para mim e seus lábios se curvam para cima. — Você tem uma caneta na sua bolsa?

— Acho que tenho. — vasculho a bolsa, encontro uma caneta vermelha e entrego a ele. Daniel fica de costas para mim e escreve — da maneira que

consegue — logo abaixo da minha frase. Meus olhos se enchem de lágrimas quando vejo o que nossas palavras formam.

Per Tutta La Vita

...e l'infinito!

— Vem aqui. — ele me puxa pela mão e me leva até a estátua de Julieta. Bem atrás dela, há uma infinidade de cadeados e fitas coloridas balançando por causa da leve brisa que sopra. Surpreendendo-me, ele tira um cadeado do bolso, coloca as nossas iniciais nele e juntos, o prendemos na grade, dentre tantos outros.

Quando estamos saindo, ele para, faz uma pequena reverência a estátua, apoia uma das mãos em minha nuca enquanto a outra envolve a minha cintura. O beijo que ele me dá, faz meu corpo formigar e minhas pernas perderem as forças. O beijo que ele me dá, faz meu coração bater cada vez mais forte.

Seu beijo me deixa sem ar.

E o sorriso que ele me dá quando a sua boca deixa a minha, faz meu coração bater ainda mais apaixonado.

Olho para a estátua de Julieta, que nos encara com um sorriso no rosto — tenho certeza de que ela está sorrindo para nós — sorrio de volta e murmuro um 'muito obrigada!'

Daniël

— PODEMOS ENTRAR? — Owen e Thomas estão parados à minha porta esperando pela minha resposta.

— Dia difícil? — pergunta Thomas e ergue uma garrafa de uísque pela metade.

— Estou tentando não pensar nisso. — Owen coloca três copos sobre a mesa e Thomas os enche com o líquido âmbar.

Brindamos no ar e bebemos tudo em um único gole.

— Você não falou com ninguém o dia todo. — diz Owen e se senta de frente para mim.

— Não tinha o que falar. — pego a garrafa que Thomas deixou sobre a mesa e encho nossos copos mais uma vez.

— Você ainda não está bêbado.

— Ainda. — viro o copo novamente e a bebida queima a minha garganta. Mas paro por aí. Não quero ficar bêbado hoje. Quero apenas ir para casa e me enfiar na cama com Elena. Quero apenas que esse dia acabe. Fico em pé e ameaço ir embora quando meu celular vibra no bolso da calça. Elena! Não consigo esconder o sorriso bobo quando vejo seu nome brilhando no visor.

— Oi, amor.

— *Você já está chegando?*

Sua voz aflita me faz ficar alerta.

— Estou saindo do escritório. O que aconteceu?

— *Tem alguma coisa errada com...*

— O que foi?

Pego meu paletó e começo a caminhar até a porta, mas paro quando percebo que estou sem a chave do carro.

— *Minha barriga está doendo. É normal?*

— Eu não... Como eu vou saber? *Droga!* Você ligou para a minha mãe?

— *Eu não consigo falar com ela.*

— Já está na hora?

— *Hora?* — tenho a impressão de ouvir algumas risadas ao fundo, mas acho que é apenas o meu nervosismo me fazendo ouvir coisas.

— O bebê. Você acha que ele pode nascer agora? — Thomas engasga com seu uísque e o cospe sobre uma pequena pilha de papéis sobre a mesa. Olho para ele com a testa franzida, mas ele está olhando para Owen. Os dois estão rindo e eu estou prestes a atirar alguma coisa na cabeça deles?

— *Talvez. Sua mãe disse que já estou com 38 semanas.*

— Eu não... — agarro meus cabelos com força e solto o ar. Eu não sei se esse nervoso todo é por que eu estou aqui enquanto ela está sozinha e com dor ou é por que posso me tornar pai a qualquer momento e isso me assusta de verdade.

— *Daniel?*

— Eu estou indo.

— O que aconteceu? — pergunta Owen, mas não respondo. Estou concentrado em encontrar a minha chave em algum lugar dentro daquela sala. —

Daniel?

— Eu preciso ir para casa!

— Agora? — pergunta Thomas. — Nós temos toda essa belezinha aqui para beber e...

— Elena está com dor. — abro todas as gavetas da minha mesa, reviro meu paletó, mas ainda não a encontro.

— O que você está procurando?

— Eu preciso de uma carona, Owen!

— Claro. — ele fica em pé, bebe o restante do seu uísque e começa a andar até a porta. Penso seriamente em chamar um táxi, mas não estou com paciência e nem tempo para isso.



— George! Esse elevador está com problemas? — já cansei de apertar o botão, mas ele não desce.

— O senhor já apertou o botão uma vez. — ele sequer tira os olhos do jornal e isso me dá nos nervos. — Isso é o suficiente. — Owen e Thomas começam a rir.

— Vocês estão me deixando nervoso.

— Daniel, você já falou com a Elena no caminho e ela disse que estava bem, fique calmo.

— Eu estou tentando, Owen, mas parece que tudo está dando errado. Você conseguiu falar com a mamãe?

— Só cai na caixa postal.

— *Merda!* — quando elevador chega entramos rapidamente. Tenho a impressão de ver Owen e Thomas rindo através do espelho, mas não tenho certeza. Estou meio zozzo para falar a verdade e a cobertura nunca me pareceu tão longe. O elevador nunca demorou tanto para chegar ao seu destino e quando ele chega à cobertura, atravesso as portas antes mesmo que elas estejam completamente abertas.

Paro hesitante, assim que percebo que tudo está escuro e silencioso. Abro a boca para chamar por Elena, mas a fecho quando dezenas de vozes gritam ao mesmo tempo em que a luz acende.

— *Surpresa!*

— Feliz aniversário, irmão.

Owen bate nas minhas costas.

— Vocês sabiam disso?

— Foi um plano perfeito, você não acha? — Thomas para ao meu lado e só então noto que ele ainda segura a garrafa de uísque nas mãos.

— Com certeza. — mas eu nem tenho tanta certeza assim. A única coisa que eu realmente sei é que a minha mulher está caminhando na minha direção e só consigo pensar em beijá-la.

— Não fique bravo. — pede colocando as mãos em meus ombros. — Sophie teve essa ideia maluca e eu concordei. Essa gravidez não está me fazendo pensar direito.

Seguro seu rosto entre as mãos e deixo um beijo em sua testa.

— Eu não estou bravo.

— Jura?

— Juro. — seu sorriso ilumina seu rosto e não consigo desviar os olhos. Ela é tão linda!

— Fiquei com medo porque você não gosta de comemorar seu aniversário e...

Coloco um dedo sobre seus lábios.

— Se eu disser que não me sinto um pouco triste estaria mentindo, mas você está aqui. — toco a sua barriga e deixo um beijo terno em sua boca. — Vocês estão.

— Feliz aniversário. — ela envolve meu pescoço com seus braços, da maneira que pode já que a sua barriga está enorme. O que me faz lembrar do seu telefonema.

— Você me disse que estava com dor.

Ela se afasta e me encara com a testa franzida.

— Eu menti.

— Eu quase enfartei.

— Desculpa, foi ideia da Sophie e...

— O que foi ideia minha? — minha irmã se aproxima e me entrega uma cerveja.

— Dizer que eu estava com dor.

— Na verdade foi da Jessica, eu só achei perfeita.

— Desculpa? — Elena pede outra vez com olhos suplicantes. Seguro-a pela cintura e a puxo para mim.

— Depois eu cuido de você. — sussurro em seu ouvido e ela se vira para mim.

— Você nem disse se gostou. — choraminga Sophie.

— Obrigado, Sophie. — Sorrindo, toco seu rosto com as costas das mãos e ela entende que isso é mais do que eu posso dizer nesse momento. Ela entende que eu gostei. E ela entende que não quero cumprimentos exagerados.

Ainda não.

Ainda revivo aquela noite na minha cabeça. Mesmo tendo compreendido que não fui o responsável pelo acidente, não me sinto completamente pleno com relação ao dia de hoje. Uma pequena parte do meu coração dói. Uma parte enorme sente saudade.

Ainda não quero comemorar.

Todos entendem. Por isso, os sorrisos são discretos, porém verdadeiros e significativos. Cada sorriso me faz querer seguir em frente. Recebo alguns abraços no decorrer da noite, principalmente da pequena Rachel que não para de cantar 'Parabéns *pra* você'.

Quando estou a sós com Elena — finalmente — ela me pega pela mão e sem dizer nada, puxa-me para a sala de televisão.

— Feche os olhos.

— Por quê?

Ela estala a língua e ignora a minha pergunta.

— Apenas faça o que estou pedindo

Obedeço. Ouço o barulho da porta sendo destrancada. Ela coloca as mãos nas minhas costas e me guia por dois ou três passos e então, pede para que eu abra os olhos.

Esse lugar, definitivamente, não faz parte da minha casa.

As paredes, não são mais cinza. Estão todas pintadas de branco, exceto a parede localizada atrás do aparelho de televisão que é de um vermelho bem escuro. O sofá de couro preto fora substituído por um de tecido marrom, maior que o meu e bem mais convidativo.

Tudo está diferente.

Almofadas coloridas estão jogadas sobre o sofá, uma cortina branca está no lugar da persiana cinza e sem graça, há algumas peças de decoração e abajures que ela, com certeza, comprou em alguma loja de antiguidade, porém, o que realmente chama a minha atenção é a parede ao lado da enorme janela com vista para o Central Park.

Grande parte das minhas fotos — aquelas que escondi por anos dentro de uma caixa — estão nessa parede. Engulo em seco quando vejo uma foto minha com Matt, ainda crianças, durante as férias de verão e sinto o coração saltar dentro do peito quando vejo uma foto minha com Elena no um metrô em Milão.

Meu peito dói quando vejo Matt, Anna e eu, durante a minha festa de aniversário de dezoito anos, mas se enche de alegria quando vejo uma foto do meu casamento em Paris.

Há fotos de várias épocas e cada uma transborda algum tipo de emoção dentro de mim e acabo viajando junto com todas essas imagens.

— Eu achei que seria importante manter essas fotos aqui. — sua voz me traz de volta. — Elas são parte da sua vida. Da nossa vida.

Aquiesço limpando o canto dos olhos.

— Obrigado.

— Coloquei umas fotos minhas para deixar a parede mais bonita.

Ela me encara com uma sobrancelha levantada e acabo rindo. Quando acho que não posso me apaixonar mais, ela prova que eu estou errado.

— Quantos anos você tinha nessa foto?

— Três.

— E essa é a sua mãe?

— É. — sua voz sai mais baixa.

— Você é idêntica a ela. — a semelhança é tanta que chega ser assustadora.

— Eu sei.

— É a primeira foto que vejo da sua mãe. Você só tinha fotos do seu pai na sua casa.

— É, eu... — ela dá de ombros um pouco sem graça. — Eu rasguei a maioria.

— Vem cá. — passo meu braço pelo seu ombro e a puxo para perto. Seus braços envolvem a minha cintura e ficamos em silêncio, apenas olhando para todos aqueles rostos e histórias diante de nós.

— Essa parede... — começo e ela me olha com uma pequena ruga de preocupação entre as sobrancelhas. — Foi o segundo melhor presente de aniversário que já ganhei em toda minha vida.

— Segundo? — ela ergue uma sobrancelha.

— Uhum. — murmuro enquanto roço meu nariz no seu. — O primeiro foi você.

Elena

— DANIEL? — chamo por ele do banheiro, arfando. — Droga! Daniel — chamo mais alto e ouço algo se quebrando dentro do quarto seguido de um xingamento.

— O que aconteceu? — ele entra pulando no banheiro, segurando os dedos do pé esquerdo com uma das mãos.

— Está doendo — respondo segurando a beirada da pia com força. — E dessa vez é de verdade.

— O que está doendo? — olho para ele com a testa franzida enquanto puxo o ar pelo nariz e solto pela boca, lentamente, como aprendi nos vídeos que busquei na internet. Mas isso não está adiantando. Ou não aprendi direito, pois a dor é insuportável. — O que você...? É o bebê?

— Se não for o bebê tenho medo da dor que vou sentir quando ele for nascer.

— Eu vou... — ele para imediatamente de falar quando a minha bolsa rompe e encharca o chão sob nossos pés.

— Ah, meu Deus! — agarro a minha barriga e me dobro para frente tentando amenizar a dor, mas ela não passa. Pelo contrário, parece pior a cada segundo.

— O que é isso?

— A minha bolsa acabou de romper.

— A sua o quê? Você...?

— Daniel, eu...

— O que você quer que eu faça?

— Você poderia se acalmar e me levar para o hospital, talvez. — quando a dor diminui um pouco, endireito meu corpo e percebo que ele está extremamente nervoso. A veia na sua testa parece que vai explodir a qualquer momento. — Daniel?

— Eu não sei o que fazer.

— Eu preciso de uma roupa limpa.

— Uma roupa. — ele sai do quarto, mas volta segundos depois com as mãos vazias. — Qual roupa?

— Qualquer uma.

— *Okay*. — ele sai outra vez e demora mais do que deveria. Quando entra no banheiro está segurando apenas o celular nas mãos. — Ele não vai nascer agora, vai? — nego mesmo não tendo tanta certeza disso. — Melhor eu pedir para a minha mãe vir até aqui primeiro, porque se ele nascer...

— Você precisa pegar uma roupa para mim. — interrompo-o, mas ele sequer me escuta. Está agarrado ao telefone buscando pelo número da mãe, eu acho.

— Eu não vou saber o que fazer se isso acontecer! Eu não sei o que fazer agora!

Ele está mais nervoso do que eu imaginava.

— Daniel? — espalmo as duas mãos em seu peito. — Ele não vai nascer agora. Por favor, fique calmo e pegue uma roupa para mim.

— Que roupa?

Abano a mão no ar e começo a sair do banheiro. Vou buscar uma roupa eu mesma. Pego o primeiro vestido que encontro no closet, mas antes que eu consiga vesti-lo, preciso me sentar no *puff* e esperar outra contração passar. Daniel está ajoelhado ao meu lado, afagando e massageando as minhas costas de uma forma estranha e nervosa.

Quando sou capaz de me mexer outra vez, Daniel me ajuda com a roupa, veste uma calça de moletom e uma velha e amarrotada camiseta de Harvard e me

pega pela mão.

— Vamos!

— Daniel?

— O quê? — sua voz está bastante estrangulada e ansiosa e se continuar assim, terá um ataque de pânico antes de chegarmos ao hospital. E se alguém tem direito de ter qualquer crise aqui, esse alguém sou eu.

— Você precisa calçar alguma coisa nos pés.

— *Merda!* — ele pega seu *All Star* branco e o calça sem meia mesmo. — Agora vamos!

Fico em pé, rindo do seu nervosismo, contudo sou castigada por outra contração.

— Acho que agora você pode ligar para a sua mãe.

Ele assente, passa uma mão pelo cabelo enquanto a outra me ampara. Quando chegamos ao hospital, metade da família já está lá e não sei por que isso ainda me surpreende. Jess corre na minha direção e me avisa que vovó está no Panamá. Panamá? Sério?

— Ela disse que tentará pegar o primeiro voo para cá.

Faço que sim com a cabeça e pela primeira vez, desde que comecei a sentir dor, sinto vontade de chorar.

— Você contou os intervalos entre as contrações? — pergunta Olivia enquanto coloca uma tonelada de gel sobre a minha barriga e começa a me examinar.

— Não sabia que precisava fazer isso.

— Não tem problema, querida. Podemos fazer isso agora.

Primeira lição sobre partos: Dói demais.

Seis horas depois continuo aqui e as dores estão cada vez mais fortes. A cada contração, sinto tenho a sensação de que meu corpo se partirá em dois. A cada contração tenho a sensação de que não serei capaz de fazer isso.

— Eu não aguento mais. Está doendo muito. — choramingo e ele deixa dezenas de beijos na palma da minha mão.

— O que você quer que eu faça? Basta me dizer, qualquer coisa.

— Você pode trocar de lugar comigo?

— Não. — ele franze a testa e nega, bastante frustrado.

— Estou sendo castigada porque menti para você ontem quando disse que estava com dor.

— Não diga uma coisa dessas. — acabo rindo quando ele não é capaz de segurar a risada.

Depois de mais um exame, Olivia diz que já está na hora do bebê nascer. Ela pede para que eu faça força — mais — e empurre. Faço exatamente o que

ela pede, mas tenho a impressão de que nada é o suficiente.

— Mais uma vez, Elena.

— Eu não vou conseguir! — cubro o rosto com as mãos e choro. Desesperada.

— Você consegue, querida. Está quase no fim... — Olivia tenta falar comigo, mas não quero ouvir. Só quero que essa dor passe. Só quero que acabe logo.

— *Não! Não! Não!* Eu não posso mais fazer isso!

— Ei. — Daniel puxa meus braços e me faz olhar para ele.

— Eu não consigo, Daniel! Não consigo. E eu sinto muito...

— *Shh!* — ele segura meu rosto e beija a minha testa suada. — Está tudo bem, amor. Você só precisa se acalmar.

— Não... — fecho os olhos com força e começo a negar com a cabeça.

— Olhe *pra* mim. — Não faço o que ele pede de imediato. — Olhe *pra* mim, Elena. — seus olhos me fitam com tanta intensidade que não sou mais capaz de desviar os olhos. — Você consegue fazer isso. Apenas respire. — ele puxa o ar pelo nariz e solta pela boca calmamente. — Respire comigo.

— Eu não... *Aiii!* — outra contração me faz perder o ar. Daniel sai do meu lado, empurra meu corpo de forma delicada para frente e senta-se atrás de mim. Seus joelhos estão dobrados e suas mãos estão agarradas às minhas.

— Eu estou aqui com você. Respire, bem devagar. — sua voz é sussurrada e tranquilizadora em meu ouvido. Apoio minha cabeça em seu peito e começo a respirar com ele, acompanhando seu ritmo. Acompanhando os movimentos de seu corpo. — Você não pode desistir agora, amor. É o nosso filho que está chegando. Respire.

Eu respiro. Empurro. Respiro outra vez até que ouço o som mais puro e lindo de todo o mundo. O choro do nosso filho.

— É um menino!

Olivia traz um pequeno embrulho azul no colo e o coloca nos meus braços.

— É um menino. — repito olhando para meu pequeno pacotinho azul. Daniel beija meu rosto e acaricia essa cabecinha cheia de cabelos negros. — É um menino — digo outra vez com a voz embargada e carregada de emoção.

— Vocês já escolheram o nome? — pergunta Olivia.

— Ainda não, nós... — começo, mas Daniel me interrompe. E me surpreende.

— Matthew.

— Daniel...

— Eu gostaria que ele se chamasse Matthew, Elena, se você não se importar.

— Não... Só estou surpresa. — Olivia está enxugando os olhos.
— Então será Matthew. — continua Daniel. — Matthew Gabriel Marshall
— Nosso Matt.
— Sim, nosso Matt.



— Eu não sei como consegui fazer isso. — estou deitada na cama e Daniel está sentado na poltrona ao meu lado. Matt está em meu colo e não conseguimos desviar os olhos dele. É uma sensação tão estranha e ao mesmo tempo tão mágica.

— Eu nunca duvidei disso.
— Se você não estivesse comigo, eu...
— Eu sempre vou estar com você.
— Por que você não falou comigo sobre a escolha do nome? — pergunto curiosa e ele dá de ombros.

— Eu não sabia que conseguiria fazer isso até o momento em que ouvi o choro dele. E também não queria criar tantas expectativas, principalmente dentro de mim.

— Eu estou muito orgulhosa de você. — ele aquiesce e se inclina para frente, até a sua boca tocar a minha.

— Eu amo você.

— E eu amo você.

Matt agarra o dedo de Daniel e exhibe uma careta linda. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Ele é tão perfeito.

— Sim, ele é. Nós precisamos fazer mais.

— O que você disse? — arqueio as duas sobrancelhas e o encaro com a boca levemente aberta.

— Olhe só para ele. Nós fizemos um ótimo trabalho. — ele está sorrindo e isso me faz sorrir também.

— Quem sabe?

— Por que você não descansa um pouco.

Bocejo e tento me controlar, mas estou realmente exausta.

— E se ele precisar de mim?

— Eu vou estar aqui. Feche os olhos.



Quando abro os olhos, o quarto está ligeiramente escuro. A iluminação vem da luz amarelada e fraca sobre a cabeceira da cama. Rolo o corpo para o outro lado esperando encontrar Daniel sentado na poltrona, mas ela está vazia. Coloco a mão dentro do berço onde Matt deveria estar dormindo, mas ele também está vazio.

Meu coração dispara no peito e meu corpo fica alerta. *Ele está com Daniel!* Mas quando penso nessas palavras, sinto que não é verdade.

— Seu filho é lindo, Elena. — sento-me bruscamente quando ouço a sua voz. Anna está sentada do outro lado do quarto e segura Matt nos braços.

— O que você está...? — desisto de falar porque as palavras simplesmente desaparecem. Preciso me levantar e pegá-lo de volta, mas tem alguma coisa errada acontecendo comigo. Estou tonta e minhas pernas parecem ter perdido a conexão com o restante do meu corpo.

— Ele é igual ao pai. Você não acha? — tenho a impressão de que ela está sorrindo, mas não tenho certeza. Minha visão está turva por causa das lágrimas. — Até mesmo o cabelo bagunçado.

— Você pode trazê-lo para mim, por favor? — ela faz o que eu peço e sou tomada pelo alívio quando o seguro em meus braços. Anna acende a luz e por um momento, a claridade me cega.

— Desculpe aparecer assim, mas eu... — ela coloca uma mecha do cabelo loiro atrás da orelha e sorri para mim um tanto sem graça. — Eu procurei por Daniel antes, mas não encontrei ninguém e você estava dormindo tão profundamente que...

— Tudo bem — respondo rápido e espero muito que ela diga que vai embora.

— E eu também precisava conversar com você.

— Eu acho que não temos nada para conversar. — será que se eu começar a gritar agora, alguém viria em meu socorro? Será que Daniel viria já que ele deveria ter ficado no quarto?

— Então, eu vou... — ela aponta para a porta e algo em seu semblante faz meu coração perder uma batida. E me faz perder a razão também.

— Por que você não se senta?

Ela puxa o ar com força e sorri, como se estivesse me agradecendo ao se sentar na poltrona.

— Eu preciso te pedir desculpas por aquela noite. — ela está chorando. Luta bravamente para manter a voz firme e controlada, mas suas lágrimas continuam caindo e eu continuo com o coração batendo de forma errática. — Eu estava fora de mim, Elena e nunca, nunca desejei que Daniel... Nossa, desculpa. — Anna enxuga o rosto e passa as duas mãos nos cabelos. — Quando eu perdi o Matt, achei que não sobreviveria. É estranho depender tanto assim de outra pessoa, mas eu o amava tanto, tanto que eu só pensava em morrer também. No auge da minha loucura, eu achei que dessa forma, ficaria com ele.

— Eu entendo você. — e estou sendo muito sincera porque tenho certeza de que era nisso que minha mãe pensava quando se matou.

— Ainda dói saber que ele não está mais aqui. Acho até que uma parte minha ainda o ama, mas eu preciso seguir em frente. Preciso deixá-lo partir de vez e viver a minha vida, não é?

— É. — estou sentindo lágrimas em meus olhos e minha voz está começando a falhar.

— Daniel é um grande amigo e eu o machuquei muito todos esses anos. Fiz com que ele assumisse a culpa pelo acidente e ele fez isso sem pensar duas vezes. Ele se anulou por minha causa. — sua mão toca o meu braço rapidamente e, com as mãos trêmulas, ela toca os cabelinhos de Matt. — Fico feliz por ele ter encontrado você e formado essa família linda. — só consigo mexer a cabeça e concordar com ela. Será que ainda estou sob o efeito de todos aqueles hormônios? — Matthew é um lindo nome.

— É, sim.

Quando suas lágrimas ficam mais espessas e abundantes, as minhas também ficam e de repente, me dou conta de que essa Anna que está sentada à minha frente, não é a mesma Anna que tentou me matar alguns meses atrás. Essa é a Anna que perdeu o grande amor da sua vida e a chance de formar uma família com ele. Essa é a Anna que não teve a chance de segurar seu filho nos braços porque o destino — sempre o destino — tirou isso dela. Eu compreendo o que ela passou. Já convivi com alguém com depressão e sei o quanto isso pode destruir tudo. Ela não tem culpa de nada.

— Você quer segurá-lo outra vez? — pergunto, ligeiramente ansiosa, mas quero muito que ela faça isso. Quero que ela saiba que eu a perdoo.

— Posso?

— Pode.

Sorrindo, Anna o pega do meu colo e o aninha no seu. Ele faz um beicinho

e ameaça chorar, mas quando ela toca a ponta de seu nariz com o dedo indicador ele parece relaxar e volta a dormir.

Daniël

FICO LÍVIDO quando abro a porta e vejo que Anna está segurando Matt. Meu corpo parece ficar anestesiado e meu coração passa a martelar dentro do peito. As batidas são fortes e angustiadas. Engulo em seco algumas vezes, abro a boca, mas não consigo encontrar a minha voz. Olho para Elena de canto de olho e percebo que ela esteve chorando e isso me deixa ainda mais nervoso. Ou devo dizer apavorado? Eu gostaria muito de acreditar que a minha amiga de infância, a garota doce que cresceu comigo não fará nenhum mal ao meu filho, mas não consigo. Ela é uma pessoa triste, instável e quebrada. E isso me assusta. Acho que assusta a ela também porque seus olhos estão arregalados, fixos nos meus.

— Anna? — dou um passo à frente e coloco o café que seguro nas mãos sobre a pequena cômoda ao lado da porta. — O que você...?

— E-eu estava de passagem e... — ela começa a se explicar antes que eu

termine a minha pergunta e estende Matt para mim.

— Daniel? — Elena está pedindo, apenas com um olhar, para que eu pare. Coloco a mão no bolso da calça e forço um sorriso. Anna volta a falar.

— Eu estava na cidade e... — sua voz está estrangulada. Sinto-me mal outra vez. — Minha mãe está de plantão hoje e quando cheguei aqui soube que seu filho tinha nascido. — aperto os lábios para não dizer mais nada e ela assente para mim com lágrimas nos olhos. — Eu vou embora, não quero... — outra vez ela não consegue terminar a frase. Coloca Matt no berço e, com as mãos trêmulas, acaricia seu rosto e seus cabelos. Meu coração afunda dentro do peito.

— Ele é lindo. — ela não olha para ninguém quando diz isso, murmura um adeus ou um sinto muito e sai do quarto.

— Qual é o seu problema? — Elena está me encarando com as sobrancelhas arqueadas.

— Meu problema? Sério?

— Sim! Seu problema!

— Ela estava segurando Matt no colo.

— E o que tem de errado nisso?

— Eu não... Não há nada de errado nisso. — admito frustrado. — Mas eu não sei como ela está. Anna é emocionalmente instável e isso me preocupa um pouco.

— Vá até ela e peça desculpas.

— *O quê?*

Ela ameaça responder, mas cala-se quando Matt começa a chorar no berço. Dou um passo à frente e estendo o braço para ele, mas ela é mais rápida ao empurrar minhas mãos e pegá-lo no colo.

— Você vai procurá-la agora e pedir desculpas por esse comportamento.

— Elena...

— Você, mais do que ninguém, sabe por tudo o que ela passou. Ela acabou de carregar nosso filho no colo e... — sua voz se quebra e lágrimas brotam em seus olhos. — Você não viu a maneira como ela olhou para Matt, Daniel. Ela só está tentando fazer o certo, tentando seguir em frente e eu acho que ela está conseguindo. Eu sei o quanto é difícil, já passei por isso e você também. Não a empurre para baixo.

Solto o ar pesadamente quando percebo que ela tem razão. E, mesmo sem querer, faço o que ela pede.

Anna está parada em frente ao elevador, apertando o botão freneticamente e chorando muito. Ela se assusta quando toco em seu ombro.

— Vem cá. — puxo-a para um abraço apertado e ela soluça em meu peito. — Desculpe aparecer assim. — ela se afasta enxugando os olhos.

— Tudo bem.

— Eu estou tentando, Daniel. Eu juro por Deus que estou tentando.

— Eu sei. — e posso ver isso em seus olhos. Ela está diferente.

— Eu jamais faria mal ao seu filho.

— Eu sei. — repito e seguro seu rosto entre as mãos. Ela sorri e balança a cabeça espantando as lágrimas. — Desculpe por ter sido um idiota.

— Elena é uma pessoa maravilhosa. — concordo com ela. — Você tem muita sorte.

— Acho que eu tenho mesmo.

— Eu conheci uma pessoa.

— Sêrio?

— Desde que voltei da Europa, há três meses, estou morando em Washington e trabalhando em uma galeria de arte.

— Isso é ótimo.

— Está sendo uma experiência incrível. David é professor e é viúvo. Tem uma filhinha de apenas um ano e... — ela suspira e dá de ombros. — Nós estamos nos conhecendo ainda, mas...

— Mas? — não posso ignorar as rugas nos cantos de seus olhos.

— Eu me sinto culpada por ter alguém e estar sentindo isso. Sinto que Matt não...

— Não diga isso, Anna. Você merece isso.

— Eu acredito nisso, só não consigo me entregar completamente.

— Matt gostaria de saber que você está feliz.

— Acho que sim.

— Ele detestava quando você chorava.

Ela ri e enxuga uma lágrima que ameaçava cair de seu olho esquerdo.

— Você deu o nome dele para o seu filho. — faço que sim com a cabeça e ela me abraça. — A sua família é linda.

— Obrigado. — ela se afasta e deixa um beijo terno em meu rosto. — Obrigado por ter vindo. Foi bom ver você outra vez.

Anna aquiesce e me lança o seu melhor sorriso. Há muito tempo eu não a via sorrir desse jeito. A porta do elevador se abre e ela entra.

— Até mais, Daniel.

— Cuide-se — digo enquanto a porta se fecha.

Quando volto para o quarto, encontro Elena e Matt deitados na cama. Ele está junto ao seu corpo e sua cabecinha está apoiada em seu braço. Os dois dormem profundamente. Aproximo-me da cama devagar e beijo a testa de Elena, demoradamente. Anna tem razão. Eu tenho uma família linda.

Elena

— POSSO ENTRAR? — Olho para a porta parcialmente aberta.

— Adam! — da cama faço sinal para que ele entre e coloco Matt no berço.
— Como você chegou tão rápido?

— Eu estava no Canadá quando Jess ligou. Como você está? — pergunta depois de beijar meu rosto.

— Cansada. — admito dando de ombros. Ele se senta ao meu lado na cama.
— Não consigo parar de olhar para ele. Ele é perfeito, não é? — Adam balança a cabeça, ponderando a sua resposta. — Por favor, não diga que ele não se parece com nada.

Adam sempre teve essa mania irritante de dizer que bebês não se parecem com nada.

— Ele não se parece com nada — diz apenas para me provocar e dou uma

cotovelada de leve em seu braço.

— Achei que encontraria a sua avó por aqui.

— Ela está no Panamá.

— Grace está no Panamá?

— Pois é, ela chega hoje à tarde e vai passar duas semanas comigo antes de ir para a Itália.

— As coisas mudaram muito por aqui. Até mesmo Jess está noiva!

— Ela te contou?

— Ela me disse ao telefone que seu filho tinha acabado de nascer e que ela havia encontrado a alma gêmea dela. — ele me olha com a testa franzida. — Esse cara bate bem da cabeça?

— Adam! — ele ri alto. — O que aconteceu com a Europa?

— Nada. Mas resolvi não fazer mais planos e acabei parando no Canadá. Estou até pensando em passar um ano por lá.

— Você realmente gostou dessa vida.

— É libertador.

Concordo com ele. É muito libertador.

— E o que você...? — ele para de falar e pega a minha mão esquerda. Encara a aliança no meu dedo com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Eu me casei — respondo antes que ele faça a pergunta e não sei porquê estou prestes a me desculpar.

— Isso é uma surpresa.

— Na verdade, foi uma surpresa mesmo. Eu não sabia que estava indo me casar. — ele me encara por alguns segundos e então começa a rir.

— Ele sabe que você fugiu do nosso casamento?

— Sabe.

E ele continua rindo.

— Desculpe, eu não deveria rir desse jeito. Mas foi no mínimo engraçado.

— Não foi engraçado, foi romântico. — falo, rindo também.

— Que bom que vocês se acertaram. — sorrio para ele e concordo com um discreto gesto de cabeça. — Você está feliz?

— Estou.

Ele abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas cala-se quando a porta se abre. Eu também me calo porque Daniel está nos encarando e aquela veia na sua testa está saltando sem parar.

— *Quarterback!* — Jess quase o atropela na porta e entra, pulando no pescoço de Adam que fica em pé e a abraça de volta. Daniel caminha até mim lentamente e se senta no lugar onde Adam estava sentado segundos atrás.

— Daniel? Você já conhece o Adam? — pergunta Jess. Estreito os olhos

para ela porque sei o que ela está fazendo. Jess quer provocar Daniel e testá-lo na frente de Adam.

— Nós já nos vimos uma vez. — Adam responde e estende a mão para Daniel. Por um momento, penso que ele vai recusar o aperto de mão, como fez naquela tarde no restaurante, mas ele não o faz. Cumprimenta Adam e sorri forçadamente. Pego a sua mão e entrelaço nossos dedos.

— Então, Adam, você fica aqui até quando? — pergunto, tentando mudar o foco da conversa.

— Uma semana ou duas, ainda não me decidi.

— Sério? — Daniel me encara com os olhos arregalados.

— Você deveria passar mais tempo em Nova York, *quarterback*.

Daniel agora arregala os olhos para Jess. Mordo os lábios para não rir.

— Talvez.

— Você já tem onde ficar? — pergunto.

— Não pensei nisso ainda.

— Minha casa no Brooklyn está vazia. Por que você não fica lá?

— Eu não quero atrapalhar

— Você não vai atrapalhar. Eu não sei o estado em que ela está porque não vou lá há meses.

— Eu vou aceitar. — ele me lança uma piscadela — sem nenhuma maldade — e Daniel aperta tanto a minha mão que chego a sentir dor.

— Eu tenho as chaves, *quarterback*. Você pode pegar comigo no Galpão.

— Obrigado, Jess.

— *Ai!* — murmuro para Daniel.

— O que foi?

— Você está apertando a minha mão.

— Desculpa. — ele está prestes a perder a paciência.

— Olá! — Sophie entra no quarto quase cantarolando e dou Graças a Deus!
— Adam! Prazer ver você outra vez.

— Sophie, certo?

— Certo. Fico surpresa por você se lembrar.

— Por que eu esqueceria?

Daniel está com o olhar fixo nos dois e parece não estar gostando nada dessa aproximação. Ainda mais quando Adam a beija no rosto.

Jess abre a boca para soltar mais um de seus comentários — e tenho certeza de que agora é sobre Adam e Sophie — mas para quando seu celular toca.

— Eu trouxe algumas roupinhas para você, Matt! — Sophie vem até o berço levanta várias sacolas para Matt.

— Sophie, se eu trocar a roupa de Matt cinquenta vezes por dia durante um

ano inteiro, ainda não terei usado todas as roupas que você comprou para ele em vinte e quatro horas.

— Não me venha com essa agora, Elena! Eu passei nove meses inteiros tendo que me conter por causa dessa ideia absurda de não saber o sexo.

— Mas foi ele que não deixou! — tento argumentar, mas falho miseravelmente e começo a rir.

— Vocês acham que eu acreditei nisso? Mamãe me contou que vocês não queriam saber o sexo! Eu vou comprar a cidade inteira para ele e não tentem me impedir!

Começamos a rir e Adam a encara com a testa franzida e um pequeno sorriso no rosto. *Será que ele está...?*

— Eu preciso ir até o Galpão resolver algumas coisas. — Jess chama a minha atenção.

— Tudo certo por lá?

— Nada que eu não possa resolver. — Jess aproxima-se, deixa um beijo em meu rosto e outro em Daniel. — Eu volto mais tarde com Richard. E melhore essa cara, Daniel — Ele a encara sem nenhum humor. — Você quer pegar as chaves agora, *quarterback*?

— Quero, sim.

— Então vamos!

— Encontro você lá fora em um minuto.

— Eu vou descer com vocês. — avisa Sophie e isso é muito estranho. Para falar a verdade, Sophie está muito estranha. — Só vim trazer as roupas novas do meu afilhado.

— Seu afilhado? — pergunta Jess da porta.

— Sim!

— Ele é meu afilhado, Sophie!

— É claro que não!

As duas saem do quarto discutindo e nós três rimos ao mesmo tempo, mas Daniel fica sério quando Adam se aproxima. Desço da cama e o abraço.

— Que bom que você pôde vir.

Ele aquiesce e beija meu rosto rapidamente. Daniel fica em pé e vai até a janela, dando as costas para nós.

— Vejo você depois. — Adam sai do quarto e eu me viro para Daniel com as duas mãos na cintura.

— Por que você está sendo tão hostil.

— Porque seu ex-namorado não parava de jogar charme para cima de você e isso me dá nos nervos. — preciso morder as bochechas para não rir.

— Adam não estava fazendo nada disso.

— Tá bom. — ele se vira para mim e não consigo mais me conter. Começo a rir, deleitando-me com sua crise de ciúme e acho que isso o irrita ainda mais.
— Por que ele está aqui

— Porque ele é meu amigo e eu prometi que ligaria quando o bebê nascesse.

— Você ligou para ele?

— Jess.

— Claro.

— Porque eu pedi.

Ele passa as mãos nos cabelos e volta a encarar a rua através da janela.

— Você está com ciúme. — aproximo-me e envolvo sua cintura.

— O quê? É claro que não.

— Está, sim. — provoco-o e ele se vira de frente para mim.

— Não gosto da maneira como ele olha para você.

— Adam é meu amigo.

— Alguém precisa dizer isso a ele.

— Pare com isso.

— Você é minha, entendeu? — ele me abraça de forma possessiva e eu começo a rir outra vez. — Não vou deixar nenhum jogadorzinho de futebol chegar perto de você.

— Daniel Marshall, você está morrendo de ciúme!

Ele dá de ombros e assente, ligeiramente constrangido e isso me faz rir ainda mais. Só paro quando seus lábios encontram os meus.

— Desculpe por essa cena.

— Está desculpado. — ele deposita mais um beijo em minha boca. — Acho que vou tomar banho agora que Matt está dormindo.

— Uhum.

— Daqui a pouco ele vai querer mamar e ainda estamos nos adaptando.

— Okay.

— Você precisa me soltar. — ele resvala seu nariz no meu e me beija outra vez. — Daniel?

— O quê? — ele sorri em minha boca. — Eu não quero te soltar.

Matt resmunga no berço e o quarto é invadido pelo som alto e agudo de seu choro. Fecho os olhos, e balanço a cabeça.

— Acho que o banho vai ter que esperar. — olho para o berço onde Matt chora, desesperadamente e isso é meio assustador.

— Acho que sim.

Elena

ESTAMOS EM casa há duas semanas e ela não fica vazia nunca.

Sophie está de volta depois de ter passado três dias longe porque disse a ela que Jess seria mesmo a madrinha de Matt. E ela voltou trazendo muitas roupinhas novas para ele. Jess está comigo sempre que pode e Susanne também. Aliás, se não fosse por ela e por minha avó — que está aqui desde que tivemos alta — morreríamos de fome. Daniel e eu estamos sempre tão cansados que não conseguimos fazer nada além de cuidar de Matt e dormir, quando ele deixa.

Hoje, tia Ellis e Lucy estão preparando o jantar enquanto todos os homens estão bebendo cerveja e discutindo sobre futebol no terraço.

Matt está desmaiado no meu colo e eu só quero levá-lo para o quarto e desmaiar ao lado dele.

— Adam está subindo. — Sophie sussurra em meu ouvido e eu me assusto

por estar tão distraída.

— O quê? Adam está aqui? — seus olhos estão brilhantes e ansiosos

— Eu espero que isso não seja um problema.

— Eu também. — olho rapidamente para a escada que leva ao terraço. Espero que Daniel não cause um problema.

— Eu o encontrei no Galpão hoje de manhã e nós acabamos tomando café juntos e depois passamos a tarde inteira no MoMA... — Adam no MoMA? Acho tudo muito estranho, mas Sophie está estranha e falando tanto e sem parar que chego a ficar sem ar. — E eu comentei que sua avó vai embora amanhã e ele queria se despedir e também queria ver Matt... — coloco a mão em seu braço e ela para de falar. Finalmente. Por que ela está tão gelada?

— Sophie, não tem problema. — mas não tenho tanta certeza disso.

— Que bom.

— Você está bem? — pergunto curiosa e ao mesmo tempo achando graça de seu estado. Ela é sempre muito agitada, mas hoje parece fora do normal. Ela não responde porque as portas do elevador se abrem e Adam dá um passo hesitante para fora. Mantém uma mão na nuca e encara, com a testa franzida, todas essas mulheres. O mais estranho de tudo é que a ruga entre suas sobrancelhas desaparece quando Sophie começa a caminhar na sua direção. *Será que...?*

— Você deveria ter me avisado que era uma festa. — ele a abraça e Jess arqueia as duas sobrancelhas para mim. Ela está pensando o mesmo que eu. Mas Adam e Sophie? Desde quando eles são tão íntimos?

— É apenas uma reunião de família. — Sophie responde dando de ombros e se afastando.

— O que quer dizer a mesma coisa, *quarterback*. — Jess se levanta e vai até eles. Ela cochicha alguma coisa no ouvido de Adam e ambos começam a rir. Sophie fica com o rosto ligeiramente ruborizado.

— Adam, meu querido!

— Grace!

— Quando Elena me disse que você estava passando um tempo em Nova York eu não acreditei. Achei que aquela história sobre passar um ano viajando não duraria tanto tempo.

— Acho que ele gostou da ideia. — Jess segura seu braço. — Pessoal, esse é Adam, um grande amigo de Beaufort. — todas respondem ao mesmo tempo. Coloco Matt no colo de Lucy e fico em pé.

— Oi, Elena.

— Adam. Você sumiu, pensei que tivesse pegado a estrada sem se despedir.

— Eu jamais faria isso.

— Eu sei. Resolveu ficar nesse caos?

— Quem sabe?

Fico na ponta dos pés para beijar seu rosto no mesmo instante em que Daniel surge na sala.

Acho que esse jantar será um pouco mais tumultuado do que o normal.

Daniël

QUE PORRA Adam está fazendo no meio da minha sala?

Que porra Elena pensa que está fazendo?

Engulo o nó que se forma em minha garganta. Engulo meu nervosismo e caminho até eles, tentando controlar o ciúme e a raiva que sinto nesse momento, porém ela aumenta na mesma proporção que o seu sorriso idiota enquanto olha para...? Ele está olhando para a minha irmã? Não digo nada quando me aproximo.

— Daniel. — Adam estende a mão para mim e penso seriamente em ignorar o gesto e levar Elena para longe dele. Talvez seja bom levar Sophie também porque ela não para de sorrir para ele e está bem corada para o meu gosto.

Que tipo de merda está acontecendo aqui?

— Adam. — aperto sua mão de qualquer jeito e nem me preocupo em

forçar um sorriso. Vou para a cozinha e Elena vem atrás de mim.

— Não comece. — ignoro seu comentário e faço o que vim fazer aqui. Pegar mais cerveja. — Daniel?

Solto o ar e fecho a porta da geladeira com um pouco mais de força e me viro para ela.

— O que ele está fazendo aqui?

— Sophie o convidou.

— Sophie?

— É, parece que eles se encontraram por acaso no Galpão e passaram o dia juntos.

— A minha irmã passou o dia com aquele *quarterback*?

— Foi o que ela me disse. Enfim, ele está aqui para se despedir da minha avó e...

— Sua avó? — pergunto surpreso. — Ela vai embora amanhã, lembra? — passo a mão pelo cabelo e percebo que estou ficando cada vez mais irritado. — E ele também queria ver o Matt.

— Ele está aqui para ver o meu filho?

— Nosso filho e pare de agir como um garoto ciumento de doze anos.

— Eu não...

— Adam é meu amigo. E daí se quiser ver Matt?

— É, e daí? — dou de ombros do jeito mais irônico que consigo. Elena nem muda a expressão.

— Ele não conhece ninguém em Nova York, somente Jess e eu. Será que você pode...

— Parece que ele conhece a minha irmã também.

— Estranho, não é?

— Pelo menos nisso você concorda comigo.

Ela balança a cabeça, ponderando o que acabo de dizer.

— Não sei se concordo com você, para falar a verdade, estou achando bem legal os dois juntos.

— Pare por aí! — espalmo as duas mãos no ar.

— Será que é pedir muito para você melhorar essa cara e ser um pouco mais amigável?

— Sim, isso é pedir muito.

Ela coloca as duas mãos na cintura e me encara e eu odeio quando ela faz isso, ainda mais porque sempre acaba me convencendo a fazer algo que não quero.

— Você sabe que ele não está aqui por minha causa.

— Espero que ele não esteja aqui por causa de ninguém. — porque agora,

ele está conversando animadamente com Sophie e está tocando seu braço e isso está me dando dor de cabeça.

— Você precisa parar de ser tão ciumento. — Elena está sorrindo e apontando a cabeça na direção dos dois. — Eles estão só conversando.

Forço um sorriso. Forço muito, abro a minha cerveja e bebo um gole generoso. Pego o restante das cervejas que deixei sobre o balcão e começa a sair da cozinha.

— Daniel?

— O quê? — viro-me para ela um pouco irritado.

— Chame o Adam para subir com você.

— Qual é o seu problema?

— Quem está com problemas aqui é você. — ela faz um sinal com a cabeça outra vez, apontando para ele.

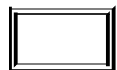
— Às vezes eu odeio você. — resmungo indo até a sala.

— E eu te amo do mesmo jeito

É muito difícil ficar com raiva dela. Deixo um beijo em seu rosto e faço o que ela pede, muito a contragosto.

— Adam? Os homens estão lá em cima.

Ele me olha por alguns segundos e antes de me seguir, sorri para Sophie. Outra vez. E o pior é ver que ela está sorrindo de volta. Talvez seja necessário ter uma conversa com esse jogador mais tarde. Mas agora, na escada, não quero falar com ele. Quero apenas chegar ao meu terraço, beber a minha cerveja e conversar com a minha família.



— Não sabia que você estaria aqui hoje — diz Richard assim que chegamos. Ótimo! Parece que ele tem mais amigos nessa cidade e parece que todos são da minha família.

— Sophie me convidou.

Odeio a voz debochada dele e tenho quase certeza de que ele está rindo da minha cara.

— E os *Jets*?

— Você assistiu ao último jogo?

— Assisti, foi...

Afasto-me e vou para o outro lado enquanto eles engatam uma conversa animada sobre futebol com meu tio, Scott, Paul e meu pai.

— Que é ele? — pergunta Owen.

— Adam.

— Apenas Adam?

— Ele é amigo de Elena e Jessica.

— De Beaufort? — faço que sim e bebo um pouco da minha cerveja. Já estou cansado de responder suas perguntas. — Espera! Ele é o ex da Elena?

— Uhum. — percebo que minha cerveja acabou quando tento beber outro gole. Pego mais uma dentro do cooler e a abro imediatamente.

— Então é verdade?

— O que é verdade, Owen?

— Carol comentou alguma coisa sobre Elena ter fugido do casamento, mas achei que ela estivesse exagerando.

— Não dessa vez. Elena fugiu, literalmente.

— Você acha que ele ainda sente alguma coisa por ela?

— Nossa! Por que você está fazendo tantas perguntas?

Ele dá de ombros.

— Porque você está bastante irritado com a presença dele.

— Você também ficaria se o visse conversando com nossa irmã.

— De onde eles se conhecem? — agora ele não está mais com aquele sorriso idiota no rosto. Está encarando Adam e sei exatamente o que ele está pensando. — Eles estão...?

— Ainda não sei, mas eles me pareceram bem íntimos. — tem uma veia saltada em seu pescoço. Toda a calma de Owen desaparece quando o assunto é Sophie e seus supostos namorados. Sei que deveríamos parar com isso porque ela já é bem grandinha, mas é meio difícil ver sua irmãzinha namorando, principalmente quando esse namorado é o Adam. Não que Owen vá se importar com isso.

— Vou falar com ela depois do jantar. — ele abre uma cerveja e bebe um longo gole.

— Não — nego olhando para Adam bem no momento em que ele olha para nós. Levanto a minha garrafa e ele faz o mesmo, ainda que meio vacilante. —, Sophie vai fazer aquele beicinho e se esquivar da conversa. Eu vou falar com o Adam.



Adam continua aqui.

Continua bebericando da minha cerveja enquanto conversa com Elena e Sophie.

Adam continua sorrindo para Sophie.

Desvio os olhos e finjo procurar alguma coisa no meu celular. Sentir ciúme sem ao menos saber o motivo é um pouco frustrante até mesmo para mim.

— Será que nós podemos conversar?

— Claro. — *Porque é exatamente isso o que quero fazer desde que você entrou aqui.* Fico encarando-o esperando que ele continue.

— Eu sei que você não gosta da minha presença e...

— Tem razão.

Ele assente e coloca as duas mãos nos bolsos da calça.

— Eu só queria dizer que... — cruzo os braços na frente do corpo e espero que ele entenda que já estou ficando impaciente. — Eu quero apenas dizer que não estou aqui por ela. Nós somos apenas amigos. E depois, ela ama você.

— Eu sei disso. — *pode apostar que eu sei!*

— E eu não quero que ela fique na corda bamba sempre que estamos por perto. Eu vi como ela ficou no hospital e agora... — ele olha para trás e percebo que ele está olhando para Elena. Ela está tentando parecer tranquila enquanto conversa com Sophie, mas não está conseguido. Minha irmã, por sua vez, está quase furando o sofá com as unhas.

— Tem alguma coisa acontecendo entre você e a minha irmã?

Ele engole em seco, leva uma mão à nuca e estreita os olhos, porém quando fala, sua voz é firme e decidida.

— Não, nós só nos encontramos hoje por acaso.

— Ótimo. E você vai embora quando?

— Acho que eu não vou.

— É... — odeio quando a minha voz desaparece. — Você vai ficar aqui por quê?

— Não que você precise saber, mas — ele está mesmo me provocando dentro da minha casa? — já que perguntou, decidi apenas conhecer um pouco mais da cidade.

— Tudo bem por aqui? — Elena toca meu braço e meus ombros relaxam um pouco. Adam também parece bem tenso. Seguro sua cintura e a puxo para mim.

— Tudo ótimo — respondo.

— Está, sim — Adam está sorrindo outra vez. Será que ele não se cansa de sorrir? — Eu preciso ir. Obrigado pelo jantar.

— Foi bom ter você aqui, volte sempre que quiser. Não é, Daniel?

— Se você está dizendo. — ela me olha com os olhos semicerrados. — Estou brincando. — *ou não.* — Volte quando quiser, Adam.

Adam vai embora e Sophie, depois de se despedir de nós, rapidamente,

também vai. Penso em ir atrás dela, mas desisto. Elena está em meus braços e isso é muito melhor e depois, acho que estou exagerando.

— Não foi tão difícil.

— O quê? Jantar com seu ex-namorado? — ela faz que sim e envolve meu pescoço com os braços. — Foi uma das melhores experiências da minha vida. — reviro os olhos e ela ri.

— Ele é uma boa pessoa.

— E abusado também.

— Quando você vai parar com isso?

— Nunca. — sussurro em sua boca e ela me beija.

— Eu vou ver se Matt está bem e vou para a cama.

— Adorei a ideia. — aperto ainda mais a sua cintura e colo meu corpo ao seu. Sei que deveria me controlar por causa do parto recente, mas *porra!* Como eu posso me controlar quando ela tem uma boca tão gostosa?

— Quando eu digo cama quero dizer dormir. — sua testa está franzida, como se ela estivesse se desculpando.

— Então eu vou fazer você dormir.

— Adorei a ideia.

Ela me pega pela mão e me puxa pelo corredor.

Daniël

— SOPHIE? — assim que as portas do elevador se abrem, ando na sua direção. Achei estranho quando ela apareceu aqui mais cedo e ficou andando de um lado para o outro, fingindo que estava visitando Matt. E agora, ela parece bem mais estranha. Basta olhar para seu pescoço vermelho. — Aconteceu alguma coisa?

— Não. — ela me abraça rapidamente — o que é mais estranho ainda — e vai até o meio da sala. Está bastante nervosa. Sei disso porque não para de andar de um lado para o outro.

— *Okay!* — seguro-a pelos ombros e ela me encara com os olhos arregalados. — Você está agindo de uma maneira estranha.

Ela respira fundo, várias vezes.

— Eu só queria... Eu...

— Você está bem?

— Estou, eu só...

— Vem aqui. — seguro suas mãos e a puxo para o sofá. — O que está acontecendo?

— Nada. — ela dá de ombros e tenta desviar os olhos, mas não permito. Seguro seu queixo e a faço olhar para mim. Tem alguma coisa acontecendo e tenho certeza de que não vou gostar de saber o que é.

— Você acabou de sair daqui e está claro que aconteceu alguma coisa. Você está... Você está tremendo? — *e está gelada também. Muito gelada.*

— Elena está aqui? — seus olhos me fitam aflita.

— Está colocando Matt para dormir.

Ela assente, solta as minhas mãos e volta a andar de um lado para o outro. Nunca a vi agindo dessa maneira, por isso resolvo esperar até que ela volte ao seu estado normal. — o que parece meio impossível — por isso, após cinco minutos, perco a paciência. — Chega, Sophie! Você vai furar o tapete se continuar andando desse jeito e com esses saltos. E isso já está me dando nos nervos. O que aconteceu?

Ela respira fundo, anda até o sofá e, lentamente, senta-se ao meu lado outra vez. Seus olhos me encaram quase aflitos. Suas mãos seguram as minhas, mas segundos depois ela as solta. Fica tamborilando nas pernas com as pontas dos dedos, passa as mãos pelos cabelos, solta o coque e o prende de novo

— Eu queria falar com você e com Elena juntos. Será que ela vai demorar?

— E por que você não falou mais cedo?

— Porque eu não consegui, *okay*? — ela está bastante alterada. Abro a boca para dizer que ela precisa se acalmar — mais uma vez — porém me calo quando ela volta a falar. — Eu conheci uma pessoa.

— O quê?

— Eu...

— Você está agindo dessa maneira porque conheceu uma pessoa?

— É, eu...

— Você está namorando? — ela assente. — Quem é ele?

Ela não responde. Então tudo começa a fazer sentido. Sophie ainda tem medo de mim e de Owen, também pudera depois de tudo o que fizemos para espantar seus namorados na adolescência. Mas tudo isso, toda a sua apreensão não é sobre ela estar namorando alguém. É sobre quem é esse namorado.

— Daniel? Promete que você não vai...

— Quem é ele? — repito já sentindo o sangue correndo um pouco mais rápido nas minhas veias.

— Não foi premeditado. Eu nem sei o que estou sentindo ainda e... Quer dizer, eu sei o que eu estou sentindo, mas... — fecho os olhos e paro de ouvir.

Tem outra voz gritando dentro da minha cabeça e não estou gostando do que ela está dizendo.

— Quem, Sophie?

— Adam. — ela responde com a voz baixa e constrangida. Sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

— O que você...? Eu acho que não ouvi direito.

— Nós estamos saindo tem alguns meses e...

— Alguns meses?

— Desde que Matt nasceu.

— Você está saindo com ele há sete meses? É isso?

— Sim.

— Eu não posso acreditar nisso!

— Daniel?

— Eu perguntei se estava acontecendo alguma coisa entre vocês, Sophie! Logo depois que você o trouxe aqui pela primeira vez. Você se lembra disso?

— Sim, eu...

— E você disse que não!

— Eu sei, mas deixe eu explicar...

— Ele disse que não tinha nada com você! — passo a mão pelo cabelo tentando conter ao máximo meu temperamento, mas a verdade, é que estou prestes a explodir. — Mas naquela época não estava acontecendo nada, nós estávamos só...

— *Não!* — fico em pé bruscamente, vou até o bar e me sirvo de uma dose generosa de uísque. — Eu não quero ouvir! — viro o copo de uma vez só. — Isso é mentira, não é?

— Eu me apaixonei! — ela também fica em pé e começa a caminhar na minha direção. Dou meia volta, deixando-a no meio da sala e vou até o balcão da cozinha. Não quero ficar perto dela. Agora não.

— Eu não vou ouvir mais nada!

— Ouvir o quê?

Elena passa por mim e vai até a geladeira.

— Nada. — apoio as duas mãos no balcão e me inclino para frente. Acho que estou com dificuldade para respirar.

— Daniel, vamos conversar, por favor? — pede Sophie, mas eu não me movo.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta Elena e se posta ao meu lado. — Por que você está chorando, Sophie?

— Não estou, eu só...

— Conte para ela, Sophie! — encaro-a.

— Contar o quê?
— Sophie está namorando!
— Deixe-a falar, Daniel! Qual é o seu problema?
— O problema é o namorado dela! — abro os braços sentindo-me frustrado e bastante irritado.

— Você por acaso está tendo algum tipo de crise de ciúme porque sua irmã está namorando? — ela me encara com uma sobrancelha arqueada por alguns segundos e antes que eu responda o que realmente está acontecendo, ela volta-se para Sophie. — Quem é esse namorado misterioso? — pergunta e bebe um longo gole da sua água.

— Adam. — a voz de Sophie está tão baixa que não tenho certeza de que Elena ouviu o que ela acabou de dizer, contudo, quando ela cospe toda a água na minha roupa, sei que ela entendeu tudo. Só não sei por que ela está rindo tanto. Gargalhando.

— Elena? — chamo, mas ela começa a rir ainda mais, segurando a barriga.

— Ai, meu Deus! Desculpe! — ela vai até a gaveta da cozinha, pega um guardanapo de pano e o joga para mim. Depois de respirar fundo e se acalmar, continua: — Desculpe. Eu não sei o que deu em mim, mas é que... Bom, essa situação é um pouco estranha

— Você também acha que é errado? — Sophie enxuga os olhos e apoia-se no balcão, ansiosa por uma resposta.

— É claro que é errado! — respondo por ela e as duas me encararam ao mesmo tempo.

— Não! É claro que não! — ela passa por mim e vai até Sophie. — Não é errado. Estranho, sim, errado não.

— Ele é o seu ex-namorado. — minha irmã choraminga e Elena a segura pelos ombros, tentando acalmá-la. Já estou bem cansado dessa conversa.

— Ele é meu amigo.

— Querem saber de uma coisa? — começo a falar dando alguns passos para trás. — Eu tenho que ler cinquenta páginas de um relatório e não tenho tempo para essa *merda*!

— Daniel! — Elena me adverte, mas dessa vez eu a ignoro. Ignoro seu olhar, ignoro a sua voz e vou para o escritório.



— Posso entrar? — quando não respondo, ela entra e caminha lentamente, até estar de frente para mim. — Sua irmã foi embora.

— Ótimo.

— Quem sabe uma boa noite de sono a faça colocar a cabeça no lugar.

— Daniel. — não olho para ela, continuo olhando para os documentos sobre a mesa, fingindo que estou lendo alguma coisa. — Você poderia ter pelo menos conversado com ela. Sophie confia em você.

— Se você veio aqui para falar dela, pode sair. Não quero falar sobre Sophie e o namorado dela.

— Ela está chateada, ainda mais por sua causa.

— E o que ela esperava?

— Que você agisse como um irmão mais velho e compreensivo.

— Compreensivo? — solto os papéis de qualquer jeito e a encaro. — Por que somente eu devo ser compreensivo? A minha irmã está namorando o seu ex-namorado!

— Ela está namorando o Adam! Pare de rotulá-lo desse jeito.

— Chega! Não vou mais falar disso!

— Ótimo! — ela me dá as costas, vai até a porta, mas gira nos calcanhares e volta pisando duro até a mesa.

— A sua irmã está apaixonada! Muito apaixonada e está sofrendo porque você está agindo feito um verdadeiro babaca!

— O quê?

— Isso mesmo! Você está agindo como se ela tivesse quinze anos.

— Eu não me importo que Sophie namore, só não gosto que ela namore aquele jogador.

— E se ela estivesse namorando qualquer outra pessoa?

— Isso não vem ao caso agora.

— Vocês precisam deixar Sophie em paz. Owen quase bateu em Adam hoje quando soube do namoro.

— Owen fez isso? — pela primeira vez, desde que Sophie atravessou as portas do elevador, consigo sorrir.

— Fez. Vocês precisam parar com isso. Sophie já tem a minha idade, pelo amor de Deus.

— Você acha tudo isso normal?

— Acho.

— Como você...?

— Eles estão apaixonados, Daniel!

— Não! Eu não quero ouvir isso!

— Mas eles estão! E não vão terminar tudo só porque você não aceita o namoro.

— Era o que ela deveria fazer! — sei que estou agindo como um idiota, mas é mais forte do que eu. — Eu odeio a Sophie por isso.

— Não odeia, não. — ela dá a volta na mesa e se senta em meu colo.

— Com tanta gente nesse mundo ela teve que se apaixonar justamente por aquele *quarterback*?

— É tão difícil assim chamá-lo pelo nome? — dou de ombros. — Amanhã, quando eles vierem jantar, você...

— Quem vem jantar aqui?

— Adam e Sophie. Eu os convidei.

— Você poderia ter falado comigo antes.

— Você teria dito que não.

— Com certeza eu teria. — ela levanta as duas sobrancelhas. — Sabe o que é melhor nessa história toda? — pergunto.

— Apesar de tudo, você ainda conseguiu tirar algo de bom dessa história?

— Se ele está apaixonado por Sophie quer dizer que ele não está mais interessado em você.

— Eu não acredito que você ainda pense nisso.

— Eu penso em muitas coisas, Elena. — aproximo a minha boca da sua e ela sorri. — Agora, por exemplo, estou pensando em tirar a sua roupa e fazer amor com você em cima dessa mesa.

— Estou esperando por isso desde que entrei aqui.

Elena

MATT NÃO consegue se controlar desde que descobriu que é capaz de andar sozinho. É muita energia acumulada e a ampla cobertura em que moramos, não é o suficiente para ele. Matt não se cansa nunca.

Ele é a criança mais alegre e encantadora do mundo e a cada dia, fica ainda mais parecido com o pai. Os olhos são daquele azul claro e profundo e sua pele branquinha, contrasta com o cabelo escuro e levemente bagunçado.

Há dezessete meses, ele preenche nossos corações com um tipo de amor que eu nem sabia que seria capaz de sentir. Ele foi a melhor coisa que aconteceu em nossas vidas.

— *Lá! Lá!* — ele esta correndo de braços abertos e gritando. — *Lá!*

Lá é a sua definição para tudo. Quando ele não consegue dizer algo, '*lá*' resolve tudo.

— Esse garoto não é normal. Ele queria subir em uma árvore hoje. Ele não

consegue nem correr direito e já quer subir em árvores?

— *Lá! Lá! Lá!* — Matt está parado na nossa frente impaciente.

— Você é um avião? — faço cócegas em sua barriga e ele volta a correr.

— Como você consegue fazer isso?

— Fazer o quê?

— Você adivinha o que ele quer dizer em um piscar de olhos. Eu passei dez minutos tentando entender que ele queria tomar um sorvete. Só percebi o que era quando ele começou a correr na direção do carrinho que só ele estava enxergando.

Os dois tinham acabado de passar duas horas juntos no Central Park. Matt adora brincar naquele gramado e é uma ótima maneira de deixá-lo extravasar, mas às vezes, não é o suficiente. Basta olhar para Daniel sentado meu lado, esgotado.

— Se ele continuar assim, não vou aguentar. Ele não se cansa nunca. — ele está com a cabeça apoiada no encosto do sofá e suas pálpebras já começam a tremer. Acho até que ele já está dormindo enquanto fala comigo. Não consigo conter a minha risada. — Por que você está rindo? — sua voz está baixa e arrastada.

— Por que você não tira um cochilo?

— Não, você precisa trabalhar. — desde que Matt nasceu, passei a ficar mais tempo em casa, mas trabalhar com ele por perto era quase impossível.

— Já trabalhei bastante por hoje. — passo meu dedo indicador por suas sobrancelhas e sua respiração fica mais pesada.

— *Lá!* — Matt senta-se no tapete à nossa frente e sacode seu carrinho de controle remoto nas mãos. — *Lá!*

— Vamos preparar panquecas e deixar o papai dormir?

— *Não!*

— Você disse 'Não'!

— *Não! Não!* — ele repete com os olhos semicerrados.

— Disse, sim.

— *Não!* — ele está agitando o carrinho colorido no ar de uma forma frenética. — *Lá!*

Ajoelho-me no tapete com ele, tentando acalmá-lo, mas quando ele decide uma coisa, não há nada que o faça mudar de ideia. Assim como o pai.

— Você quer brincar? — ele concorda, quase me entregando o carrinho, mas desiste no segundo seguinte. Ele não quer brincar com a mamãe. Ele quer o papai.

— Papai está dormindo. — Matt me encara com uma ruguinha entre as sobrancelhas e depois olha para Daniel que está dormindo profundamente.

Abro a boca para repreendê-lo, mas é tarde demais. Ele começa a gritar.

— *Lá! Lá!* — Daniel abre os olhos com certa relutância, demora alguns segundos para se situar e então, abre o seu maior e melhor sorriso e se junta a nós.



— Eu nem acredito que ele dormiu. — entro na cozinha e Daniel me entrega uma taça de vinho. — Obrigada. — bebo um gole generoso e me acomodo em um dos bancos. — Estou exausta.

— Nem me fale.

Daniel se senta ao meu lado, bebe um pouco do seu vinho e então, começa a brincar com a taça, girando-a lentamente de um lado para o outro. Toco sua mão, delicadamente e ele para, mas não olha para mim.

— Você quer me contar o que está te incomodando tanto?

— Não é nada, só... — ele coça o queixo e então cruza as duas mãos na nuca. Com certeza é alguma coisa porque ele está bastante tenso. — Eu estou pensando em visitar os pais do Matt.

— Sério?

— Você acha que é uma má ideia, não acha? — diz e solta o ar pesadamente e nega. Depois apoia a cabeça nas mãos e solta o ar outra vez. — Melhor eu não fazer isso?

— Não. — acaricio sua nuca e o faço olhar para mim. — Não é isso, mas é que... Bom, você não fala com eles há tanto tempo. Tenho medo do que esse encontro pode fazer com você.

— Eu também, mas desde que Matt nasceu eu venho trabalhando isso dentro da minha cabeça.

Desço do banco e me coloco entre suas pernas, tocando seu rosto com as duas mãos.

— E se eles não quiserem falar com você?

— Eu preciso me preparar para isso também.

— Quando você quer ir?

— No próximo final de semana.

— No próximo final de semana, então.

— Você vai comigo?

— Nós vamos com você.

Ele solta o ar bastante aliviado.

— Obrigado. — faço que sim e beijo a ponta do seu nariz. — Você faz tudo ficar mais fácil.

Daniel

A CASA ainda é a mesma de alguns anos atrás. As paredes ainda mantêm aquela cor azul pálido e o batente da porta da frente está descascando no mesmo lugar. O balanço que Steven construiu com ajuda de Matt mais de vinte anos atrás, continua no mesmo lugar.

— Acho que não tem ninguém. — dou um passo para trás e ameaço descer as escadas, mas Elena me segura.

— Faz apenas cinco segundos que você tocou a campainha.

— Melhor nós irmos embora. — ela ameaça protestar, mas para quando a porta da frente se abre. O ar não atravessa mais as minhas narinas e meu coração parece estar entrando em colapso. Por que tive essa ideia estúpida de vir até aqui? Por que não telefonei antes?

— Daniel? — o sangue foge do meu rosto quando ouço a sua voz. Inspiro,

profundamente e, sorrio para ela. Miranda envelheceu pelo menos dez anos desde a morte de Matt e constatar isso faz meu estômago revirar. Ainda preciso repetir para mim mesmo que o acidente não foi minha culpa. Todos os dias, mas hoje, as ondas de culpa e revolta estão quase tomando conta de mim.

— Oi, Miranda.

— Ah, meu Deus! — ela desce o degrau da entrada e me abraça, carinhosamente. A princípio fico sem saber o que fazer. Esperava qualquer reação dela, menos essa.

— Eu não acredito que você esteja realmente aqui. — Miranda se afasta, mas ainda mantém as mãos em meus ombros e seu sorriso é tão grande e tão feliz que meu coração se parte ao meio.

— Miranda, o quê...? — engulo em seco quando Steven surge na porta.

— Steven, querido, olha só quem está aqui! — ela me solta e enxuga os cantos dos olhos antes de se virar para o marido.

— Daniel? — sua voz é fria. Seu rosto se fecha e seus olhos se estreitam. Meu estômago revira outra vez. — O que você está fazendo aqui?

— Steven... — Miranda protesta, mas ele sequer olha para ela. Seus olhos estão fixos em mim. E há tanta dor, tanto desprezo.

— Depois de tantos anos sem notícias, sem um telefonema para saber como nós estávamos você simplesmente aparece e...

— Steven!

— Por que você está aqui, Daniel? — sua voz se altera e Miranda coloca as duas mãos em seu peito.

— Pare, por favor? — suplica para ele. Steven ainda me encara por alguns segundos e depois desaparece dentro da casa. — Não ligue para ele, Daniel.

— Eu não deveria ter vindo sem avisar. Melhor voltarmos...

— Não! — ela agarra a minha mão, quase desesperada. — Entre só um pouco.

Concordo com um discreto gesto de cabeça, mesmo quando a minha vontade seja desaparecer. Ela sorri, genuinamente e então olha para Elena e Matt logo atrás de mim.

— Quem é esse rapazinho? — Miranda toca a perna de Matt que se contorce e esconde o rosto no pescoço de Elena. — parece que estou olhando para você quando criança.

— É um absurdo carregarmos o bebê por nove meses e ele nascer a cara do pai. — Elena dá um passo a frente e abraça Miranda do jeito que consegue. — Eu sou Elena e esse sapequinha é... — ela limpa a garganta e inspira fundo, olhando para mim. — Esse é Matt, nosso filho.

— Ah, meu Deus! — ela leva as duas mãos à boca e ri ao mesmo tempo em

que lágrimas rolam de seu rosto. — Você teve um filho.

Faço que sim e Elena completa.

— E se casou. — ela levanta a mão esquerda e mostra a aliança. Que bom que ela está aqui, caso contrário, acho que não teria conseguido sequer tocar a campainha.

— Acho que nós temos muito que conversar, Daniel.

— Acho que sim. — admito sem graça.

— Por favor — Ela abre mais a porta. — Entrem, vou preparar um café para nós.

Por dentro, a casa está completamente diferente, mas para mim, parece exatamente igual. O cheiro ainda é o mesmo.

E as lembranças estão por toda a parte.

Há dezenas de fotos nas paredes. Olhar para essas imagens na casa dele, na casa onde passei boa parte da minha infância é um pouco claustrofóbico. Assustador.

Miranda passa por nós e vai até a cozinha. Elena tenta distrair Matt o tempo todo, mas ele está impossível, por isso, quando Miranda volta para a sala com os cafés, Elena rouba uma caneca e vai para o fundo da casa com Matt. Não sei se gosto disso. Tê-la por perto faz com que eu me sinta um pouco mais tranquilo.

— Então você se casou. — ela me entrega uma caneca e se acomoda ao meu lado no sofá. Sorrio e aquiesço. — Achei que você nunca se casaria.

— Por quê?

— Porque eu conheço você desde sempre, Daniel, e conheço a sua fama.

Perdi as contas de quantas garotas você trouxe aqui. Pelo menos uma nova a cada final de semana. Ou duas?

— Isso é um absurdo. — finjo espanto.

— Absurdo era o tanto de corações partidos que você deixou espalhados por aí.

Ela me faz rir. E por um breve instante, Miranda parece a mesma de antes do acidente.

— Vocês têm falado com a Anna?

— Ela nos liga toda semana. Fiquei feliz quando ela me disse que estava noiva.

— Eu também.

— Mas ela não vem muito aqui, nem mesmo quando está na cidade. Apesar de ter seguido em frente, acho que estar aqui ainda é doloroso para ela.

Eu posso imaginar.

— Mas Caroline e Lucy vêm aqui com bastante frequência.

— Carol e Lucy?

— E Sophie também. Ela faz Steven rir feito bobo. — *com certeza ela faz.*

— Quem mais vem aqui?

— Seu irmão e Scott não conseguem vir o tempo todo, mas Thomas sempre dá um jeito de beber algumas cervejas na varanda enquanto discute futebol com Steven. Eu adoro quando Paul traz a pequena Rachel. Ela é encantadora.

Faço que sim porque, de repente, falar parece-me algo impossível. O nó na minha garganta é tão grande que impede as palavras de saírem.

— Desculpe, eu... — aperto a base do nariz com força. — Eles nunca me disseram nada.

— Eu pedi para que eles não fizessem isso. Não queria que você se sentisse forçado a nada. E também não falávamos sobre você. Eu nem tinha ideia do que estava acontecendo com você.

— Eu não conseguia vir. — minha voz está entrecortada. Tento engolir o nó mais uma vez, porém ele está ainda maior.

— Eu entendo. — Miranda segura a minha mão. — Sei que tudo o que aconteceu também foi doloroso para você. Vir aqui depois de tudo... — ela sorri, ternamente. — Eu entendo.

— Eu passei anos me torturando, me culpando e... — solto o ar e fico em pé. Vou até a janela e fico olhando para Elena e Matt brincando no quintal.

— Daniel — ela toca meu ombro e eu me viro para ela.—, nós nunca culpamos você.

— Mas vocês deveriam ter feito isso. Vocês deveriam ter gritado comigo, deveriam ter dito que me odiavam. Você...

— Nós amávamos você. Tanto quanto Matt e aquilo, o que aconteceu naquela noite, foi um acidente.

— Eu tento não me culpar, mas às vezes, quando as lembranças ficam tão fortes, não consigo. No fundo, eu sempre me sentirei responsável pela morte dele.

— Pare de dizer isso, filho. — a voz de Steven nos sobressalta. Ele está parado no pé da escada e mantém as duas mãos nos bolsos da calça. Suas olheiras parecem ainda mais profundas agora. — Você se lembra quantos anos tinha quando entrou por aquela porta pela primeira vez? — ele aponta para a porta da frente e então caminha até nós. Nego, primeiro porque nem imagino quantos anos eu tinha e segundo, não sei se quero ouvir tudo o que ele tem a dizer. Ele vai até a parede onde a maioria dos porta-retratos estão e aponta para um bem no centro. — Eu me lembro. Vocês tinham quatro anos e Matt convidou todos os amigos da escola para um banho de piscina e ainda disse que eu faria churrasco para todos.

— E quando nós chegamos aqui, não havia piscina.

Ele concorda comigo e ri. Está olhando para a foto tirada naquele dia no quintal dos fundos.

— Ele quebrou o braço na cama elástica — digo quando as lembranças começam a ficar vivas na minha memória.

— Eu achei que as lágrimas da Anna secariam naquele dia.

— Ela desmaiou, não foi?

— Foi, sim. Nós tivemos que levar os dois para o hospital. — ele toca meu ombro rapidamente e senta-se no sofá. — Acho que eles já estavam apaixonados naquela época.

— Eles sempre foram apaixonados. — Miranda se aproxima e depois de olhar para as fotos por alguns minutos, senta-se também. — Sente-se, Daniel.

Vou até a poltrona do outro lado e fico de frente para eles.

— Eu confesso, que algumas vezes, muitas vezes... — ele se corrige rapidamente. — Eu culpei você pelo acidente, Daniel, mas...

— Steven, agora não. — Miranda o interrompe.

— Por favor, querida. — Ele a olha com tristeza. — Eu preciso falar sobre isso.

— Está tudo bem, Miranda — digo e ela fica aliviada.

— Quando Matt morreu, eu senti meu mundo desabar. Eu senti raiva, Daniel. Era o único sentimento que eu conseguia sentir. Raiva. Raiva daquele motorista, raiva de Deus, até mesmo de você. Eu perdi tudo naquela noite. Tudo. —a cada palavra eu sinto que ele enfia uma faca em meu coração, lenta e dolorosamente. — Eu não conseguia compreender por que Deus havia arrancado meu filho, meu único filho de uma forma tão cruel. — Miranda começa a chorar. Eu estou agarrado ao braço da poltrona. — Durante muito tempo eu alimentei essa raiva porque eu precisava dela. Eu precisava encontrar uma resposta para o que tinha acontecido. — sua voz falha e ele precisa parar um pouco para respirar. — Se você tivesse entrado por aquela porta no primeiro ano, talvez no segundo, eu o teria expulsado. Não queria olhar para você, mas então, comecei a compreender que tudo isso, as nossas vidas, os nossos planos, tudo está muito além do nosso conhecimento e da nossa vontade. Por algum motivo, Matt foi arrancado das nossas vidas cedo demais. E eu gosto de pensar que isso aconteceu porque ele era especial.

"Eu sinto muito a falta dele. Todas as noites quando fecho os olhos ou quando os abro pela manhã, eu penso nele. Até mesmo quando tomo uma xícara de café na varanda ou uma cerveja assistindo a um jogo qualquer. Eu sempre penso nele e em você também. Você sempre foi como um filho para nós, Daniel e você fez muita falta por aqui todos esses anos."

— Eu sinto muito, Steven. — ele fica em pé e eu faço o mesmo. Nosso

abraço é forte e carregado de emoção.

— É muito bom ter você aqui outra vez, filho.

— Sim, é muito bom.



— Não desapareça, Daniel. — Miranda fala ao lado do carro.

— Não vou, prometo.

— Foi um prazer conhecer você, Elena.

— O prazer foi meu. E eu adorei passar o dia com vocês. Matt também.

— Nós também adoramos, querida. Traga-o mais vezes.

— Isso é bastante tentador. Ter uma folga desse macaquinho de vez em quando. — Ela fica na ponta dos pés e abraça Steven. — Por que vocês não passam o dia de Ação de Graças com agente? — Steven vacila e começa a negar. Miranda aperta os lábios. — Vocês já têm compromisso?

— Não, mas...

— Aceite, Miranda. — peço e ela me encara coma testa franzida.

— Eu não sei, não queremos...

— Por favor? — Elena está fazendo aquilo com o olhar. E é tão difícil negar qualquer coisa quando ela faz isso.

— Nós aceitamos. — Elena fica radiante quando Steven responde. — Será um prazer. — ele assente e sorri para mim.

Na verdade, não será um prazer. Será mais um novo começo na minha vida.

Elena

OS JANTARES de Ação de Graças nos Hamptons são sempre incríveis e divertidos. Lembro-me da primeira vez que estive aqui, dois anos atrás e de como achei toda essa bagunça perfeita. A cozinha continua cheia de mulheres, com exceção de John e Daniel, que se dividem entre as panelas e o jogo de futebol.

Olivia senta-se ao meu lado na sala de jantar e me entrega uma taça de vinho. Aperto os lábios e nego. E ela é muito esperta.

— Ah, meu Deus!

— *Shh!*

— Daniel ainda não sabe? — sussurra, inclinando-se para frente.

— Vou contar mais tarde.

— Eu vou ser avó três vezes.

— Por que três vezes? — Caroline se senta ao nosso lado desajeitadamente

e esfrega a barriga. — Só tem dois bebês na minha barriga. — ela aperta os olhos e me encara, bastante desconfiada, mas se distrai quando Lucy chega trazendo Kate de apenas dois meses no colo.

— Não sei mais o que faço para ela parar de chorar.

— Traga-a para mim, querida. — grita Thomas e ela revira os olhos, mas faz o que ele pede. Kate para de chorar no mesmo instante, o que deixa Lucy bastante frustrada.

— Por que você vai ser avó três vezes, Olivia?

Caroline está olhando para mim enquanto fala com Olivia.

— Eu estou grávida! — grita Jess e todos se calam. Até mesmo a televisão fica muda.

— Jess! — fico em pé rapidamente e a abraço.

— Eu estou grávida!

— Você já disse isso! — Richard está paralisado do outro lado da sala e Adam está cutucando seu ombro, mas ele não se move.

— Será que ele vai desmaiar? — pergunto a Sophie que está ao meu lado segurando uma colher de pau.

— Acho que sim!

— Richard! — Jess vai até ele e se ajoelha na sua frente. — Eu estou grávida!

— O quê? — ele olha para ela e pousa a garrafa de cerveja sobre a mesa de centro.

— Você vai ser papai, Richard!

— Você tem certeza?

— Eu fiz o teste cinco vezes, então, sim! Eu tenho certeza.

— Ela fez o teste cinco vezes. — ele repete para ninguém.

— Richard! — ela o sacode pelos ombros. — Você precisa dizer que está feliz e que me ama! Ou você...

Richard segura seu rosto e a cala com um beijo. É claro que ele está feliz.

Nós temos muito que agradecer esse ano!



— Esses jantares são sempre divertidos! — sento-me ao lado de Daniel no balanço da varanda.

Ele envolve meu corpo com a grossa manta xadrez e me puxa para junto de seu corpo. Deito a cabeça em seu ombro e me aconchego em seus braços.

— Jess está grávida, você consegue acreditar nisso?

— Não. — ele responde rindo. — Não sei se eu tenho mais pena do Richard ou do bebê.

— Não diga isso! Ela é incrível com crianças e vai ser uma boa mãe.

— Eu sei que vai.

Seus braços me apertam ainda mais.

— Será que sobrou algum pedaço daquela torta de abóbora? Miranda tem mãos de fada.

— Você comeu metade da torta, como pode querer mais? — sorrio e dou de ombros. — Você só comia assim quando estava grávida de Matt e isso... — ele para de falar de repente e me encara com uma ruga profunda entre as sobrancelhas. Sua boca se abre, mas ele não diz nada. — Você está...?

— Estou. — sussurro a resposta mesmo que ele não tenha terminado a pergunta.

— Você está grávida. — ele murmura, segurando meu rosto entre as mãos. Seus lábios roçam nos meus, levemente, e todo o meu corpo se arrepia.

— Eu vou ser pai outra vez?

— Vai

— Quando você soube?

— Hoje de manhã.

— E os enjoos?

— Ah! Não diga essa palavra, por favor.

— Eu te amo. — suas mãos apertam meu rosto com mais força, mas ele não me beija. Fica me torturando enquanto resvala os lábios nos meus. — Eu te amo, Elena. Tanto — Suas mãos descem pelos meus braços, até chegar ao meu quadril e então me puxa para ele, até que não haja mais nenhum espaço entre nós. — Eu preciso levar você para algum lugar. — sussurra contra a minha boca enquanto sua mão passeia por meu corpo. — Preciso tirar a sua roupa e fazer amor com você até o amanhecer.

— Faça isso. — sussurro de volta.

— E Matt? Nós não podemos deixá-lo aqui...

— Sua mãe está com ele. Eu já providenciei tudo. — mordo seu queixo e ele geme, ficando em pé e puxando-me com ele.

— Aonde nós vamos? — pergunto já sem fôlego.

— Para o sótão.

Eu adoro o dia de Ação de Graças!

Epílogo

Nova York - Hamptons, Julho DE 2.021

ELENA

— EU ESTOU vendo um cachorro! — grita Nicole, apontando para uma nuvem branca. — O que você está vendo, mamãe?

Nicole passa horas olhando para o céu e brincando de encontrar figuras nas nuvens. Com quatro anos, parece uma princesa de olhos verdes e cabelos castanhos, cacheados e rebeldes, como era o meu com a sua idade.

Apoio-me em um cotovelo e coço o queixo.

— Eu acho que é um dinossauro.

— Não é um dinossauro!

— É, sim. Um dinossauro enorme que adora fazer cócegas em criancinhas!
— começo a fazer cócegas em sua barriga e ela ri sem parar, soltando gritinhos

estridentes.

— *Não, mamãe! Para!*

Ela pula em meu colo e fica de costas para mim. Aperto-a em meus braços e ela se aconchega ainda mais. Adoro o cheirinho dela.

O mar está calmo e o sol brilha forte, o que parece ser o combustível para as crianças que não param de correr na areia. Matt, com quase seis anos, acha que já é grande o suficiente para ensinar Sam, filho de Jess e Richard e seu primo Jason, filho de Caroline e Owen o que é um *Home run*. E ele mal consegue segurar o bastão. Kate e Mackenzie, irmã gêmea de Jason estão brincando de correr. Rachel — que já é uma mocinha — está sentada sob a sombra de uma árvore lendo um livro, mas daqui, tenho quase certeza de que ela está dormindo.

— Papai! — Nicole grita. Olho para o lado e encontro Daniel se aproximando com uma linda garotinha de cabelos negros e bagunçados nos braços. Louise, a nossa mais nova princesa, com apenas seis meses. Ela não foi programada. Aliás, nenhuma gravidez minha foi, mas depois de três filhos, achamos que era melhor parar e me políciei para tomar os remédios corretamente, mas minha vida era agitada demais e eu nunca me lembrava deles. Quando resolvi pedir a Olivia outro método anticoncepcional, descobri que estava grávida. De novo.

Amelia caminha ao seu lado, arrastando sua boneca de pano na areia enquanto segura na barra da bermuda de Daniel com sua mãozinha gorducha. Ela abre um enorme sorriso quando me vê sentada na areia com a irmã e corre na nossa direção. Amelia tem verdadeira adoração por Nicole, com dois anos, repete tudo o que a irmã faz. Ela é uma verdadeira mistura de nós dois, mas eu acho que ela tem muito mais do pai, principalmente o sorriso.

— Olá, pequena Elena. — ele se abaixa e a beija na testa.

— Olá, papai!

— Você precisa parar de chamá-la assim. Logo Amelia vai entender e ficar com ciúme.

— Eu gosto! — Nicole olha para cima e eu toco a ponta de seu nariz com meu indicador.

— Eu sei que você gosta.

— Esse será nosso segredo. — Daniel pisca para ela que concorda, piscando com os dois olhos ao mesmo tempo.

— Oi, amor.

— Oi. — ele me beija, carinhosamente, o que faz Nicole sair do meu colo e soltar umas risadinhas. — Como está a minha princesinha mais nova?

— Acordada e sorridente.

Pego Louise de seu colo no mesmo instante em que Matt aparece segurando a bola e a luva de baseball.

— Papai, você pode deixar as meninas *pra* lá e jogar com *a gente*?

— Claro! Eu vim aqui para isso! — Daniel fica em pé e pega a bola da sua mão. — O que você acha de montarmos um time?

— *Legal!* — ele dá três pulinhos, excitado com a ideia.

— Eu também vou jogar! — Nicole fica em pé e começa a saltitar com as duas mãos no ar.

— Baseball é jogo de menino! — rebate Matt.

— Não é!

— É, sim! Mamãe, diz para ela que ela não pode jogar!

— Ela pode jogar se quiser, Matt. Meninas também jogam baseball.

Não convencido, ele olha para o pai.

— Papai?

— Você precisa jogar com a sua irmã, Matt.

— Mas eu não quero!

— Por quê?

— Ela não sabe jogar!

— Eu sei! — ela grita. Em seguida, corre para avisar a todos sobre o jogo. Amelia tenta acompanhá-la, mas depois de cair duas vezes na areia, volta a se sentar na manta xadrez ao meu lado.

Matt passa as mãos pelo cabelo, do mesmo jeito que Daniel faz quando está frustrado.

— Ei! — chamo quando ele nos dá as costas. — Você não me deu um beijo hoje — Ele se ajoelha ao meu lado e eu envolvo seu ombro. Planto um beijo em seu cabelo suado e rebelde.

— Por que você só tem meninas? — ele está olhando para os pezinhos de Louise, acariciando-os com o polegar. — Eu quero ter um irmão. Por que você não coloca um menino dentro da sua barriga? — nessas horas é muito difícil ficar séria.

— Por que você quer tanto um irmão?

— Porque eu tenho que ficar brincando com elas o dia todo. — ele parece realmente frustrado. — E eu não gosto de bonecas. Amelia coloca as bonecas dela no meu quarto todos os dias e diz que são minhas filhas e às vezes, muitas vezes, ela corre para o meu quarto no meio da noite com medo de monstros. Por que ela não vai para a cama da Nicole? Elas dormem no mesmo quarto! — olho rapidamente para Daniel que está sorrindo. — E a Nicole acha que eu tenho que deixá-la brincar comigo de coisas de menino. Ela não é um menino! Eu já disse isso mil vezes! E agora, tem a Lou que só chora e faz careta. E ela fica no seu

colo o tempo todo. Meninas são um saco!

— Ah, meu Deus! Não diga isso. — abraço-o ainda mais forte. — Elas são suas irmãs e te adoram, por isso ficam o tempo todo atrás de você. E Lou ainda é muito pequena por isso precisa do meu colo e do colo do papai. Mas você pode pedir o meu colo sempre que quiser.

— Eu já sou grande *pra* ficar no colo!

— Eu sei! — acaricio seu rosto, achando graça de toda essa confusão em sua cabecinha.

— Amelia vai para o seu quarto porque você é muito corajoso. — Daniel bagunça seu cabelo e ele concorda com o pai.

— Eu sou! Os monstros que moram embaixo da cama têm medo de mim.

— Tenho certeza de que eles têm. — Daniel está se controlando ao máximo para não rir. Essa conversa é muito séria para Matt.

— Mas eu quero brincar com meninos!

— Você sempre pode brincar com o Jason e o Sam. E a tia Jess tem um menino na barriga dela.

— O Kurt, eu sei. Mas eles não moram com *a gente*.

— Se você tivesse um irmão, nós teríamos que colocar outra cama no seu quarto. — ele me olha com a testa franzida. — E você teria que dividir a sua coleção de carrinhos com ele. Já pensou se seu irmãozinho pegasse aquele carrinho vermelho com as portas...

— Eu não quero irmãos! — ele grita e corre até os primos.

— Você é boa, senhora Marshall.

— Acho que nós dois formamos um belo time. — ele concorda e beija meu rosto.

— Sabe o que eu acho?

— Não sei se eu quero saber. — um sorriso torto e perfeito está moldando a sua boca ainda mais perfeita.

— Nós deveríamos tentar mais uma vez.

— Tentar o quê? — arregalo os olhos e seu sorriso fica ainda maior.

— Um menino.

— Você está louco?

— Por você? — ele resvala a boca na minha e beija a ponta do meu nariz.

— Esqueça essa ideia.

— Papai! — Matt grita e Daniel balança a cabeça, achando graça. — Só falta você!

— Mais tarde nós falamos sobre isso.

— Não vamos falar, não. — sorrindo, ele beija a minha boca rapidamente, faz cócegas em Amelia e corre pela areia, levando Nicole pendurada em seu

ombro.

— Achei que vocês não viriam mais — digo para Sophie e Adam quando eles chegam.

— A culpa é de Sophie. Às vezes, preciso cutucá-la para ter certeza de que ela está viva.

— Não exagere, Adam!

— Ela acorda depois das onze da manhã. Todos os dias!

— Tio Adam, vem jogar! — Jason grita da beira da praia.

— Vai logo! — um pouco irritada, ela empurra seu ombro. Mas antes de correr pela areia, ele a puxa para um beijo apaixonado o que a faz sorrir.

— Ele é perfeito, não é? — ela se senta ao meu lado, toda atrapalhada. Essa gravidez realmente está abalando as suas estruturas.

— Você está bem?

— Como uma pessoa pode se sentir bem com uma barriga de oito meses? Eu não consigo mais fazer nada. Olhe os meus pés! Você tem ideia de quando foi a última vez que eu calcei um sapato de salto alto? — nego com um gesto de cabeça, mordendo a parte interna da bochecha para não rir. — Eu também não me lembro! Como você aguentou passar por isso quatro vezes?

— Eu não costumo usar salto, então foi fácil. — Sophie revira os olhos e bate com o ombro no meu.

—Você é muito corajosa. Essa criança aqui... — ela aponta para a barriga. — Não terá irmãos!

— Não diga isso. Depois do primeiro fica mais fácil.

— Não comece com esse papo de que a primeira vez é mais complicada. Eu nunca mais vou passar por isso. Nunca! — é impossível não rir ao lado de Sophie. — Você sempre sentia a mesma coisa?

— Não. A gravidez de Matt foi a mais difícil, por causa dos enjoos e da ansiedade que eu senti o tempo todo, mas quando engravidei das meninas foi bem mais tranquilo.

— E eu não consigo saber o sexo! — ela joga as duas mãos no ar. — Isso só pode ser castigo porque briguei com vocês por causa dessa ideia maluca de não saber o sexo do bebê até o nascimento. Foi muito frustrante para mim como tia, imagine agora que eu sou a mãe!

— Você só precisa ficar calma, Sophie.

— Eu estou tentando.

— Quando você ouvir o choro do seu bebê, toda essa frustração vai passar e você só vai querer saber se ele está bem, o sexo não será o mais importante. E quando você segurá-lo pela primeira vez vai sentir seu coração explodindo.

— Você tem uma família linda. Olhe para essas bonecas! — ela aponta para

Amelia e Lou. E depois acena para a afilhada, Nicole, que desistiu de jogar e está apenas assistindo o jogo bem de pertinho, gritando o nome de Matt sem parar. — Aquela garota é linda.

— Eu sou suspeita, mas sim, ela é.

— E Matt? Tenho vontade de apertá-lo o tempo todo. Meus sobrinhos são lindos. Olhe só para todos eles!

— Olhe para quem? — Jess se junta a nós.

— Nós estamos falando de como essas crianças são lindas — Responde Sophie.

— Nossa família sabe fazer crianças bonitas — Olivia se senta ao meu lado e puxa Amelia para o seu colo.

— Kate não para de pedir uma irmãzinha. — Lucy se ajoelha na minha frente e pega Lou do meu colo. — posso levá-la para a minha casa? Eu não vou aguentar outra gravidez!

— Eu não disse? Obrigada, Lucy! — Sophie exclama e todas riem.

— Você deveria ter feito dois de uma vez só — Carol se aproxima trazendo com ela Mackenzie e Kate.

Sophie dá uma leve cotovelada em meu braço, chamando a minha atenção.

— Olhe aqueles dois — Ela aponta para Daniel e Adam. Os dois estão discutindo algo sobre o jogo.

— *Isso aqui não é futebol, quarterback! É baseball!*

— *Então jogue direito!*

— *Como é que é? É você quem não sabe rebater uma bola direito!*

— *Não diga besteira...*

— *Pare de falar e jogue!*

— Nós deveríamos nos preocupar com isso? — ela me pergunta rindo.

— Não. — respondo, ainda olhando para eles. — seu irmão só está sendo o seu irmão.

— Ele não muda, não é?

— Não. E é exatamente por isso que nós o amamos.

— É, sim.

Nova York, Julho de 2024.

DANIEL

— Nós precisamos parar de fazer filhos. Sério! — Elena está acabando de fechar a porta do quarto de Rebecca, a mais nova integrante da família com apenas oito meses. — Você conhece algum outro casal no mundo que tenha cinco filhos?

— Não, mas...

— E depois, nós não somos bons em fazer meninos.

— Nisso você está certa, porém...

— E eu estou exausta! — caminho até ela achando graça enquanto ela se apoia na parede, fechando os olhos por um segundo.

— Mas você precisa concordar que ninguém faria filhos tão lindos quanto os nossos.

— Nisso você está certo. — ela pisca para mim e um pequeno sorriso ameaça surgir em seu rosto, mas rapidamente volta a ficar séria. — Não importa, não faremos mais filhos.

Acho graça da ruga de preocupação que surge entre suas sobrancelhas.

— Não faremos mais filhos porque... — apoio uma mão na parede, bem ao lado de sua cabeça. — Corremos o risco de ter mais uma menina. Não posso ter mais uma menina.

— Não?

— Não.

— E por quê? — ela levanta uma sobrancelha para mim e aperta os lábios, tentando não rir.

— Você já pensou quando aquelas quatro garotinhas encantadoras chegarem à adolescência?

— Você já pensou?

— O tempo todo.

— E você também já pensou nos garotos? Você terá muito trabalho espantando todos eles.

— Talvez eu compre uma arma. — ela ri, jogando a cabeça para trás.

— Talvez. Vem aqui. — ela faz sinal para que eu não faça barulho e abre a porta do quarto de Rebecca novamente.

— O que é isso? — sussurro quando encontro todos os meus filhos dormindo no mesmo quarto. — Por que eles estão aqui?

— Matt disse que você estava muito ocupado preparando o meu jantar. Por isso, precisava cuidar de Rebecca porque ela ainda é muito pequena. Então, ele arrastou seu colchão para cá. Amelia disse que tinha muitos monstros embaixo da cama dela e não sossegou até que Matt trouxesse o colchão dela também. Nicole disse que precisava ficar com os irmãos, tirou Louise da cama para que ela não ficasse sozinha e, enquanto eu fazia Rebecca dormir, eles invadiram o quarto com suas coisas.

— Eles são incríveis.

— Sim, eles são.

— Acho que posso dispensar a arma e pedir ajuda para Matt.

— Ele vai adorar.

Entro no quarto, beijo cada um deles, coloco no meu bolso a babá eletrônica que Elena havia deixado sobre a cômoda ao lado da porta e saio do quarto com ela.

— Eu preciso relaxar um pouco.

— Vou relaxar você. — puxo-a pela mão e a levo para o terraço.

Quando chegamos lá em cima, não resisto mais. Entrelaço meus dedos em seu cabelo e deixo meu rosto bem perto do seu.

— Eu já disse o quanto você é linda?

— Hoje não.

— Você é linda. — encosto a boca em sua orelha e seu corpo estremece. — O seu cheiro é o meu preferido. — mordo, bem de leve, o lóbulo da sua orelha e traço uma trilha de beijos até a sua boca. — Sempre vai ser.

— Você é bom nisso, Daniel.

— Sou bom em quê?

— Em fazer com que eu me apaixone por você todos os dias.

— Esse era o plano desde o começo.

— Ótimo plano.

Resvalo meu nariz no seu e toco sua boca com a minha. Adoro o seu gosto. Adoro a maciez da sua pele. Envolver sua cintura e a puxo de encontro ao meu corpo. Quando roço meu quadril no seu, sua cabeça pende para trás e ela geme. Adoro os sons do seu gemido. Adoro a sua voz rouca e excitada. Adoro cada parte dela.

— Eu quero fazer amor com você. — murmuro em sua boca e seus braços envolvem meu pescoço de forma preguiçosa.

— Então faça.



— Hoje faz dez anos que você trombou em mim em Verona.

— Hoje? — Elena levanta a cabeça de meu peito e me encara com a testa franzida. — Sério? — faço que sim e ela deita de barriga para cima, cobrindo os olhos com os braços. — Eu não acredito que não me lembrei! — puxo seu braço e ela me olha com os olhos semicerrados, murmurando um pedido de desculpas.

— Não precisa se desculpar.

— É claro que preciso. Antes eu planejava tudo, um jantar especial ou uma

noite em algum lugar só nosso. Agora, não consigo nem me lembrar que dia é hoje.

— Deve ser a idade. Ouvi dizer que ela faz isso com as pessoas.

Ela ri mais relaxada.

— Eu queria ter preparado alguma coisa especial para você.

— Você está aqui comigo, não preciso de mais nada.

— Eu já disse o quanto amo você?

— Hoje não.

Deito de barriga para cima e ela volta a apoiar a cabeça em meu peito. Ela puxa a pequena manta xadrez que está jogada aos nossos pés e envolve parte de nossos corpos.

— Naquele dia, quando eu estraguei a sua camisa, você pensava que isso poderia acontecer? Que nós chegaríamos até aqui?

Ela fica de barriga para baixo e eu me deito de lado, apoiando meu corpo em um cotovelo.

— Não, naquele dia e muitos outros depois, eu só queria tirar a sua roupa e te levar para a cama. — seus olhos se arregalam e ela não esconde a surpresa. Solto uma gargalhada antes de continuar. — Bom, eu ainda quero, que isso fique bem claro.

— Eu estou falando sério! — ela dá um soco de leve em meu ombro.

— Eu também! — provoco, mas ela não desiste.

— Você imaginou que casaríamos e teríamos filhos?

Ela me observa ansiosa.

— Eu não entendia o que estava sentindo por você. A única coisa que eu tinha certeza, desde o instante em que toquei a sua mão e olhei dentro dos seus olhos, era de que a minha vida nunca mais seria a mesma. E eu também sabia que não conseguiria ficar longe de você. — inclino na sua direção e beijo a sua boca, ternamente. — Eu ainda não consigo. Minha vida sempre foi uma sucessão de erros, Elena. Mesmo antes do acidente eu sempre fiz tudo errado, nunca me importei com os sentimentos de ninguém. Eu não gostava daquela pessoa, mas não sabia disso até conhecer você. Até você me salvar.

— Eu salvei você?

— De muitas formas, principalmente de mim mesmo. Você me ensinou a amar e todos os dias eu agradeço àquela estátua da Julieta por você ter esbarrado em mim.

Uma lágrima solitária escorre de seu olho e eu enxugo com o polegar.

— Eu nunca pensei que isso pudesse acontecer com *a gente*.

— O que você pensava? — aproximo meu rosto do seu e sussurro bem próximo da sua boca.

— Eu acho só queria encontrar meu príncipe encantado. — ela sussurra de volta.

— E conseguiu?

— Ele acorda ao meu lado todos os dias. — seus olhos verdes e brilhantes encontram os meus.

Cada vez que ela me olha assim, meu coração acelera.

Minha pele arrepia.

Cada vez que ela me olha assim, eu me perco... E me encontro outra vez.

Agradecimentos

REESCREVER POR TRÁS DAQUELES OLHOS foi um desafio e tanto. Foram noites e mais noites em claro. Lágrimas derramadas por uma cena retirada e sorrisos se formando a cada novo diálogo... A cada nova cena. Achei que nunca seria possível me apaixonar por Daniel e Elena outra vez, mas eles me provaram o contrário. Espero que vocês se apaixonem também.

Aos meus leitores. Dizer OBRIGADA mil vezes não seria o suficiente. Vocês são parte desse sonho! Todas aquelas mensagens carinhosas são a minha constante fonte de inspiração. Vocês são INCRÍVEIS! Muito, muito, muito obrigada do fundo do meu coração!

Cassius... O que posso dizer sobre você? Muito obrigada pelo seu companheirismo e por acreditar em mim... Mesmo quando não quer. Mesmo

quando eu não mereço. Obrigada por sempre ser muito mais. Obrigada por estar ao meu lado, sempre e por me ajudar a separar todas aquelas páginas para o concurso! Obrigada por todos esses anos e por tudo. Eu amo você... Muito. Muito, Muito, Muito!

Aline Miguel, que sorte eu tive quando você se apaixonou 'loucamente' por Daniel e Elena. Lá no comecinho. Nossas conversas foram extremamente importantes para mim, principalmente quando eu pensei em desistir... E só nesse livro foram tantas vezes. Você é muito especial para mim e sabe disso!

Jéssica Miguel, o que eu posso dizer sobre você além de que seus áudios são os melhores e que, ouvir você fungando e emocionada após ler uma cena, fez cada palavra colocada nesse livro valer a pena. Obrigada por cada segundo que passamos conversando de madrugada.

Talita Mazuchi e Michele Saqui!!! Que bom que eu encontrei vocês pelo caminho e que bom que formamos o nosso 'Clube do Livro'. Obrigada por fazerem parte disso tudo. Obrigada por terem aceitado o desafio de serem betas pela primeira vez. Talvez eu não tenha dito, mas vocês foram um ótimo termômetro. Cheguei a ter palpitação quando enviei o livro para vocês hehehe!

Carol Pepe!!! Amiga de Pilates, de livros, de capas ♥ Da vida! Obrigada por todas aquelas anotações. Li tudo com muito carinho! Obrigada por ter dedicado seu tempo a esse livro. Obrigada por me ouvir e me socorrer.

Priscila Dias pelo tempo dedicado, carinho e amor ao ler essa versão quando nem eu acreditava nela. Você é um dos grandes presentes que a literatura me deu. Às vezes não conversamos muito, mas sempre tenho você no meu coração.

Tatiana Ruiz, obrigada por sempre estar por perto e por sempre acreditar em mim. Adoro você, 'miga'.

Obrigada, minha querida **Sue Hecker!** Eu te conheci depois de terminar esse livro, mas você já fazia parte da minha vida quando iniciei a revisão. Sou muito grata por fazer parte do Suezetes. Sou muito grata por ter te encontrado. Pessoa iluminada que mora no meu coração.

Obrigada, **Ruby Lace** pelo incentivo quando eu mais precisava. Você foi um grande presente e se tornou uma grande amiga! Que essa parceria seja para sempre!

Obrigada a todos os **grupos do facebook e instagram** pelo suporte e pela força sempre. Por todas as divulgações, todos os compartilhamentos, curtidas, posts e, principalmente, por todo o carinho. Devo muito a vocês! Muito mesmo. Eu queria colocar o nome de todas vocês. De todas as minhas leitoras e amigas

virtuais... De cada nova amizade que os livros me trouxeram, mas certamente esqueceria de alguém, então, sintam-se abraçadas.

Aos **blogs parceiros**. Todos os blogs!!! Um obrigada mais que especial. Sou muito grata por tudo o que fazem por mim, por Daniel e Elena lá em 2015. Espero que se apaixonem outra vez.

Obrigada mesmo!

SOBRE A AUTORA

C. M. CARPI é o pseudônimo de uma paulistana apaixonada pelo namorado, por histórias, gatos e café (muito café). Todo ano, jura que vai virar vegetariana, mas não resiste a um bom hambúrguer. Adora ler desde sempre e, quando não está escondida atrás de um lap top criando alguma história, pode ser encontrada junto da sua enorme estante de livros.



^[1] O fudge, o chocolate de sucesso em países de língua inglesa, é mais macio que a barra tradicional e mais consistente que o brigadeiro.

^[2] Topsail Beach é uma cidade localizada no estado norte-americano de Carolina do Norte, no Condado de Pender. Em 2016 tinha apenas 419 habitantes.

^[3] Chop suey ("pedaços misturados", em chinês) é um prato da culinária chinesa que consiste de carnes (bife, frango, camarão ou porco) cozidas rapidamente com legumes como o feijão-da-china, repolho e aipo, envoltas num molho enriquecido com amido.

Table of Contents

[Primeira Parte](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21...](#)

[Segunda Parte](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)